

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
INSTITUTO DE MATEMÁTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA**

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS

A M A R R :

**(Sobre)vivências de pós-graduandos e egressos
LGBTQIA+ em Educação Matemática**

Campo Grande - MS

2025

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS



**(Sobre)vivências de pós-graduandos e/ou egressos
LGBTQIA+ em Educação Matemática**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em Educação Matemática.

Orientadora: Prof. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da Rosa

Campo Grande - MS

2025

JOÃO GABRIEL SOUZA FREITAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação Matemática.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da Rosa (orientadora)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Agnaldo da Conceição Esquinca
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Campo Grande, 06 de Março de 2025.

AGRADECIMENTOS

A jornada de escrita desta dissertação foi marcada por desafios, aprendizados e pela valiosa contribuição de muitas pessoas que, direta ou indiretamente, tornaram este trabalho possível. Em primeiro lugar, agradeço à Fernanda Malinosky Coelho da Rosa pela orientação, paciência, encorajamento e pelas discussões enriquecedoras que me ajudaram a amadurecer academicamente. Sua dedicação e apoio foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Aos membros da banca examinadora, Prof. Dra. Fernanda Malinosky Coelho da Rosa (orientadora), Prof. Dr. Agnaldo da Conceição Esquinca e Prof. Dr. João Ricardo Viola dos Santos, agradeço imensamente pelas valiosas contribuições, críticas e sugestões que enriqueceram este trabalho. Suas dedicações e perspectivas foram fundamentais para aprimorar esta dissertação e para meu crescimento acadêmico. Aos colegas do Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, pela troca de ideias, apoio mútuo e momentos de aprendizado compartilhados. Vocês fizeram parte de uma trajetória que levarei para sempre comigo. Aos grupos de pesquisa GEduMaD (Grupo de Estudos em Educação Matemática e Diferença) e *Matematiqueer*, minha gratidão pelas discussões, trocas de conhecimento e pelo ambiente de aprendizado colaborativo. A convivência com esses grupos foi fundamental para o desenvolvimento das ideias que compõem esta dissertação e para meu amadurecimento acadêmico. À minha família, por todo o amor, compreensão e incentivo ao longo deste percurso. Aos amigos, que estiveram ao meu lado, oferecendo palavras de apoio e ajudando a aliviar a carga em momentos de pressão, em especial minha amiga Lara Fernanda Leonel Ramires e Thainá de Araújo Bonfim e meu amigo Asaph Ortolani Bedoia. Agradeço também aos participantes desta pesquisa, que compartilharam comigo suas histórias, experiências e perspectivas, tornando este trabalho possível e significativo. Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro, que foi essencial para a realização deste trabalho, permitindo-me dedicar-me integralmente à pesquisa e à formação acadêmica. Por fim, agradeço a todas as pessoas e instituições que, de alguma forma, contribuíram para a realização desta dissertação. A todos, o meu mais sincero agradecimento.

RESUMO

O presente estudo busca identificar relações entre gêneros, sexualidade e a Educação Matemática com o objetivo de entender como pré-conceito, estigma e *bullying* afetaram/afetam pós-graduandos e/ou egressos LGBTQIA+ em Educação Matemática. Para alcançar tal propósito, vamos utilizar a metodologia de Pesquisa Narrativa, trabalhando com experiências, histórias de vida e memórias sem a necessidade de estar presa a configurações específicas de (re)contar uma história. Nessa perspectiva, serão utilizadas narrativas (auto)biográficas, pois entendemos que elas abrem possibilidades diversas para a captação da oralidade, além de trabalhar com aspectos sobre memória, rememoração e experiência, de modo que o autor possa se colocar enquanto narrador também. Assim, nas análises, optamos por realizar uma narrativa (auto)biográfica do autor que abordasse, por uma perspectiva interseccional, temáticas de destaque que os participantes da pesquisa trouxeram com o intuito de visibilizar vivências dissidentes da cisheteronorma. Em conclusão, foi observado como esses processos de violência influenciam na vida das pessoas LGBTQIA+, marcando essas pessoas pelo resto de suas vidas e evidenciando o quão necessário é a ocupação delas na sociedade, a fim de desestruturar a norma para reivindicação de direitos equitativos que respeitem a diversidade. Também percebemos a importância desses relatos para o reconhecimento de um ambiente acadêmico mais acolhedor.

Palavras-chave: Educação Matemática. Vivências Dissidentes. Representatividade. Cisheteronormatividade.

ABSTRACT

This study seeks to identify relationships between gender, sexuality and Mathematics Education in order to understand how prejudice, stigma and bullying have affected LGBTQIA+ postgraduates and/or graduates in Mathematics Education. To achieve this, we will use the Narrative Research methodology, working with experiences, life stories and memories without the need to be bound by specific configurations of (re)telling a story. From this perspective, (auto)biographical narratives will be used, as we understand that they open up diverse possibilities for capturing orality, as well as working with aspects of memory, recollection and experience, so that the author can also place himself as a narrator. Thus, in the analyses, we chose to carry out an (auto)biographical narrative of the author that addressed, from an intersectional perspective, prominent themes that the research participants brought with the aim of making dissident experiences of the cisheteronorm visible. In conclusion, we observed how these processes of violence influence the lives of LGBTQIA+ people, marking them for the rest of their lives and highlighting how necessary it is for them to occupy society in order to disrupt the norm and demand equitable rights that respect diversity. We also realize the importance of these reports for the recognition of a more welcoming academic environment.

Keywords: Mathematics Education. Dissident Experiences. Representativeness. Cisheteronormativity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2024 - TGEU.	33
Figura 3: Família.....	60
Figura 4: Sala de aula.....	60
Figura 5: Universidade.....	60
Figura 6: Bandeira Progressista+.....	61
Figura 7: Olhares.....	62
Figura 8: Família.....	66
Figura 9: Convite da festa da família de Azul.....	67
Figura 10: Sala de Aula.....	70
Figura 11: Universidade.....	76
Figura 12: Bandeira Progressista.....	79
Figura 13: Olhares.....	82
Figura 14: Família.....	89
Figura 15: Sala de aula.....	95
Figura 16: Universidade.....	104
Figura 17: Bandeira Progressista.....	108
Figura 18: Olhares.....	114
Figura 19: Família.....	118
Figura 20: Sala de Aula.....	122
Figura 21: Universidade.....	127
Figura 22: Bandeira Progressista.....	138
Figura 23: Olhares.....	139
Figura 24: Família.....	140
Figura 25: Sala de Aula.....	142
Figura 26: Universidade.....	154
Figura 27: Bandeira Progressista.....	156
Figura 28: Olhares.....	158
Figura 29: Família.....	161
Figura 30: Sala de Aula.....	163
Figura 31: Universidade.....	166
Figura 32: Gráfico de dados sobre as pessoas autoras do E ² GESEM.....	171
Figura 33: Bandeira Progressista.....	178
Figura 34: Olhares.....	181

SUMÁRIO

INTERLÚDIO.....	8
INTRODUÇÃO.....	17
1. ALÉM DO BINÁRIO: UM DIÁLOGO SOBRE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADE.....	20
1.1 Identidades, gênero e sexualidade.....	20
1.2 A Construção das Identidades: Gênero, Sexualidade e as Normas Sociais.....	25
1.3 Direitos Humanos e Educação Inclusiva.....	30
1.4 O que as pesquisas dizem sobre o tema?.....	37
2. METODOLOGIA.....	52
2.1 Procedimentos metodológicos.....	53
2.2 O que não deu certo.....	60
3. NARRATIVAS.....	60
3.1 Azul.....	61
3.2 Verde e Vermelho.....	83
3.3 Amarelo.....	114
3.4 Rosa.....	138
3.5 Roxo.....	160
4. UMA NARRATIVA POSSÍVEL: INTERSEÇÕES DE EXPERIÊNCIAS DISSIDENTES.....	181
4.1 Família.....	182
4.2 Estigma, Pré-conceito e Bullying.....	190
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	207
REFERÊNCIAS.....	215

INTERLÚDIO

Interlúdio pode ser um “Trecho musical entre dois atos” ou um “Intervalo de tempo que interrompe alguma coisa; pausa” (Dicionário Online de Português¹, 2024, s.n). Diante disso, em um sentido figurado, considero que a minha dissertação intercala momentos que considero importantes na minha vida, perpassando pelo passado, presente e futuro em busca por uma composição. Aqui, deixo não apenas conhecimento acadêmico, mas também partes da história que juntas compuseram o ser humano que sou hoje. Com certeza essa jornada teve a presença de outras pessoas que me fizeram ter vontade de continuar e intercalar minha história com minha pesquisa, por isso, aqui se inicia o Interlúdio dessa dissertação.

Cabe explicar que a figura **AMARR**, presente no título desta dissertação, representa muito mais do que apenas uma simples imagem, cada letra é a inicial das cores utilizadas para os codinomes das pessoas que narram suas histórias. Assim, o primeiro A remete ao Azul; as iniciais V de Vermelho e de Verde foram dispostas ao contrário, formando a letra M, pois eles são um casal; o segundo A remete ao Amarelo, enquanto os dois “RR” representam Rosa e Roxo. Desse modo, **AMARR** passa a ser um movimento de sensibilização e resistência das (sobre)vivências de pessoas LGBTQIA+² que se dispuseram a nos contar suas histórias e serão apresentadas nos capítulos a seguir. Ainda, a distribuição das cores foi pensada utilizando como base a bandeira progressista que representa movimentos em prol de pessoas LGBTQIA+.

Me sinto muito tocado ao falar sobre questões que envolvam gênero e sexualidade, pois sou um homem-cis³, branco, com 23 anos que, desde os 16, se identifica como homossexual. Esse processo de autorreconhecimento foi bastante doloroso e muito significativo para determinar qual o rumo, social e profissional, eu seguiria na minha jornada, minha família foi bastante relutante em me acolher e por isso eu busquei acolhimento e apoio com meus amigos. Assim, eu criei vínculos muito fortes com duas pessoas no Ensino Médio (EM), a Poc Magnífica e a Dark Poc e, juntos, nós decidimos que seguiríamos no caminho das exatas na faculdade, sendo que Poc Magnífica faria, e fez, Química, Dark Poc faria Física, que começou e não finalizou, e eu fiz Matemática, todos cursos de Licenciatura; tomamos essa decisão para não perder esse forte laço que criamos ao longo do EM.

¹ <https://www.dicio.com.br/interludio/>

² Nos aprofundaremos um pouco mais sobre o significado de cada letra da sigla no capítulo 1.3 denominado: Direitos Humanos e Educação Inclusiva.

³ O prefixo “cis” refere-se ao termo “cisgênero”, conceito que engloba indivíduos cuja identidade de gênero corresponde à designação recebida ao nascer, ou seja, pessoas não transgênero (Simakawa, 2015).

Deste modo, eu entrei no curso de Matemática Licenciatura em 2019 e comecei a vivenciar muitas experiências diferentes do Ensino Médio. Me achava muito inteligente no EM, mas tive muita dificuldade na faculdade com os estudos iniciais. Isso impulsionou uma ansiedade ao ser avaliado, o que me prejudicou por um bom tempo na realização das provas. Até esse momento, eu ainda não tinha vivenciado situações desconfortáveis em relação à minha sexualidade, porém foi a partir disso que comentários disfarçados de piada começaram a surgir relacionando estereótipos coloridos da homossexualidade com meu desempenho em um curso de matemática que é, para mim é como um universo preto e branco.

Diante disso, ao final de 2019, eu tive a disciplina de Práticas Educacionais II, o que me oportunizou conhecer um estudante, que na época cursava o mestrado em Educação Matemática no Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEduMat) da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS) e, por ser bolsista, fazia estágio nessa disciplina. Ele foi a pessoa que me auxiliou a planejar um currículo para que eu realizasse uma pós-graduação, pois uma das minhas maiores motivações para o mestrado era a bolsa que ele proporciona.

Como eu não trabalhava, minha única renda era uma pensão de R\$ 200,00 reais que recebia do meu pai, minha mãe e meu padrasto trabalhavam e pagavam as contas, mas eu não ganhava nada mais que essa pensão para meu entretenimento. Logo, as despesas em casa foram aumentando, outras necessidades foram surgindo e eu já não podia apenas estudar, era necessário que eu pagasse algumas contas e tivesse meu dinheiro para ter minha independência.

Além disso, minha relação com meu padrasto em casa nunca foi boa por conta da minha sexualidade e vi no mestrado uma oportunidade de sair de casa e acabar com esses processos de violência psicológica que eu vivia lá. Sempre fui responsável por limpar a casa, cuidar dos cachorros, lavar roupa, cuidar do quintal e todos os outros serviços domésticos. Então, isso tudo me motivou muito para que eu pudesse ter meu próprio canto longe de todas essas obrigações e, para isso, eu precisava de dinheiro.

Para tanto, eu cursei o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), fiz duas Iniciações Científicas (IC) e até mesmo participei por um mês da Residência Pedagógica, tudo isso por que essas atividades contariam pontos quando eu fosse entrar no mestrado. Nesse momento, eu tinha seguido todos os conselhos que o mestrando supracitado havia me dado para conseguir entrar na pós-graduação. Em seguida, fiz as provas, tive um bom desempenho, passei e consegui a tão desejada bolsa.

Apesar disso, tive um contratempo nem 2020, meu segundo ano de graduação, veio a pandemia de Covid-19 e fez com que a universidade mudasse drasticamente seus métodos de ensino, sendo que as aulas passaram a ser completamente online utilizando plataformas como *Google Classroom*, *Google Meet*, *Zoom*, Ambiente Virtual de Aprendizagem (Ava), *Whatsapp*, *Telegram* e *Youtube*. Eu não tinha as ferramentas adequadas para participar dessas aulas, assim tive que comprar um celular novo para acessar as plataformas de ensino e aprendizagem. Além disso, no primeiro semestre de 2020, eu tive que ir de bicicleta para a casa da minha avó (**8,3 km**) atrás de internet, pois na minha casa nós não tínhamos nenhum pacote de dados.

Essa situação perdurou até o segundo semestre do mesmo ano, quando eu consegui um pacote de dados que minha família estava pagando para que eu não precisasse me arriscar andando pela cidade em meio a uma pandemia. Eu não consegui nenhum apoio da universidade nesse momento, pois conforme os padrões adotados pela UFMS, na época, eu não era considerado pertencente ao grupo de “baixa renda” e, por isso, não consegui pegar emprestado um *Chromebook* ou ter um pacote de dados para me auxiliar nos estudos durante esse período. Nesse momento, se não fosse a ajuda da minha família, a graduação teria sido deixada de lado, porque se eu parasse os estudos, automaticamente teria que trabalhar para auxiliar com os custos de casa.

Ainda sobre isso, durante minhas idas e vindas da casa da minha avó, eu fui constantemente parado pela polícia para explicar o porquê de estar furando o toque de recolher. Assim, eu tinha que mostrar minhas anotações do dia, mostrar no Ambiente Virtual de Aprendizagem meus horários de aula e meu fichário com os conteúdos estudados no dia. Contudo, isso não foi o suficiente para me fazer desistir, eu não poderia jogar fora 1 ano cursado de graduação, pois precisava de uma formação acadêmica para, de acordo com minha família, “ser alguém na vida”.

Em outubro de 2020, entrei no Pibid, sem bolsa, e tive que me virar com o celular para fazer não apenas os trabalhos das aulas, mas também os do Pibid. Após isso, em 2021, eu finalmente consegui um *ChromeBook* emprestado da universidade, porque nessa época eles estavam sobrando no Instituto de Matemática (INMA) da UFMS, também consegui uma bolsa de R\$ 400,00 no PIBID, o que me proporcionou colocar uma rede de *wifi* na minha casa para melhorar mais meus estudos.

Assim, com *notebook* e *wifi*, tive um melhor desempenho nas aulas e também no Pibid. Em conversa com o mestrando mencionado anteriormente, perguntei quem aceitaria trabalhar com as temáticas envolvendo gênero e sexualidade, por sua vez ele comentou que a

Fernanda Malinosky Coelho da Rosa trabalha com questões de Inclusão e que, talvez, ela pudesse aceitar trabalhar comigo em uma IC. Assim, mandei um e-mail para ela explicando o que eu queria pesquisar nessa IC e, passado algumas horas, ela me retornou marcando uma reunião comigo e com outra aluna da graduação, a Lara Fernanda. Nos reunimos via *Google Meet*, conversamos e fechamos nossa primeira parceria durante todo o ano de 2021, minha primeira IC.

Diante disso, Fernanda me ensinou como pesquisar e a escrever textos acadêmicos me introduzindo, assim, no ramo da pesquisa. Posteriormente participei de eventos, que eram na ocasião *online* por conta da pandemia, os quais eu apresentava os resultados da pesquisa realizada. Eventos como o Integra 2021, XV Seminário Sul Mato-grossense de Pesquisa em Educação Matemática (SESEMAT), XIV Encontro Nacional de Educação Matemática e também o II Congresso Nacional De Educação Matemática da Grande Dourados, cada um deles me proporcionaram comentários incríveis para melhorar minhas apresentações e também meus textos. Inclusive, no XV SESEMAT, eu tive a oportunidade de conhecer alguns autores que estudam gênero, sexualidade e as pessoas LGBTQIA+, como o Hygor Batista Guse, o qual eu utilizei seus estudos por diversas vezes em meus textos. Esse encontro foi muito importante para mim, pois senti que eu não estava sozinho ao estudar sobre essa temática.

No início de 2022, pudemos finalmente voltar com as aulas presenciais e foi justamente nesse ano que consegui o título de professor de matemática, mas antes de concluir a graduação, algumas coisas ocorreram. Esse retorno fez com que as coisas acelerassem um pouco, eu iniciei minha segunda IC e precisava concluí-la. Como produto final, decidimos fazer uma monografia, o que não é usual nem obrigatório no curso de Matemática Licenciatura, mas eu sabia que valia pontos no seletivo de bolsas do mestrado. Neste ano, o mais difícil foi passar nas últimas disciplinas específicas de matemática como: Álgebra II e III, Análise Real I e II e também a disciplina de Métodos Numéricos.

Apesar do meu medo com as disciplinas específicas, foi em uma disciplina pedagógica denominada Tendências em Educação Matemática que tive o desprazer de vivenciar uma situação de preconceito, *bullying* e discriminação por parte de uma colega. Essa situação se passa no meu último semestre da faculdade.

Para uma melhor contextualização, a professora havia nos passado uma atividade que consistia em ler uma dissertação, fazer um pequeno resumo dela e entregar esse resumo para os colegas de turma para que eles fizessem um slide apontando pontos da dissertação. Em seguida, foi realizada uma grande apresentação desses slides elaborados em conjunto a fim de

dialogar sobre os diversos entendimentos, sendo que a pessoa que elaborou o resumo coordenava a apresentação e complementava o que os outros discentes apresentaram.

Diante disso, um dia antes de discutirmos a dissertação⁴ que escolhi e fiz o resumo, uma “colega” me comunicou que não poderia fazer o slide de apresentação, eu entendi que ela teria algum imprevisto e segui com meu planejamento. No dia seguinte, o dia da apresentação, todos os outros colegas de turma apresentaram suas perspectivas sobre o resumo do texto e, foi nesse momento que a desquerida mencionada acima, escolheu destilar todo o preconceito que ela carrega consigo.

Assim, comentários como: “Eu não aceito isso como uma forma de se relacionar”, “Eu não considero esse tipo de vivência” ou, ainda, “Minha religião (evangélica protestante) não permite esse tipo de relação”. Essas falas foram proferidas pela desquerida na aula, a qual eu havia acabado de ter um produtivo debate com meus outros colegas. Além disso, esta pessoa ainda se referiu a homossexualidade como homossexualismo, que é uma expressão de cunho preconceituoso que define a homossexualidade como uma doença (Prestes; Vianna, 2008).

Entretanto, ela não contava com duas coisas: a primeira era que eu já vinha estudando as relações entre a matemática, gênero e sexualidade há dois anos, e a segunda seria com a mediação da professora que lindamente refutou cada “argumento” que a desquerida havia proferido, pois ela se negou a fazer os slides, mas fez questão de separar vários ataques homofóbicos para jogar em cima de mim naquela aula.

Em um primeiro momento, eu fiquei em choque com a situação, meus olhos encheram de lágrimas e eu não consegui pensar em nada a não ser sair daquela sala e chorar. Esse foi o primeiro ataque direto contra a minha sexualidade que eu havia sofrido ali dentro do Instituto de Matemática e ele veio em um ano de muitas emoções para mim. Eu poderia ter feito milhares de coisas nesse momento, mas escolhi esperar ela acabar de destilar todo o preconceito dela para que eu pudesse contra-argumentar, e assim eu o fiz.

Para cada frase pronta que ela falava eu tive uma resposta. Quem é ela para dizer o que considera ou não como um tipo de vivência? Quem é ela para dizer que não aceita a maneira como eu vou me relacionar? O que a religião DELA tem a ver com a MINHA vida, sendo que eu nem religião tenho? Esses foram alguns dos questionamentos que fiz para ela. Além disso, eu apresentei as nove pesquisas de mestrado e doutorado que eu havia lido mostrando a importância desse tema, mostrei políticas governamentais que se demonstram

⁴ Guse, Hygor Batista. **Pesquisas com pessoas LGBTI+ no campo da Educação Matemática**: Indagando processos de (Cis-hetero)normatização da área. 2022. Dissertação (Mestrado em Ensino do Programa de Pós-graduação em Ensino de Matemática) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

preocupadas com as pessoas LGBTQIA+, apresentei dados estatísticos e, até mesmo, dei o exemplo de homofobia que eu estava passando naquele exato momento. Tudo isso mais o que a professora falava foi em vão, para essa desquerida apenas a forma de vida que a religião dela prega é a correta e o que se difere disso é profano e não merece ter os mesmo direitos.

Enfim, depois dessa longa aula o clima na turma estava tenso e essa garota ainda teve a cara de pau de vir me dizer “*Sem ressentimentos*”, depois disso os dias foram passando e toda vez que ela me via fingia que nada tinha acontecido, me dava bom dia, falava oi e até pedia dicas de algumas disciplinas que eu já havia feito. Eu comecei a não responder ela, me afastei e foquei no meu objetivo, que era me formar ao final do ano, e não ia ser uma homofóbica que iria me fazer perder o foco, pelo contrário, minha motivação em continuar estudando sobre gênero e sexualidade só aumentou.

Assim, finalizei as disciplinas que faltavam, me formei, fiz o seletivo da pós-graduação e tive a melhor notícia do meu ano, passei no mestrado em Educação Matemática da UFMS.

Essa parte do “passei” mencionada acima não foi tão simples assim, todo o processo de provas e documentação do mestrado foram realizadas no final do ano de 2022, quando eu estava finalizando a segunda IC, o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) e as disciplinas específicas da matemática que me faziam tremer na base, reprovar em alguma delas não era uma opção, pois o TCC já estava quase concluído e eu já tinha o meu currículo pensado para a pós-graduação (e para a bolsa), então eu usei isso como combustível para conseguir fazer mil coisas ao mesmo tempo.

Com isso, eu considero que 2022 teve muitos altos e baixos. Em novembro, eu estava sofrendo com toda essa pressão que eu mesmo e minha família havíamos colocado em relação a finalizar a graduação para, depois, passar no processo seletivo do mestrado e fechar o ano com uma viagem à praia, que eu nunca tinha visto pessoalmente. Até então, essa tinha sido minha jornada dentro da UFMS, entretanto minha entrada no mestrado faria com que, novamente, minha vida virasse de cabeça para baixo e eu tive que recalculer a rota.

Assim, em 2023, eu adentrei no curso de mestrado em Educação Matemática no PPGEducMat da UFMS e tive que voltar com a rotina de disciplinas que já estava acostumado na graduação. Nesse momento, eu já estava mais calmo, consegui garantir a bolsa que precisava e a carga horária de aulas era bem menor do que eu estava acostumado, o programa é muito mais que apenas disciplinas, nós bolsistas, temos muitas outras obrigações como participar dos seminários de pesquisa, das reuniões discentes e também da organização dos

eventos. Além disso, temos que realizar publicações de artigos em revistas, livros, periódicos e participar de eventos para cumprir com uma carga horária bastante extensa.

Em adição, quero contar um pouco como foi a minha experiência nesse primeiro ano de mestrado, em especial vou falar de como foi participar das disciplinas obrigatórias e optativas que o programa oferece. Vou trazer essas vivências à tona, pois foi um ano bastante conturbado para mim, cujo eu precisei aprender a defender com unhas e dentes o meu tema de pesquisa. Ironicamente, ou não tão irônico assim, eu vivenciei o que eu estava pesquisando.

Durante os dois semestres de 2023, eu sofri com comentários preconceituosos e desrespeitosos questionando a relevância da temática de gênero e sexualidade para a Educação Matemática. Em quase todas as apresentações orais que eu fazia dentro da sala de aula, tinha algum comentário que diminuía, menosprezava e/ou atacava não apenas o meu tema, mas também a mim. Geralmente, os professores interviam quando necessário, mas isso não era o suficiente para que essas situações cessassem. Até esse momento eu apenas respondia didaticamente tentando mostrar outra perspectiva, apresentava o que autores dizem sobre esse tema mostrando sua importância para a sociedade no geral.

Apesar disso, no segundo semestre de 2023 tive uma desavença com um de meus colegas de turma que, novamente, julgou minha temática como não pertinente para a Educação Matemática, além de me subjugar como incompetente para argumentar sobre uma temática que ele estava apresentando na aula. Essa situação desgastante gerou um desentendimento entre esse colega e eu, quando tive que me posicionar, de novo, me defendendo desse ataque feito na aula.

Isso me fez sentir que há a necessidade de discutir também esse tema no âmbito da pós-graduação e não só na graduação, percebi que nem todo tema era acolhido para discussão, as situações de pré-conceito que sofri foram muito desgastantes para mim e fizeram com que eu não me sentisse parte do programa. Consigo contar nos dedos as pessoas que me ajudaram a aguentar todo esse processo, sendo que muitas delas também sofreram/sofrem com pré-conceitos envolvendo sua temática de pesquisa, então acolhemos mutualmente.

Em setembro de 2023, eu tive a oportunidade de participar do III Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva (ENEMI) que aconteceu na cidade de Vitória no Espírito Santo (ES). Esse evento foi um combo de primeiras vezes em minha vida, haja vista que viajei de avião, participei presencialmente de um evento fora de Campo Grande e fiquei hospedado em um hotel.

Ao participar do evento, pude criar novos vínculos e fazer amizades com pessoas de várias cidades e estados do Brasil, foi com isso que conheci muitos integrantes do

*MatematiQueer*⁵, que é um grupo que estuda questões que podem relacionar a matemática ao gênero e sexualidade. Eu já tinha um contato com o grupo por meio das redes sociais, mas foi nessa viagem que tive a oportunidade de fazer parte dele oficialmente. Minha recepção pelo grupo foi muito acolhedora, fazendo com que eu me sentisse muito à vontade para debater sobre as temáticas de gênero, sexualidade e diversidade no geral.

Diante disso, aos trancos e barrancos, eu percorri um longo caminho até chegar onde estou hoje e ainda pretendo continuar minha trajetória na universidade. Acredito na ressignificação de algumas situações dolorosas que vivenciei ao longo dessa jornada, e quero trazer em meus trabalhos pautas que possam contribuir com os estudos de gênero e sexualidade na matemática para mostrar que eu existo e resisto nesse espaço.

⁵ O *MatematiQueer* é um grupo de pesquisa e extensão universitária criado em 2020 e sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, que tem como principal objetivo investigar as relações que pessoas que fogem às normas socialmente impostas em relação a gêneros e sexualidades, e outras interseccionalidades, desenvolvem com matemática.

INTRODUÇÃO

As questões de gênero e sexualidade vem tentando ocupar seu devido espaço na sociedade colocando em pauta assuntos que foram postos à margem em uma tentativa de estigmatizar e marginalizar pessoas que lutam contra um modelo exclusivo de sociedade. Diante disso, pautar essa problemática dentro da Educação Matemática é um movimento de subversão que mostra como essa temática pode ser elaborada em contextos de ensino e aprendizagem vivenciados ao longo da vida de pessoas que se reconhecem nessa temática.

Sendo assim, nesta dissertação serão abordadas histórias de vidas de pessoas LGBTQIA+ ao decorrer de suas vivências como estudantes observando como processos de (auto)identificação influenciaram em suas vidas e se isso teve/tem (ou não) relação com a matemática.

Vale ressaltar que nesta produção vamos utilizar a sigla LGBTQIA+ para nos referirmos às pessoas que se identificam com outros gêneros distintos do binário homem/mulher cisgênero, e outras sexualidades além da heterossexual. Sabemos que a sigla se atualiza a todo momento e que junto com isso mais letras vão sendo acrescentadas para proporcionar maior visibilidade para essas pessoas, mas nossa opção é baseada no entendimento de que nesta configuração estão representados as pessoas que se dispuseram a realizar a narrativa para esta produção. Além disso, escolhemos nos alinhar à Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do Brasil, que também utiliza esta mesma sigla ao falar sobre todo e qualquer assunto envolvendo essas pessoas.

Com isso, surgem diversas questões que permeiam as questões de gênero e sexualidade relacionadas à escolarização em matemática, como: essa escolarização é apolítica? Existe uma exclusão de pessoas LGBTQIA+ nesses ambientes educacionais? Há contribuições para situações discriminatórias contra essas pessoas? Além dessas questões, as vivências pessoais do autor também auxiliaram nas reflexões para a discussão da temática, haja vista que durante sua carreira acadêmica na matemática ocorreram situações de estigma, pré-conceito e *bullying* que serviram de impulso para que fossem desenvolvidas pesquisas com esse tema, nessa área.

Vale ressaltar que ao utilizar a palavra **pré-conceitos** estamos nos referindo à “Ideia ou conceito formado antecipadamente e sem fundamento sério ou imparcial” (Dicionário Priberam, 2025, s.n), sendo que este pode ser utilizado para formar uma “Opinião desfavorável que não é baseada em dados objetivos” (Ibidem), tornando-o um **preconceito**.

Apesar disso, sabemos que o primeiro termo não está catalogado na Academia Brasileira de Letras, mas optamos por sua utilização, pois entendemos que ele engloba tanto conceitos previamente formulados quanto as violências que tais conceitos podem proporcionar.

Além destes dois termos, também é importante entender que **estigma**, no contexto desta produção, refere-se à uma “Marca ou cicatriz perdurável” (Dicionário Priberam, 2025, s.n) que se estende a um rótulo ou atributo negativo associado às pessoas que pode causar discriminação e potencializar pré-conceitos, neste caso, relacionados a gênero e/ou sexualidade.

Além disso, para construção desta dissertação optamos por ir contra a ideia de uma matemática com M maiúsculo, pois entendemos que sua escrita desta forma reforça estigmas, estereótipos e categorias de poder que são (im)postas nesta área do conhecimento, privilegiando assim o homem cis, hétero e branco e colocando tudo que não se enquadra nessas características à margem desse conhecimento. Portanto, vamos utilizar “Matemática” somente quando estivermos falando dela em contextos de campo disciplinar e/ou de pesquisa, além de nas citações diretas e nos títulos das pesquisas da revisão de literatura deste documento. Em contrapartida, utilizaremos o termo “matemática” denotando um conjunto de práticas sociais (D’ambrosio, 2022).

Diante disso, temos como objetivo geral desta produção: entender como pré-conceitos, estigma e *bullying* afetaram/afetam corpos⁶ de pós-graduandos e/ou egressos em Educação Matemática que se autoidentificam como LGBTQIA+ em sua trajetória acadêmica. Em adição, temos outros três objetivos específicos, para compor a discussão:

- Identificar discursos e situações da vida escolar e acadêmica dessas pessoas que são discriminadas (ou não) por conta do seu gênero ou sexualidade;
- Problematizar situações de pré-conceito, estigma e *bullying* contra pessoas LGBTQIA+ nos programas de pós-graduação em Educação Matemática.
- Refletir sobre a representatividade dentro da Educação Matemática e sobre o uso do conhecimento matemático como uma defesa contra possíveis violências.

Outro ponto de destaque foi a importância das produções acadêmicas desenvolvidas e as participações em eventos durante a graduação que proporcionaram a criação de uma rede de contatos que auxiliaram no interesse do autor por essa temática. Além disso, novas

⁶ Neste trabalho, estamos utilizando a palavra corpos como sinônimo de vidas.

perspectivas puderam ser postas em pauta em uma busca por conhecimento e aprimoramento interpessoal.

Por fim, com esta pesquisa buscamos ocupar, como corpos dissidentes⁷, um lugar na Educação Matemática, mostrando a relevância e a importância de pautas sociais atreladas à essa área. Além disso, também é de interesse dessa dissertação ser mais um meio para visibilizar essa pauta e diversificar o ambiente acadêmico da Educação Matemática.

Sendo assim, no capítulo um, denominado “Além do Binário: Um Diálogo Sobre Identidades de Gênero e Sexualidade”, abordamos sobre alguns conceitos que acreditamos serem necessários para compreensão do estudo, além de uma revisão bibliográfica das pesquisas encontradas nesta área.

Já no capítulo dois, trazemos a metodologia utilizada na produção de dados, bem como o processo dessa produção e alguns impedimentos que surgiram. Posteriormente, temos o capítulo três com cinco narrativas de pessoas que se consideram LGBTQIA+ que são fruto de encontros realizados online via *Google Meet*.

No capítulo quatro foi produzida uma narrativa-análise a partir das cinco narrativas presentes nesta produção para discutir as temáticas que os colaboradores da pesquisa trouxeram à tona em seus relatos. Assim, para a estruturação dessa parte, separamos os assuntos de família, religião, classe-social, norma social, estigma, pré-conceito e *bullying* como temas para sua construção. Por fim, temos o capítulo cinco destinado às conclusões desenvolvidas após toda construção da dissertação e das vivências durante o mestrado.

⁷ Neste pesquisa entendemos o termo “dissidente” como qualquer pessoa que desvie das normas hegemônicas de gênero e/ou sexualidade estipulados na sociedade, desestabilizando o que é considerado como “normal” e/ou “natural”. Sendo também uma resistência às imposições normativas, abrindo espaço para outras formas de existência e subjetividade. Então, a expressão “corpos dissidentes” refere-se a vidas que desviam dos padrões normativos de gênero e sexualidade presentes na sociedade.

1. ALÉM DO BINÁRIO: UM DIÁLOGO SOBRE IDENTIDADES DE GÊNERO E SEXUALIDADE

1.1 Identidades, gênero e sexualidade

Nossa intenção neste capítulo é apresentar alguns conceitos que acreditamos ser importantes para a construção da dissertação, considerando a contextualização temporal de criação de concepções e observando como elas estão sendo debatidas no ano de produção deste documento. Dito isso, falamos de uma sociedade capitalista, binária, heteronormativa⁸, racista e, majoritariamente, cristã, cujas diferenças de gênero, raça e sexualidade, marcadores que escolhemos discutir aqui, são postas como periféricas e tidas como anormais.

Nesse sentido, propomos uma discussão que explore um pouco os conceitos de gênero, sexo e sexualidade para podermos entender um pouco a respeito das identidades de gênero e sexualidade que não se adequam aos padrões heteronormativos, como as pessoas que se autodeclaram LGBTQIA+. Posteriormente, vamos abordar mais profundamente cada uma dessas temáticas, mas primeiro vamos dialogar um pouco sobre identidades, gênero, sexo e sexualidade, pois a construção desses termos ao longo dos anos é bastante importante para essa temática.

Para tanto, vamos transitar entre conceitos de sexo e/ou gênero discutidos por Joan Scott, Judith Butler e Michel Foucault ao longo da história, em um diálogo com tais autores buscando compreender o desenvolvimento e o contexto ao qual tais entendimentos foram construídos para suas aplicações no período de escrita desta dissertação, vulgo século XXI. Essas concepções dialogaram com o artigo “**Gênero: uma categoria útil de análise histórica**” de Scott (1988), no livro “**A História da Sexualidade – Volume 1: A Vontade de Saber**” de Foucault (1976) e o livro “**Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**” de Butler (1990), porém vamos utilizar as traduções destes materiais publicadas, respectivamente, nos anos de 1995, 2020 e 2018.

Sendo assim, começamos por Joan Scott que estudou as questões de gênero a partir de uma perspectiva de análise histórica, trabalhando com a preposição de que o gênero é uma construção da sociedade, que por sua vez, é um produto da história escrita pela humanidade levando em consideração aspectos como a política, cultura e as experiências que os

⁸ Considera apenas o homem e a mulher como gêneros e a heterossexualidade como forma de se relacionar afetivamente em sociedade, excluindo outras pessoas que não cabem dentro dessa norma (Bento, 2017).

movimentos e conhecimentos históricos deixaram como exemplo para elaboração de modelos outros de organização social (Scott, 1995).

Tanto a produção deste artigo quanto a construção do pensamento de gênero como uma categoria analítica surge ao fim do século XX, tomando forma com a observação de Scott de incoerências em estudos sobre esta temática que a levaram a percorrer este caminho. Com essa proposta ela tenta responder alguns questionamentos que auxiliaram na construção do conceito de gênero, por exemplo: “Como o gênero funciona nas relações sociais humanas?” (Scott, 1995, p. 74) ou ainda “Como o gênero dá sentido à organização e à percepção do conhecimento histórico?” (Ibidem).

Nessa perspectiva, Scott defende que **gênero** pode ser entendido como uma construção social e cultural, não sendo um sinônimo para sexo, mas sim uma categoria que permite a análise de como as relações entre os sexos são moldadas histórica e culturalmente, incluindo significados, práticas e estruturas simbólicas que podem atribuir papéis e fomentar expectativas as pessoas conforme sua identidade sexual (Scott, 1995). Em contrapartida, a categoria **sexo** se refere qualidade que a sociedade atribui a partir de órgãos sexuais externos percebidos em crianças em seu nascimento. Assim, a diferenciação destes dois termos se dá por meio da abordagem que Scott propõe em seu artigo, entendendo que o gênero pode ser uma ferramenta potente para compreender relações de poder e como as diferenças sexuais são utilizadas para justificar estigmas e a desigualdade em alguns contextos que estão imbricados em estruturas amplas de poder e dominação (Ibidem).

A construção de seu conceito para gênero gira em torno de duas proposições: “(1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 86). Além disso, ela também relaciona quatro elementos que são importantes para o desenvolvimento do entendimento de sua primeira proposição para a construção do conceito de gênero, sendo o primeiro deles os símbolos, que assumem uma postura de representação simbólica; o segundo que é a interpretação destes símbolos em doutrinas que se moldam de formas típicas postas por oposições binárias típicas afirmando categorias de significados para homem/mulher cisgênero e feminino/masculino; o terceiro que remete ao reconhecimento da intemporalidade dos papéis sociais de gênero ao longo dos mais variados movimentos histórico-sociais realizando uma perspectiva mais ampla que envolva categorias como o mercado de trabalho, a educação, o sistema político além de apenas o sistema de parentesco “[...] centrando-se no lar e na família como a base da organização social” (Scott, 1995, p. 87). Por último, o quarto elemento que é a identidade subjetiva que leva em conta

alguns entendimentos da psicanálise para tratar das ideias sobre a reprodução do gênero, apesar de Scott possuir algumas ressalvas sobre esta última, colocando uma abordagem histórica como mais viável nesse sentido (Scott, 1995).

Desse modo, sua “definição” é bastante completa podendo contribuir para construção de nosso entendimento, além de demonstrar algumas categorias de poder que eram/são/serão utilizadas na sociedade em uma tentativa de controlar e/ou silenciar Outros⁹ gêneros (Beauvior, 2009), pois “[...] o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder” (Scott, 1995, p. 88), relações estas que vão nos levar para o próximo autor que irá compor este capítulo.

Nesse sentido, Michel Foucault é um importante autor que discute o conceito de sexualidade observando como isso influencia nas relações de poder presentes na sociedade ao decorrer da história de sua formulação. Ele analisa, nesse contexto, como a construção política, social e econômica do entendimento de sexo se desenvolveu ao longo de diferentes períodos históricos, assumindo distintas formas de exercer e influenciar o poder associado às questões relacionadas ao sexo. Ainda, Foucault trabalha com o conceito de sexualidade não somente no sentido de sexo masculino e feminino, mas também em como se dão suas relações (Foucault, 2020).

Desse modo, este autor questiona a ideia de que a sexualidade foi silenciada argumentando que, ao contrário disso, houve uma “proliferação discursiva” sobre sexo em instituições como a igreja, o Estado e a ciência, que souberam utilizar isso a seu favor (Foucault, 2020). Além disso, ele também utilizava alguns conceitos da psicanálise para formular suas teses sobre poder, introduzindo noções que foram, e ainda são, importantes para compreensão de seus argumentos.

Tendo isso em mente, neste capítulo vamos nos restringir somente ao conceito de **poder e dispositivo de sexualidade** discutidos no livro *A História da Sexualidade – Volume 1: A Vontade de Saber* para contribuir com nossa escrita. Foucault (2020) entende o poder de uma forma mais abrangente que não é algo que se possui, mas sim uma rede de relações que perpassam a sociedade.

Para isso, ele introduz os conceitos de **Micropolítica** do poder e **Relação de poder** que são importantes para compreensão não apenas da sexualidade em si, mas seus entornos também. Sendo assim, o primeiro conceito diz respeito à operação do poder em níveis

⁹ Em alguns trechos da dissertação utilizaremos o termo “Outros” dialogando com a ideia de Beauvior (2009) quando diz que a mulher era tida como o Outro sexo e o Outro gênero, ampliando este entendimento para Outros gêneros e Outras sexualidades diferentes do homem cisgênero heterossexual.

cotidianos, de forma difusa e descentralizada de tal modo que não existe um poder máximo, mas sim, vários poderes os quais alguns possuem mais influência do que outros (Foucault, 2020). Já o segundo, compreende que o poder é produtivo, criador de saberes, normas e subjetividades que compõem a sociedade (Ibidem). Assim, a partir desses dois conceitos, Foucault entende que poder, como sendo algo que não pertence apenas às instituições, mas também a todas as relações sociais.

Agora, o conjunto de práticas, normas e discursos que objetiva produzir saberes sobre a sexualidade como uma forma de controle dos corpos e desejos é entendido por Foucault como o **dispositivo da sexualidade**. Esse conceito compara-se ao **dispositivo da aliança**, mas se diferencia por ir além das normas tradicionais de parentesco associadas a este último. Nessa perspectiva, estes conceitos auxiliaram na construção do pensamento do autor ao entender que a sexualidade não é somente natural ou biológica, mas também um objeto de saber e controle político social.

Dado o exposto, tudo isso foi, e arrisco dizer que ainda é, utilizado para marcar corpos que são tidos como dissidentes desses sistemas impostos ao longo da história, sendo assim, surgem conceitos postos a pessoas como “anormais” e “normais” que definem quais corpos estão permitidos a viver em sociedade. Foucault discute sobre quatro deles “[...] a mulher histórica, a criança masturbadora, o casal malthusiano, o adulto perverso [...]” (Foucault, 2020, p. 77), argumentando que a partir do momento em que são criados tais conceitos, a sociedade está impondo o que é certo e o que é errado, definindo estruturas de poder que desprivilegiam tais pessoas.

Podemos observar que este padrão (normal/anormal) que Foucault (2020) utiliza para reforçar sua teoria está concretizado nem nossa sociedade por meio do capitalismo e da norma social vigente, os quais as pessoas que se garantem nestes sistemas têm o poder de moldar e criar padrões de vida que privilegiam alguns em detrimento de outros. Desse modo, pessoas pretas, homossexuais e/ou mulheres cis e/ou trans são exemplos que são prejudicadas por esses sistemas de poder com seus corpos marcados para diferenciá-los para depois tentar discipliná-los em busca pela normalização.

Contudo, com essa marginalização de vários grupos de pessoas, urge a necessidade de movimentar-se para lutar contra esses movimentos de violência. Assim, da necessidade, os muitos grupos aliam-se em busca de reivindicar direitos equitativos que valorizem a diversidade e a inclusão sem que haja o exercício de poder, que divide a sociedade entre quem o detém e quem é influenciado por ele.

Aproximando dos estudos de Foucault, Butler (2018) utiliza alguns conceitos que ele discute para auxiliá-la na construção de seu entendimento sobre as questões de sexo e gênero. Assim como Scott (1995) e Foucault (2020), ela também possui um olhar mais atento para a história, observando como se deu a evolução desta discussão ao longo das eras e mostrando a importância do surgimento de categorias que discutissem perspectivas que estavam fora do espectro masculino predominante.

Apesar disso, Butler (2018) não se reduz a um período ou teoria, sendo que seus textos possuem forte influência do pós-estruturalismo, da dialética, do feminismo, da psicanálise, da teoria *Queer* e também das teorias marxistas. Com isso, sua base é bastante diversa para construção dos argumentos presentes em seus textos, ponto este que também é utilizado para desprestigiar a autora em certos momentos, mas que para esta produção se faz necessário haja vista que os estudos de gênero e sexualidade ainda não possuem uma base teórica própria.

Nesse sentido, Butler (2018) traz em seu livro o conceito de **performatividade** que vai nos auxiliar em outra compreensão do termo gênero, tanto no sentido sociopolítico quanto na dialética. Assim, “[...] o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de atos” (Butler, 2018, p. 187) não sendo uma essência fixa, mas sim uma identidade que é construída e sustentada pela repetição dos atos no tempo com raízes em normas sociais e culturais que moldam sua percepção e reprodução na sociedade. Desse modo, “Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que, por outro lado, pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Ibidem, p. 182). Nesse ínterim, performatividade não remete apenas ao agir ou ao pensar, mas também em uma produção do que se entende por gênero.

Dado o exposto, Scott (1995), Foucault (2020) e Butler (2018) trabalham com uma perspectiva que valoriza a história dando uma ênfase em como ela contribui para as discussões de sexo e gênero, alocando elas enquanto participam da produção de entendimentos dos conceitos atribuídos ao homem cis e o masculino, e a mulher cis e o feminino.

A psicanálise e a dialética são outros aspectos que interligam estes três autores, porém Butler (2018) e Foucault (2020) seguem por um caminho mais parecido enquanto Scott (1995) possui ressalvas sobre a utilização destas duas correntes filosóficas, mais especificamente a psicanálise, ressaltando que uma perspectiva histórica se mostra mais eficaz para os estudos de construção das identidades generificadas.

Assim, entendemos que, para a realização desta pesquisa, as discussões realizadas por Judith Butler dialogam com nossa proposta, trazendo um detalhamento de questões relacionadas a gênero que serão posteriormente exploradas para a produção. Apesar de Scott (1995) também dissertar sobre esses temas, ela utiliza uma abordagem mais histórica que se afasta um pouco da nossa proposta, apropriando-se de conceitos utilizados nessa área para o desenvolvimento de sua compreensão dos termos sexo e gênero e das implicações deles na história da sociedade. Isso de forma alguma desvaloriza os estudos realizados pela autora, que também poderá ser mencionada ao longo da dissertação nos casos que ressaltam a importância dos estudos de gênero associados à história.

Ademais, sabemos que o texto de Scott (1995) bem como o de Beauvoir (2009) trazidos para a discussão podem estar um pouco datadas dado os avanços das pautas de gênero e sexualidade no mais diversos campos, mas entendemos que, apesar disso, eles são importantes e dialogam com nossa proposta em aspectos como: as relações de poder, o gênero como uma categoria de análise e as tensões entre as masculinidades e feminilidades.

1.2 A Construção das Identidades: Gênero, Sexualidade e as Normas Sociais

Posto isso, iniciamos nossa conversa discutindo **identidade**. O que é identidade, o que a cria e como ela é concebida na sociedade? Nesta produção, entendemos que ela é um conjunto de fatores que não são inerentes ao indivíduo, podendo ser influenciada pela época, ambiente, cultura, economia entre outros (Butler, 2018). Sendo assim, a ideia de que uma pessoa nasce com uma identidade pré-estabelecida que não é influenciada pelos aspectos supracitados é ilusória, pois ao nascer já nos é estipulado um gênero, mulher ou homem cis, menina ou menino, que vai carregar consigo inúmeros estereótipos, pré-conceitos e orientações de como se portar para ser incluso na sociedade.

Destarte, a imposição de um determinado gênero e/ou sexualidade ao nascer do indivíduo já é uma característica exterior a essa identidade, ressaltando que ela somente é nata em uma perspectiva do contexto social, o qual está inserida. Assim, as identidades são passíveis de interesses políticos, ideológicos e/ou culturais, e essa ‘naturalidade’ é (im)posta por meio de um jogo de poderes que beneficia alguns tipos de identidades em detrimento de outras, é uma forma violenta de oprimir e definir como e de que maneira as pessoas vão vivenciar suas vidas para contribuir com o sistema social binário heteronormativo (Butler,

2018). Nesse caso, desviar do padrão se torna ir contra o sistema em uma busca perigosa rumo ao autoconhecimento.

Desse modo, é importante ressaltar que as lutas feministas foram de suma importância para que o conceito de identidade pudesse ser entendido por uma perspectiva interseccional que a considera como uma junção de fatores sociais, políticos e econômicos, indo contra essa ideia opressora da naturalidade (Butler, 2018). Cabe mencionar que o pensamento de uma identidade nata servia como forma de desvalorização e controle das mulheres, que em determinadas épocas nem eram consideradas como um tipo concebível de identidade. Isso porque ainda não estamos mencionando outro aspecto dela que poderia ser levantado, a sexualidade, mas isso será melhor apresentado posteriormente. Além disso, entendemos que gênero pode ser um dos fatores que compõem a identidade do indivíduo, assim como a sexualidade, que juntos auxiliam na construção e manutenção da pessoa (Ibidem).

Nesse sentido, vale destacar algumas diferenças entre os termos gênero e sexo, que comumente são confundidos. Para isso, nos inspiramos no livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, de Judith Butler (2018), pois ela realiza essa diferenciação por meio de uma construção histórica que considera filosofia, sociologia e biologia, além do feminismo. Partindo disso, o gênero mulher e o sexo feminino foram conceitos construídos ao longo do tempo em uma busca por legitimidade, respeito e direitos para, o que na época eram tidos como ‘Outro’;

[...] o homem só se pensa pensando o Outro: apreende o mundo sob o signo da dualidade; esta não tem, de início, um caráter sexual. Mas, naturalmente, sendo diferente do homem que se põe como o Mesmo é na categoria do Outro que a mulher é incluída; o Outro envolve a mulher; ela não é, a princípio, assaz importante para encarná-lo sozinha, de modo que se desenha no coração do Outro uma subdivisão; nas antigas cosmogonias, um mesmo elemento tem frequentemente uma encarnação, a um tempo, de macho e de fêmea; assim é que entre os babilônios, o Oceano e o Mar são a dupla encarnação do caos cósmico (Beauvoir, 2009, p. 94-95).

As mulheres passaram por um grande processo de lutas para conseguir legitimar seu gênero, pois muitas culturas e contextos as consideravam como um produto ou um objeto, e em alguns casos, elas eram reduzidas apenas a corpos que serviam somente a reprodução e satisfação de desejos sexuais dos homens. Sendo assim, a ideia de um Outro gênero era ameaçadora, porque a sociedade, com um pensamento masculino, era movida por uma política que colocava homens em locais de poder e mulheres em um local de subalternização. Daí, o surgimento de um ‘Outro’ gênero abalaria essa estrutura e colocaria em risco o monopólio masculino.

De fato, as mulheres iniciaram sua busca por uma vida que não seguisse os padrões masculinos, ocupando e criando espaços que lhes foram negados por séculos com o objetivo

de mostrar que elas existem e mudar o pensamento de uma sociedade movida pelo **patriarcado**. A respeito disso, Ríos (2005) define o patriarcado como sendo: “[...] um dos espaços históricos do poder masculino que encontra seu lugar nas mais diversas formações sociais e se constitui por vários eixos de relações sociais e conteúdos culturais” (p. 91 tradução nossa)¹⁰. Então, trabalhar na desestruturação do patriarcado é uma das formas de luta dessas mulheres contra a estigmatização, objetivando a garantia de direitos igualitários independentemente do gênero.

Além disso, a criação de diferentes movimentos feministas ao redor do mundo mostra a evolução das lutas dessas mulheres para atingirem seus objetivos e a mudança de perspectiva da sociedade perante esse ‘Outro’ gênero. Porém, ainda há um longo caminho a ser percorrido para que a equidade de gênero seja realmente alcançada, o paradigma masculino já foi deslegitimado, mas não extinguido, o que deixa brechas para que as violências contra mulheres ainda possam ocorrer, seja no âmbito social e/ou profissional.

Ainda, com esse movimento das mulheres e dos feminismos, surgiu a possibilidade de discussões que abordaram possibilidades de gênero que fugissem do binarismo homem/mulher cis. Com isso, surgem discussões que exploram mais essa temática e aumentam as possibilidades de gênero que podem ser consideradas, como as pessoas não-binárias, intersexo ou transgênero.

Muito da desvalorização desses ‘Outros’ tipos de gênero é pautado em argumentos falocêntricos e religiosos que são utilizados para descredibilizar essas pessoas e marginalizá-las, assim como foi feito com as mulheres cis ao longo da história. Apesar deste caminho doloroso já ter sido trilhado pelas mulheres, ele é novamente percorrido pelas pessoas trans, intersexo ou não binárias que lutam por suas vidas em uma batalha diária contra não mais uma sociedade totalmente masculina, mas sim, binária e cisnormativa.

Aliás, para uma sociedade masculina, a ideia da existência do feminino era inconcebível e a relação entre eles não poderia ser representada em uma economia cujo masculino é possuidor do significado e do significante. Isso está diretamente ligado à ideia do sujeito e a de individualidade, que tenta se legitimar utilizando de argumentos biológicos que defendem a natureza dos seres, como as características específicas como genes, cromossomos, falo, entre outros.

Desse modo, este pensamento apenas é reforçado para manter certos tipos de binarismos que estabelecem relações de poder e controle na sociedade com o intuito de

¹⁰ “*El patriarcado es uno de los espacios históricos del poder masculino que encuentra su asiento en las más diversas formaciones sociales y se conforma por varios ejes de relaciones sociales y contenidos culturales*”.

prevalecer o homem cis acima da mulher cis, e ainda negar identidades outras que dissidem dessa fórmula heteronormativa. Vale ressaltar que entendemos heteronormatividade como:

[...] a capacidade da heterossexualidade apresentar-se como norma, a lei que regula e determina a impossibilidade de vida fora dos seus marcos. É um lugar que designa a base de inteligibilidade cultural através da qual se naturaliza corpos/gêneros/desejos e definirá o modelo hegemônico de inteligibilidade de gênero, no qual supõe que para o corpo ter coerência e sentido deve haver um sexo estável expresso mediante o gênero estável (masculino expressa homem, feminino expressa mulher) (Bento, 2017, p. 29).

E mais, essa norma é utilizada para criar mecanismos que deslegitimam as pessoas que saem dela, marginalizando-as e especulando sobre o porquê deste “desvio”, principalmente quando relacionado ao gênero. Em resposta a isso, pessoas trans criaram o termo “cis” vindo de cisgeneridade para se referirem as pessoas que não são trans, dessa forma cisgeneridade pode ser entendida como:

[...] a identidade de gênero daquelas pessoas cuja “experiência interna e individual do gênero” corresponda ao “sexo atribuído no nascimento” a elas. Em outras palavras, “o termo “cisgênero” é um conceito que abarca as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento, ou seja, as pessoas não-transgênero” (Simakawa, 2015, p. 44 *apud* Jesus, 2012).

Com isso, podemos acrescentar o prefixo “cis” ao termo “heteronorma”, sendo a cisheteronorma um conceito que engloba os diversos tipos de violência contra as pessoas LGBTQIA+. Agora, não mais são tidos os pré-conceitos relacionados a gênero e sexualidade, mas também as questões relacionadas à cisgeneridade das pessoas como mais uma forma de oprimir e estigmatizar. Cabe explicar também que quando nos referimos aos termos “homem/mulher cis” e/ou “homem/mulher trans” estamos nos referindo especificadamente a essas pessoas, enquanto a utilização de “homem/mulher” engloba tanto pessoas cis como trans em contextos mais gerais.

Assim, considerar apenas características corporais e justificar essa escolha a partir da biologia é uma estratégia utilizada para estigmatizar e marginalizar qualquer identidade que se desvincule do masculino e feminino. Com isso, pessoas trans, intersexo e não-binárias são postas como identidades de gênero dissidentes que são subjugadas por não seguirem os padrões da feminilidade vinculada a mulher cis e/ou da masculinidade vinculada ao homem cis. Com isso, a relação feita entre sexo e gênero é unívoca e excludente, além de reafirmar padrões que devem ser seguidos pela norma, pois:

Seria desejável que todas as pessoas cultivassem características que normalmente são consideradas como pertencendo a apenas um dos gêneros. Algumas qualidades consideradas masculinas seriam, entretanto, claramente menos desejáveis que as femininas, como é o caso, por exemplo, das necessidades de controle e domínio (Silva, 2005, p. 94-95).

Desse modo, ao declarar seu gênero, a norma posta inclui um combo de papéis sociais e comportamentais que o indivíduo deverá seguir para conviver socialmente. Assim, um homem segue os papéis sociais postos para ele pelo sexo masculino, sendo este inerente à sua natureza, imutável e fixo. Outra imposição feita leva em consideração a genitália dessas pessoas, ao nascer com um pênis o indivíduo é nomeado homem cis, logo será masculino, caso contrário, nascer com uma vagina, é uma mulher cis, logo é feminina. Portanto, do nascer ao morrer, os papéis de gênero são designados, alimentados e recriados pela norma em um processo de renovação que cria e limita possibilidades outras de vida.

Além do mais, é importante destacar que esses padrões são estendidos para as questões de sexualidade, além do binarismo homem/mulher cis da cisheteronormatividade, sendo que esta considera ainda a heterossexualidade como a única forma de relação. Explicações religiosas, biológicas e sociais são utilizadas para deslegitimar sexualidades que desviam desse padrão, o que resulta em processos de violência e morte. Sendo assim, a junção desses conceitos antagônicos à cisheteronormatividade formam movimentos de lutas e de identificação em uma busca por direitos.

Além disso, a padronização dessa norma tenta fazer com que pessoas LGBTQIA+ se encaixem nesse molde para que a sociedade possa, mesmo que minimamente, respeitar essas diferenças. Um exemplo disso é a naturalização do modelo de casal monogâmico heterossexual que é imposto a outras possibilidades de casais, isso se estende para modelos familiares e papéis sociais que cada indivíduo do relacionamento ‘deve’ assumir.

Outrossim, a cisheteronorma tenta assumir o controle sobre o corpo (Louro, 2013) dessas pessoas ditando padrões estéticos e corporais que impõem o que é feminino/masculino e relacionando isso ao que é ser homem/mulher, reduzindo tudo e todos a essas duas categorias que moldam costumes e as relações.

Ainda, utiliza desses binarismos para ditar quais corpos podem ou não sobreviver dentro dessa norma, fazendo com que essa relação feita entre corpo, sexo e gênero seja bastante disseminada, ditando como as outras pessoas devem viver nos moldes dela. Isso faz com que as identidades dessas pessoas sejam invisibilizadas e exterminadas por questões de violência como estigma e preconceito.

A norma é utilizada como um padrão a ser seguido que propicia um aval de direito, aos que se denominam como tal, ao extermínio de pessoas LGBTQIA+ levando em conta as características ditas masculinas para homens cis e femininas para mulheres cis, sem exceções e/ou outras possibilidades de experienciar outros sexos e/ou gêneros como as pessoas trans, intersexo e as não-binárias.

1.3 Direitos Humanos e Educação Inclusiva

No Brasil, as pessoas LGBTQIA+ precisam tomar um cuidado redobrado para vivenciar seu gênero e/ou sua sexualidade da maneira como queiram. O “livre arbítrio” que é pregado, em um país que se diz laico, é veemente negado às pessoas que dissidem dos padrões heteronormativos. Assim, ir contra esses papéis pré-estipulados faz com que essas pessoas sejam alvos constantes de violência, estigma, opressão e morte.

Diante disso, surgem diversos movimentos de lutas contra esses processos de violência com o intuito dessas pessoas reivindicarem direitos básicos

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência.(Louro, 2018, p. 9).

Ademais, a respeito da sigla LGBTQIA+, optamos por utilizá-la para caminhar com a Secretaria Nacional dos Direitos Humanos do Brasil, além dos nossos narradores se identificarem com ela, pois entendemos sua importância para os movimentos de lutas sociais ao longo dos anos e entendemos a importância de sua constante alteração na luta contra a invisibilização. Ainda, suas modificações têm o intuito de representar mais e mais identidades de gênero e/ou sexualidade, passando desse modo, no Brasil, por GLS¹¹, LGBT¹², LGBTQIA+, LGBTQIAPN¹³, entre outras.

Apesar disso, seu significado continua o mesmo, sendo L representando lésbicas, que podem ser mulheres que se relacionam afetivo ou sexualmente, exclusivamente, com outras mulheres; G para gays, o qual são homens que se relacionam afetivo ou sexualmente, exclusivamente, com outros homens; B para bissexuais, que podem se relacionar afetivo ou sexual com mais de um gênero; T para travestis, transexuais ou transgêneros e I que diz respeito as pessoas que se declaram Intersexo. Assim, LGB está relacionada à sexualidade, T e I relacionadas a identidades de gênero. Ainda, temos o ‘+’ que aparece para representar as demais identidades de gênero e sexualidade que não apareceram na sigla adotada, como as pessoas Pansexuais, Não-binárias, entre outras.

¹¹ Gays, Lésbicas e Simpatizantes à diversidade (Associação Nacional dos Magistrados da Justiça do Trabalho, p. 18, 2024).

¹² Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis (Ibidem).

¹³ Sigla que abrange pessoas que são Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Pan, Não-binárias e mais (Ibidem).

Vale ressaltar que não estamos tentando impor conceitos e/ou regras a serem seguidas entre as pessoas LGBTQIA+, sendo os conceitos acima apenas para mostrar ao leitor alguns dos possíveis entendimentos das letras da sigla que foram adotados nesta dissertação. Sabemos que seus significados podem ser diferentes de pessoa para pessoa, mas acreditamos ser necessário pontuar como utilizamos, haja vista que não encontramos um conceito posto e fixo que englobasse essas identidades.

Assim como na cisheteronorma o homem cis é posto como superior à mulher, sendo esta considerada como o Outro gênero e/ou o Outro sexo (Beavoir, 2009), as pessoas **Não-binárias**, dentro dela, também são colocadas dentro dessa categoria de Outro. Porém, em uma **‘suposta escala de opressão’**, estas pessoas são mais subjugadas que o Outro mulher, e ainda mais que o homem cis, pois eles transitam ou transcendem entre o que a sociedade entende como signos masculinos e femininos que definem, a partir disso, o que é ser homem ou o que é ser mulher, sendo que o **‘entre’** ou o **‘além’** destes dois conceitos é inválido e/ou inconcebível, logo, dissidente.

Nesse contexto, um dos entendimentos sobre pessoas **Não-binárias, Não binários e/ou Nãobinários** é que elas são aquelas “[...] que têm características sexuais congêntas, não se enquadrando nas normas médicas e sociais para corpos femininos ou masculinos, e que criam riscos ou experiências de estigma, discriminação, ódio e danos” (Associação Brasileira de Intersexo, 2021, s.n). Porém, este conceito se estende para aqueles que identificam com vários ou nenhum gênero, ou também que não entendem ou não se importam com essa questão, sendo que essas são apenas algumas entre as mais diversas possibilidades.

Os moldes da sociedade cisheteronormativa são baseados em preceitos de sexo e gênero que são construídos por, primeiramente, o pensamento masculino, e depois com a inserção, mesmo que forçada, o feminino, ao ponto deste binário ser posto como uma forma única de se observar o mundo. Logo, ele torna-se polarizado entre ‘o que é feminino e o que é masculino’ com o pretexto de que tudo gira em torno desse binário de homem e mulher cis, como, por exemplo, a cultura, religião, família, educação e/ou trabalho que são diretamente afetados por tal concepção.

Ainda, os homens devem seguir o padrão de masculinidade posto pela sociedade, bem como as mulheres o padrão de feminilidade. Sendo que, tal prática recai ainda com mais força sobre elas por serem tidas como o **Outro sexo e/ou o Outro** gênero e ainda mais para as pessoas **Não-binárias** que transitam entre estes signos ditos pela sociedade, colocando o estilo de vida ditado pela cisheteronorma como único e exclusivo. De tal modo que, aqueles

que não o seguem são tidos como dissidentes, desajustados ou disformes conforme perspectiva da normalização.

Desse modo, as pessoas **Não-binárias** também se enquadram nessa luta constante pelo reconhecimento de suas identidades na sociedade, reivindicando respeito e ultrapassando os limites binários impostos pela cisheteronorma em busca de uma vida que não privilegie alguns em detrimento de outros, vislumbrando para o futuro uma sociedade que desafie as estruturas de poder impostas pelo sistema gerado pela cisheteronorma (Costa, 2020).

A forma de expressar tais identidades não é a mesma para todas as pessoas, assim como para os outros gêneros, apesar disso a pessoa **Não-binária**, como mencionado anteriormente, pode transitar entre características que são postas para mulheres e para homens, ou ainda ultrapassar esta barreira e criar novas concepções de se observar no mundo e na sociedade em uma busca por seu próprio bem-estar. Apesar disso, cabe apenas, e exclusivamente, ao indivíduo se identificar de tal forma, tanto para seu gênero quanto para sua sexualidade, bem como para as formas como este irá se expressar.

A imposição de papéis de gênero estipulados na cisheteronorma influenciam também nos relacionamentos de pessoas **Não-binárias** com outros gêneros, pois, neste modelo social, são postas expressões e/ou expectativas que são esperadas de um ou de outro. Assim, se um indivíduo Não-binário se relaciona com uma mulher, por exemplo, a sociedade esperará dele que assuma o ‘papel de homem’ dentro deste relacionamento, invalidando não apenas sua expressão, mas também sua identidade de gênero.

Além disso, uma das demandas associadas às pessoas **Não-binárias** é a utilização da linguagem neutra, que é uma forma de leitura e escrita que possibilita “[...] a visibilização de pessoas que não se sentem contempladas por essa estrutura que fixa os limites de pertencimento a um (e apenas um) gênero por décadas” (Guse, p. 09, 2022). Isso propõe o acréscimo à Língua Portuguesa de pronomes neutros como elu/delu, bem como a conjugação de substantivos como **professorie** por exemplo. Contudo, esta abordagem ainda não é aceita e nem reconhecida na Academia de Letras do Brasil, sendo sua utilização ‘facultativa’ e seu posicionamento explicitado como “[...] melhor continuar tudo como está” (Cavalcanti, 2023, s.n).

Nesse ínterim, é sabido que a Língua Portuguesa é bastante rica e possui diversas possibilidades de modificação para casos em que a utilização de linguagem neutra não possa ser utilizada como por exemplo a troca do substantivo ‘professor’ para docente ou outras alterações que o indivíduo achar necessária. Outrossim, algumas pessoas Não-binárias não se

importam com questões relacionadas ao pronome utilizado para referir-se à elas, atendendo por ele/ela e/ou elu, cabe a cada indivíduo definir como prefere ser identificado.

Nesse contexto, nós optamos por não utilizar a linguagem neutra nesta dissertação pois não nos aprofundamos nela e por isso não nos sentimos confortáveis em escrever toda uma trabalho acadêmico pautado em uma linguagem que ainda não dominamos. Além disso, nenhuma das pessoas que participaram das narrativas se consideram como **Não-binárias**, então isso foi outra questão que levamos em consideração. O que não exclui a possibilidade de trabalhar com esta linguagem em produções acadêmicas futuras com o objetivo de auxiliar na visibilização e desestigmatização dela.

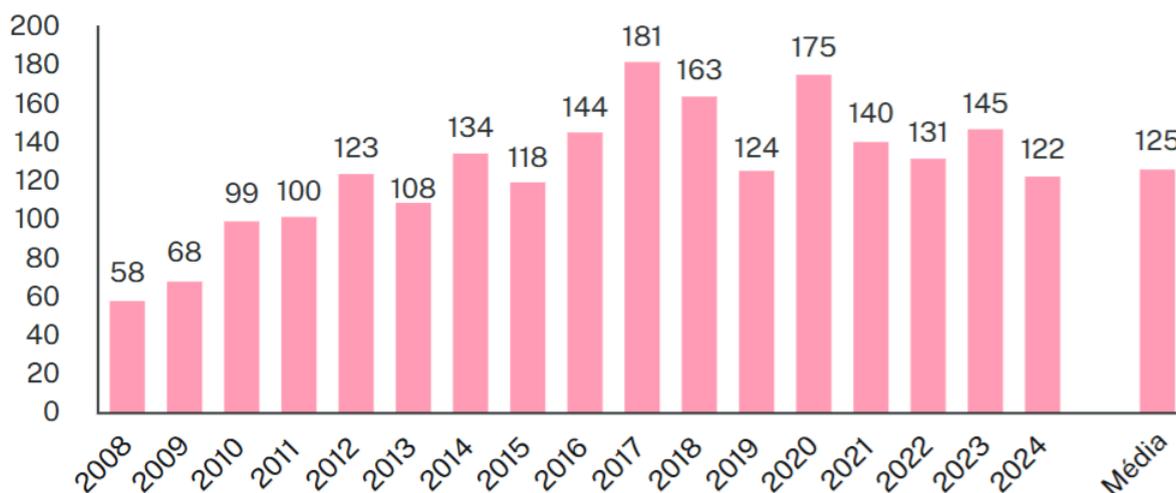
Todas essas pessoas buscam formas de melhorar suas condições de vida e sobrevivência, diante disso algumas políticas públicas foram pensadas ao decorrer das décadas com o intuito de diminuir os danos causados à essas pessoas. Para isso, leis foram modificadas, artigos criados e reconhecimentos foram feitos para que os processos de violência diminuíssem.

Documentos como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH), a Constituição Nacional e também o Programa Nacional de Direitos Humanos (PNDH-3) juntos auxiliam na defesa e reivindicação do direito de todos. Além disso, podemos citar também grandes instituições e/ou organizações que auxiliam na luta contra a morte de pessoas LGBTQIA+ como a Aliança Nacional LGBTI+, a Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABGLT), a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA), dentre várias outras.

Porém, mesmo com toda essa mobilidade, os poucos direitos concedidos para nós, pessoas dissidentes, vêm sendo cada vez mais revogados e marginalizados. Dados como os trazidos pela ANTRA explicitam que essas pessoas ainda correm constante perigo:

Em 2023, houve um aumento de mais de 10% nos casos de assassinatos de pessoas trans em relação a 2022. Destacando o fato de o país figurar novamente como o que mais consome pornografia trans nas plataformas de conteúdo adulto no mesmo momento em que o Brasil seguiu como o país que mais assassinou pessoas trans pelo 15º ano consecutivo. Se manteve a política estatal de subnotificação da violência lgbtifóbica (Benevides, 2024, p. 6).

Dados como este são mensurados anualmente desde 2008 para mostrar quantas vidas dissidentes são ceifadas pela heteronorma, como é apresentado a seguir:

Figura 1: Dados dos Assassinatos de pessoas trans no Brasil entre 2008 e 2024 - TGEU

Fonte: Benevides, 2024, p. 45

Além da ANTRA, outras instituições se preocupam em divulgar tais dados com o objetivo de divulgar nome, gênero e sexualidade às pessoas que são tratadas apenas como estatísticas para outros. Outras mobilizações também são feitas para que as pessoas LGBTQIA+ possam lutar por seus direitos, uma delas é a organização da Parada do Orgulho realizada em muitas regiões do Brasil com o intuito de celebrar os direitos conquistados e ser um ambiente seguro para que, ao menos um dia do ano, essas pessoas possam ser elas mesmas.

Este evento lembra todo o caminho percorrido por essas pessoas e reivindica que os governantes elaborem e apliquem políticas igualitárias para todos e acontece no mês de Junho para lembrar da Revolta de Stonewall¹⁴, que aconteceu em 28 de Junho de 1969 em um bar gay de Nova York em um ato que refletia o desgaste de pessoas que eram consideradas dissidentes às normas da época.

Assim, no âmbito mundial temos a DUDH que foi um documento elaborado em ao final de 1948 pela Assembléia Geral das Nações Unidas com o objetivo de evitar que outros conflitos sangrentos provocados por humanos como as grandes guerras mundiais acontecessem novamente. A elaboração deste documento se deu após a assinatura de uma carta em 16 de junho de 1945, ao final da segunda guerra mundial, no final da Conferência das Nações Unidas. Diante disso, foram elaborados 30 artigos que, nesta perspectiva, são direitos básicos que devem ser garantidos a todo ser humano sem nenhuma distinção.

¹⁴

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelo-s-direitos-lgbtqia>. Acesso em: 20 ago 2024.

Em decorrência disso, outros documentos foram elaborados e com eles, ementas, leis e projetos foram sendo criados globalmente a fim de possibilitar melhor qualidade de vida para as pessoas que se declaram LGBTQIA+. São pequenos, mas significativos avanços que as entidades governamentais vem reconhecendo para o combate à discriminação.

Com disso, é possível verificar que no PNDH-3 outros direitos são concedidos às pessoas LGBTQIA+, como no Decreto N° 7.037, de 21 de Dezembro de 2009 no objetivo estratégico V que garante o respeito à livre orientação sexual e identidade de gênero que busca na ação programática c): “Promover ações voltadas à garantia do direito de adoção por casais homoafetivos” (Brasil, 2009, p. 98). Ainda no objetivo V, temos outra ação programática, g) que objetiva:

Fomentar a criação de redes de proteção dos Direitos Humanos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT), principalmente a partir do apoio à implementação de Centros de Referência em Direitos Humanos de Prevenção e Combate à Homofobia e de núcleos de pesquisa e promoção da cidadania daquele segmento em universidades públicas (Brasil, 2009, p. 99).

Além disso, o documento também traz algumas questões relacionadas ao combate ao preconceito, discriminação e violência contra mulheres e as pessoas LGBTQIA+, em um movimento de capacitar os profissionais que vão lidar com essas pessoas. Para isso, ficam responsáveis a Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República, o Ministério da Justiça e o Ministério da Saúde respectivamente.

Posteriormente, a união homoafetiva foi reconhecida pelo governo brasileiro para que um casal homoafetivo possa ter os mesmos direitos que um casal hetero, e crimes como a homofobia e/ou transfobia foram enquadrados ao de racismo no Brasil:

Até que sobrevenha lei emanada do Congresso Nacional destinada a implementar os mandados de criminalização definidos nos incisos XLI e XLII do art. 5º da Constituição da República, as condutas homofóbicas e transfóbicas, reais ou supostas, que envolvem aversão odiosa à orientação sexual ou à identidade de gênero de alguém, por traduzirem expressões de racismo, compreendido este em sua dimensão social, ajustam-se, por identidade de razão e mediante adequação típica, aos preceitos primários de incriminação definidos na Lei nº 7.716, de 08/01/1989, constituindo, também, na hipótese de homicídio doloso, circunstância que o qualifica, por configurar motivo torpe (Código Penal, art. 121, § 2º, I, “in fine”) (Brasil, 2019).

Entretanto, “[...] mesmo existindo as leis, coexistem as brechas aniquiladoras da probidade, bem como as fendas para descender à jurisprudência” (Orrú, 2017, p. 46-47), ainda, existem diversos países em que as pessoas não podem vivenciar seu gênero e/ou sua sexualidade explicitamente em sociedade sem correr algum tipo de perigo. Inclusive, em alguns países, relações homoafetivas podem ser consideradas crime e podem ser punidas com pena de morte.

Outro importante documento motivado pela DUDH criado no ano de 2011 foi o “Guia de orientação das Nações Unidas no Brasil para denúncias de discriminação étnico-racial”, também elaborado pela Organização das Nações Unidas (ONU) com o objetivo de guiar a cidadã e o cidadão brasileiro na busca por seus direitos para casos de discriminação étnica e racial no Brasil. Além deste, temos também a Declaração e Plano de Ação de Durban, elaborada em 2001 também pela ONU em uma tentativa de combater o racismo, a discriminação racial, xenofobia e as intolerâncias correlatas.

Acreditamos ser importante trazer esses documentos na dissertação para que possamos acompanhar quais medidas a ONU vem tomando para que situações de preconceito e violência contra as pessoas LGBTQIA+.

A partir disso, Silva (2005) contribui com os conceitos de identidade argumentando que existem identidades que são desejáveis à sociedade, que são aquelas que seguem a heteronorma, assim: “A heterossexualidade é a norma invisível relativamente à qual as outras formas de sexualidade sobretudo a homossexualidade é vista como um desvio como uma anormalidade” (p. 106). Com isso, ter uma identidade desejável é estar dentro dessa norma ou buscar se adequar a ela para não se enquadrar como os Outros, pois estes são tidos como indesejáveis, dissidentes, incompletos e/ou descartáveis.

Além disso, entender o que estamos considerando como diversidade também é muito importante para a composição dessa discussão teórica, pois ela auxilia na compreensão das categorias de poder postas pela heteronorma que definem quem possui as características adequadas para estar dentro da norma posta. Sendo assim, a diversidade pode ser entendida como “[...] o resultado de um processo relacional - histórico e discursivo - de construção da diferença” (Silva, 2005, p. 101), que afirma não apenas a existência de pessoas fora dessa norma, mas também a pluralidade delas.

Nessa perspectiva, o termo *Queer*, que literalmente pode ser traduzido para o português como ‘estranhar’, realiza uma problematização dos conceitos supracitados em uma tentativa de criar alternativas para outras vivências que possam subverter esses conceitos postos de identidade, norma e diversidade.

Tudo isso nos mostra como o aumento da discussão dessa temática vem criando a necessidade de aumentar os espaços que podem contribuir para problematizações e reivindicações dos direitos que são negados as pessoas LGBTQIA+. Com isso, a Educação Inclusiva é um desses ambientes cujas discussões com essas pessoas tornaram-se um local seguro para trocas que englobam diversos tipos de conhecimento, pois tais pautas estão inseridas nas propostas de trabalho do Grupo de Trabalho 13: Diferença, Inclusão e Educação

Matemática (GT13) e também nos programas de pós graduação como o Programa de pós graduação em Educação Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEduMat) e o Programa de pós-graduação em Ensino da Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PEMAT) que objetivam reunir pesquisadores de teorias e práticas que discutam questões que valorizam a diversidade e a diferença.

Por fim, o diferente, o dissidente e o Outro só existem a partir de um modelo ideal de indivíduo criado e posto por um ‘Eu’ que se coloca como um pilar de sustentação para a criação de normas identitárias de exclusão que definem as estruturas de poder que serão aplicadas aos Outros. Dessa forma, o ‘Eu’ é considerado, dentro dessa norma, superior e define o ‘Outro’, inferior, como diferente e/ou dissidente, sendo esta definição marcada por qualquer ‘desvio’, seja ele de gênero, raça e/ou sexualidade. Por isso movimentos como o feminismo, as lutas raciais e os movimentos LGBTQIA+ buscam igualdade e respeito em meio à essa luta identitária proclamada por homens, héteros e brancos contra tudo e todos que não se enquadram nestes moldes do ‘Eu’.

1.4 O que as pesquisas dizem sobre o tema?

Cabe ressaltar que a revisão bibliográfica das pesquisas sobre o tema vem sendo realizadas desde a Iniciação Científica de 2021, quando iniciamos o monitoramento e entendimento do que estava sendo pesquisado sobre o assunto. À época, na primeira busca que realizamos, encontramos as pesquisas de Igor Micheletto Martins (2020) e Andréia Lunkens Conrado (2019) que versam sobre questões que relacionam gênero, sexualidade e matemática. Ainda, neste documento temos os estudos de Virginia Iara de Andrade Maistro (2006), Ricardo Desidério da Silva (2009), Claudete Martins (2011), Marcia Daiane da Silva (2012), Helma Melo Cardoso (2016), Paula Andreatti Margues (2016) e Suellen Silva Rodrigues (2017) que também versam sobre a temática supracitada.

As pesquisas supracitadas foram descritas, analisadas e teve como produto uma publicação, Freitas e Rosa (2021). Como conclusões desta análise temos uma predominância de estudos qualitativos que se utilizam de entrevistas semi-estruturadas e análises documentais para sua elaboração. No artigo, Freitas e Rosa (2021) analisam como os processos de inclusão e exclusão relacionados a gênero e sexualidade se manifestam, especialmente no contexto educacional. Os autores destacam que inclusão e exclusão são dinâmicas inter-relacionadas e que a escola, muitas vezes, reforça normas cisheteronormativas, marginalizando pessoas LGBTQIA+. São apontados avanços nas

discussões acadêmicas, mas também evidencia lacunas, como a falta de formação docente para lidar com a diversidade. Além disso, destacam barreiras estruturais e culturais que dificultam práticas inclusivas efetivas, como preconceitos e a ausência de políticas públicas adequadas. Os autores enfatizam a importância de abordagens interseccionais e de ações que desafiem as estruturas opressoras, promovendo uma educação mais transformadora e emancipatória. Concluem que, embora existam avanços, há a necessidade urgente de repensar práticas escolares para construir espaços realmente inclusivos.

Em uma nova pesquisa realizada no dia 18/10/2023, buscamos por teses e dissertações na plataforma de Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES utilizando os seguintes descritores: “sexualidade”, “matemática” e “gênero” separados por ponto e vírgula. Com isso, foram encontradas 27 pesquisas. Com o olhar no objetivo geral desta pesquisa, excluímos quatro dos trabalhos encontrados, pois eles não falam diretamente de gênero, sexualidade, interseccionalidade¹⁵ e/ou matemática.

Ao colocar os descritores LGBT e matemática sem aspas e separados por ponto e vírgula encontramos duas pesquisas que já estavam entre as 27 da primeira busca: a dissertação defendida em 2022 denominada “Pesquisas com pessoas LGBTI+ no campo da Educação Matemática: Indagando processos de (cis-hetero)normatização da área” de Hygor Batista Guse e a tese de Denner Dias Barros denominada: “Leitura e escrita do mundo com a Matemática e a comunidade LGBT+: As lutas e a representatividade de um movimento social” defendida em 2021.

Outrossim, as pesquisas mencionadas no início do capítulo (feitas por uma revisão bibliográfica anterior à esta dissertação) não serão acrescentadas na tabela, haja vista que as discussões a respeito delas já foram elaboradas tanto no artigo de Freitas e Rosa (2021) quanto em Freitas (2022).

Tabela 1. Pesquisas encontradas no Banco de Teses e Dissertações da Capes

Ano	Autor(a)	Título	Tipo	Instituição
2023	Flavio Augusto	Reconhecimento e	Dissertação	Universidade Estadual

¹⁵ Entendemos a interseccionalidade como sendo uma ferramenta analítica que luta contra que pode assumir diferentes formas, pois atende a uma gama de problemas sociais como preconceitos de raça, gênero, sexualidade e classe social que são (im)postos pelo sistema cisheteronormativo predominante em nossa sociedade. Assim: “A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais cotidianas. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, sexualidade, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e se afetam mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas” (Collins, 2020, p. 15-6).

	Leite Taveira	Redistribuição: um estudo (comparativo) das Injustiças Curriculares relacionadas ao provimento de questões de Gênero e Sexualidade na Formação Inicial de Professoras/es de Matemática		Paulista “Júlio De as/Mesquita Filho”
2022	Erikah Pinto Souza	“Quando a gente consegue aquilo que colocamos como objetivo, acabamos revolucionando”: Trajetórias de êxito escolar de professoras trans e travestis em Fortaleza-CE	Dissertação	Universidade Do Estado Do Rio Grande Do Norte
2022	Luísa Cardoso Mendes	A Pesquisa Em Educação Matemática Alinhada Com A Justiça Social: Aproximações Com A Educação Em Direitos Humanos	Dissertação	Universidade Federal Do Rio De Janeiro
2022	Hygor Batista Guse	Pesquisas Com Pessoas LGBTIA+ No Campo Da Educação Matemática: Indagando Processos De (Cishetero)Normatização Da Área	Dissertação	Universidade Federal Do Rio De Janeiro
2021	Denner Dias Barros	Leitura E Escrita De Mundo Com A Matemática E A Comunidade Lgbt+: As Lutas E A Representatividade De Um Movimento Social	Tese	Universidade Estadual Paulista
2021	Kaio Trindade Mineiro Vale	Por Uma Educação Matemática Que Liberta: Gênero E Sexualidade Na Formação De Professoras E Professores	Dissertação	Universidade Federal De São João Del-Rei
2021	Tadeu Silveira Waise	Cenários De Reconhecimento Em Contextos De Minorias Sexuais E De Identidades De Gênero Na Aula E Na Formação Inicial De Docentes De Matemática	Dissertação	Universidade Federal Do Rio De Janeiro
2020	Eduardo Mariano da Silva	Para uma epistemologia outra na educação matemática: entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...	Dissertação	Universidade Federal Do Mato Grosso Do Sul
2020	Jamille Mylena de Freitas Gomes	A Divisão Sexual Do Trabalho E A Dimensão Generificada Do Campo Científico: Um Recorte Da Universidade Federal De Viçosa	Dissertação	Universidade Federal De Viçosa

2020	Alexandre Jenevain Junior	As Concepções Do Professor De Matemática Na Sala De Aula: Como Lidar Com A Diversidade Dentro Do Espaço Escolar?	Dissertação	Universidade Federal De Juiz De Fora
2019	Leandro Borges Ferreira	Relações De Gênero E Sexualidade Em Livros Didáticos Dos Anos Finais Do Ensino Fundamental: Um Estudo De Caso Em Uma Escola De Ilícinea-Mg	Dissertação	Universidade Federal De Alfenas
2019	Pedro Paulo Souza Rios	O Estranho Que Habita Em Mim: Narrativas De Vida E Formação De Professores Gays No Semiárido Baiano	Tese	Universidade Federal De Sergipe Programa De Pós-Graduação Em Educação Doutorado Em Educação
2006	Ana Paula Pereira de Castro	Relações de Gênero na Educação Infantil: uma Análise a Partir da Atividade Lúdica.	Dissertação	Universidade Federal De Viçosa

Fonte: Confeccionado pelo o autor

A seguir, separamos as pesquisas encontradas em três categorias sendo cada uma delas um subtópico deste capítulo, são eles: trabalhos que falam explicitamente de questões relacionando gênero, sexualidade e matemática; que não abordam diretamente essa temática, mas que por meio da Interseccionalidade é possível fazer algumas análises; e por último, mas não menos importante, teses e dissertações que têm os termos gênero, sexualidade ou matemática no corpo do texto, mas que não aprofundam essas discussões ao ponto de caminhar com os objetivos desta dissertação.

Após essa seleção, optamos por deixar apenas 13 das 27 pesquisas pois elas iam ao encontro do objetivo proposto nesta dissertação; ainda as duas últimas categorias supracitadas foram deixadas de lado haja vista que os estudos não tiveram nenhum impacto extra ao ponto que os autores do capítulo teórico não conseguissem discutir.

Vamos dar início a esse capítulo com o pesquisador Eduardo Mariano da Silva que produziu a dissertação denominada “Para uma epistemologia outra na educação matemática: entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...” com o intuito de obter o título de mestre em Educação Matemática no ano de 2020. A pesquisa tem como objetivo discutir a operacionalização das desigualdades de gênero, classe, religião e raça durante o período colonial, e como essas disparidades, por meio da colonialidade, perpetuam o racismo, o sexismo e o heterossexismo no contexto escolar e no ensino de Matemática (Silva, 2020).

Para isso, Eduardo fez uma análise do “kit Escola sem Homofobia”, apresentando a ementa do documento e sua importância na decolonialidade de temas como gênero e sexualidade na escola, além de apresentar como esse material foi manipulado para servir como campanha política do ex-presidente Jair Bolsonaro. Além disso, o pesquisador optou por fazer o uso de entrevistas semi-estruturadas presenciais com quatro educadores matemáticos para discutir o material supracitado.

A pesquisa chega ao final com discutindo a decolonialidade de gênero fazendo um aprofundamento nas teorias que auxiliaram nessa temática como o feminismo e a interseccionalidade. Além disso, Eduardo também afirma a importância dessa discussão no currículo, livros didáticos e no ambiente escolar no geral, pois é neste ambiente que crianças e adolescentes devem ter garantia de segurança.

Seguindo, temos a dissertação “Por uma educação matemática que liberta: gênero e sexualidade na formação de professoras e professores” produzida por Kaio Trindade Mineiro Vale no ano de 2021 com o propósito de conquistar o título de mestre em Educação. Desse modo, o objetivo geral da pesquisa foi “[...] compreender e analisar situações e práticas pedagógicas que produzem, reproduzem e/ou sustentam diferenças, desigualdades, exclusões e opressões no âmbito do gênero e da sexualidade no campo de formação de professoras e professores de matemática” (Vale, 2021, p. 16).

Assim, o pesquisador optou por utilizar o estudo investigativo qualitativo de natureza exploratória, proporcionando aproximações com o problema em estudo; descritiva, pois detalham os fatos e fenômenos; e explicativa, para identificação dos fatos que contribuem para essas ocorrências. Com isso, Kaio realizou uma análise dos projetos políticos pedagógicos dos cursos de licenciatura da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ) e posteriormente investigou o Projeto Pedagógico do Curso (PPC) do curso de Licenciatura em Matemática buscando algo relacionado a gênero e sexualidade.

Após, o pesquisador utilizou a abordagem de grupo focal com estes licenciandos para identificar e compreender o que estes pensam sobre a forma como tais assuntos são tratados na matemática. Utilizando essa abordagem e as análises supracitadas, Kaio conclui que são necessários espaços de resistências, insurgências e insubordinações para subverter processos heteronormativos e coloniais que são postos como padrão na sociedade com o objetivo de auxiliar na desconstrução da matemática como neutra e marcar politicamente este espaço.

A próxima pesquisa tem como título: “Reconhecimento e Redistribuição: um estudo (comparativo) das Injustiças Curriculares relacionadas ao provimento de questões de Gênero e Sexualidade na Formação Inicial de Professoras/es de Matemática” e foi desenvolvida por

Flavio Augusto Leite Taveira para obtenção do título de mestre em Educação para a Ciência, além disso a dissertação foi defendida em 2023.

Desse modo, o estudo objetivou fazer um levantamento dos documentos curriculares dos cursos de formação de professores de matemática do Brasil e Chile em uma busca para apresentar ausências (ou não) de questões de gênero e sexualidade sendo analisadas pela perspectiva de Reconhecimento e Redistribuição de Nancy Fraser (Taveira, 2023).

Flavio optou por utilizar uma metodologia comparativa que se organizou em três etapas, sendo elas: Levantamento bibliográfico e documental, leitura sistemática e caracterização dos cursos, e a terceira e última etapa, análise dos discursos enunciados. Para isso, o pesquisador realizou levantamentos e análises documentais dos Projetos Políticos Pedagógicos (PPP) e dos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPC) do Brasil e Chile.

Em conclusão, o autor percebeu que as políticas curriculares de centralização podem facilitar o acesso a políticas educacionais de sistemas educativos como o Brasil e o Chile. Ademais, foi observado que há a necessidade de investimento em investigações comparativas levando em consideração a relação estabelecida entre esses dois países da América Latina realizando estudos fundamentados na globalização.

Dando continuidade, temos a dissertação de Leandro Borges Ferreira, defendida em 2019, cujo título é: “Relações de gênero e sexualidade em livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental: um estudo de caso em uma escola de Ilícinea-MG” que teve como finalidade a obtenção do título de mestre em Educação. A pesquisa tem como objetivo realizar uma análise de imagens e textos presentes em livros didáticos do Ensino Fundamental (EF) da cidade de Ilícinea - Minas Gerais para observar a presença (ou não) de temas relacionados a gênero e sexualidade.

Para elaboração da pesquisa, o autor optou por realizar um estudo de caso com cinco livros didáticos distintos do 9º ano do EF do município de Ilcinéia, sendo eles das disciplinas de História, Ciências, Matemática e Geografia. Em adição, Leandro organizou a dissertação em três blocos, sendo o primeiro para discutir temas como: elementos do movimento feminista, os termos gênero e sexualidade na escola, o livro didático como artefato cultural e por último a interseccionalidade.

Sendo assim, como conclusões o autor afirma que há uma predominância de estereótipos de gênero e sexualidade nas imagens e textos dos livros didáticos analisados, reafirmando questões binárias postas na sociedade como “coisa de homem” e “coisa de mulher”. Além disso, também é reforçada a ideia heteronormativa das formas de relação, no caso a heterossexual, e também a família tradicional nuclear (Bento, 2012), aquela composta

por um pai que trabalha, uma mãe do lar e seus preciosos filhos. Por fim, o pesquisador conclui que os livros didáticos analisados não contribuem para uma sociedade livre de preconceitos de gênero e sexualidade.

Por conseguinte, temos a tese de Pedro Paulo Souza Rios defendida em 2019, a pesquisa tem o título de: “O estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no semiárido baiano” e fez com que o pesquisador atingisse o título de doutor em Educação. Sendo assim, o objetivo do estudo foi analisar o discurso de docentes gays do Seminário Baiano sobre a produção de si enquanto corpo estranho além das estratégias de desconstruir/fazer/negociar gênero e sexualidade ao longo do percurso escolar/acadêmico.

Como metodologia, o autor optou por utilizar a Pesquisa Qualitativa a partir de narrativas (auto)biográficas, pois o estudo tem a liberdade de transitar entre processos de estranhamento de gênero e sexualidade evidenciando elementos de subjetividade dos sujeitos, além disso, a tese utiliza essa proposta para tratar dos estudos *queer*.

Ao final da pesquisa Pedro afirma a urgência de discussões que fujam da heteronormatividade compulsória, naturalizada em nossa sociedade, e reafirma que a construção do “estranho” no corpo dos docentes é um processo contínuo que possui raízes na infância. Também é posto em debate a questão de que esses corpos ocupam determinados espaços na escola transgredindo a norma e impondo que discussões que englobam a temática de gênero e sexualidade possam (re)existir nesses lugares.

Além disso, é perceptível nas análises das narrativas as relações de poder (im)postas no ambiente escolar o qual esses professores gays lecionam, tal qual o objetivo desse ambiente é “[...] transformar crianças em adultos que se adequem às normas heterossexistas” (Rios, 2019, p. 171), uma vez que a escola fecha os olhos para as diferenças corpóreas presentes nos espaços de fazer pedagógico. Nesse sentido, ser *queer* é um ato de resistência e transgressão à norma, e é esse movimento que os docentes entrevistados estão seguindo para auxiliar a formação cidadã e acadêmica desses alunos.

Em seguida, Yasmin Cartaxo Lima produziu a dissertação intitulada “Esboço de uma teoria de capital de sexualidade no campo educacional brasileiro” defendida em 2020 com a perspectiva de obter o título de mestra em Educação. O estudo objetivou fazer um esboço de uma teoria de capital de sexualidade com o propósito de teorizar e explicar que podem existir benefícios-prejuízos, vantagens-desvantagens em determinados tipos de performance de gênero e sexualidade no ambiente escolar.

O trabalho se apoia na abordagem qualitativa de pesquisa e utiliza como metodologia de produção de dados o ensaio teórico de quatro obras que estudam a temática, são elas: “Os Herdeiros: os estudantes e a cultura” (1964/2015); “A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino” (1964/2014), ambos escritos por Pierre Bourdieu e Jean-Claude Passeron. Ainda, temos os exemplares “Capital Erótico: pessoas atraentes são mais bem-sucedidas a ciência garante” (2012) de Catherine Hakim, e por último mas não menos importante, “Corpo e alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe” (2012) de Loïc Wacquant.

Em conclusão, Yasmin identifica convergências e divergências entre a teoria em estudo para posteriormente elaborar sua própria concepção teórica, ela também faz uma associação de capital, gênero e sexualidade, argumentando que estes são produtos do sistema econômico mencionado.

Além disso, a autora defende a inclusão da temática de gênero e sexualidade na formação docente, inicial e continuada, para que esses futuros professores possam saber lidar com situações de discriminação, pré-conceitos e *bullying* que são disseminados, e até mesmo normalizados, no ambiente escolar.

A seguir, Denner Dias Barros produziu a tese denominada “Leitura e escrita do mundo com a Matemática e a comunidade LGBTQ+: As lutas e a representatividade de um movimento social”, defendida no ano de 2021 com a finalidade de obter o título de doutor em Educação Matemática. O objetivo da tese foi “[...] investigar possibilidades de ações de leitura e escrita do mundo com a Matemática em um espaço do movimento LGBTQ+” (Barros, 2021, p. 29). Denner fez visitas a uma casa de acolhimento a pessoas LGBTQ+, nomeada como Casassa e localizada em Presidente Prudente - São Paulo, que auxiliou na produção de seu estudo e impactou sua vivência.

Ademais, o pesquisador utilizou um processo metodológico não linear e uma abordagem qualitativa, além disso ele teve inspiração na pesquisa-ação, o que justifica o fato de não seguir todos os procedimentos descritos por essa metodologia, além desta ser bastante flexível e possuir, também, uma dimensão política que auxiliou no contexto de construção da tese. Outrossim, o autor realizou entrevistas semi-estruturadas e rodas de conversas que tiveram como pauta as temáticas LGBTQ+ relacionando-as com a Matemática.

As conclusões do pesquisador foram apresentadas em quatro artigos diferentes, sendo que o primeiro retrata sobre a aprendizagem de voluntários cis-gêneros a respeito de pessoas trans, relacionando o conhecimento matemático com a realidade vivenciada por essas pessoas. Já o segundo artigo reflete sobre uma tendência de grupos historicamente excluídos

afastarem-se de processos políticos visto que muitos desses processos são violentos para essas pessoas. O terceiro artigo argumenta sobre informações estereotipadas disponíveis na internet a respeito de gays, lésbicas e travestis, sendo essa última muito relacionada a crimes de ódio, o que mostra a importância da superação de discursos de preconceito e ódio. No último artigo, Denner ressalta a importância da temática LGBTQ+ e observa as potencialidades da matemática para/com essa população, por exemplo, o ajuste de práticas na formação de professores levando em consideração a diversidade da sala de aula, mesmo com os desafios e resistências enfrentadas ao longo do caminho.

Outrossim, temos a pesquisa “A divisão sexual do trabalho e a dimensão generificada do campo científico: um recorte da universidade federal de Viçosa” produzida por Jamille Mylena de Freitas Gomes para obter o título de *Magister Scientiae*. A dissertação tem como objetivo compreender desigualdades nas trajetórias de docentes do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas da Universidade Federal de Viçosa a partir da divisão sexual do trabalho e de entendimentos sobre a organização do campo científico.

Para isso, a autora realizou um estudo qualitativo-quantitativo realizado a partir de entrevistas semi-estruturadas que foram analisadas a partir de análises de conteúdo, que levaram em consideração o contexto social cujo discurso foi produzido. Além disso, realizou comparações entre os grupos estudados observando variáveis e interesses que moldaram a pesquisa no contexto da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Em conclusão, Jamille observa que as mulheres entrevistadas são sub-representadas na UFV, haja vista que elas estão em menor número no quadro docente dos Centros de Ciências Agrárias e Exatas, o que nos mostra um certo favorecimento da masculinização nesses espaços. Ainda, a autora confirma que o gênero possui pesos distintos em ambientes familiares e de trabalho, com o masculino possuindo vantagens em comparação com o feminino. Assim, a pesquisa propõe políticas que sirvam de apoio para mulheres como a criação de creches públicas e um maior tempo da licença paternidade para que ambos os gêneros possam ser entendidos como iguais.

Agora, com o propósito de atingir o título de mestra em Ensino da Matemática, temos a dissertação de Luísa Cardoso Mendes cujo título é: “A pesquisa em educação matemática alinhada com a justiça social: aproximações com a Educação em direitos humanos”, que foi defendida no ano de 2022.

Cabe mencionar que o estudo foi realizado no formato *multipaper* utilizando dois artigos com objetivos distintos, sendo o primeiro descrito como: refletir sobre aproximações ou distanciamentos da Educação em Direitos Humanos e a Educação Matemática a partir de

três narrativas pautadas com questões sociais. Já o segundo artigo tenta promover uma compreensão de como podem ser realizadas aproximações entre a pesquisa nacional em Educação Matemática alinhada com a justiça social e com a Educação em Direitos Humanos a partir de uma revisão de literatura. Ambos se conectam com o objetivo geral da dissertação que é mostrar relações entre a Educação em Direitos Humanos e pesquisas em Educação Matemática alinhadas com questões sociais.

Por fim, como conclusão a autora instiga a criação de uma matemática que incorpore os direitos humanos para que assim seja dada a devida importância de temas como justiça social e direitos humanos. Ademais, Luísa acrescenta que para essa mudança na finalidade do ensino são necessárias alterações que reverberam no currículo desta disciplina invertendo a lógica de uma matemática que apenas insere situações contextualizadas em suas práticas para situações reais que interseccionam essas três temáticas.

A próxima pesquisa, denominada: “Pesquisas com pessoas LGBTI+ no campo da Educação Matemática: Indagando processos de (cis-hetero)normatização da área” do pesquisador Hygor Batista Guse foi defendida no ano de 2022 com o propósito de adquirir o título de mestre em Ensino da Matemática. A dissertação teve como objetivo investigar a forma como as relações entre a Educação Matemática e as discussões envolvendo pessoas LGBTI+ são estabelecidas.

Para tanto, o autor optou por utilizar o formato *multipapel* com três artigos compondo seu estudo, sendo eles organizados da seguinte forma: no primeiro foi realizado um levantamento das pesquisas existentes que estranhassem a (re)produção de processos (cis-hetero)normativos na Educação Matemática. O segundo foi um ensaio teórico que teve como objetivo reforçar esse estranhamento levantado por Hygor apoiando-se na Teoria *Queer*. Já no terceiro, foram realizadas narrativas (auto)biográficas de professores LGBTI+ para que estes pudessem contar sua vicências com corpos fora da (cis-hetero)norma.

Em conclusão, o pesquisador observa que há um crescimento nas pesquisas relacionadas à gênero e sexualidade não normativas no campo da Educação Matemática. Além disso, o autor reflete sobre como o ensino de matemática pode ser mais inclusivo nessas questões com foco na formação de professores para estranhar processos de preconceito que se reproduzem.

A pesquisa denominada “Cenários de reconhecimento em contextos de minorias sexuais e de identidades de gênero na aula e na formação inicial de docentes de matemática” foi produzida por Tadeu Silveira Waise no ano de 2021 com o intuito de obter o título de mestre em Ensino de Matemática. O estudo objetivou “[...] investigar possíveis relações entre

a Teoria do Reconhecimento, a aula de matemática e o processo de formação de seus docentes” (Waise, 2021, p. 12).

Assim, o pesquisador utiliza uma abordagem qualitativa por meio de questionários para investigar os possíveis cenários de reconhecimento que estão presentes (ou não) nas aulas de matemática. A elaboração das perguntas deste questionário foram feitas em conjunto com o grupo *Matematiqueer* em suas reuniões, e posteriormente, foram enviadas à licenciandos em matemática.

Em conclusão, Waise realiza uma análise das respostas do questionário e afirma que o objetivo inicial da pesquisa foi atingido, pois foi possível observar nos relatos que houveram processos de reconhecimento e de desrespeito com o gênero e/ou sexualidade dos colaboradores da pesquisa. Também foi apresentado que o papel docente possui sim certa influência na vida dos discentes em relação à temáticas mais sensíveis como essa, sendo posto em pauta a discussão dessa temática em ambientes formais e informais de ensino e aprendizagem.

Além disso, o autor faz uma reflexão sobre dois termos que estão sendo banalizados em detrimento das pautas sobre a diversidade, são eles: tolerância e inclusão. O primeiro termo refere-se a tolerar o indivíduo que desvia dos padrões cis-heteronormativos, deixando de lado o acolhimento dessa pessoa que difere da norma. O segundo termo é mais uma preocupação com as micro exclusões que podem surgir e qual o propósito de sua utilização, seja para quem usa ou para o quê é utilizado.

Prosseguindo, temos a dissertação de Alexandre Jenevain Junior nomeada como “As concepções do professor de Matemática na sala de aula: como lidar com a diversidade dentro do espaço escolar?”, defendida em 2020 com a finalidade de obter o título de mestre em Educação Matemática.

O objetivo da pesquisa foi mostrar quais as concepções que docentes de matemática têm ao tratar de temas sociais que não são abordados com muita frequência. Para tanto, a pesquisa é de caráter qualitativo e utiliza traços da História Oral como metodologia, como por exemplo as entrevistas.

Em conclusão, o autor apoia-se nas narrativas para afirmar que o diálogo é uma das formas para lidar com as questões relacionadas à diversidade na sala de aula, argumentando que antes de pautar essas temáticas é necessário que os docentes saibam falar delas com afinco e repertório teórico. Ademais, o pesquisador também comenta sobre seu produto final da dissertação, um documentário elaborado por ele mesmo, que acompanhou os docentes

entrevistados a fim de entender como eles lidavam com a temática da diversidade nas suas salas de aula.

Por último, temos a dissertação de Ana Paula Pereira de Castro intitulada “Relações de gênero na Educação Infantil: uma análise a partir da atividade lúdica”, a pesquisa foi defendida em 2006 com o propósito de obter o título de *Magister Scientie*. O estudo objetivou realizar uma análise de processos de constituição de identidades de gênero por meio de jogos.

Para a realização do estudo a autora utiliza a Teoria Piagetiana e a Teoria do Psicodrama com foco no processo de construção do conhecimento das crianças. Além disso, a dissertação também coloca em foco a instituição família e os papéis sociais ao passar dos anos, apontando as contribuições dos estudos relacionados à gênero para mudanças de

Como conclusões, a autora observou que as crianças incorporaram estereótipos de gênero nos jogos com os meninos assumindo papel de liderança quando haviam situações mecânicas e as meninas mais voltadas para o cuidado. Além disso, é posto em pauta que tornar-se menina ou menino é um conjunto de resultados de fatores biológicos, ações do meio e de atividades estruturantes do sujeito. Também foram observadas questões relacionadas a raça nas brincadeiras realizadas pela autora, como a boneca negra sendo deixada de lado pelas meninas e quando escolhida era posta em situações de subalternidade.

Ainda, temos a dissertação de Erikah Pinto Souza denominada “Quando a gente consegue aquilo que colocamos como objetivo, acabamos revolucionando”: Trajetórias de êxito escolar de professoras trans e travestis em Fortaleza-CE, defendida no ano de 2022 com a finalidade de obter o título de mestra em Ensino.

Desse modo, o objetivo da pesquisa é investigar o discurso de três docentes trans e travestis sobre sua trajetória de êxito escolar, bem como esse trajeto se relaciona com suas práticas pedagógicas e as mudanças sociais no âmbito escolar. A autora utilizou o Estado do Conhecimento como metodologia, realizando uma pesquisa de campo que incluiu entrevistas semiestruturadas.

Sendo assim, Erikah identifica os desafios e estímulos presentes nas trajetórias das docentes entrevistadas e argumenta a necessidade de criação de políticas públicas que auxiliem pessoas trans e travestis, defendendo o ponto em que a escola é um ambiente o qual identidades podem ser construídas e/ou excluídas, deixando a diferença à beira da marginalização.

Destarte, as pesquisas supracitadas auxiliaram na produção desta dissertação, pois apresentaram diferentes perspectivas da temática de gênero e sexualidade que contribuem para nosso pensamento sobre esse assunto: a importância da inclusão de uma educação sexual

no Ensino Básico; a invisibilização dessa temática na Educação Matemática; a estigmatização de pessoas dissidentes nos ambientes escolares e/ou acadêmicos; a elaboração de materiais didáticos representativos, entre outros. Ainda, grande parte desses estudos argumentam sobre a necessidade de políticas públicas para combater atitudes discriminatórias dentro e fora do ambiente escolar e acadêmico.

Buscamos por documentos e legislações federais sobre pessoas LGBTQIA+ e encontramos alguns resultados, sendo que o primeiro encontrado foi a **Resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) nº 08/2022, art. 6º** que diz que “É vedado à psicóloga e ao psicólogo, em contexto psicoterápico ou de prestação de serviços psicológicos, conduzir processos de conversão, reversão, readequação ou reorientação de pessoas com orientações bissexuais e não monossexuais” (Resolução CFP, 2022). Posteriormente, no dia 04 de Junho de 2010 é instituído o **Dia Nacional de Combate à Homofobia** no Brasil pelo **Decreto nº 7.037/2010** (Brasil, 2010). Depois, em 2013, mais especificamente no dia 04 de Maio, é publicada a **Resolução nº 175/2013** que promove a “Habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo” (Resolução CNJ nº 175, 2013, art. 1º).

Após isso, temos a **Resolução nº 12/2015** que dispôs os “Parâmetros para a garantia das condições de acesso e permanência de pessoas travestis e transexuais – e todas aquelas que tenham sua identidade de gênero não reconhecida em diferentes espaços sociais” (Resolução CNCD/LGBT nº 12, 2015, art. 1º) no dia 16 de Janeiro de 2015, e ainda neste ano temos a **Resolução nº 13**, de 06 de Março de 2015, que “Aprova o Regimento Interno do Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais – CNCD/ LGBT” (CNCD/LGBT nº 13, 2015, art. 1º).

No ano seguinte, é publicado o Decreto nº 8.727/2016 que dispôs o “Uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (Brasil, 2016, p. 1)) no dia 28 de Abril de 2016, sendo isso um marco na história de pessoas trans e travestis que lutavam pela reivindicação de seus direitos.

Em 2021, a **Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº 2.294/2021** “Atualiza as normas éticas para a utilização das técnicas de reprodução assistida, permitindo o acesso a casais homoafetivos e pessoas solteiras” (Conselho Federal de Medicina nº 2.265, 2019, art. 4º). Além disso, temos outro marco histórico na luta contra processos de violência com o enquadramento da homofobia e da transfobia nos crimes previstos pela Lei nº 7.716/1989 que se refere aos crimes de racismo. Tal entendimento vale até o período de

escrita desta dissertação e pode ser encontrado no Portal do Supremo Tribunal Federal¹⁶ buscando por **Ação Direta de Inconstitucionalidade por Omissão (ADO) 26 no Mandado de Injunção (MI) 4.733/2020**, pois ainda não foi criada uma lei específica para crimes de ódio relacionados à sexualidade e a transgeneridade

Por fim, tivemos o **Decreto nº 11.471, de 9 de março de 2023**, que “Institui o Conselho Nacional dos Direitos das Pessoas LGBTQIA+, órgão colegiado de natureza consultiva, integrante da estrutura básica do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania” (Brasil, 2023, art. 1º). Além disso, é importante dizer que as pautas LGBTQIA+ estão sendo incluídas nas discussões políticas do Brasil por meio do Ministério dos Direitos Humanos e Cidadania com o intuito de proporcionar melhor qualidade de vida para pessoas que desviam de normas e padrões postos que matam milhares de brasileiros (Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2024).

Nessa proposta, ABGLT é responsável pela elaboração de um “**Mapa da Cidadania**¹⁷” que expõe leis, decretos, resoluções e diretrizes em prol das pessoas LGBTQIA+ em todos os estados do Brasil fornecendo informações sobre como esta pauta está, ou deveria estar, sendo debatida em todas as regiões do país. Além disso, o site é atualizado de acordo com o desenvolvimento de novos documentos sobre esse assunto, sendo que qualquer pessoa pode sugerir a atualização, conforme necessário, com as respectivas comprovações.

Essa ação da ABGLT é de suma importância para que possamos acompanhar o desenvolvimento da temática de gênero e sexualidade no país rumo a construção de uma sociedade mais equitativa e menos violenta que vai contra pensamentos tradicionais binários que subjagam pessoas e impõem modelos de sobrevivência. Além do mais, isso reforça a necessidade da ampliação do escopo de leis que defendam os direitos de pessoas consideradas dissidentes, mostrando locais cujo tais pessoas possuem menos ou mais direitos legislativos garantidos. Essa ação também promove o acolhimento de pessoas LGBTQIA+ mostrando casas de apoio e instituições que auxiliam na (sobre)vivência destes com o objetivo de auxiliar essas pessoas na (re)construção de suas vidas.

Porém, ainda são necessárias mais medidas para assegurar, de fato, a segurança e a qualidade de vida de pessoas LGBTQIA+, criminalizando e punindo violências de qualquer natureza contra elas com leis específicas que sejam pensadas levando em consideração os

¹⁶

https://jurisprudencia.stf.jus.br/pages/search?base=acordaos&sinonimo=true&plural=true&page=1&pageSize=10&queryString=ADO%2026&sort=_score&sortBy=desc

¹⁷ <https://www.abgl.org/mapa-da-cidadania>

diversos dados estatísticos que temos sobre mortes de pessoas LGBTQIA+ no Brasil. Assim, as pesquisas desta revisão bibliográfica bem como a elaboração desta dissertação reforçam que ainda há necessidade de discutir mais e mais sobre essa pauta em busca de uma vida digna.

De todas as pesquisas que compuseram a revisão bibliográfica desta dissertação, apenas a de Hygor Batista Guse traz no corpo de seu texto resoluções para pessoas LGBTQIA+, mais especificamente a **Resolução nº 12, de 16 de janeiro de 2015**, mencionada anteriormente. Apesar disso, em todos os outros estudos são apresentados documentos relacionados aos direitos humanos que, implicitamente, incluem as pessoas LGBTQIA+. Isso se dá ao fato de que as discussões estão mais focadas em mostrar como estão sendo as vivências de pessoas LGBTQIA+ em ambientes educacionais como a escola e a universidade, mostrando os desafios enfrentados por estes haja vista a falta de políticas públicas específicas para este público.

Uma explicação plausível para esta falta nas pesquisas acadêmicas é o ínfimo número de legislações, decretos e resoluções federais que protegem os direitos de pessoas LGBTQIA+, dados os fatos supracitados foram encontrados 10 documentos federais que regem alguns direitos à essas pessoas. Sendo que, destes, apenas um é descrito como lei (Lei nº 7.716/1989), e mesmo ela não é específica às pessoas LGBTQIA+; dos nove restantes temos três decretos, cinco resoluções e uma ADO, sendo estas sim específicas para estas pessoas. Nesta análise não consideramos os documentos municipais, pois são teses e dissertações de diversas cidades distintas do Brasil, podendo isso ser explorado posteriormente.

Partindo disso, vimos que o Brasil carece de legislações federais específicas para pessoas LGBTQIA+ levando em consideração que todas as teses e dissertações trazem o argumento de que são necessárias políticas públicas específicas para essas pessoas, o que permite com que crimes de ódio sejam disseminados em nossa sociedade.

Cabe ainda ressaltar que além dessa temática, também foram abordados nas pesquisas assuntos como: currículo, análises de livros didáticos e relatos de discentes e docentes do ensino básico e/ou superior que mostram como são trabalhadas as questões de gênero e sexualidade em ambientes com pessoas diversas. Elas trabalham com a perspectiva de inclusão da temática de gênero e sexualidade dentro da sala de aula em busca de visibilização das pessoas LGBTQIA+, além de mostrar o quão representativo é para um aluno que dissida da norma ver e/ou se identificar com um docente dissidente.

2. METODOLOGIA

Para esta dissertação, optamos por utilizar a pesquisa narrativa como metodologia de cunho qualitativo para construção da dissertação, pois ela “[...] nos oferece a possibilidade de deixar vazios, de evitar a ficção perfeita, de tornar visível o metarrelato, de dar a possibilidade ao leitor de completar o relato” (Martins; Tourinho; Souza, 2017, p.8). Sendo assim, várias perspectivas diante dos relatos podem ser adotadas por quem narra, mostrando-se como uma ferramenta que coloca pesquisador e colaborador em uma relação de equivalência que propõe o contar e o ressignificar das narrativas produzidas.

Aliás, trabalhar com a pesquisa narrativa nos permite contar, recontar e produzir histórias de vida, pois abre espaço para que a pessoa que está contando sua história possa se lembrar dos fatos e nos relatar como foi sua experiência diante disso. Para isso, aqui entendemos a experiência como sendo algo individual, que toca a pessoas profundamente e que se fixa na memória, diferenciando-se de uma informação qualquer. Com isso, a partir dessa metodologia, consideramos que não apenas a história dessas pessoas é importante, mas também suas experiências, seus sentimentos, suas lembranças são de suma importância para que possamos criar essas narrativas. Além disso, o investigador está dentro da narrativa alimentando as histórias, o que resulta em uma produção que não rende apenas conhecimento, mas também um texto que possa ser lido cujo “contar uma história permite a outros contar(se) a sua” (Martins; Tourinho; Souza, 2017, p.8).

Também, a pesquisa narrativa permite que essas histórias de vida sejam contadas de acordo com o ritmo e interesse dos convidados da pesquisa, sendo que essas pessoas expõem aquilo que se sentem melhores para relatar, haja vista que são histórias de vida de pessoas que são tidos como anormais, dissidentes, indesejáveis, precarizados e com suas *Vidas Ameaçadas*¹⁸ perante uma sociedade heteronormativa.

Dessa forma, dentro dessa metodologia utilizamos as narrativas (auto)biográficas, pois esta nos proporciona a inclusão das experiências vivenciadas pelo autor na pesquisa, além das narrativas dos colaboradores da dissertação, garantindo ainda

“[...] condições ideais do retorno sobre si mesmo, para que o trabalho de autobiografar exerça a ação de reversibilidade sobre o pensamento de quem narra, transformando representações anteriores de si e do mundo da vida. Essa ação regressiva e progressiva é o que permite falar do ‘si mesmo’ como um ‘eu refletido’, reinventado pela ação da linguagem” (Passegi, p.116, 2010).

¹⁸ Arroyo, Miguel Gonzales. *Vidas Ameaçadas: Exigências-respostas éticas da educação e da docência*. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2019.

Isso faz com que a produção possa se tornar mais íntima, pois o objetivo geral desta pesquisa já foi também vivenciado pelo primeiro autor tanto em seus processos de formação básica quanto na superior.

Além disso, as narrativas (auto)biográficas permitem a reflexão da escrita de si, podendo potencializar o autoconhecimento por intermédio da escrita e analisar situações por meio da perspectiva de quem narra. Também, sua utilização é benéfica quando aplicada à docência e às questões relacionadas ao ensino e aprendizagem, pois assim “[...] os educadores (em formação) documentem o que fazem, o que pensam, o que pensam sobre o que fazem, assim como suas inquietações, dificuldades, conquistas, sua produção intelectual” (Rosa, 2013, p. 49). Sendo a maneira como estes vivenciam seus processos de formação no decorrer de sua existência um importante movimento para as (auto)biografias.

Ainda, nas narrativas (auto)biográficas, podem ou não aparecer vivências que são comuns entre os participantes e o pesquisador, o que também explica a utilização de (auto) ao invés de autobiográfica. Assim, os narradores possuem o livre arbítrio para narrar suas experiências pessoais (ou não) se colocando na pesquisa não apenas como profissional, mas também pessoal. Além do mais, ao trabalhar com esse método é possível realizar uma interação entre passado, presente e futuro em uma mesma narrativa, pois esta é produzida com base nas experiências, contadas agora para gerar frutos futuros, revivendo e/ou rememorando situações (Carrilho, 2007).

Outrossim, as narrativas (auto)biográficas sugerem que a captação da oralidade seja realizada por meios diversos, abrindo um leque de possibilidades que podem ser utilizadas de acordo com o viés que se quer propor para a pesquisa, sendo que tal método pode assumir nomenclaturas outras que serão reflexo dos objetivos individuais dos pesquisadores como as narrativas de formação, as narrativas de si, o relato de vida, os memoriais, memória docente, entre outras (Rosa, 2013). Com isso, essas conversas foram obtidas em áudio e, posteriormente, transcritas em formato de narrativa para a dissertação.

2.1 Procedimentos metodológicos

Em um primeiro momento realizamos a elaboração do projeto de mestrado para uma disciplina e posteriormente mandamos ele para o comitê de ética aprovar o início da pesquisa. Com essa aprovação, demos início à elaboração de um formulário via *Google Forms* para verificar quem gostaria de fazer parte da pesquisa como contribuinte.

Sendo assim, o formulário continha 20 questões que tinham o propósito de identificar algumas questões sobre as pessoas que respondessem como: idade, gênero, sexualidade, cidade onde mora, formação acadêmica, se já havia vivenciado situações de preconceito ou *bullying* etc. Além disso, abrimos espaço para que essas pessoas comentassem, ou não, sobre a resposta dada nessas questões e também adicionamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para o caso dessas pessoas aceitarem participar desta produção final.

Ao todo, tivemos oito respostas ao formulário, sendo que todas essas pessoas concordaram em participar da pesquisa. No entanto, selecionamos apenas cinco pessoas por uma questão de tempo, pois acreditamos que durante o período de dois anos de mestrado não seria possível aproveitar bem as oito narrativas. Contudo, agradecemos às outras pessoas que responderam o formulário e esperamos poder utilizar essas informações em produções futuras com esses contribuintes.

Assim como em Freitas (2022), nesta dissertação nós também optamos por utilizar um roteiro composto por imagens, sendo cinco imagens distintas que, em nossa perspectiva, remetesse à família, escola/sala de aula, universidade, representatividade e preconceito. Ainda, escolhemos imagens que, novamente em nossa perspectiva, pudessem ser problematizadas pelos participantes como a estrutura familiar, a composição da sala de aula enquanto aluna e/ou professora e outras problemáticas relacionadas à discriminação, estigma e preconceitos.

Optamos por escolher as cores do orgulho LGBTQIA+ para representar respectivamente os colaboradores da pesquisa. Dessa forma, Azul, Vermelho e Verde, Amarelo, Rosa, e por último Roxo foram os codinomes adotados pelas entrevistados. Ademais, em alguns momentos vamos alterar a fala para primeira pessoa do singular em para fazer comentários que apareceram durante os encontros dando um contexto, iniciando ou finalizando uma discussão.

Apesar de nesta produção optarmos por não utilizar alguns termos como “comunidade” para nos referirmos às pessoas LGBTQIA+ nós não vamos retirá-los das falas dos convidados com o intuito de tentar manter a essência do que eles falaram, contudo, com a transformação em narrativas, tentamos trocar o mínimo de termos possíveis com este mesmo objetivo. Vale ressaltar que a repetição de algumas palavras e a utilização de letras maiúsculas fora dos padrões da Língua Portuguesa são intencionais e estão sendo utilizadas como uma forma de dar ênfase no que foi dito objetivando que o leitor possa sentir o tom da frase e/ou da palavra.

Também, a utilização das aspas durante as narrativas representa que a pessoa que está narrando está trazendo à tona uma fala para auxiliar na compreensão do que está sendo dito, relembrar falas que já foram ditas por ela ou por outras pessoas ou apenas exemplificar algo. Nesse sentido, tentamos preservar o tom utilizado nas narrativas, fazendo pequenas modificações em vícios de linguagem e deixando explícito expressões e/ou palavras específicas que os narradores trouxeram com o intuito de que as falas não perdessem sua autenticidade.

Ademais, sobre as cinco imagens que serviram como uma orientação para as narrativas, todas elas possuem uma intencionalidade. Sendo assim, a primeira imagem denominada “**família**” traz algumas configurações pensadas a partir de uma lente cisheteronormativa que desconsidera outras formas de se constituir uma família. Então pensar nesses outros modelos e até mesmo trazer à tona a sua própria configuração era o esperado para esta figura, além de todas as situações que permeavam as questões de gênero e sexualidade das pessoas em seus âmbitos familiares.

Sobre a segunda imagem “**sala de aula**”, nossa intenção era observar como foi/são as vivências dos convidados em sala de aula tanto como aluno como professor em relação aos preconceitos de gênero e/ou sexualidade durante esse período.

A terceira imagem “**universidade**” foi pensada de modo a fazer com que os narradores pudessem comentar sobre suas vivências na graduação e na pós-graduação, falando como foram (ou não) os seus afetamentos com questões de preconceito relacionados ao gênero e/ou à sexualidade durante esse período de suas vidas. Além disso, era esperado que eles comentassem sobre a construção da figura a qual aponta que a universidade é o único caminho disponível, além de narrarem suas jornadas até este ambiente contanto os desafios, conquistas, frustrações e tentativas vivenciadas neste lugar.

Na imagem “**bandeira progressista**” esperávamos que eles comentassem sobre suas perspectivas a respeito de representatividade além de aprofundarem nas questões de suas identidades de gênero e/ou sexualidade. Por último, com a figura “olhares” era esperado que fosse comentado sobre como essas pessoas consideradas dissidentes se sentem em relação aos olhares da sociedade, comentando suas dores e como elas foram (ou não) superadas.

Também optamos por fazer uma breve descrição das características físicas e profissionais dos narradores para que o leitor fique um pouco mais alocado de qual o lugar que essas pessoas ocupam hoje, mesmo que em suas narrativas isso fique explícito. Enquanto, Verde e Rosa optaram por se descrever, Azul, Vermelho, Amarelo e Roxo foram descritos pelo autor.

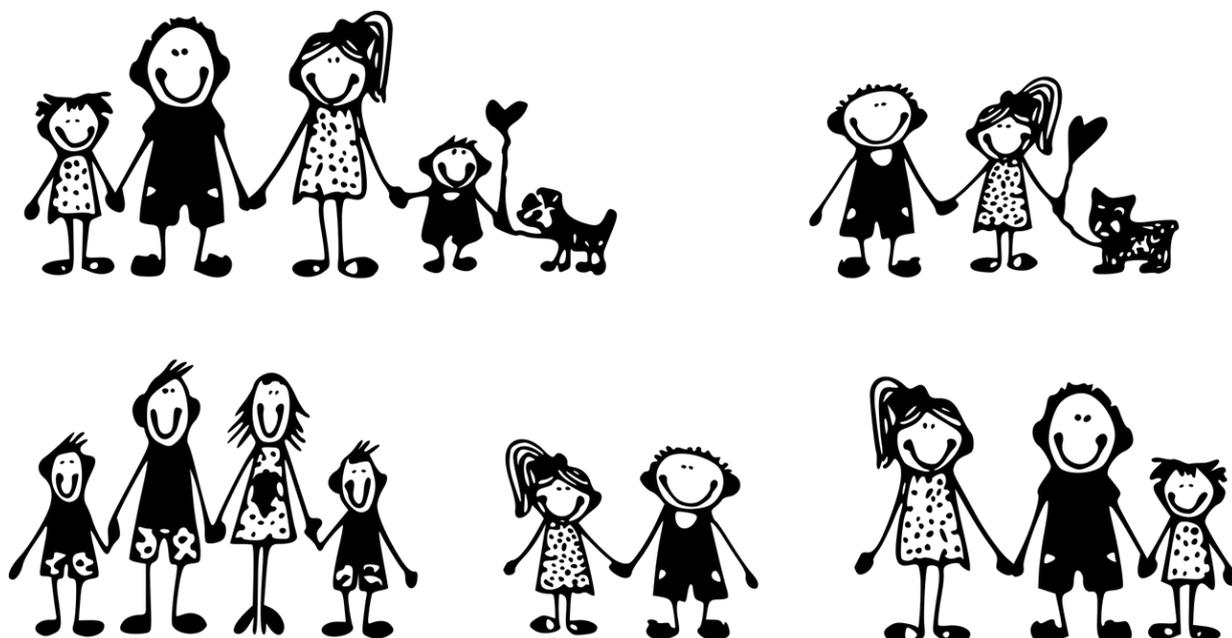
Quadro 2. Informações dos participantes da pesquisa

Narradores	Gênero	Sexualidade	Graduação	Formação
Azul	Homem cis	Gay	Matemática Licenciatura	Egresso em Educação Matemática
Verde	Homem cis	Gay	Matemática Licenciatura	Doutorando em Educação Matemática
Vermelho	Homem cis	Gay	Matemática Licenciatura	Egresso em Educação Matemática
Amarelo	Homem cis	Gay	Matemática Licenciatura	Egresso em Educação Matemática
Rosa	Mulher trans	Hetero	Administração e Matemática Licenciatura	Doutoranda em Educação Matemática
Roxo	Mulher cis	Assexual	Matemática Licenciatura	Mestranda em Educação Matemática

Fonte: Elaborado pelo autor

Seguem abaixo as imagens utilizadas para a produção do roteiro:

Figura 3: Família



Fonte: PIXABAY

Figura 4: Sala de aula



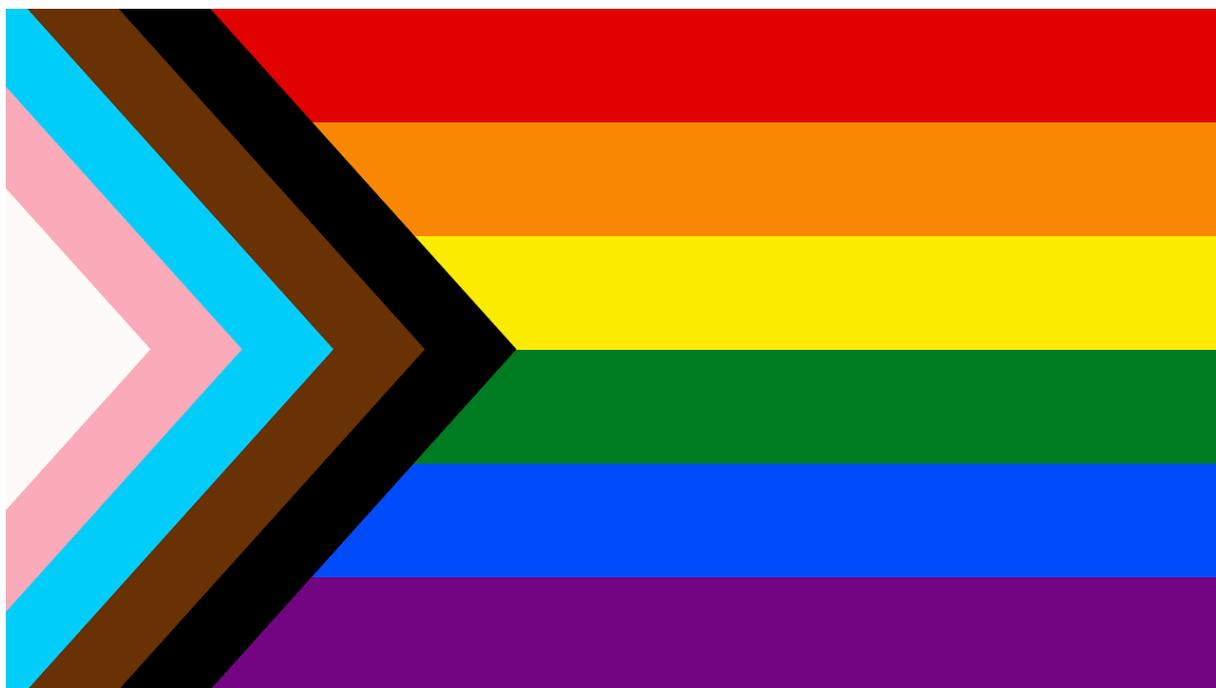
Fonte: PIXABAY

Figura 5: Universidade



Fonte: PIXABAY

Figura 6: Bandeira Progressista+



Fonte: PIXABAY

Figura 7: Olhares

Fonte: Arquivo Pessoal

Após isso, entramos em contato com os colaboradores da pesquisa via e-mail e *Whatsapp* e assim marcamos as datas dos nossos encontros. Cabe ressaltar que as narrativas foram realizadas no aplicativo do *Google Meet* e foram gravadas para que, posteriormente, fossem transformadas em narrativas. Ainda, utilizamos uma extensão do *Chorome* denominada *Tactiq* para auxiliar na transcrição das reuniões do *Meet*.

Um ponto importante que gostaríamos de destacar foi a contribuição das participações em eventos ao decorrer do mestrado que auxiliaram não apenas na escrita da dissertação, mas também, no melhor entendimento da metodologia adotada e do lugar de fala desta pesquisa. Isso tornou este estudo muito mais profundo para nós e nos reforçou a importância de não desistir dessa temática no âmbito da Educação Matemática.

Como mencionado acima, transcrevemos as narrativas utilizando o *Tactiq* e posteriormente fizemos a narrativa dessa transcrição na dissertação final. Até o momento foram realizadas quatro narrativas, sendo uma delas em dupla, pois os colaboradores são um casal. Ainda, optamos por utilizar como codinomes dos narradores as cores da bandeira LGBTQIA+, sendo assim tivemos as narrativas de azul, vermelho e verde, amarelo e por último, rosa. As cores roxo e laranja ainda não foram utilizadas, porém a colaboradora que falta já escolheu que seu codinome será roxo.

Por último, mas não menos importante, selecionamos a Análise Temática para analisar alguns trechos das narrativas ao final da dissertação e, até o momento, elaboramos algumas conclusões parciais, haja vista que ainda estamos em processo de construção ou desconstrução de uma conclusão final.

2.2 O que não deu certo...

Aqui vamos comentar um pouco a respeito de uma ideia que acabou não seguindo para a produção final da dissertação. No início havíamos pensado em utilizar o *podcast* como uma forma para captar a oralidade das narrativas, porém tivemos um impasse ao mandar a pesquisa para o Comitê de Ética, que é um procedimento padrão, mas não obrigatório, do PPGEduMat.

O comitê alegava que o *podcast* iria resultar na perda de sigilo dos participantes da pesquisa, mesmo com esses colaboradores concordando em ceder os direitos necessários para a elaboração da produção da dissertação. Mesmo pensando em diversas alternativas e perguntando ao diretor do comitê sobre alguma solução que poderíamos recorrer, a resposta sempre era a mesma: “Haverá perda de sigilo”.

Entretanto, a ideia de um podcast não é ser sigiloso, ao contrário, nossa proposta era fugir um pouco do padrão de narrativas escritas em uma tentativa de transparecer sentimento e intensidade do que está sendo trazido à tona pelos colaboradores. Apesar das transcrições tentarem fazer essa proposta, acreditamos que ouvir a própria pessoa narrando, lembrando e vivenciando novamente sua história seria muito mais convidativo, mas isso ainda não é possível sem assumir certos riscos. Entendemos que todas as pesquisas possuem riscos e podem apresentar danos, mas seguindo a risca todos os protocolos descritos na plataforma para publicação da pesquisa e da devida autorização dos participantes assumindo, junto ao pesquisador, possíveis consequências não vemos a necessidade de barrar o estudo com propostas que explorem outros âmbitos de produção.

Isso serviu como uma desmotivação para seguirmos com a ideia do *podcast*, mas também nos fez refletir sobre os tópicos supracitados e optar por outro meio de captação da oralidade. Entendemos que a temática desta produção é bastante íntima e poderia apresentar alguns obstáculos no caminho, entretanto acreditamos que as potencialidades da leitora ouvir a fala de cada um dos participantes seria maior que estes problemas, e a partir disso, acreditamos que haveria mais aproximação entre quem narra e quem ouve.

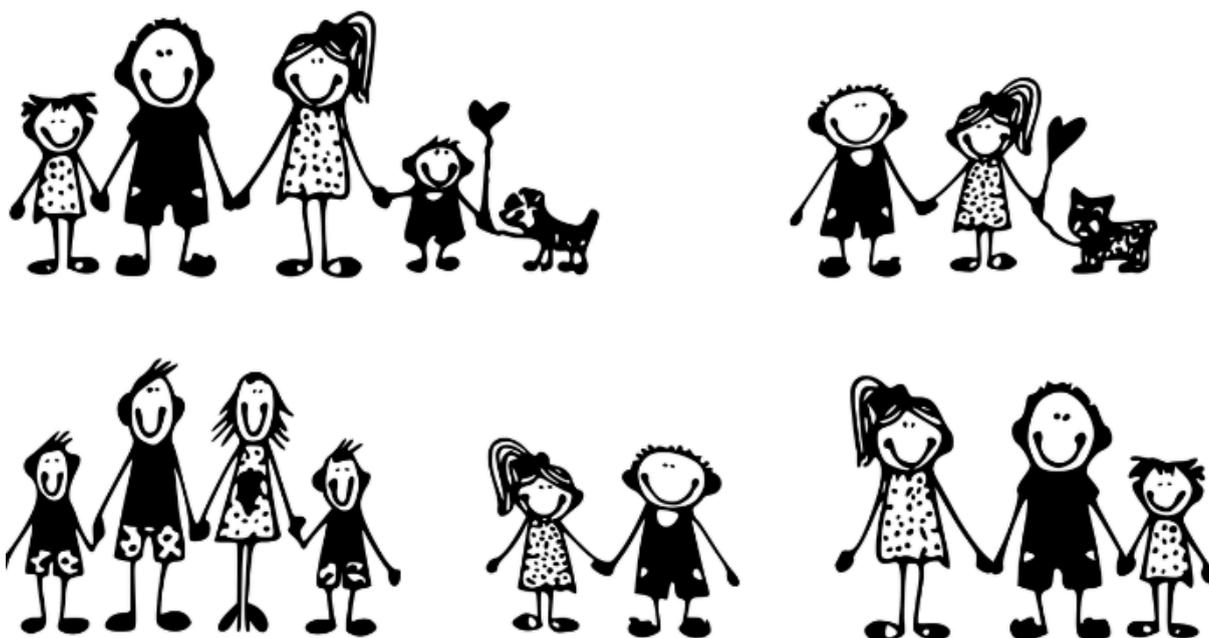
3. NARRATIVAS

Neste capítulo, as narrativas produzidas estão na íntegra no corpo do texto, a fim de preservar a autenticidade e a voz de cada relato. Essa abordagem permite que o leitor tenha um contato direto com as histórias, compreendendo as experiências vividas pelos participantes da pesquisa. Além disso, respeitamos a integralidade das narrativas como forma de valorizar as subjetividades e perspectivas únicas de cada pessoa. Essa escolha reforça o compromisso com a transparência e o respeito aos relatos produzidos. Posto isso, seguem as narrativas dos seis participantes.

3.1 Azul

Azul é um homem cisgênero, branco, homossexual e professor que possui mestrado profissional na área de concentração Matemática do Ensino Básico e doutorado em Educação Matemática. Suas pesquisas são voltadas para temas como geometria da Educação Básica, educação maker e questões interseccionais relacionadas ao currículo de matemática. Nesse contexto, iniciamos a produção dessa narrativa cumprimentando e agradecendo a participação dele nesta dissertação, além de explicar brevemente nossa proposta para o caso de ter ficado alguma dúvida após Azul ter recebido o roteiro de imagens.

Figura 8: Família



Fonte: PIXABAY

Essa primeira imagem já é super atual, me remete a um episódio que aconteceu esse final de semana. Todo ano a gente tem a festa da nossa família por parte do pai aqui, e ela aconteceu no final de semana passado. Daí, no painel que ficava na entrada da chácara onde foi essa festa já tinha a representação de uma família tradicional brasileira. Fiquei muito p*ta, não preciso nem dizer o tanto que fiquei irritado com isso.

Eu fazia parte da comissão organizadora, e quando me mostraram a foto desse painel no sábado de manhã ficou evidente que a parte decorativa não foi discutida com todos, sendo posta a cargo de algumas pessoas. Quando mostraram a foto eu falei “gente, isso está errado, isso está excluindo várias possibilidades de famílias, que inclusive estarão lá. Então, tem que trocar, precisamos trocar esse painel porque ele não representa a diversidade de famílias que vai estar nessa festa”.

Chocando zero pessoas, ninguém comentou a respeito e o painel se manteve. Eu fiz um manifesto, um protesto, e não fui na festa oficial; fui apenas umas duas vezes lá almoçar e como eu era parte do financeiro, tesouraria, eu precisava fazer essa função e fui lá fazer isso. Deixa eu mostrar a imagem para que você veja como ela vai ao encontro disso que você está me mostrando.

Figura 9: Convite da festa da família de Azul



Fonte: Arquivo pessoal

Olha que coisa mais que coisa mais chocante! Lá nesse banner faltou apenas o cachorro para ficar igual a imagem de família do roteiro.

No ano passado eu e um colega de trabalho publicamos um artigo sobre essa questão do formato de família que aparece nos livros de matemática, discutindo exatamente isso, que aquela que aparece é a família tradicional, principalmente nos conteúdos de análise combinatória. Então, tento todo esse conhecimento, não dava para simplesmente ir e fazer parte daquela festa da família tradicional brasileira.

Então, essa imagem é um gatilho muito atual, mas é como eu falei “os livros didáticos, os materiais didáticos tendem a fazer essa representação da família como sendo essa: pai, mãe, filhinhos e cachorro. E cadê as outras? Elas acabam ficando de fora”. E quando a gente cresce da Educação Infantil/Fundamental até a pós-graduação passando por esses materiais, tendo como representação somente esse tipo de família, isso acaba produzindo nas pessoas, na gente, vou me incluir também, essa aceitação do tipo ideal e verdadeiro de família, normal, vamos dizer assim. E as outras são erradas, enfim, não são completas, não são válidas.

Às vezes a gente vê até alguns políticos por aí, eu lembro de alguns anos atrás quando tínhamos um outro presidente, que ele falava mais ou menos isso, que a pessoa vai para a bandidagem, vira gay e não sei o que mais, por que faz parte dessas famílias descompassadas, incompletas, desestruturadas, disformes, enfim esses adjetivos tão ofensivos que são desse modelo tradicional patriarcal cristão neoliberal.

Sendo que, quando olhamos quantitativamente, essa família tradicional brasileira, ela está diminuindo no país, o número de casamentos está caindo, a monogamia vai caindo, o número de divórcios vai aumentando. Então, você tem outros formatos de família, pai que cuida dos filhos, avós que cuidam dos netos, tem a questão parental, a pessoa que quer morar sozinha, tem também depois do julgamento do supremo a favor da união homoafetiva, casais homoafetivos como nunca aconteceu no país. Então, eu acho que a academia, a escola e as suas representações ainda estão aquém desse movimento, desse avanço social que a gente tem sentido.

Eu ainda sou meio militante radical, dá para perceber até porque eu não fui na festa não é? Se estabeleceu a união homoafetiva, o casamento e tudo mais. Daí ok, porque essa questão de direitos, nós temos que ter os mesmos direitos que as pessoas heterossexuais nessa questão, pois nós somos todos iguais para a constituição. Então a gente tem que ter os mesmos direitos e deveres, porém, eu ainda fico um pouco resguardado, porque quando a gente aceita, ainda, passivamente essa determinação do casamento homoafetivo, a gente está apenas se enquadrando nesse modelo monogâmico cisheteronormativo, entendeu? E aí, a

gente acaba não lutando por outras formas de relação, de relacionamento, quer dizer, ainda assim na comunidade o casamento homoafetivo é colocado como a norma.

Assim, o gay sozinho ou o gay que, enfim, tem poliamor, tem dois namorados, as lésbicas também, as pessoas trans que têm um relacionamento diferente desse que é validado, essas pessoas, ‘a gente’ eu falo ‘a gente’ porque eu sou uma das pessoas que é sozinha. Eu me coloquei por isso. A gente ainda acaba, dentro da comunidade, meio que sendo olhado de forma preconceituosa por quem casa, o casamento homoafetivo, e parece que eles se tornam mais aceitos por essa instituição familiar, instituída, aceita e validada, e a gente está errado, nosso modo de vida não é certo.

Então, eu sou um pouco crítico ainda, até mesmo porque a gente precisa avançar um pouco, para poder ter esses direitos no sentido das uniões, precisamos lutar para validar todo e qualquer tipo de relação que deixa as pessoas felizes nesse sentido. Enfim, olhar para essa imagem me traz várias coisas em relação a esse assunto. Quer dizer, do jeito que eu aceito, que eu vivo, tem hora que eu sou olhado torto pelo casal gay que casou: “Olha você precisa se casar também, porque essa sua vida está errada”. Veja como essa vivência monogâmica normativa ela meio que invadiu o estilo de vida homossexual que acaba sendo normativo também para todas as pessoas. Não é, lamento, essas pessoas precisam viver o que eles querem, que é um direito, mas elas necessitam lutar também dentro da comunidade para toda forma de vida que as outras pessoas queiram.

Quando elas conseguem esse direito elas também são normatizadas. Talvez pelo fato de que casou e agora passa a ter uma passabilidade para os outros também “ah, olha lá, casou pelo menos” agora não é uma pessoa promíscua, não é assanhada, galinha. Então já deu uma amenizada naquele estilo de vida dela. Por isso que eu acho bonito se tivessem imagens de todo tipo de família, isso que eu acho bonito, não isso daí desse jeito assim tão normativo, isso me irrita um pouco, deu para perceber não é?!

Bom, eu nasci em uma família tradicional como essa, mas hoje a gente é de boa aqui em casa, todo mundo aceita, acho que no começo foi difícil, eu nunca falei diretamente, nunca se falou, a gente foi falar alguma coisa na época da pandemia inclusive. Olha o tempo que demorou, 40 anos depois, não era necessário. Mas acho que no começo foi difícil, porque uma família que vem da roça, do interior, em uma cidadezinha pequena e tal, quer dizer, apegada a esses conceitos de família, esses costumes, região e etc...mas é tranquilo, não tem o que reclamar, eu nasci na família certa, ainda bem.

Sair do armário é uma coisa que é intrínseca da vida, da história e da vivência de cada um, então acho que se a pessoa sente a necessidade, pode ser que não tem um ambiente

favorável, e aí até para a própria segurança não pode conversar, mas eu acho que depende das circunstâncias mesmo. Eu sou do tipo que acha que a gente não pode viver no armário, em nenhuma circunstância, mesmo sabendo que existem situações e situações, mas eu ainda acho que viver lá é muito doloroso. Por isso eu acho que nós não deveríamos. Quem quer estar a gente tem que respeitar a composição da pessoa, então nessa linha a questão de conversa com a família também vai nesse sentido, mas aí minha posição não é igual à do armário “que todo mundo não deveria estar”, agora aqui, por envolver outros aspectos, eu acho que a pessoa tem que se sentir protegida, no momento favorável para conversar e tudo mais. E às vezes esse momento não chega porque a pessoa pode ser agredida, pode sofrer alguma violência, ser expulsa de casa e enfim, nós temos aí diversas situações, mas se ela se sente protegida e sabe que está em um ambiente confortável para isso, então ela deveria fazer.

Figura 10: Sala de Aula



Fonte: PIXABAY

A sala de aula é o lugar que eu mais gosto de estar no mundo, por incrível que pareça. Eu não sei se me tornei ou me encontrei professor em algum momento, mas não sei fazer outra coisa, definitivamente. Na sala de aula eu me divirto, me emociono, ensino, aprendo,

conto piada, faço um desfile de moda lá na frente, faço de tudo na sala de aula, adoro. Às vezes eu estou em um dia complicado em que as coisas não deram muito certo, igual essa semana do acidente que eu te falei¹⁹, mas na hora que eu vou para a sala de aula isso desaparece.

Ultimamente eu tenho estado um pouco triste com a sala de aula, porque eu não sei a situação aí na sua universidade, mas aqui onde eu trabalho no Instituto Federal Goiano, nós estamos com uma diminuição muito grande de alunos. Então, no curso de matemática que dou aula, entraram dois alunos esse semestre. Imagina, já que eu gosto desse tumulto, dessa sala de aula toda desse jeito, dando aula para dois alunos. Essa é a sala de aula de hoje. Eu quero morrer com isso, porque eu gosto é da conversa, pegar uma opinião de um e jogar uma pergunta e ver aquilo pegando fogo, todo mundo dando suas perspectivas e aquele consenso ou dissenso, aquela loucura, daí vai produzindo conhecimento. Porque quando a sala de aula está com poucos alunos, querendo ou não apenas nós falamos, nós professores no caso, começamos a falar, falar, e tem aquela ideia de transmissão de conhecimento e não tem uma participação efetiva dos discentes, principalmente em disciplinas as quais a gente precisa que eles participem, como Didática da Matemática que você vai discutir avaliação, interdisciplinaridade, currículo você precisa jogar coisas.

Tem uma disciplina que se chama Conhecimento Matemático e Cidadania, que você precisa daquela sala cheia, da turma polvorosa, ideias circulando, gerar debate e tudo mais, então eu tenho andado entristecido desde os últimos dois anos para cá com essa diminuição de pessoas na sala de aula. Antigamente dez, oito anos atrás, o que nós tínhamos? quarenta, trinta alunos na sala de aula, então você tinha aquela diversidade, aquela efervescência toda, você tinha a pessoa da direita e da esquerda no mesmo lugar, tinha uma pessoa da periferia e do centro, tinha rico e pobre, você tinha gente que estudava o dia inteiro, gente que trabalhava o dia inteiro e ia estudar somente à noite, era uma dinâmica boa que existia na sala. Então, eu me sentia muito bem e essa diminuição ela tem me entristecido. Apesar de ser o lugar que eu mais gosto de estar, eu tenho sentido um pouco de tristeza com esse esvaziamento da sala de aula.

Quando eu fui dar aula nesse Instituto Federal que eu estou trabalhando, vai fazer doze anos, ele era um Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET) agrário, uma cultura agrária, então é trabalhar com as coisas de agropecuária integrada ao EM. Daí, situações aconteciam, eu estou falando de uma sala de agropecuária integrada ao Ensino Médio com

¹⁹ Na semana do nosso encontro online, Azul sofreu um acidente que deixou alguns danos em seu carro.

trinta e cinco meninos e cinco meninas, desses, dois homossexuais e uma lésbica, por exemplo, isso em uma sala, e aí por causa dessa cultura do agro você tinha muito machismo com essas meninas, situações de misoginia com os meninos gays e as meninas lésbicas, você nem imagina o tanto que eles pegavam no pé e faziam piadinhas, esses meninos se sujeitavam à algumas situações muito chatas. Sempre que isso acontecia eu parava a aula para dar palestrinha, porque se eu deixo passar eu acabo sendo meio que cúmplice, concordando com esse tipo de atitude, então não, jamais.

Isso acabou me causando alguns questionamentos sobre a profissão. Quer dizer, antes quando eu trabalhava em sala de aula, eu tinha uma vivência distante dos alunos, não me interessava onde eles moravam ou se trabalhavam, eles estavam lá para aprender cálculo, fazer a prova e passar. Depois de ver um pouco disso eu comecei a pensar assim: “Nossa, mas você está fazendo tudo errado”, você precisa olhar para as pessoas, para os alunos que estão na sala de aula. Quem são? O lugar de cada um, porque isso incide inclusive na forma de aprendizado que eles vão ter na disciplina que eu tô trabalhando.

Isso é uma coisa que eu passei a observar, e aí para além de enxergar os alunos apenas como discentes passei a enxergá-los como pessoas, e também comecei a questionar o próprio conhecimento matemático, aquilo que eu ensinava na sala de aula, e até onde isso reforçava (ou não) esse tipo de atitude, principalmente das pessoas dos cursos de Agropecuária em sala de aula. Será que reforçava o machismo? A questão cisheteronormativa? Enfim, a partir daí eu comecei a me interessar e estudar mais, e aí meu doutorado acabou acontecendo um pouco nessa área também.

Então, são vivências que a gente tem dentro dessa sala de aula com pessoas todas diferentes umas das outras, com suas particularidades, seus lugares, suas vivências, e que sofrem as suas opressões por causa dos marcadores sociais que elas carregam. Assim, no começo da minha carreira eu desconsiderava isso, colocava todo mundo no mesmo lugar de aluno e depois eu percebi que não era assim, e tinha um olhar um pouco mais apurado para algumas dessas questões.

Ainda, apenas para finalizar aquilo que eu falei do curso. Eu trabalhei um tempo, e como parava para dar palestrinha quase todas as aulas, fui meio que convidado a não trabalhar mais no curso de Agropecuária, para ir trabalhar em outros cursos, como Informática ou Administração, porque lá não acontecia muito dessas situações em sala de aula, então não tinha palestrinha. Não me falaram assim: “Olha você não vai dar aula mais”, foi mais aquela coisa de: “Ah seu perfil para dar aula é mais para a Informática ou Administração”, mas é claro que tinha esse fundo, nós não somos bobas, percebemos quando você está em um lugar

em que você causa problemas, daí eles pensam: “Então vamos tirar ele de lá para aula de matemática fluir, para saber fazer Bhaskara no final da disciplina. Mas enfim, gosto muito desse lugar da sala de aula, eu amo essa diversidade, depois que entendi que é um lugar de diversidade, e eu gosto das histórias deles, aprecio muito estar com os alunos não apenas na sala de aula, ir para uma festas e tudo mais. Então, eu gosto dessa energia da sala de aula, me preocupa essa diminuição de alunos, mas quero acreditar que esse é um momento passageiro, que ainda é um resultado da política anterior que reverbera ainda hoje, mas que descredibiliza um pouco as instituições de ensino.

No primeiro dia de aula eu já chego bichaleríssima já para todo mundo saber quem é a pessoa, tipo assim “olha sou viado não tem o que fazer, e é isso vai ter que me respeitar desse jeito, tá bom?”. Então, na sala de aula, em todos esses anos de produção, eu nunca sofri nenhum tipo de homofobia frontal, até hoje, em nenhum momento. Eu já soube pelas costas, já me disseram, mas nesse ambiente sempre fui bem respeitado, porque ali querendo ou não também tem essas relações de poder, ali eu sou professor e teoricamente estou exercendo poder e os discentes não. Embora exista uma linha muito tênue aí, porque eu acho que os alunos todos juntos exercem mais poder na gente do que vice-versa, até porque eu estou te falando a situação da sala de aula, e sem aluno não tem professor, não é mesmo?

Dessa forma, essa relação é bem igual porque você pensa o seguinte: vai um aluno com uma visão ideológica, religiosa e homofóbica para dentro da sala de aula estudar matemática. Quem vai estar dando aula para esse aluno, avaliando ele sou eu, “ah, meu Deus, estou sendo avaliado e tem uma bicha, um professor viado, que vai me dar nota, ele que está corrigindo minhas provas”. Eu lamento, sou eu mesmo, enquanto for isso tem que respeitar. Então, eu acho que isso deve acontecer bastante entre os alunos, porque a gente sabe que nessa cultura machista você ficar meio que submisso sobre o ditame, vamos dizer assim, do feminino ou dos homossexuais masculinos que destoam um pouco dessa lógica machista hétero e performam um pouco feminino. Acho que isso deve ser bem tenso para eles, mas como te falei, eu nunca sofri nenhum embate em sala de aula e nenhum tipo de homofobia, já soube que pelas costas sim, porque é natural, piadinhas e tudo mais que não estamos imune a esse tipo de situação.

Agora a instituição é a mesma coisa, me coloco nesse lugar e falo assim: “Olha, tem que me respeitar”, lá no núcleo de matemática do meu instituto, por exemplo, eu sou o único homossexual, eu percebo que eu meio que desequilibro o ambiente, e dos meus colegas também eu nunca sofri nenhuma homofobia direta. Pelas costas não sei, muito possivelmente, mas percebo que tem ali um certo desequilíbrio, que o meu corpo incomoda um pouco, tira

um pouco da zona de conforto, que a gestão escolar fica meio que pisando em ovos também, não comigo, mas com os outros LGBTQIA+ que trabalham lá, porque eles sabem que qualquer fala ou atitude fora desse escopo pode ser perigoso.

Então tem muito essa questão do pisar em ovos com a gente, escolher demais as palavras, a forma de tratamento e tudo mais, até porque agora a homofobia foi equiparada ao crime de racismo. Crime. Então, tome cuidado com o que vai falar mesmo. E aí, de dentro da matemática, a qual vejo que é um lugar muito masculino, eu percebo que a gente também desequilibra, nossa presença causa um desconforto na área, como se ela não fosse para gente, e não, ela é para a gente sim! Quem falou que não é?! E olha que nós somos mais bonitas e mais inteligentes, desculpa. Enfim, é isso sobre o ambiente de trabalho, sala de aula e tudo mais, eu já chego logo com um leque, se possível, mostrando a que vim, que tem que me respeitar e é isso.

Em contrapartida, na minha perspectiva como aluno, no Ensino Fundamental me lembro de pouca coisa, não me lembro muito, mas recordo que eu já era chamado de bicha e viado desde pequeno sem nem saber o que isso era. Daí eu tive que me ver com aquilo, porque não podia chegar em casa e contar que eu tinha sido chamado daquilo, senão eu apanhava ainda.

Enfim, agora no Ensino Médio eu já lembro de bastante coisa, que eu sempre fui bom de matemática devido a uma professora que tive no Ensino Infantil, no pré-escolar, recordo direitinho de uma atividade que ela passou que despertou em mim uma paixão muito grande, então sempre foi bom. E aí no EM eu sofria homofobia de frente por parte de colegas, isso é fato, mas eu era meio briguento, saía na porrada e tudo mais, sempre fui mais alto, maior de altura, então eu batia mesmo e apanhava, mais apanhava do batia e era isso. Mas eu tinha uma arma, um trunfo que era a matemática, sempre fui bom nessa disciplina, então no EM eu era bom. Daí, eu meio que negociava com os machões ali da sala, trocava não apanhar por fazer trabalho, fazer prova, fazer coisas para eles passarem. Foi um trunfo que eu tive, parece ser esquisito falar isso, mas era o que acontecia, de fato acontecia, fazer trabalho, fazer até prova para essas pessoas para ficar um pouco livre delas assim, então eu sofri bastante preconceito nessa fase, mas ficou para trás.

Daí, escolhi fazer Matemática na graduação e aconteceu uma peculiaridade na nossa sala, fomos fazer faculdade nos anos 2000, de 2002 a 2005 naquele começo. Na minha sala nós éramos quatro viados no curso de Matemática, isso nunca tinha acontecido antes, não era nem imaginável, então a nossa sala desestruturou muito o curso em si, naquela época, era muita bicha por metro quadrado, e as mais inteligentes, as pessoas vinham pedir ajuda e a

gente ajudava e tudo mais. Na época a gente conversava, porque a gente meio que quebrou um paradigma mesmo. Os quatro, ganharam bastante respeito e desestruturou também essa ordem normativa que existia na universidade, naquela época o câmpus era da UFG aqui em Catalão, hoje já é Universidade Federal de Catalão, mas o fato é que em qualquer modalidade, em qualquer lugar nossos corpos incomodam, não tem jeito, causa um desconforto, cria um determinado atrito, cria falatório, cria eu acho que desconforto mesmo, é a melhor palavra, a gente incomoda de fato, exatamente por quebrar essa normatividade que é tão procurada e até certo ponto imposta em todos os ambientes: trabalho, escola e tudo mais.

E a gente precisa incomodar mesmo, ainda mais quando você ainda tem um destaque, “mas como aquilo lá é melhor do que eu, do que a gente? Tira as melhores notas e alcança os melhores postos de trabalho? Tem emprego, passa em concurso?”. Daí assim, isso acaba incomodando bastante, já que a gente meio que não deveria existir, então não deveria ocupar esses espaços, mas a gente ocupa esses espaços. Contudo, vejo uma melhora do início dos anos 2000 para hoje, no ambiente escolar é perceptível que mudou bastante coisa.

Só mais uma coisa que eu esqueci de falar, lá quando comentei com você que me senti incomodado com essa questão na agropecuária, aquela coisa toda, eu e mais um grupo de professores no Instituto Federal percebemos a necessidade de criar um núcleo de estudos e pesquisas de diversidade sexual de gênero na escola e no instituto, porque não tinha. Tinha o (NEAP) que é o de questões etnicoraciais e o (NAPNE) de Apoio às pessoas com necessidades educacionais específicas, mas não tinha esse de gênero e sexualidade. Daí, de 2017 para 2018, a gente conseguiu criar esse núcleo e hoje ele faz parte de toda a escola.

Percebemos que depois da atuação desse núcleo bastante coisa tem melhorado, essa instituição tem mais de cem anos, e no ano passado a gente levou uma *Drag Queen*²⁰ para o luau da diversidade na escola, imagina em uma escola agrária no meio do cerrado goiano uma *Drag Queen* fazendo show lá. Então, são pequenos marcos que a gente precisa avançar para tornar o ambiente um pouco mais diverso, mesmo com todos esses retrocessos que vêm acontecendo.

Eu acho que o conservadorismo vai se consolidando a partir do momento que ele percebe que, de fato, a diversidade vai avançando e ganhando espaços que antigamente não se pensava, por isso nosso corpo incomoda, nós estamos chegando em lugares que antigamente não era possível, os nossos corpos estão lá buscando transformar as coisas. Gostei da imagem,

²⁰ Indivíduo que ostentadamente se veste ou se produz com roupas femininas, usa maquiagem de forma extravagante, se vale de grande expressividade gestual e que, normalmente, se apresenta como artista em espetáculos, festas, show etc (Dicionário Online de Português, 2024, s.n).

achei ela colorida, muita gente colorida, todo tipo de pessoa, adorei, achei ela muito gostosa, diferente da outra.

Figura 11: Universidade



Fonte: PIXABAY

A universidade eu já acabei falando um pouco na imagem anterior da sala de aula e nas mudanças que eu vejo por ter sido um aluno do início dos anos 2000 e professor agora. Mas eu acho que essa instituição deveria ser de fato um lugar universal, “universidade”, abarcar todas as diferenças, celebrar a diversidade de pessoas, de ideias, e ser aquele caldeirão, aquela efervescência, abarcar o multiculturalismo, todo tipo de cultura, entretanto eu ainda vejo ela muito elitizada, a academia ainda é um espaço elitizado em diversas frentes, desde os seus formatos arquitetônicos até os seus métodos e teorias. Por exemplo, a universidade ainda hoje contempla mais o escrito do que o falado, coloca a questão da oralidade como não científica ou pouco científica.

Então, os métodos e a pesquisa científica ainda está um pouco conservadora, com a avaliação é a mesma coisa. Apesar de hoje, principalmente devido a muito trabalho que as cotas vem fazendo na universidade, que ainda é muito pouco, mas mesmo assim tem uma

mudança, você vê que a universidade está com uma cor diferente, tem pessoas diferentes, cabelos diferentes, roupas diferentes, tem gente da roça, da cidade, do sertão, do sul, quer dizer, você tem de fato uma diversidade que está habitando mais a universidade agora por causa das cotas raciais e/ou sociais, tem instituições que têm a questão das cotas para pessoas trans, para os corpos transgêneros, para as pessoas com deficiência, então do ponto de vista de pessoas, eu vejo que ela ganha muito com a entrada desses corpos. Porque são essas pessoas que vão entrando e mudando, inclusive, esse estilo de ser da universidade, do método, da avaliação, de pesquisa científica, de produção de conhecimento. E de onde isso vem? Vem de modelos da Europa, dos Estados Unidos, enfim, foi consolidado e construído por gente branca, homem branco, hétero, rico.

Tais processos acabam não abarcando um modelo que seja possível alcançar todas as pessoas aqui no Brasil por exemplo, quando a gente chega para essa universidade, seja estudando ou trabalhando, eu observo que tem uma mudança de postura, vou dar um exemplo: o PPGEducMat da UFMS, eu via quando eu estudei aí, hoje eu não sei, porque já tem mais de dois anos que eu não acompanho, mas naquela época tinha uma abertura tão grande para novas formas de pesquisa, novos olhares, metodologias, discussão de coisas novas, saía um pouco do engessamento, daquele conservadorismo acadêmico, e eu achava que o programa apenas ganhava com esse tipo de coisa, mas isso acontecia por causa das pessoas que estavam lá fazendo pesquisa, estudando, que levavam suas vivências, suas experiências, questionamentos, seu jeito de ver o mundo, e isso tem que incidir sobre esse método de pesquisa e de trabalho dentro da academia, dentro da universidade.

Não adianta eu inundar a instituição de pessoas diferentes, mas manter um único estilo de trabalho de pesquisa sem levar em conta as experiências que essas pessoas trazem para dentro da universidade, eu acho que é uma pseudo forma de falar que ela está sendo aberta, diversa e acolhedora, e não, não está. Eu vejo essa pequena crítica, gosto do tipo de gente que estou vendo na universidade, porém acho que precisa de mais, mas eu gosto já do jeito que eu vejo ela. Esses dias eu entrei na Universidade Federal do Catalão (UFCAT) e falei “nossa gente, mas não era assim na minha época”, o perfil de pessoas é totalmente diferente, mas ela precisa abrir mão um pouco dos seus métodos arcaicos e dialogar de fato com esse público que está estudando lá hoje.

Eu fiz o mestrado aqui na Universidade Federal de Goiás (UFG) que agora é UFCAT, o Mestrado Profissional em Matemática em Rede Nacional (PROFMAT), foi bem tranquilo, aliás, gostei bastante. Eu tenho algumas críticas ao PROFMAT, mas eu gostei no geral. Bom, eu iniciei o mestrado acadêmico que deu errado na Universidade de Brasília (UNB), depois eu

fiz o profissional, aliás a universidade de Brasília é extremamente conservadora nesse aspecto que eu estou dizendo. Tem muita diversidade de pessoas, mas muito conservadora nos costumes, e aí isso incide diretamente no acadêmico, na vivência, enfim.

Devido aquilo que falei das observações, as minhas experiências na sala de aula lá no Instituto Federal, eu falei assim “não gente, você precisa discutir outras coisas”, mas infelizmente de dentro da Matemática Pura não é possível, então vou fazer doutorado em Educação Matemática. E aí o mundo conspirou, alinhou todos os planetas e eu fui fazer aí na UFMS, no PPGEducMat, e olha, que experiência fabulosa, eu adorei, conheci muita gente, fiz disciplinas de todas as áreas: tecnologia, currículo, didática, enfim, tudo; conheci professores ótimos e pessoas de vários espectros que traziam ideias variadas, foi muito bom, por isso que eu usei o PPGEducMat como um bom exemplo que eu via de mudança estrutural dentro do pensamento da universidade.

O meu doutorado, infelizmente foi durante a pandemia também, bom pedaço, mas enfim, o período que morei em Campo Grande, que vivenciei a pós-graduação na UFMS foi muito grande, e olha que a gente está falando de uma instituição que fica no meio do cerrado brasileiro, do agronegócio, em uma cidade militar, dá para ter um contexto do que é essa universidade, de onde ela está, mas mesmo assim eu achava ela bem diversa nesse aspecto, pelo menos o lugar que eu frequentava que era o PPGEducMat, os outros eu não sei.

Gostei bastante de Campo Grande, apesar de tudo, mas a universidade precisa mudar um pouco, ela não está acompanhando os tempos, está muito lento, devagar ainda, e talvez isso mostra o porquê a direita conservadora ataca tanto ela. Muitos desses ataques fazem com que os alunos não procurem a universidade, o Instituto Federal e tudo mais, porque apesar disso, olha que interessante, a universidade ainda mantém esse estilo retrógrado de pesquisa e atuação. Porém com essas pessoas diversas que entraram, começa a passar uma ideia de libertinagem, que vale tudo, então agora não é um lugar qualquer para o filho do rico estudar, virou um local de pobre, de baderneiro, maconheiro, comunista, daí essa narrativa acaba sendo utilizada e pode destruir o verdadeiro intuito da instituição, por isso tem essa baixa procura.

Antigamente a universidade era assim, sonho federal de qualquer pessoa, qualquer um queria estudar nela, inclusive o filho do rico que pagava vestibulares caríssimos para poder entrar, mas o interessante é que eles continuam querendo e indo para ela, usam essa narrativa para afastar, principalmente, essa diversidade que veio para universidade para ela continuar com aquela com aquela cara elitizada que sempre teve e dialogando com seus métodos que

conversava muito com essas pessoas, com esse pessoal da elite. Enfim, coisas que a gente vai costurando quando vai conversando assim.

Não esgotamos, mas é isso.

Figura 12: Bandeira Progressista



Fonte: PIXABAY

Isso agora de você colocar na bandeira o movimento negro, a bandeira trans, aquela mesma lógica de englobar e aumentar cada vez mais a letra, a sigla. Tem uma discussão de que “ah mas você está colocando letras demais, está enfraquecendo o movimento”. Não querido, não estou enfraquecendo o movimento, eu estou visibilizando pessoas que nem eram vistas antigamente, porque cada um tem suas demandas, eu homem cis branco, eu me considero pardo mas sou lido como branco, professor universitário, com doutorado e tudo mais, é claro que a minha demanda enquanto homem cis é diferente de um homem cis lá da periferia, do preto periférico, de uma lésbica preta periférica, pois tem choque de demandas. Nesse sentido, é preciso, de fato, dar visibilidade para essas demandas.

Acredito que as demandas que o corpo trans luta hoje em dia são as mais urgentes para a gente, nós já avançamos um pouco enquanto G, L e agora chegou a vez do T, de brigarmos mais por essa categoria da nossa sigla, pois ela é uma das que mais sofrem preconceito, opressão, ainda não tem direitos garantidos, não conseguem acesso ao serviço de saúde gratuito de qualidade, então precisamos pensar essa bandeira mais ampla para chamar a

atenção, ela serve para chamar atenção, para dar visibilidade. É aquela coisa, enquanto você está dentro do armário está ok, mas quando você começa a aparecer, a ser visível, daí vira um problema. Então se a gente não dar visibilidade para todas as letras, elas vão continuar apagadas sofrendo esses problemas com suas demandas. E fala-se muito em movimento LGBTQIA+, mas acho que ainda é muito vago falar disso, inclusive é exclusivo para uns, não é para todos.

Quer dizer, ainda tem gay machista, coisa estranha, não é? Tem lésbica feminista que oprime mulheres trans, pode ser falta de entendimento também das coisas. A primeira coisa que eu acho que precisa acontecer na nossa comunidade é que ela precisa de um letramento, de entender quem somos enquanto movimento. As pessoas precisam estudar um pouco mais, compreender um pouco mais essas coisas, saber que as coisas hoje em dia são um pouquinho melhores porque teve gente lá atrás que veio mudando tudo, conhecer quem são essas pessoas, um pouco da história e das lutas. Muitos ainda não entendem os poucos direitos assegurados pelo judiciário e inclusive da fragilidade desses direitos, porque em qualquer momento pode entrar um supremo federal com juízes, que é exatamente o que está acontecendo com o Estados Unidos revendo leis e direitos antigos. Pois ali é exercido um pensamento ideológico diferente de quem governava em outra época, o nosso legislativo pode criar leis totalmente distintas, e a gente tem visto isso, vez ou outra tem uma discussão que objetiva proibir o casamento homoafetivo, a parada do orgulho, a adoção de crianças, dificultando um pouco inclusive para as pessoas trans terem o nome social reconhecido na escola. Que tem que definir uma idade maior para poder começar todo o processo de transição, querendo criminalizar o aborto em qualquer situação, inclusive aquelas que por lei pode, então assim, a gente está a mercê da política. Então o que a gente tem ainda é muito frágil, a gente é pouco respaldado pelo judiciário.

Então, quando eu vejo uma bandeira dessa, penso que quanto mais agregada ela ficar melhor para mim, eu acho bonito. Nessa está faltando o círculo do intersexo, enfim, os intersexos também apagados há muito tempo, nessa história pouco se falou sobre essas pessoas, elas existem e a gente tem que falar sobre isso. Assim, quanto mais agregar a bandeira eu acho melhor para dar visibilidade para essas lutas, para essas questões, mas volto a dizer que eu sinto que as pessoas da comunidade precisam, a gente precisa passar por um letramento, um estudo de história do movimento, o que já foi feito, o que aconteceu, os ganhos e perdas para inclusive valorizar quem continua lutando e militando. Porque às vezes a gente tem gente que é contra, “ai lá vem aquela gay radical, não suporto ela, cheia dos mimimis, ela vai criar caso agora mesmo”. Tem que criar, tem que militar, não pode deixar

passar, precisa fazer palestrinha, na sala de aula inclusive, pois esses nossos pequenos direitos estão em jogo e tudo pode mudar daqui à pouco. A gente tem que estar sempre vigilante e não pode deixar passar batido quando acontece, em qualquer lugar que a gente observar uma situação opressora.

Eu já sou a inclusão dessa diversidade na sala de aula, já sou a própria bandeira dando aula lá na frente, então todo mundo olha para mim e já percebe. Isso é o que eu estou falando da questão do corpo estar no lugar representando, incomodando e dando visibilidade para questão da existência, porque existimos. Para isso, eu gosto de pegar umas disciplinas que eu tenho a oportunidade de falar sobre esse tema, então eu ministro Didática da Matemática 3, Conhecimento Matemático e Cidadania, Tópicos de Iniciação à Docência, porque é um tópico que eu vou estudar livro didático, onde eu vou poder discutir isso. Artigos que mostram quanto o livro didático de matemática é machista, a representação da mulher, do povo negro, de casais, como a matemática é usada pelo capitalismo, pelo neoliberalismo, como isso acaba incidindo sobre o jeito de ser homem, de ser mulher, de ser consumista de não ser, então eu gosto de pegar um pouco dessas disciplinas assim.

Quando eu pego as disciplinas de Matemática Pura é mais difícil, daí é de fato estudar x e y , imagem de função, enfim, mas é aquilo que eu falei em qualquer situação de sala de aula que esbarra em uma gordofobia, etarismo, qualquer coisa é palestrinha, “opa, vem aqui, vamos conversar sobre isso”. E acontece comigo também, porque a gente às vezes está aprendendo e escorrega. Esses dias eu fiz um comentário meio gordofóbico assim, aí um aluno “opa, opa vamos conversar sobre”, então não é somente daqui para lá, mas também é de lá para cá, porque quando a gente cria um ambiente em sala de aula para se poder discutir essas coisas, os alunos também se sentem à vontade a trazer coisas para gente, inclusive a gente em um comentário ou outro ali, eles corrigem, falam “ah professor achei que você foi meio machista aí nessa sua fala tá?” e eu falo “ah é mesmo? Por quê?”. E aí tem-se um debate.

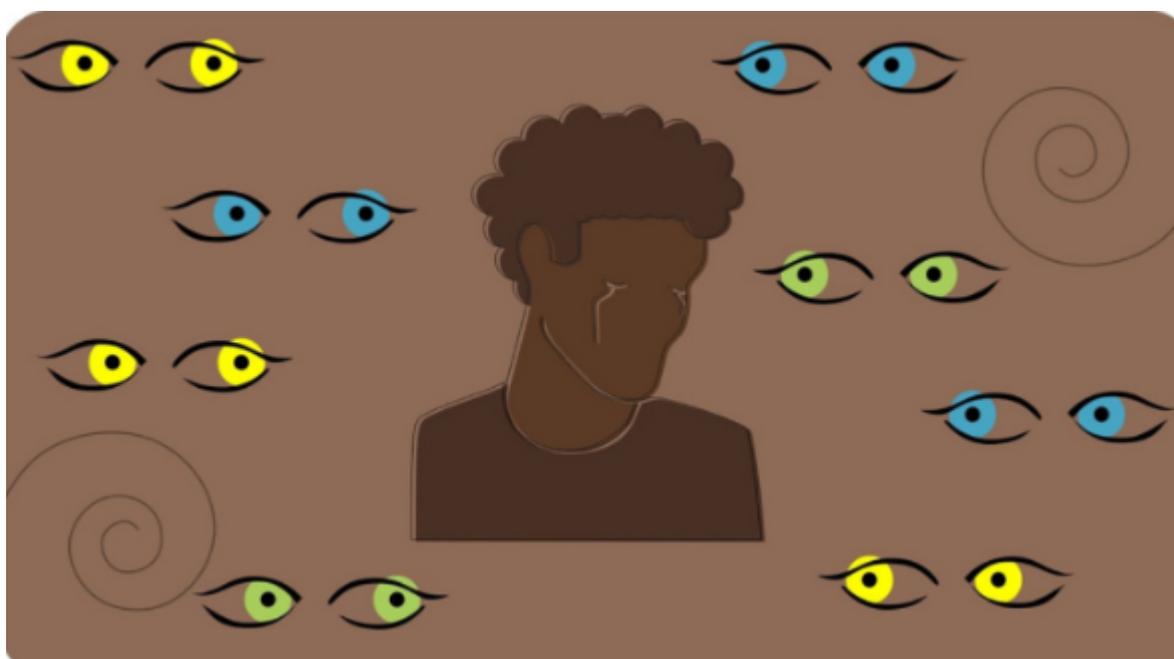
Então, nas minhas disciplinas eu gosto de ministrar essas que tem um cunho mais da Educação, porque ela é um lugar propício para fazermos essas discussões, mostrando como a matemática, que é considerada neutra, apolítica, e não é, ela também é atravessada por essas questões, elas reforçam, produzem e a gente precisa discutir também nesse sentido. Eu também escorrego de vez em quando e também ganho palestrinha de vez em quando e a gente discute bastante na sala de aula. Pena que são poucos alunos agora, se tivesse uma sala com trinta ou quarenta a coisa renderia mais ainda. Assim, e eu gosto disso, eu estou com uma

aluna agora do EM com uma IC que está fazendo exatamente isso, estudando a representação da mulher no livro didático de matemática que é usado na escola.

Daí a gente estava em uma aula lá à noite no curso de licenciatura, eu comentei que a aluna estava fazendo uma pesquisa e um discente disse que achava isso uma perda de tempo. “Vamos hablar, por que você acha que é uma perda de tempo?”, então pensa, essa riqueza da sala de aula quando tem muita gente que dá para você ir jogando e debatendo essas questões, volta o que eu falei, a tristeza de uma sala com pouca gente e a perda de oportunidade que a gente tem de suscitar esses debates.

É isso, adoro essa imagem.

Figura 13: Olhares



Fonte: Arquivo pessoal

Me lembrei de um poema da Conceição Evaristo que se chama Olhos d'água. É um poema de uma pessoa negra que fala sobre o tanto que ela já chorou, os olhos dela estão sempre cheio d'água, a mãe dessa pessoa está sempre com os olhos marejados, sofríveis, chorando e ela consegue lembrar da mãe dela mais pelos olhos. Os olhos d'água dela, então a hora que eu olhei essa imagem, ainda mais aquela pessoa ali meio chorando no centro, me veio na hora esse poema da Conceição Evaristo que é lindo. Na verdade é um livro chamado Olhos d'água, mas é um poema desse livro de fato.

Olhos d'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca.

De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali. E a insistente pergunta martelando, martelando. De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusativo. Então eu não sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe, aprendi a conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer, em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... da verruga que se perdia no meio uma cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias e se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida bem no couro cabeludo dela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs, aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto, das lágrimas escorrerem. Mas de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse, ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela

mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se sentava na soleira da porta e, juntas, ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Um viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço, que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de prantos balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava, chovia!

Então, por que eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e de todas as mulheres de minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento resolvi deixar tudo e, no dia seguinte, voltar à cidade em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos. Assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivía a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe. E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi? Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face. E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum. Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma se tornam o espelho para os olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente no meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho, como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou:

— Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?

Evaristo Conceição (2014)

Me fez lembrar um pouco desse poema, pois se tem uma coisa que não dá para esconder é o olhar, ele fala muita coisa. Às vezes você está naquele dia difícil, e aí você vai dar aula e faz aquela cara de paisagem, mas não adianta seu olho vai te entregar, o olhar entrega. Ele é como uma janela daquilo que você está passando e/ou sentindo. Então, quando não estamos bem, passando por alguma situação difícil, o nosso olhar sempre entrega, e as pessoas que são atentas a isso vão perceber e acabar perguntando.

E pensando um pouquinho também na nossa comunidade e nas outras minorizadas, como a gente tem um olhar triste, como andamos cabisbaixos olhando para baixo, como nós

não olhamos no olho da outra pessoa, como somos colocado nesse lugar de inferioridade, de minoria, tanto que eu não consigo nem olhar no olho. Eu acho que isso é muito produção dessa ideologia colonizadora conservadora de que se somos dessa maneira, então a gente precisa desse sentimento o tempo todo, culpado por alguma coisa, por ser assim, por não ter a família tradicional, a culpa é minha por desejar outro tipo de corpo. E aí, imbuído desse sentimento a gente sempre está assim, não olha diretamente, o olho carregado, aquele olhar triste e eu vejo isso em sala de aula muito como que alguns grupos sempre estão cabisbaixos, não olham diretamente para gente, mesmo a gente conversando com a pessoa “Fulano o que aconteceu? Olha, olha para mim!”, não, então a questão do olhar para mim é fundamental, porque ela passa bastante informação sobre o momento em que aquela pessoa está vivendo, inclusive informação a respeito de opressões, de preconceito ou de alguma violência que ela sofreu.

Quem não consegue olhar diretamente para você em uma conversa, tem alguma coisa errada, e aí quem são essas pessoas? Os LGBTQIA+s, eles têm muita dificuldade de olhar diretamente para a gente, de conversar, de encarar. Eu tive uma aluna uma vez que não olhava para gente, de jeito nenhum. Tudo que você ia conversar com ela, qualquer coisa sempre ali cabisbaixa, as pessoas falavam assim “ah não, porque ela é vergonhosa, tem muita vergonha, então não olha muito para gente” eu falei não, tem algo aí. Ela era lésbica e tinha muita vergonha e culpa por isso, então ela não sustentava um olhar, uma fala com determinada pessoa. Eu fiquei imaginando o tanto que ela deve ter sido julgada, violentada nesse processo todo para não conseguir encarar, não conseguir olhar para a gente. Então eu fico bastante atento sobre essa questão dos olhares e quando eu percebo que uma pessoa não está olhando bem assim para gente, então eu suponho que essa pessoa deve estar passando por alguma situação que precisamos observar. Então, os olhos entregam a gente, aquilo que a gente está de fato vivendo.

Antes eu acreditava que tinha que ensinar números, contas e tudo mais, mas hoje não, hoje eu procuro saber bem, eu precisaria procurar entender um pouco mais, eu ainda estou um pouco distante do ideal que quero, mas procuro saber para conversar por que não foi na aula, por que está agindo desse jeito, o que está acontecendo, se é alguma violência, me fala, porque eu quero saber, talvez eu possa te ajudar, e até mesmo por causa do nosso núcleo lá na escola, hoje estou como coordenador dele.

Então, vivenciando algumas situações que chegam a gente acaba treinando mais o nosso olhar para detectar entre os nossos alunos ou as pessoas que trabalham com a gente, o que pode estar acontecendo. Porque às vezes uma menina que sofre, não sei, talvez um abuso

ou um assédio, ela fica muito acuada, e ela é uma dessas que não vai te olhar jamais. Você vai conversar com ela, e ela está sempre assim retraída, então são situações que eu tenho me treinado bastante para observar, perceber e tentar conversar alguma coisa. Repito, eu ainda estou longe do ideal, estou aprendendo e me construindo a cada dia, mas eu tenho observado e sempre que possível procuro conversar e tudo mais.

Mas não é toda pessoa que quer conversar, tá? São coisas que são importantes de dizer. Por exemplo, a gente está agora na escola com uma situação que já soubemos que um menino homossexual tem sofrido um pouco para se adaptar na escola. E aí, muito possivelmente ele deve estar sofrendo algum tipo de homofobia, brincadeiras, piadinhas, enfim, isso pode explicar porque ele está com essa dificuldade de adaptação. Daí os professores querem conversar e já falaram “não, tem núcleo, você pode procurar eles para conversar”, mas ele não quer, não se sente à vontade, então assim não são também todas as pessoas que estão abertas e tem segurança para nos procurar para conversar.

Por mais que estamos abertos para querer ajudar e/ou dialogar, algumas pessoas ainda são um pouquinho inalcançáveis, e essas você precisa fazer um trabalho de formiguinha ali, conquistando pelas beiradas assim para para ganhar a pessoa e aí tentar entender um pouco o que que está acontecendo e tudo mais. Mas é difícil. Na escola que trabalho os alunos moram nela, a gente tem mais de 300 discentes morando lá. Então, imagine, o tanto de situações no dia a dia, na moradia que podem acontecer relacionadas às questões de gênero e sexualidade, e você percebe isso pelo olhar da pessoa, que ela não está bem, mas não está aberta ao diálogo, ela não quer dizer, e aí é complicado porque você quer ajudar, você sabe que algo está errado, mas você não sabe como alcançar aquele indivíduo.

Assim, é difícil, acho que por causa dessa cultura de querer se manter dentro do armário, até por causa da questão da família, de não poder ficar sabendo, então continua oprimido, sozinho, sofrendo as violências cotidianas, mas não posso conversar sobre isso com ninguém, porque de certa maneira, estou saindo do armário para essa pessoa. São pequenas coisas que a gente vai melhorando aos poucos. Estou feliz, esse ano a gente tem dois alunos trans na escola, porque eu fico p*ta, estava até falando na reunião de planejamento esse ano, falei assim, “cadê as pessoas trans que não estão aqui nessa escola, elas existem sabiam? E às vezes elas não vêm estudar aqui, porque não se sentem acolhidas, não tem um ambiente favorável”. Daí agora a gente tem duas alunas trans, então eu estou adorando porque é a presença desses corpos, volto a repetir, que incomodam, que mexem nessa balança e que mudam essas perspectivas e olhares e opiniões que as pessoas têm sobre essas pessoas.

E sim, a gente quer instalar uma ditadura gayzista lá na escola com toda certeza, eles que lutem.

3.2 Verde e Vermelho

Meu nome é Verde, sou filho de trabalhadores rurais, criado no campo em Paranaíba-MS. Aos 17 anos, deixei o ambiente familiar para cursar matemática na cidade, onde o choque com a fumaça, o calor e a poluição sonora me atingiram em cheio. Até hoje, a natureza é meu refúgio, o único lugar onde consigo restaurar minha paz mental.

Engana-se quem pensa que viver no campo era sinônimo de liberdade. Eu estava preso numa gaiola invisível, na qual a possibilidade de ser gay não era sequer cogitada no rígido padrão familiar e rural. Na escola, os assédios, tanto verbais quanto violentos, e até mesmo sexuais, deixaram marcas profundas. Brincar sozinho se tornou a fuga mais segura, onde não era alvo de chacota nem de assédio.

A minha ida para a cidade trouxe uma pequena abertura nas frestas dessa gaiola. Na universidade pública, conheci pessoas mais esclarecidas e com vivências diversas. Ainda assim, a gaiola continuava lá, e hoje acredito que todos, de alguma forma, vivem em suas próprias gaiolas.

Minha graduação foi um verdadeiro turbilhão. Conhecimentos, emoções, desejos, sonhos, tudo se misturava em um caos fascinante e confuso, que até hoje não consigo separar completamente. Com o apoio do meu companheiro e do meu orientador da graduação, consegui ingressar no mestrado em Educação Matemática. Novamente, senti o furacão das transformações, mas encontrei consolo em diálogos profundos com colegas que viviam angústias semelhantes. Juntos, desconstruímos para reconstruir nossas percepções de mundo.

Mesmo após essa tentativa de fuga, continuamos sujeitos a ataques, não mais físicos, mas questionamentos que ferem a identidade e a existência. Com a pandemia, ingressei no doutorado, e os traumas apertaram ainda mais a gaiola. Minha trajetória profissional foi marcada pela descoberta de quem eu realmente sou, mas também pelo constante embate entre ser e não poder ser. Aos poucos, porém, permiti-me lutar mais abertamente contra a LGBTQIAfobia.

Desde 2017, estive em sala de aula, começando ainda antes com o PIBID em 2014. Trabalhei em diversos contextos, da rede estadual ao reforço escolar, e hoje estou em um novo desafio: atuo como Assessor Pedagógico em um Centro de Educação Infantil em

Fernandópolis-SP. Inicialmente, pensei que minha formação em matemática não teria utilidade nesse ambiente, mas descobri o contrário. As crianças estão em plena descoberta de conceitos matemáticos como quantidade, tempo, espaço e formas, e isso tornou minha jornada ainda mais significativa. Não me encontro satisfeito por completo, acredito que a vida me deixou um grande vazio difícil de preencher, às vezes, prefiro pensar como Paul Preciado de que o vazio que sentimos não é a ausência de ser, mas a recusa de uma identidade imposta. É o espaço que criamos para nos reinventarmos.

Após esta apresentação de Verde, agora podemos saber um pouco mais sobre Vermelho, ele é um homem cisgênero, branco, homossexual e professor de física e matemática, possui mestrado em Educação Matemática e atua na rede pública de ensino de sua cidade. Dado estes contextos, iniciamos a narrativa cumprimentando Verde e Vermelho e agradecendo a eles pela participação na dissertação. Acreditamos que suas falas irão contribuir tanto para meu desenvolvimento pessoal quanto profissional. Ademais, como nesta narrativa teremos as falas de Verde e Vermelho, vamos deixar os codinomes deles antes de suas falas para identificá-los.

Figura 14: Família



Fonte: PIXABAY

Verde: Achei bastante importante quando você nos mandou o convite, porque a gente passa por essa situação de encontrar as pessoas, nossa comunidade, disponíveis para falar

porque é um local que a gente consegue falar pouco, e aí quando a gente encontra alguém para falar é muito difícil a gente se dispor para falar também, então eu achei bem interessante e importante.

Verde: Essa primeira imagem da família, como eu já tinha visto antes, parece que ela fica resgatando isso toda hora na memória. E aí eu fui olhando, e falando um pouco de contar a perspectiva histórica, a minha família sempre foi uma família muito, digamos assim, nos moldes que o capitalismo, que o sistema prevê, o tradicional que chamam. Então, era pai, mãe e dois filhos, daí usavam a ideia de casal, os filhos eram um casal, utilizavam muito essa terminologia, e eu vivia na fazenda que é um outro contexto bem distante da civilização, da atualização e tudo mais e o nosso contato com a cidade era uma vez ao mês, e normalmente era supermercados, e voltava para trás.

Verde: Depois quando eu entro na escola aí começa a mudar um pouco a rotina, mas mesmo assim eu tive a minha formação toda morando na zona rural, fui vir para cidade aos dezessete anos. Então, as coisas que aconteciam na escola e que aconteciam em casa também, ficavam muito mistificadas, não se falava sobre isso, os meus pais nunca tiveram formação ou instrução para isso, e quando tinham era alguém de fora, provavelmente um parente, como chacota ou dizendo que aquilo era errado. Então eu não falava, mas observava que aquilo, para aquela família, os nossos avós com aquela formação deles falavam para os meus pais que isso era errado, que era uma coisa estranha, então nunca foi comentado. Então, vivi toda essa vida da adolescência, da infância, sofria muitas violências da escola, mas a família nunca participou disso, nunca ficou sabendo disso, até porque muitas raras vezes eu conversei depois de adulto com minha mãe sobre isso, eu nunca conversei.

Verde: Daí, depois quando eu venho para a cidade e começo a fazer faculdade, as coisas na universidade acontecem um pouco diferente, mas mesmo assim por ser uma universidade no interior ainda, tinha muito disso. Quem quebrou um pouco o paradigma desses estigmas da época foi o curso de Psicologia que tinha no câmpus, e lutava por quebrar várias questões assim. Então, tive um pouco de contato a partir disso. Eu fui me entender bem depois que eu estava na universidade, e lá pelo meu terceiro ano de graduação que fui me autodeclarar para o pessoal e conversar, depois já engatei o namoro, veio tudo muito rápido para mim, e aí há espaços que a gente fala tranquilamente aqui na cidade e há espaços que não, e onde que entra a família novamente?! Depois, eu tive um tempo, quando tirou tudo isso de autodeclarar a sexualidade ali no momento, na verdade nem foi autodeclarar, ela foi roubada de mim, não tive essa oportunidade de me auto identificar, agora vamos dizer “ó, ele é e tal”, aconteceu isso e eu não tive o prazer de contar, foram contar, alguém foi lá e contou

por mim para meus pais e criou toda uma situação. A gente ficou, se eu não me engano, uns quatro meses ou mais sem conversar, sem se comunicar, por conta disso. E foi até que algumas coisas, como eu não participava mais das questões familiares, foi onde meus pais cederam e hoje é totalmente diferente, são outros pais na verdade, meus pais depois desse tempo de digerir a situação são outros pais, não são mais aqueles que eu tinha antes disso tudo.

Vermelho: Quando vejo essa imagem aqui de família eu tento me lembrar de quando eu era criança passando ali para a adolescência na escola e era essa imagem que a gente tinha, ou pelo menos que era implantado, que era de um casal, então me lembro da escola que eu tinha minhas amigas, algumas hoje eu sei que são lésbicas, mas assim, tinha aquela coisa do escondido, igual eu penso que eu tenho uma marca do esconder, lembro até da primeira vez que a minha mãe ficou sabendo que tinham me visto em uma festa, não no meio dos outros, mas assim, “o seu filho estava saindo com um menino”, e aí lembro que minha mãe chegou em mim e me perguntou assim “Olha, você está saindo com um menino?” e eu não respondi. Daí ela só me disse assim: “Se você quer sair com um menino, você pode, mas faça escondido para você não sofrer com a sociedade”, então, até quando você fala assim “nossa eu não sabia que você e o Verde eram um casal”, é porque eu levo essa marca do esconder, mas hoje um dia eu levo também uma outra marca que é de não ter a responsabilidade de falar assim: “olha eu sou um casal homoafetivo”, sabe? Porque assim, porque um hetero não se expõe e eu tenho que me expor? Eu tenho meu relacionamento e é meu com outra pessoa, as outras pessoas não precisam saber para interferir no meio desse relacionamento, mais ou menos assim sabe, então eu levo a marca também de não dar satisfação. Então, fica entre essas duas, e mesmo ainda de não dar satisfação, muitas vezes ainda essa marca do ‘esconder’ parece que ela ganha muito mais força do que ‘o não dar satisfação’.

Vermelho: E quando eu penso em casal, essa marca do esconder eu acho que ela tem tudo a ver com essa imagem, porque você olha e toda hora o casal é uma menina e um menino, as outras possibilidades parecem que elas são escondidas, que elas não existem, são escondidas. E levando para a escola, para o serviço, estou falando da minha perspectiva, Verde junto, mas estou falando da minha perspectiva.

Vermelho: A parte de direção, coordenação, os colegas professores de sala de aula, todos sabem, mas eu nunca chegava e falava “eu sou casado com o Verde”, até quando falam ‘casado’ eu falo assim: “Não, não sou casado, não estou no papel casado”, então eu penso, em mim, que eu tenho um relacionamento com o Verde. E assim, até os meninos falam assim: “ah você é casado”. Então, eu tento desprender essa questão do casado, porque eu com a formação

que eu tenho, quando eu penso em ‘casado’ eu vejo um papel escrito ‘casado’, além de que hoje é permitido aqui no Brasil, você vai, marca no cartório, você casa, mas eu ainda vejo o papel, mesmo no cartório, a marca do casal menino e menina. Por isso até hoje eu não fiz questão de ir lá documentar isso daí, mas eu vejo também que é uma marca do esconder muito presente nessa questão.

Vermelho: E aí a direção, coordenação e professores sabem e mais que respeitam essa relação. Na sala de aula, para ter uma ideia, das três escolas que eu dou aula hoje, estou em duas, vamos dizer assim ‘novas’, porque eu voltei agora e os alunos não me conheciam, não são a geração de quando eu estava nessa escola. Em uma escola, que é antiga escola que o Verde dava aula, eles sabem que eu tenho um relacionamento com ele, não questionam e não fazem chacotas, inclusive eu até estava em uma aula e um menino virou para o outro e falou assim: “Eu falei para você que era sim viado”. Eles estavam em três, tinha um menino no meio, um menino à esquerda e uma menina direita, a menina cutucou, “professor, desculpa, não foi nesse sentido”, mas assim, depois você pensa e é porque eles sabem que eu tenho um relacionamento com Verde, como se fosse para não ofender, e muitas vezes eles me chamam de Verde, “oh Verde, ou desculpa, professor Vermelho” o Verde não sai da cabeça, ou seja eles sabem. Agora, nas outras turmas, na escola do município e na do Ensino Médio que eu voltei esse ano, que eu saí do noturno, o assunto é aula, não me perguntam se eu sou filho de quem, parente de quem, se eu namoro, se sou casado...está acabando o primeiro bimestre e não teve esse tipo tocamento.

Vermelho: Então foi a aula ali, apenas me apresentei, apresentei minha informação, e conteúdo, às vezes eu consigo trazer alguns temas, como o de homicídio que eu trabalhei com eles, teve outro tema, mas agora são funções trigonométricas, então é mais relacionado com som que eles não conhecem, aquele som antigo, quando você ligava o computador, aquele som do Windows que hoje não tem mais. Mas ainda de introdução e pensando nessa imagem, eu levo essa marca de esconder e essa de não dar satisfação. Então fica oscilando, e eu vejo assim que às vezes o Verde até me cutuca, reclama que o esconder ele é sempre mais alto.

Verde: Eu vou comentar isso aí que ele falou, o que acontece, já vou dar a minha concepção de casal aqui, eu acho que para mim isso é bem caro. Eu entendo o ponto de vista dele, mas é uma coisa que a gente discute direto, mas eu sinto uma dificuldade das pessoas no geral, tanto na família como no ambiente escolar, no ambiente de trabalho, na sociedade no geral, entender que a gente está junto, que somos um casal também, entendeu? Por mais que esteja declarado, está declarado, está bem explícito que a gente é um casal, não nos tratam como casal, não nos reconhecem como casal, entendeu? Como se a gente não fosse

legitimado. Eu sinto muito isso, sempre falo com ele “olha as pessoas não nos respeitam como casal, estão tratando como se você fosse solteiro e eu também, a gente não se importa, as coisas que falam para o outro não importa, e que é pesado e tipo f***-se o sentimento do outro, mas é essa expressão mesmo de f***-se, sabe? Não ligo para os corpos de vocês, para intimidade de vocês, para a realidade de vocês, o que importa somente é a minha, a minha que deve ser essa padrão de homem, mulher e filhos”, ele tem que ter filhos também, isso eu já irei questionar também.

Verde: Quando eu vi essa imagem das crianças ali, tem o casal aqui com homem, mulher, dois filhos e um cachorro, e ultimamente eu tenho pensado bastante sobre isso porque as pessoas começaram a falar: “e aí quando vocês irão adotar?”, como se fosse uma obrigatoriedade que para firmar ser casal tem que ter um filho. A gente não gera prole, ok, mas como se para ser legítimo aquilo vocês teriam que adotar, daí eu falo que por isso que não nos identificam como pessoas que vivem juntos, por causa disso, porque a gente não tem filhos, a gente não consegue gerar uma prole, mas a gente pode sim ter mas não é minha opção agora ter. E outra coisa, ali eu vi um cachorrinho, várias pessoas que eu conheço que tem o cachorrinho que também não é considerado como membro da família, aquela família entende ele como membro, como participante da família, e as pessoas de fora não. Eu acho que ainda tem muito disso de que por mais que às vezes quando você é entendido como casal, como companheiros ali vivendo aquele momento, aquela vida, ainda falta, “tudo bem, mas para legitimar isso vocês precisam ter um filho”. Qual a necessidade disso? Eu acho que o sistema às vezes finge que se atualiza, mas não, ele volta para trás e fala “é isso daqui que tem que acontecer”. Então, esse é o meu questionamento, onde nós estamos? A gente avançou em quê? Tem avanço, mas avançamos até que ponto? A gente acaba voltando, o sistema reinventa a roda ali e massacra de novo.

Verde: Outra questão que eu ia falar que o Vermelho comentou ali da escola, que eles entendem como um casal, que os alunos compreendem para eles também, é fácil de entender isso, eu diria fácil mas porque foi difícil. Eu estive três anos nessa escola, três, quatro anos, eu já cheguei no primeiro ano, foi antes da pandemia, e eu tive alguns embates, algumas rejeições, daí veio a pandemia, passou todo esse processo e volto novamente, e aí a coisa estava mais acalorada, e eu encontrei em uma sala muito diversa, toda sala é diversa, mas nessa as questões ditas polêmicas estavam todas ali. Então, aí eu me deparei com a situação de um estudante que estava tentando se entender, o que está acontecendo consigo e sendo discriminado, uma estudante que estava declarada bissexual e estava sendo discriminada, estava fazendo mudanças no visual dela naquele momento, então é o 9º ano com 14/15 anos,

então muito jovem ainda para poder afirmar a identidade, o momento passando pela puberdade, todo mundo passa por isso, os heterossexuais também passam por isso de entender o próprio corpo. Mas, no nosso caso, eu acho um pouquinho mais complexo porque a gente não tem ninguém para informar o que está acontecendo. Daí tinha a questão das meninas também, apesar de serem meninas que eu considerava no momento héterossexuais tentando entender o seu papel na sociedade. E tinha um grupo de três meninos bastante agressivos em relação a violência verbal mesmo, mas tinha um que destoava demais, ele chegava a fazer símbolos nazistas nas carteiras, assediava as meninas por mensagem, elas chegavam a contar para mim, e ele já tinha proferido alguns tipos de violência para mim, verbalmente, e a gente entrou em um embate na sala de aula. E foi quando eu falei assim, “olha f***-se a direção e a coordenação, hoje eu vou falar disso aqui dentro sala de aula, e para não ter desculpa vou utilizar a matemática, gráficos, trazer vários dados e falar das coisas que estão acontecendo.

Verde: Daquele dia em diante as coisas mudaram, não com aquele menino porque as atitudes dele eram muito difíceis de reverter, mas eu passei a ter mais confiança dos demais alunos. Daí esse menino mudou um pouquinho, amenizou, viu que os amigos dele que estavam com ele fazendo piadas e violências pararam, ele ficou sozinho, isolado. Daí a gente tinha que fazer acompanhamento psicológico, passar por alguns procedimentos, mas ele resolveu sair da turma e mudar de escola, daí ele saiu dizendo que a culpa foi minha, só que eu criei um laço com aquelas crianças, então era mais fácil de conversar com eles porque quando eu expus a minha sensibilidade para eles, eu não poderia deixar aquilo, aquela injustiça acontecer, porque eu já fui aluno e passei por aquilo e por coisas piores, eu não poderia deixar aquilo acontecer, então criou esse senso de confiança.

Verde: Daí eles perguntavam às vezes, quando estava na sala de aula conversava sobre isso, então estava tudo bem. Então, para essas turmas que eu tenho, nono, primeiro e segundo ano, mas era bem claro para eles, estava bem esclarecido, então acho que com a chegada do Vermelho eles já sabiam quem era ele por causa de mim, então o território já estava, digamos assim, não totalmente preparado, mas melhor resolvido do que antes que é o que eu acho que não acontece com as outras escolas porque a gente ainda não teve essa oportunidade de discutir, nem sei se terá também, porque eu acho que o sistema está engessando cada vez mais essas situações.

Verde: E acontece muito do que ele falou que às vezes chamam ele de Verde na aula, eu até me acostumei, sabe porque? Ontem mesmo eu atendi uma professora “você me ajuda

aqui com o celular para tirar uma CNH²¹”, na sala dos professores isso, “eu quero tirar a CNH digital”, “Vermelho”, ela me chamou de Vermelho umas cinco vezes, eu atendi às cinco vezes o “Vermelho” porque eu entendi que eu e ele somos a mesma pessoa e tudo certo, tudo bem, já entendi. Então, tem muito isso de troca de nome, de trocar Verde por Vermelho, Vermelho por Verde, eu já acostumei.

Figura 15: Sala de aula



Fonte: PIXABAY

Vermelho: Sobre a sala de aula, eu considero que nunca fui violentado por ser um corpo dissidente dentro da sala de aula enquanto professor. Quando eu estava na adolescência, até o sexto ano era assim: a professora de Educação Física chegava na escola, na aula, e falava para os meninos irem para o futsal e as meninas para o vôlei, eu falava para ela que eu não jogava futsal, e iria para o vôlei. E aí as meninas, que hoje inclusive são minhas melhores amigas, na época falavam “ai viado vai jogar futebol, está fazendo aqui o que aqui? Aqui é só menina, você não escutou a professora?” E tinha algumas que eu até zoava: “mas quem disse que você é menina?” Mas eu ficava no vôlei, tanto que depois quando eu entrei no Ensino

²¹ Carteira Nacional de Habilitação

Médio eu fui para o basquete, eu nunca consegui me identificar nem com futebol de campo, muito menos o futsal, então na escola, até por questão de nota, eu jogava vôlei, fazia os trabalhos, as pesquisas. E quanto ao esporte eu fui para o basquete, que eu achava ali que ficava mais próximo do vôlei e não era o futsal. Isso são lembranças do sexto ano, antes eu não tenho, não me lembro.

Vermelho: A minha mãe me contava que até eu ir para o sexto ano eu era, vamos dizer assim, um menino meio violento. Sabe, hoje eu tenho essa cara de calmo, e tranquilo, minha mãe fala que foi muito ritalina para dar conta do negócio. Só que eu era assim, ela conta, que eu estou tentando lembrar do que ela fala, que até nos intervalos ela tinha que ir para escola para assistir o intervalo comigo porque eu não podia ficar desassistido.

Vermelho: Porque, por exemplo, só de olhar para a cara de um menino, e ela conta os meninos, e não são meninos gays, não são corpos dissidentes, mas assim, só de olhar eu implicava, eu tinha esse negócio de implicar, na hora que eu implicava com um eu queria bater nele todo o intervalo, aí minha mãe tinha que ir para escola para poder me acompanhar, para não bater, e eu tenho um pouco de pirraça, essa parte de pirraça eu falo que puxei dela.

Vermelho: Por exemplo, eu lembro de um menino que estudou até mais velho comigo, e hoje ele está preso, virou um dos maiores traficantes da minha cidade natal, hoje está preso em cadeia federal, e ela falou que uma vez eu não parava de implicar com ele e sabe o que ela fazia? Ela no intervalo me colocava de um lado, sentava no meio e colocava esse menino do outro lado. Ela levava batatinha, ia na cantina e comprava goiabada e dava para ele. Falava assim: “Ai, você não está vendo? Quer bater nele, então ele vai ganhar as coisas”.

Vermelho: Foi isso até, antigamente era a quarta série, quinta série, passei para outra escola que nós éramos os menores e eu lembro dessa parte, aí nessa parte eu não brigava, eu não batia, parece que foi um corte a mudança de escola, inclusive as minhas irmãs que eu lembro que estudavam na época também no Ensino Médio. E então eu não tive mais esse negócio de querer bater, de querer brigar, foi cortado isso daí. Das aulas, teve essa questão da Educação Física, porque também nas aulas normal de História, Matemática, não tinham esses assuntos, eu lembro que inclusive quando me formei, que voltei a dar aula, a primeira escola que dei aula foi essa escola que eu me formei no Ensino Médio. A maioria dos professores que trabalharam comigo lá nesse primeiro ano foram os meus professores.

Vermelho: Então, não tinha essa questão de violência dentro de sala de aula, um xingar, porque ali a gente sabia que se a gente xingasse nós íamos nos dar muito mal, eu lembro que eu comecei a fumar na época do Ensino Médio, e a gente ia escondido atrás da escola, enquanto três, quatro fumavam cigarro um ficava olhando, porque o medo da gestão e

da direção era extrema, isso eu tenho que todo mundo ali tinha essa percepção, sabe? Que ali falou assim: “parece que tem alguém que não quer ficar aqui hoje” todo mundo já trancava a boca, e silêncio aquelas aulas, eu lembro até hoje que eu tinha uma professora de história que ela usava um lápis e ela tinha um cabelo até os ombros, e ela dava aula de história, ela falava 50 minutos, se você quisesse anotar, anotava, porque a prova vinha, e ela andava falando passando o lápis no cabelo, e ela rodava a sala inteira, e era silêncio, silêncio que eu só escuto quando eu estou aplicando prova mesmo hoje em dia, aquele silêncio de quando você vai aplicar ENEM²², que você chega assim e lê tudo aquilo lá, e é silêncio e terminou a prova tem que esperar o tempo, e aquele silêncio total, as aulas eram assim. E eu não lembro dessa questão de “ah, vamos fazer bagunça hoje porque não quero assistir aula”, não tinha isso na minha época.

Vermelho: Inclusive teve um dia que eu lembro que eu fumei e fui ao banheiro para lavar a mão para ninguém sentir o cheiro, no meio do corredor o inspetor me chamou perguntou “de onde você está vindo?”, respondi “estou vindo da minha sala” e é mesmo a minha sala era a última encostada com o fundo da escola. Ele falou assim: “Não, passa ali na coordenação porque a coordenadora quer falar com você”, pensei assim: “Agora danou, a casa caiu vai dar ruim”, quando eu cheguei, eu lembro até hoje o nome dela, na hora que cheguei na porta e ela falou assim: “que cheiro é esse?”, e eu caladinho porque tudo que eu posso falar vai ser usado contra mim ainda, caladinho já caiu a casa. Então assim, a escola em si, desde quando eu dei aula até quando eu voltei como professor, era muito rígida, a gestão da escola era rígida, rígida e rígida. Então, tem essas falas da Educação Física que o máximo que eu me lembro é esse que o professora falou que os meninos vão lá para futsal, você não vai? Eu disse: “não, eu já falei para ela que eu ia jogar vôlei, porque eu não gosto de futsal”. Então assim, não tem esse negócio de gritar, de falar sabe? Era tudo muito baixo, conversas que tinha. Então, eu não me lembro de chegar por exemplo na escola e passar assim e alguém falar “ô viado”, o xingamento que hoje por exemplo, às vezes, a gente escuta no corredor da escola. Escuta falar “olha, tal menino está xingando o outro toda hora na sala”, depois que eu fui para a coordenação a gente escuta bastante o que acontece em tudo. E assim, na minha época não tinha isso, aí eu me lembro que na época o aluno ia para coordenação e não voltava para sala. Ele ia para coordenação e chamavam a mãe, o pai ou o responsável e de lá já ia embora com o responsável, e isso funcionava na minha escola, porque a gente tinha muito medo, e o medo maior não era nem tanto da gestão direção, porque a gente sabia que se a

²² Exame Nacional do Ensino Médio

gente fosse, a gente não voltava, e o não voltar implica do responsável ter que ir na escola. Daí a gente pensava por exemplo, no meu caso, minha mãe está trabalhando, eles vão ligar na minha mãe, ela vai ter que sair do serviço no horário do expediente, então o negócio não ia ficar bom para mim. Então eu tinha esse medo, principalmente na época em que eu estudei à tarde, porque os pais não estavam na cidade, a maioria dos pais, eles estavam no campo, então imagina o pai, ter que sair lá no sítio para vir buscar o seu filho, sua filha, então o negócio no final das contas não ia dar muito bom, então, eu lembro que tinha essa rigidez.

Vermelho: Hoje o pelo menos nas escolas onde eu trabalho, já se perdeu essa questão, tenta-se contornar essa situação ali e empurra esse aluno denovo para dentro da sala de aula ou muitas vezes também nem trataram a situação, fala assim: “o professor vai registrar depois”, e empurra o aluno para dentro da sala de aula de novo. Daí parece que cria uma desordem, fica só desordem, não sei se dá uma liberdade de oprimir também, o aluno parece que também sente a liberdade de fazer opressão, e inclusive não só fazer opressão com os outros colegas de sala, mas também de oprimir o professor, eu sinto essa sensação dentro da sala de aula. Igual a imagem, é tudo muito diverso, no ano passado eu tinha três sétimos, são três sétimos e os três com o mesmo planejamento, que a escola pedia que fosse o mesmo planejamento para todas as turma do mesmo ano. Mas você sabe que na realidade é tudo diferente, tudo acontece diferente.

Verde: Quando eu falo em sala de aula, começa desde lá da infância, então o meu ingressar na escola, eu como estudante, o primeiro ano foi maravilhoso, no segundo ano em diante eu não entendia porque as coisas aconteciam, isso é bem complicado para mim falar essas coisas, e desde o segundo ano da escola, segunda série, eu sofri assédio, seja na fila, seja no banheiro, na sala de aula, tudo acontecia e eu não entendia o porquê, pois eu estava com oito anos de idade. Por que que está acontecendo aquilo, daí eu sofri dos maiores, eu ia de ônibus para escola, então os maiores estavam também no ônibus, eu não entendia. Então, eu passei toda essa fase de ser criança sofrendo assédio na escola, às vezes eu apanhava também, batiam em mim, sem entender por que me batiam, tinham chacotas, piadas e as violências verbais. E quando eu passei para o Ensino Fundamental dois, isso continuou acho que um pouco pior, porque ali eu acho que tem o desenvolvimento da sexualidade.

Verde: Daí, tinha a questão das pessoas, dos meninos principalmente, de passar os órgãos genitais na gente assediando fisicamente, e tinha uma pressão na minha época tinha a pressão de tirar o BV ‘boca virgem’, era uma pressão enorme, e na saída da escola todo mundo estava se beijando, e tinha essa pressão por todo mundo ter que beijar alguém e isso eu fui carregando. Então, teve uma época que eu parei de falar, na escola eu não conversava, da

quinta série em diante eu não conversava, eu saía de casa 5:00/4:30 da manhã, ia de ônibus, entrava nele e no momento que eu entrava eu já era outra pessoa, ficava calado, porque eu vi que aquele lugar era muito hostil para mim, eu ia porque era obrigado, eu gostava de estudar, eu sempre gostei de estudar, mas o local não era confortável para mim. Eu chegava as aulas começavam às 7:00 horas, e eu calado, e as aulas acabavam às 15:00 horas da tarde. Então, raramente eu conversava, quando eu tinha um amigo mais próximo, um colega mais próximo eu conversava e às vezes era também uma conversa por interesse, ainda não se muda isso, eu já observei que não muda isso na escola. Aquele que faz tudo, normalmente a pessoa vem para conversar por interesse para copiar atividade que o outro fez, então às vezes as conversas, nesse sentido eram para poder se beneficiar do que eu fazia, e o intervalo sempre era solitário, ou era do grupo dos excluídos que tinham três ou quatro pessoas que ficavam ali juntos ou sozinho mesmo. Isso muda um pouquinho quando eu vou para o EM e a gente muda de escola, ainda sendo do campo, mas muda de escola, isso para, os assédios param de acontecer, mas a exclusão ainda existia, então a gente tinha o nosso grupinho de excluídos e parece que isso acabou criando um nicho em que os excluídos estavam confortáveis, porque a gente estava junto. Mas foi sempre assim, a escola para mim foi um momento muito cruel, não tinha porquê de eu estar ali se eu não era aceito. E aí a única coisa que me bastava no momento era estudar.

Verde: Daí depois quando eu saio para a universidade eu vejo que haviam outras pessoas e outros problemas também. A gente tinha um laboratório, na universidade que era assim: tínhamos quatro salas de matemática, o curso de matemática, e tinha o laboratório no fundo, a gente sempre socializava para fazer as atividades, as listas de exercícios de 300, 400 exercícios, e conversávamos sobre muitas coisas, sobre as angústias que estavam acontecendo e da graduação, mas passamos também a conversar a respeito de algumas angústias pessoais, então quem tinha um transtorno bipolar, quem tinha um problemas de ansiedade, quem passou por um problema de depressão, começamos a conversar sobre sexualidade, então parece que a maturidade veio muito cedo para mim, porque eu não tive, na minha cabeça, eu não tive um momento para desenvolver isso. Quando eu começo a falar já é muito tarde para conversar com as pessoas sobre essas coisas, e aí eu acho que a Educação tem uma importância, mas ela deixa muita coisa aquém também, daí eu não sei se isso mudou.

Verde: Daí eu me pergunto, quando eu fui fazer matemática eu não tinha pretensão de voltar para sala de aula, não queria frequentar a escola, só depois com o estágio que eu mudei um pouco a percepção e aí voltei para sala de aula. Daí eu vejo que chegou os momentos em

que eu tenho que fazer algumas interferências que eu acho que não é justo, porque eu já passei por essas situações.

Verde: Então acho que o meu papel hoje é mais nesse sentido de fazer algumas interferências, nem sempre dá, pois quando eu estou na sala de aula, talvez para o Vermelho isso não seja mais perceptível, mas para mim é. Porque me identificam mais rápido como alguém que desvia da norma padrão do corpo que desvia das normas, e eu ouço, às vezes eu nego que estou ouvindo algumas piadas “ah, será que ele é? Não sei o quê”, fala da voz, minha voz que é um pouco mais arrastada e aí dependendo da situação “olha, cuidado, não é assim”, daí quando alguém pergunta é mais fácil, no ano passado um aluno perguntou assim, logo após a aula de ciências: “só existe dois sexos?”, eu respondi: “Dois? Por que dois?” e ele rebate: “O que é sexo?”, daí eu tive que explicar o que era sexo, eles tinham acabado de sair de uma aula de ciências e na aula de matemática, eu entendo que é matemática, porque se é dois, quer dizer existe um terceiro que são as pessoas intersexuais, então aquela aula que era para ser Bhaskara passou a ser “porque não dois e sim três”. Então, mudou o repertório mais porque partiu dos alunos, e eu acho interessante quando eles têm questionamentos sobre isso e estou ali para ajudar, no que eu sei, mas não é tudo que a gente sabe também. Porque eu acho que na minha época os professores eram muito omissos nisso, claro que vamos voltar a 10 anos atrás, então eu acho que nossas transformações aconteceram muito rápido e agora, está acontecendo ainda.

Verde: Outra questão que às vezes não entra no embate na sala dos professores, algumas questões que não concordo, eu evito falar porque eu já percebi que eu estou em menor número e sou contratado, também tem essa questão, daí foi nessa semana, estavam discutindo sobre o nome social de um estudante. Daí eu falei que tem uma legislação no estado, não sei qual é, que permite na matrícula, no ato da matrícula, o estudante trocar o nome para um nome social, eu não sei especificar ao certo, aí eles entraram em uma discussão e eu me omiti porque já sei que minha discussão vai ser perdida, porque cinco contra um não dá. Mas por coincidência daquele mesmo momento, passou uma coisa de meia hora um estudante chegou perto de mim e eu falei “Fulano essa não é a sua sala, vai para sua sala”, ele me abraçou porque eu chamei pelo nome que ele está se entendendo agora, porque eu chamei seu nome masculino, o nome de registro é Fulana e está em fase de transição, está com 16 anos se não me engano, e eu chamei de Fulano, nossa para ele foi a maior alegria, e alguém, algum professor reconheceu a identidade que ele está querendo se declarar agora.

Verde: Então eu acho que é isso da sala de aula. E aí eu acho complexo quando você passa por barreiras, principalmente agora que a gente está bem fluido em tecnologia e tudo se

grava, tudo se mostra, e a qualquer momento você pode perder o seu emprego porque a nossa sociedade ainda não está bem esclarecida sobre isso, sobre essas questões de sexo, de gênero, de raça, de etnia, de nada, nem de religião. Eu acho que é isso.

Vermelho: Da imagem, vou comentar agora um pouquinho sobre ser professor, lembrando das duas marcas ainda. Quando eu estou na sala de aula e escuto algum xingamento ou alguma situação que coloque em dúvida sobre a sexualidade ou sobre o gênero da pessoa eu sempre faço intervenção, de maneira que cada um é o que é e faz o que quiser, eu sempre interrompo desse jeito, cada um gosta de quem quer gostar, cada um vê o que quer ver, cada um cuida da sua vida, então parem de se intrometer na vida dos outros. Eu corto mais ou menos nesse sentido, mas também eu não vou, geralmente 99%, se não for uma coisa ali que tá relacionado com a aula, por exemplo, se for uma aula sobre interpretação de gráfico aí eu converso mais, mas se eu estou lá trabalhando a área do quadrado, a área do triângulo retângulo, aí eu não fico puxando toda hora para esses assuntos. Aí aconteceu alguma coisa assim ou um xingamento, “tal fulano está gostando de ciclano”, ela gosta de quem ela quiser gostar e você não tem nada a ver com isso, sabe? Eu já na verdade, eu vejo que eu corto, eu corto e volto para a aula.

Vermelho: Raras vezes, tanto é que eles nem perguntam, porque uma ou outra vez bem nos primeiros dias de aula algumas salas perguntam “ah professor você é casado?” e eu falo “por que? Eu tenho que ser casado?”, daí a pessoa nem faz as outras perguntas, aí fala assim “você é casado?” e você fala que sim, daí vem outra pergunta: “com quem?”, falta só perguntar o endereço da casa. Então, eu sei que tem a parte de esconder, e todas essas situações, geralmente são no sétimo/oitavo ano, eu corto.

Vermelho: Nas minhas aulas eu tenho essa parte de rigidez que foi a que eu mais convivi. De não poder xingar na sala de aula, se eu escutar algum xingamento é um ponto a menos, igual esses dias um aluno falou assim, foi até engraçado em certo ponto, porque eu tinha acabado de fazer a correção e um aluno bateu na mesa e falou “bosta, errei!”, daí um ponto a menos, porque você xingou, bosta aí que você está falando é um xingamento, não tem bosta aqui dentro da sala de aula. Eu corto todo tipo de xingamento, é porque eu penso assim “ah nossa, só porque ele falou ‘bosta eu errei’ e você já cortou?!”, eu acredito que parece estar funcionando nas salas que eu tô dando aula. Se eu corto desde que bosta é xingamento eu poso evitar de eles usarem viado como um xingamento, usar a palavra viado para xingar uma pessoa, então xingamento não pode, falar alto não pode, usar celular dentro da sala de aula que no município é proibido, não pode. Daí, eu acho que vai podando essas questões que não

deixam gerar outras, mas ainda eu vejo que a maioria dessas ações, ainda estão no esconder. Eu acho que é isso.

Verde: Eu acho que a gente passa a viver situações de opressão e certo momento, a gente também faz a opressão. É complicado isso de ser professor.

Vermelho: Eu tenho um aluno que falou assim essa semana para mim, “olha tio, eu gosto do senhor”, daí eu falei “tio não, professor”, aí ele disse “é por isso, as vezes o senhor é complicado” por várias questões, não pode xingar, não pode falar alto, para sair para beber água é um por vez, tem essa parte das regras que ainda eu sigo, só posso entrar em dupla quando o trabalho é em grupo, então o outro lado é fila, ou se a dinâmica da sala é em círculo, é em círculo, então eu sigo. Eu não faço também toda hora grupo, toda hora círculo, toda hora fileira também, sabe? Então tem essa mudança de dinâmica, porque eu penso que para mudar alguma coisa, primeiro deveria mudar o próprio sistema, então se não mudar o próprio sistema como que eu vou mudar lá dentro? A mudança, vamos dizer assim, sem adaptações, tem a questão do desenho universal, o desenho universal eles não mudaram, então como eu vou mudar 100% lá dentro?

Vermelho: Essa semana eu tive uma palestra de inteligência artificial, como que eu vou passar para isso se ainda tem que dar a prova impressa com 10 questões e ele tem que ter um certo número de acertos, que eu somo com uma calculadora para dar a média do aluno porque ele está abaixo da média, eu tenho que fazer recuperação, se ele não conseguir na recuperação eu tenho que fazer a recuperação da recuperação, é um sistema que não muda, então a gente acha que tem que ficar nessas dobradas, uma hora servir ele. Eu lembro muito que às vezes que uma professora da pós-graduação falava que se estamos na dança, nós temos que dançar às vezes, não tem jeito, então eu lembro dessa fala dela e às vezes a gente dança mesmo, dança para o tambor, que aí eu falo que é do sistema.

Verde: Eu concordo totalmente, mas eu acho que o reformar o sistema não vai funcionar. Eu acho que o sistema, como eu já disse no início, quando você faz alguma mudança ele vem e contorna isso para voltar para aquele ciclo, e o que acontece, a nossa intenção de destruir o sistema a gente não vai conseguir, mas fazer fissuras, buracos para ele se fragilizar de alguns pontos para a gente conseguir trabalhar, porque quando a gente vai pensar em fazer uma reforma eu acho que se você aparece lá o sistema te detecta, naquele momento fazendo aquela reforma, ele vai vir com toda a força que ele tem em cima de você para te anular. Acho que acontece muito isso nos movimentos, principalmente nos sociais, e quando o movimento social toma corpo o sistema faz questão de tomar nota e querer aniquilar aquilo, diminuir aquela questão, o que acontece com a pauta LGBTQIA+ é isso, tem essa

tentativa de diminuir a questão. Porque? Porque incomoda o sistema, se incomoda o sistema é porque está provocando alguma fissura, e a gente vai conseguir destruir isso? Eu acho que não, mas pelo menos desestabilizar e ver se muda alguns pensamentos, nesse sentido.

Vermelho: Mesmo essas mudanças que estão falando que está tendo, para mim não é mudança, é você vestir uma roupa nova no mesmo corpo. Só que eu vejo também que, por exemplo, na escola onde o Verde trabalhava, na que eu estou apenas no EM, lá eu vejo que alguns corpos dissidentes, eles não são mais atacados igual a gente já escutava, já ouviu falar, já leu em artigo. Por exemplo, um aluno meu que é do primeiro ano, nono ano do Verde, hoje ele é líder do grêmio da escola, líder de sala de aula, e eu não vejo dentro de sala de aula ninguém na sala de aula e também no ambiente da escola reprimindo ele, discriminando os trejeitos ou a forma de como ele é, sabe? E eu vejo que ele inclusive é um aluno muito querido pela gestão, pelos professores, pelos colegas, então parece que ele é uma pessoa, até quando eu vejo ele andando na escola penso “nossa, como ele é uma pessoa livre aqui dentro”, porque eu, no meu caso, eu nunca poderia ser livre como ele é hoje naquela época quando eu estudei. Porque, se fechado, escondido a gente já passava e já apontavam o dedo, imagina se eu andasse pulando pela escola e falando. Ele foi líder, e discursou na escola, todos os alunos bateram palma para o discurso dele, então na minha época, na minha escola onde eu estudei, eu nunca pensei que eu poderia ser líder de grêmio, líder de sala, líder de alguma coisa ou promover alguma coisa na escola. Então para mim, eu era apenas mais um ali dentro da escola, eu tinha que ganhar minhas notas para passar de ano, para poder sair dali, poder cumprir o que eu estava fazendo ali, porque eu era obrigado a estar ali.

Vermelho: Eu sempre pensava na universidade, na faculdade, em fazer o curso e me lembrando agora, recordando, eu também nunca disse para ninguém da minha turma de matemática que eu era gay. Eles foram descobrir ou notar, hoje eu tenho até uma amiga que geralmente era do meu grupo ali de trabalho de mais convivência, ela falou assim “Vermelho como você está? Está aí ainda em Paranaíba?” dai eu falei “estou, nossa peguei uma aulas de Física que pelo amor de Deus, me empurraram aqui umas aulas de Física e eu não lembro nada! Me formei em 2010, como é que eu vou lembrar de Física? Me dá uma ajuda?” conversei com ela, depois nós marcamos uma vídeo chamada também, daí ela me falou que “não, nesse ensino da Física aí você vai trabalhar mais na parte de matemática mesmo, as fórmulas, e as definições, e lá tem uma apostila pronta, daí é apenas seguir a apostila, e eu nunca falei ou também nunca me perguntaram “nossa você namora? Você faz o quê da vida?”. Eu lembro que eu fiz uma faculdade particular, bolsista, e nunca foi tocado nesse assunto, muito menos pelos professores, sabe? É uma parte, essa questão de ali era conteúdo, prova,

nota e o nossos assuntos eram o que vai cair na prova, qual é sua nota, nossa vou ter que pagar uma sub lá da segunda prova para substituir, a nossa tinha que pagar.

Vermelho: Então, não tinha esse contato fora do conteúdo, não tem, não tive na faculdade e nenhuma palestra, nada, inclusive as palestra lá a gente saia sem entender nada, porque aí eles vinham e traziam um professor para falar de fractais, o professor para falar de demonstração de fórmulas, então para mim foi em branco. Onde eu tive esse contato que me ajudou bastante nesse tratamento da palavra que eu uso sempre, de se ‘esconder’ foi no mestrado, foi na minha convivência com Verde porque ele reclamava bastante, e hoje a gente se dá muito bem com os pais do Verde, minha mãe é difícil, o Verde sabe, por exemplo quando nós, geralmente nos lugares, quando a gente sai com o pai e a mãe do Verde, geralmente a pessoa chega e fala assim: “Nossa o Verde cresceu, engordou”, e ainda usam isso, “e quem é esse aí?”, daí a mãe do Verde rapidamente responde “esse aqui é meu outro filho”, sabe? E fica por aí, ninguém pergunta, questiona, não fala. A última vez que nós fomos ajudar a mãe dele a comprar um guarda-roupa, lá na loja a vendedora perguntou “esse daqui é quem?”, “esse aqui é meu filho, já é professor, meus filhos estão tudo grande já” porque ela estava com a neta e a mulher perguntou: “Nossa e essa filha sua pequenininha?” daí ela disse “não, essa aqui é minha neta, e esse aqui do lado que é meu filho”, aí do outro ela falou assim: “Esse aqui é meu genro”. Ela usou a palavra genro. Daí a mulher falou “nossa, a senhora é muito nova, por isso que eu achei que essa menininha aí era sua filha, não sei quê...” e foi conversa em cima da menina. Todas as vezes de apresentação, essas coisas no meio dos outros, que é fora do do meio familiar que é fora dos tios, das tias, do avô e da avó, geralmente é usada assim “ai, esse aqui é o meu outro filho”. Então é muito mais fácil a pessoa falar que é um filho do que falar que é o companheiro do meu filho.

Figura 16: Universidade

Fonte: PIXABAY

Vermelho: Eu comento na minha dissertação que eu agradeço muito, pois minha primeira aula foi com a Fernanda e foi um choque de realidades, sabe? Ela canetou o meu trabalho. Porque a gente vai pensando que estamos nas alturas, é bom em tudo e afins, daí vai criando aquele ego por dentro, então o mestrado me ajudou muito nessa parte de construção do ser, de repensar muitas práticas. Me questiono até hoje ainda da questão de dar satisfação, de ter que provar as coisas, mas lá no mestrado foi onde eu voltei a ter contato com Tiago também, que foi outra pessoa que me ajudou muito a ver essa questão de escola, de ambiente, de repensar algumas atitudes. Porque até então eu tinha muito essa questão da autoridade da aula de matemática, no ensino de matemática, formas e números, até separava da realidade. Eu era um desses professores que quando começou a sair esse negócio de contextualização eu até brigava “não, nas minhas aulas de matemática não tem que contextualizar nada não”, tinha que saber resolver a conta, tinha que saber demonstrar o teorema, não tinha nada disso não, de onde está vindo isso daí? Mas o meu acontecer foi na pós-graduação, no mestrado, porque até aí eu tinha passado por uma faculdade, que foi a licenciatura, passei por várias

especializações, inclusive dentro de universidades, sabe? E todas essas formações que eu fui fazendo foi elevando meu ego. Uma das penúltimas reuniões que eu participei eu falei que tinha um termo que eu nunca tinha usado, aprendi em um curso que eu fiz, ‘humildade pedagógica’. Então, parece que essa desconstrução de fato em mim foi acontecendo no mestrado, e pelos professores que eu consegui escolher também, porque os docentes que eu fui escolhendo com ajuda do Tiago foi me esclarecendo muitas coisas, fazendo eu me encontrar muitas vezes no ambiente e nas teorias, então acho que foi isso. Mas eu penso assim: tantos anos de formação para que quase lá no final aconteça isso.

Verde: Bom, quando eu vi essa imagem, eu fiquei questionando ela. Por que tem três plaquinhas, três direções ali, e só uma está escrito “universidade”? Por que não foi dado outras opções? Daí eu fiquei pensando, mas por quê? E aí faz sentido, principalmente com minha vida, porque para mim foi desde sempre a ideia de ir para universidade, fazer uma faculdade/universidade uma dessas expressões era uma solução, uma espécie de solução para transcender daquele mundo que eu estava naquele momento, que é a realidade. Então eu tinha que ir para a universidade de algum jeito, e a minha proposta inicial não era fazer um curso de Matemática, eu terminei o 3º ano com um projeto pronto, pois eu tinha ideia de fazer administração, me especializar em estatística e trabalhar em escritório, eu não queria trabalhar com comunicação, porque professor acaba sendo comunicador, a voz tem que usar todo momento, é o material de trabalho.

Verde: Mas eu fui fazer matemática, e não tinha pretensão de ir para a sala de aula, como já comentei anteriormente, mas no meio do curso eu tomei gosto, e eu acho que a ideia da universidade também cria aquilo de que conhecimento é poder, se eu conheço eu vou saber mais que os outros, vou ter poder sobre os outros, eu acho que não é tão isso também não, tem essa relação sim, quanto mais você conhece mais influencia você pode estabelecer, mas eu hoje eu mudei um pouco de perspectiva sobre universidade, ela foi importante para mim, naquele período que eu estive lá na graduação, o Tiago também foi peça fundamental para mim, fui sorteado, quando eu comecei desenvolver meu TCC e já trouxe o tema de orientação sexual, ele me ajudou a entender um pouco melhor sobre alguns termos estudando ali, e trouxe junto com a estatística, fiz um trabalho de campo, e ele me ajudou também a ir para o mestrado, no momento eu não queria ir para área de Educação, mas aí ele falou “olha aqui você também consegue desenvolver o que você quer fazer”, e eu consegui entrar no mestrado, foi a minha primeira experiência de morar fora, eu já estava com o Vermelho morando junto, mas o que acontece? Chega no mestrado você pensa que, eu com minha ingenuidade do interior, pensei que ia abalar, usando essa expressão.

Verde: Mas muda tudo, tira o chão, tira o teto, tira as paredes e fica só você lá, porque o meu projeto não andou, não foi aquele projeto que eu propus, teve uma outra proposta de trabalhar diferente, mas eu não aceitei, falei que eu não queria aquela proposta, e aí eu sofri bastante com o mestrado porque requer muito, e para mim eu percebi que eu não tinha aquele intelecto, aquela capacidade suficiente para desenvolver o mestrado naquele momento. Mas foi bom, tive várias experiências ótimas, eu conheci pessoas que estavam abertas para conhecer, desaprender e aprender, então eu criei, principalmente, duas amizades ali que de vez em quando a gente manda mensagem um para o outro para discutir coisas do cotidiano que não concorda, porque não tem ninguém para discutir aquilo e a gente vai lá e manda mensagem um para o outro para discutir, então a universidade me abre portas nesse sentido.

Verde: Mas mesmo assim, eu acho que a universidade não vai muito longe da escola, por mais que tem essa noção de que são todas as pessoas são epistemologicamente melhores desenvolvidas, a gente ainda passa por situações de discriminação e violência. Aconteceu um episódio na pós-graduação na época do mestrado, eu não consigo nem explicar direito. A gente passava por um momento político no país da eleição uma pessoa inelegível.

Verde: E aí, o que acontece, a gente teve a produção de uma oficina de escrita criativa e tinham várias pessoas ali cursando isso, e a professora, a ministrante, era uma mestranda já terminando o mestrado e da área de artes, Literatura e Arte. E ela fez uma releitura, eu não me lembro o nome daquela figura, mas é aquela que tem uma mulher, uma ostra, se não me engano é no iluminismo alguma coisa assim. O nascimento de Vênus, o nome da obra se não me engano, só que ela faz uma releitura e coloca uma mulher negra, ela consegue representar uma mulher negra e aí ela foi explicar a situação, o que ela estava representando ali, e a questão da mulher lésbica também que não era vista nessa época pela imagem, ela fez uma releitura. Ao dizer isso, criou um caos dentro da sala de aula, na pós-graduação, o lugar em que eu pensei que todo mundo estava muito bem situado, e aí começou uma discussão. Daí eu entendi, porque eu estava tão perdido, mais preocupado com a escrita criativa, mas os colegas começaram a defender que uma outra colega acabou cometendo uma discriminação, violência mesmo, seria até considerado crime no momento contra a ministrante e me usaram também nessa situação, colocaram o meu nome também na situação, então foi criou um repertório tão complexo, tão complexo de que poderia deixar de ser gay, de que era possível bastava ir para a igreja, foi muito violento.

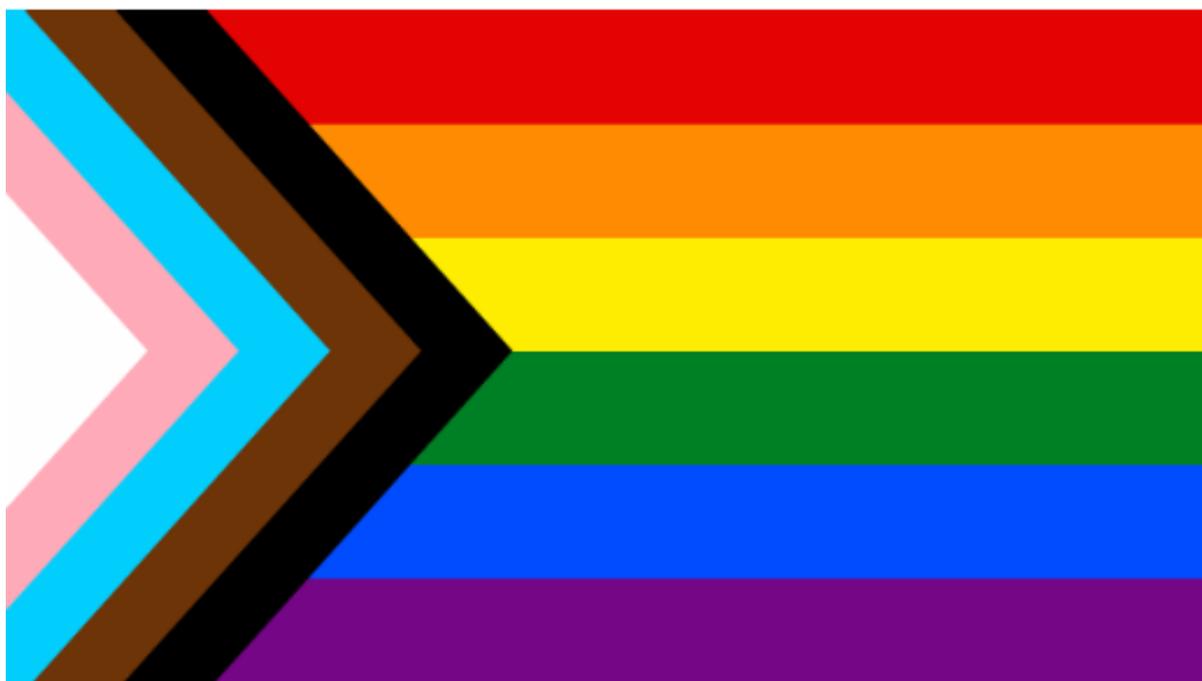
Verde: E aí, as meninas e eu sem entender o que estava acontecendo direito, porque me colocaram na situação, colocaram a ministrante na situação por uma discriminação, porque estava acontecendo uma discriminação, naquele momento, religiosa, de categoria de

gênero, de identidade, de cor, de etnia de tudo ali, e o pessoal começou a chorar, as meninas começaram a chorar e acabou. Encerrou o assunto, e aquele dia a gente terminou até mais tarde a aula, eu acho que não tinha nenhum representante docente, apenas a secretaria estava no programa na época.

Verde: E ficou por isso, sabe? Houve a discussão ali e ficou por isso, nada foi feito, eu acho que não distancia muito da escola, quando acontece discussões desse tipo nada é feito também, e eu acho que a universidade ela tem um pouco de culpa nisso, onde que eu a culpabilizo? Ela tem as suas transgressões, seus êxitos, coloca a gente para discutir, repensar várias coisas, mas eu acho que na graduação e pós-graduação se vende muito mais uma Educação que está longe da realidade, por mais que você faça um estágio ainda está longe da realidade, porque ele não vai ser aplicado na realidade em uma sala de aula, não conta quem é o monstro que está lá habitando também na Educação. Tem os prazeres, mas os monstros que existem lá dão conta, e eu acho que a universidade se distancia disso, porque do meu ponto de vista, os professores das universidades deveriam estar dentro da sala de aula da Educação Básica também, porque para eu falar de escola pública a gente tem que estar dentro de escola pública, e eu acho que os professores universitários, em sua maioria, têm apenas a experiência de quando foram alunos, então não têm a experiência sendo professor da Educação Básica, e quando tem ela é muito rápida, são dois anos, três anos no máximo.

Verde: E aí o sistema está mudando a todo momento, os comportamentos mudam, essa é a minha crítica com a universidade hoje, o professorado, principalmente o curso de licenciatura que deveriam ter uma parcela da sua carga horária dentro da escola pública para entender e poder falar de escola pública. Porque nossas pesquisas vão falar um pouco sobre escola pública, mas somos nós que estamos pesquisando, como alguém nos orienta sem ter a percepção do que é de fato uma escola pública, hoje, agora, o que aconteceu, o que está acontecendo agora lá dentro? Então é isso, a universidade tem seus êxitos, mas eu ainda tenho muita crítica contra isso, sabe?

Verde: É como se não tivesse um lugar de fala, pois nós como pesquisadores temos lugar de fala, mas os professores orientam com que lugar de fala?

Figura 17: Bandeira Progressista

Fonte: PIXABAY

Vermelho: A bandeira eu não me lembro dela, também eu nunca pesquisei se tem uma data que ela foi criada, mas o usar colorido, na minha época de escola não me recordo, na época de faculdade também não, mas hoje nas escolas eu percebo que tem uma parte mais colorida, que não tem um medo de usar, por exemplo, uma camiseta colorida.

Vermelho: Assim, do que me toca, por exemplo, eu usaria uma bolsa com essas cores? Eu usaria, mas eu não sou aquela pessoa que iria lá comprar para usar, por exemplo. Porque assim, eu lembro até de uma situação que eu estava há uns cinco anos aqui em Paranaíba, os alunos queriam fazer um desfile com troca de vestimenta, então os meninos usarem roupa de meninas e as meninas usarem roupa dos meninos, da própria sala, as meninas as roupas delas e os meninos as deles, e eles iam se trocar e queriam fazer um desfile. Eu lembro que as roupas que eles trouxeram no dia inclusive era tudo muito colorido, as meninas capricharam na hora de escolher as trocas de roupa delas com os meninos. E tinha três alunos, isso já tinha se passado várias aulas, porque é sempre uma sexta-feira do mês que acontece o trote.

Vermelho: E em uma aula minha duas meninas começaram a brigar com um dos meninos, discutir com um dos meninos, assim: “porque só você não vai? Qual a diferença que só você não pode se vestir?” e o menino falou “eu não vou e pronto e acabou”, daí eu virei para ele e falei assim: “Olha uma roupa, um vestido ou uma marca de roupa não vai definir quem você é, com quem você se identifica, eu posso vestir um vestido e o vestido talvez não

pode falar nada por mim. Porque eu sou eu, o vestido é uma peça de roupa, como uma calça é uma peça de roupa, como um short é uma peça de roupa”. Aí as meninas falaram: “Então você vai não é professor?”, aí eu olhei e disse “porque não? Eu só tenho que pedir autorização porque eu sou funcionário”, e isso foi bem na época que trocou a professora de matemática, ela foi para a direção, daí eu ficava em duas escolas e ela falou “não, eu quero você aqui, você larga outra escola”, eu até ia para campo na época, foi quando eu saí do campo, porque eu tinha que dar aula em duas escolas na cidade, dar aula no campo para dar carga completa, e com a saída dela juntando com as aulas que eu já tinha na escola, eu ficaria com a carga completa em uma escola apenas, não ia precisar viajar a rodovia estava muito ruim na época, ruim mesmo, e foi ruim até agora, até privatizar estava horrível a rodovia. E aí eu aceitei essas aulas e fiquei tudo em uma escola só, e é apenas Ensino Médio também.

Vermelho: E aí eu fui pedir para ela, para a diretora. Daí eu pedi para ela, expliquei, falei o que estava acontecendo na sala, eu falei que uma roupa não identifica uma pessoa, que era apenas uma brincadeira, o trote, que é o último ano, a despedida, que o último ano deve ter a parte de brincar e não somente conteúdo, vestibular, ENEM e pensar qual serviço que você vai fazer quando você sair da escola. E ela disse assim, “professor, o senhor pode até participar, mas eu recomendo o senhor a não participar”, daí eu perguntei o porquê e ela disse: “É o seguinte, você pode participar, mas por exemplo, se alguém começar a xingar você de viado, porque você está vestindo um vestido eu não vou poder fazer nada. Eu só estou querendo prevenir talvez uma situação futura”. Daí eu disse que eu me garanto, “então você me autoriza a fazer parte do desfile?”, “o senhor pode, os meninos inclusive vão fazer, porque é a última sexta-feira do mês, pode porque é autorizado, vocês podem fazer o trote que eles quiserem, desde que não seja vulgar e não prejudicar ninguém”.

Vermelho: Eu lembro que quando eu estava saindo da sala ela falou: “Mas lembra do que eu te falei, eu acho que você não deveria, mas você pode”, aí eu falei para ela que então ok. E fui e participei, o menino também participou, todos os meninos participaram do trote, nós fizemos um desfile, inclusive não foi autorizado o desfile no pátio central da escola, porque a escola é de quatro andares, aí no térreo fica a cantina, as mesas e foi autorizado fazer o desfile no último pavilhão que era o das turmas.

Vermelho: Me lembro até hoje que o desfile era para ter demorado uns cinco minutos, e acabou demorando uns 15/20 minutos, aí levaram a caixa de som para o último andar e todos os alunos subiram, ficou parecendo uma festa, inclusive a diretora e as coordenadoras subiram também para ver o que estava acontecendo, aquele gritaria, aquela música, e na hora que chegou lá que foi onde tinha acabado, os meninos começaram a descer de volta para sala

e foi bem legal na época, mas teve essa parte que foi o conselho da diretora: “Se eu fosse você eu não prestava”.

Vermelho: Então, esse ‘não participar’ é lógico que ela estava querendo dizer que: “Ah, eu sei que você é gay, e talvez assim, se vestindo de mulher os meninos vão te xingar e eu não vou poder fazer nada porque você está provocando” ficou parecendo essa sensação, mas eu fiz e não recebi nenhum xingamento, muito pelo contrário, tiramos fotos que eu tenho até hoje no meu Facebook. Mas foi muita sala, você não tem ideia, quatro terceiros anos que participaram do desfile, então é muita gente para desfilar e de professor apenas eu que fui.

Verde: Eu lembro que a primeira vez que eu vi a bandeira da diversidade foi na televisão (TV), passou na TV, na época conhecida como parada gay, minha mãe recriminou na hora, eu não entendi, mas tudo bem. Daí, muito tempo depois eu fui entender, aí saiu aquela torcidinha assim meio quietinha para ninguém entender sua manifestação, mas aí é quando eu começo a me reconhecer, essa bandeira representava, eu fazia parte dessa representatividade, ela representava a gente.

Verde: E muitas coisas da vestimenta podem ser bem situadas na bandeira, por exemplo, eu não usava rosa, eu era proibido de usar rosa, eu já estava quase que adolescente quando ganhei uma camiseta rosa. Eu falei: “Ai não, não posso usar rosa”; e minha tia falou: “Você pode usar rosa sim, pode usar rosa sim”, meus pais não queriam deixar, mas minha tia falou que eu poderia usar rosa sim. Eu não usava, eu tinha uns 14/15 anos; calça também era uma coisa, a minha primeira calça justa eu estava com 16 anos de idade. Não era para eu ter, só aquelas calças country, reta, sem corte, sem nada.

Verde: Essa semana um professor veio com aquela camiseta do símbolo de Pernambuco que tem o arco-íris na frente. Diz ele que nunca viu ser tão questionado em uma sala de aula atual se ele estava usando a representação da bandeira. Ele explicou que não, que aquele era o símbolo de Pernambuco, é a camiseta de Pernambuco, que é o brasão de lá onde eu estive e comprei a camiseta, gostei e estou usando e não tem nada a ver, assim, não tem a ver a situação por ser um símbolo da bandeira do estado, mas agora parece que é mais atual essa identificação de que quando aparece as cores juntas, o arco-íris da bandeira, a identificação é que você é membro ou simpatizante da sigla LGBTQIA+, você é ou é simpatizante, então isso é importante. Eu já fui em um evento em São Paulo que é comum utilizar a bandeira, um botton, fiz um botton, eu fiz várias representações do corpo que é a bandeira, a bandeira foi hasteada no evento eu fui, enorme a bandeira. E já para cá, no interior do Mato Grosso do Sul, o negócio é diferente, tem muito cuidado para utilizar e não ser

estigmatizado. E aí, eu acho que é essa relação, então eu acho que o que eu vivia antes para agora as pessoas já tem uma identificação do que ela representa.

Verde: Não gostam de falar, mas identificam bem e sabem o que isso significa, e sabe que por trás disso tudo tem uma luta e tem várias pessoas que já morreram para ela ser hasteada..

Verde: Teve uma época que eu fiz uma busca sobre mortes mesmo, assassinatos provocados por questões de gênero, eu vejo que tem poucos dados aqui, daí eu vejo que, na minha percepção, não é que não aconteça, é que não são quantificados, ainda mais em um estado enorme como nosso em que as cidades são todas distantes umas das outras. Eu acho que está sendo difícil identificar quando uma morte é provocada, uma discriminação é provocada em ocasião disso, e quando chega no departamento que deveria fazer essa identificação, negligenciam isso, então acho que é um problema de política pública no nosso estado que interfere nessa matemática de contar os dados. E isso acontece também no caso do feminicídio e violência doméstica, é muito interessante como nosso estado ainda é bem preso, amarrado as concepções relacionados a gênero.

Vermelho: Essa semana eu estava corrigindo prova, daí eu estou tendo essa dúvida, porque eu olhei para a bandeira e me lembrei. Teve um aluno, que eu sei que ele é testemunha de Jeová, eu sei porque já vi ele na rua, domingo, de socialzinha, com a maletinha. E ele foi bem ruim na avaliação de notas, acho que a prova valia 10 e ele tirou 1, mas ele colocou uns quatro versículos da bíblia na prova, decoradinho certinho com aquela numeração que é do versículo.

Vermelho: Daí eu fiquei me questionando, porque nos versículos fala sempre no final que a pessoa é uma pessoa de muito sucesso, mais ou menos isso. Daí eu fiquei me remetendo pensando assim: “Será que ele está me elogiando e falando que eu vou ser uma pessoa muito sucesso ou será que ele está sendo contra alguma coisa?”, porque ele não foi bem na prova, não tem muito rabisco na prova, talvez ele não tentou muita coisa ali. Porém, vem a ideia dos versículos que ele escreveu na prova, até falei para o Verde assim: “olha Verde o que ele colocou, o que será que ele quis dizer com isso Jesus?”, daí tem uma coisa que eu não sei se pergunto ou se eu não pergunto, sabe? A prova foi na quinta eu não voltei mais lá nessa escola. Mas está lá, cheia de versículos, eu penso que assim como a bandeira tem um significado, para ele os versículos tem um significado também, então eu não sei, eu fico pensando: “Nossa, o que será que realmente está querendo dizer com isso?”

Verde: Lembrei da situação que o Vermelho disse que em uma escola que ele está, tem um representante de grêmios que é gay, nessa que eu comentei do Fulano ele também virou

presidente de grêmio, ele é trans, está no processo de transição e eu lembro certinho porque no outro dia, eu não dou aula para ele, mas ele estava no pátio com a bandeira pendurada nas costas andando pelo pátio comemorando por ter ganhado a eleição do grêmio, e na comissão dele tem várias pessoas que são do público, um pessoal que estão se identificando ainda. Então é interessante por conta disso, querendo ou não essa bandeira é representatividade e eu acho que a luta de que devemos ganhar espaços para manifestar essa representatividade está acontecendo, devagar mas está.

Verde: Até porque eu paro para pensar, em que século que os professores de matemática seriam homens, para a gestão, declarados gays?! Então, um casal dando aula de matemática em uma cidade do interior, e aí eu tenho vários professores na cidade que também são super declarados e dão aula. Quando isso seria possível?! E isso pode ser no país inteiro também que está acontecendo.

Verde: Eu acho que tem um pouco a ver com o formato que a disciplina de Matemática exige, acredito que quando a gente expõe alguma fragilidade, expõe algum tipo de verdade, acaba se identificando e quebrando aquela imagem de que o professor de matemática é alguém duro, cruel e perfeito, porque na matemática tudo tem que ser perfeito, usa-se essas ideias de neutralidade e perfeição. E não é bem assim, o professor de matemática também tem suas especificidades. E às vezes o fato de você falar que também sofre algum tipo problema, por exemplo, nessa semana um aluno falou para mim que tem ansiedade, eu falei que também tenho. Então o tom da criança já muda com a gente, eu acho o fato da gente expor, até certo ponto, algumas questões é importante para eles entenderem que os professores também são humanos, que entendem muitas coisas que a gente passa e talvez sejam as melhores pessoas para nos auxiliar, porque muitas vezes na maioria dos casos na verdade, não tem esse mesmo diálogo em casa, as crianças não têm, não conseguem conversar, eu perguntei para essa criança “você conversa sobre isso com a sua mãe?”, ela me respondeu “não, estou conversando isso só com você, não conta para ninguém”, então acaba criando um código de confiança mesmo, daí quando a gente expõe uma coisa cria-se um código de confiança entre a gente e o aluno, é difícil, porque daí eu passo por 400 alunos na semana, é um pouco difícil fazer tudo isso, mas quando você consegue um é bom, e muda muito da atitude dele dentro da sala de aula.

Vermelho: Aqui a prova do aluno que mencionei acima, de 10 e tirou três pontos e escreveu assim na parte da frente da prova: *“Porque Deus tanto amou o mundo que deu o seu Filho Unigênito, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna.”* (João 3:16), isso aqui está na frente, aí atrás ele colocou assim: mensagem profética “a partir de

hoje todas as bênçãos de Deus caíram de uma vez na sua vida”, observação: “você é um grande profeta das Nações”.

Vermelho: Eu fiquei bem preocupado com a mensagem, porque aí apenas pela escrita você não entende se ele apenas escreveu a mensagem, uma mensagem de bênçãos para vida ou se ele tem alguma coisa por trás aqui ainda. Eu até fiquei sem entender porque, por exemplo, “eu com certeza vou pedir para ele que a prova é um documento, para não escrever mais”. Se eu levo para a coordenação perguntando o que será que ele quis dizer com isso mesmo, sabe? O que que vai acontecer? Nada. Então, eu não sei também se ele fez por alguma maldade ou se ele quis apenas passar uma mensagem para o professor apenas, também não sei o que está por trás ali.

Verde: Eu acho que foi uma mensagem, alguma coisa que se te afetou, te afetou, mas se não, então não tem porque ficar remoendo isso, talvez você está preso, aqui na cidade tem um rapaz que foi ‘curado’ pela igreja, e essa igreja é bastante influente da cidade, mas eu acho que não precisa levar para frente, se não te afeta, não faz sentido, então para quê? Talvez para ele foi apenas um momento de se expressar.

Vermelho: E eu vejo assim, até então eu tinha escrito “amém” como resposta porque até mesmo em sala de aula ele também não tem nenhum mau relacionamento, assim “bom dia”, “bom dia”, “vamos fazer atividade”, passo, pergunto e ele tem bastante dificuldade em pegar essas regras da matemática escolar e a gente vai lá e ajuda, faz assim, assim, põe ali, tira aqui, olha o ciclo trigonométrico, é assim que olha, assim, assim.

Vermelho: Então, é um aluno que você não tem um mau relacionamento na sala de aula? Não, não é. Então, eu fiquei meio assim, mas eu penso que tudo que a gente faz tem um propósito, um motivo por trás.

Vermelho: Então fiquei até meio sem entender ali ou pode ser, pode ser, isso é especulação, de ser uma crítica a comunidade.

Figura 18: Olhares



Fonte: Arquivo pessoal

Verde: Essa imagem do meu ponto de vista, ela é pesada, não é?

Verde: Eu acho que tem muito disso, o olhar dos outros, eu acho que a gente parte de um problema de que o eu, nesse caso, ele não é ouvido, não é visto, e muita gente não quer falar também. Mas o olhar dos outros sobre uma pessoa é muito forte, porque as pessoas não apenas olham, elas julgam, elas discriminam e depois vai sair falando, vai falar também, esses dois olhos também vão falar. Não sei também o que essa pessoa irá pensar nesses olhares, mas eu acho que é forte, porque?! Porque, do meu lugar agora, eu enquanto uma pessoa que vive no interior, que saiu do campo, vive no interior do estado do Mato Grosso do Sul, gay, que demorou para se declarar gay, gordo, tem a extensão do corpo também, então tudo parece que as pessoas ficam te julgando o tempo todo, não sei se vocês vão ter essa mesma sensação que eu, mas isso foi muito bem construído na minha cabeça de que onde eu vou, as pessoas irão olhar e me julgar. Isso é um problema, até porque o que acontece, eu acho que gera problemas psicológicos na gente, eu tenho ansiedade e tem dias que está tudo bem e tem dias que não está tudo bem não, a irritabilidade aumenta, eu tenho uma questão bem seletiva de conversar com as pessoas, não é qualquer pessoa que eu gosto de conversar.

Verde: Dependendo da situação tem horas que o Vermelho passa uns perrengues aqui, “ó vai vir tal pessoa na casa fazer uma manutenção e tal coisa”, eu não quero estar em casa, prefiro não fazer contato. Então, vários lugares eu não gosto de ir, para eu estar em público às

vezes tenho que tomar um álcool antes, alguma coisa para me preparar bastante antes para estar em público, e não gosto, então eu sou assim hoje por conta disso tudo da história que é construída sobre mim. Eu tenho essa essa percepção.

Verde: Tem um colega, um amigo, que ele fala assim para mim, em uma boate mesmo, uma festa. Aí outro dia veio falar para mim assim: “você está bem?”, aí eu falei “estou, por quê?”, “porque eu percebi que você é muito desconfiado no meio dos outros”, falei: “sou”, mas eu quando estou no meio de um lugar eu olho quem está em volta, porque se tiver algum julgamento eu vou saber se sair alguma coisa, eu vou saber quem foi que comentou, porque ou essa pessoa vai estar muito próximo do ciclo de convivência ou muito perto do ambiente de trabalho, então estou sempre analisando. Tem vezes que eu consigo sair disso, mas nem sempre, no carnaval mesmo a gente foi, a gente iria fantasiado, íamos de anjo, daí no final das contas optamos por não colocar asas, a cidade é muita arcaica, se irmos com uma fantasia mais assim irão fazer vários julgamentos, e só passamos brilho, colocamos uma roupa qualquer, um adereço no cabelo, Vermelho também, e a gente passa pela coordenadora, eu não vi, Vermelho que viu e disse que ela deu uma olhada e fez um olhar de espanto. Espantou porque? Ela sempre soube que a gente é casado, que a gente é gay, é carnaval, se no carnaval que é um lugar que os heterossexuais fazem o que querem, vestem o que querem, os gays não podem por quê? Então, eu acho que essa imagem para mim é bem pesada, ela coloca a me olhar por dentro, e é isso. Não sei muito expressar, mas é algo que me afeta muito.

Vermelho: Essa questão da escola, antes do carnaval teve a semana de formação das escolas, e aí na sexta-feira de carnaval uma das escolas que eu estava fazendo a formação falou assim, “olha bom carnaval, descanse, são quatro dias aí para depois voltar, daí mais dois dias de formação para depois a gente voltar com os alunos, relaxem. Quem for para o carnaval não esquece, professor é exemplo, mantém a conduta, não fica bebendo na frente de aluno, vocês são os maiores de idade, nós somos o exemplo da sociedade”. Isso foi a fala da diretora, e aí comentei com o Verde que ela falou para nós termos conduta, dar exemplo, não beber, no meu entendimento ela falou “não bebe no carnaval”, e se for beber, beba fora do carnaval, mas o carnaval é em tudo, é uma festa pública, é de todo mundo, todo mundo tem direito de ir porque é o município que faz aqui.

Vermelho: Mas nós compramos o bloco, que é um bloco um camarote que ficava à esquerda da festa, elevado, mas que acabava o carnaval principal e começava o pessoal dentro desse camarote, daí eu estava pensando também, falei assim: “olha, eu professor de matemática, não posso beber na frente dos alunos, tenho que ter uma vestimenta adequada” na visão da diretora que disse essas palavras, mas por exemplo, no carnaval quantos menores

estavam ali dentro do bloco usando bebida alcoólica? Isso que a gente vê, bebida alcoólica e outras coisas, então quantas coisas ali são permitidas e não são questionadas enquanto uma vestimenta de um professor é questionada, momento algum falaram “olha se vocês verem algum aluno seu bebendo, fala que não pode beber, que beber faz mal, você é menor de idade, pode dar problema para você, para o seu responsável”, nenhuma preocupação nesse sentido.

Vermelho: É uma preocupação do exemplo do professor, a gente tem um amigo professor que ele foi vestido de noiva, cada dia ele estava em um tema, e é professor. Como tinha eu que estava apenas com o abadá, short e a alpargata, o Verde no mesmo estilo, como tinha outro professor amigo, que é gay também, com camisetinha polo, calça, tênis e o boné. E muitas vezes, por que a gente se comporta assim?! Olha a fala da diretora no pré-carnaval, se comporta, professores são exemplos, conduta, que conduta é essa que ela está impondo ali?!

Vermelho: Como se fosse errado eu ir no carnaval, por exemplo, se eu quisesse colocar um vestido e ir para o carnaval, como se isso fosse errado, ficou parecendo na fala da diretora. Agora, o menor de idade, que nós sabemos pelo sistema que é menor de idade, não tem 18 anos, está dentro do bloco que open bar, ingerindo bebida alcoólica, cigarro, ingerindo vai saber o que mais não é questionado.

Vermelho: A do olho, olhando principalmente para imagem, isso sou eu, aí fica olhando para o professor mas o outro lado não, parece que está tudo bem, e eu penso também na época de escola quando eu era aluno. Parece que todos olham, têm olhares para a gente e aí eu tenho que me esconder, parece que fica essa percepção de se esconder, e pensando, só para ter uma ideia a minha família é muito grande, por parte do meu pai é enorme, meu pai tem 12 filhos, mas vivo acho que tem oito, então velório ou alguma coisa que acontece triste na família, para você ter ideia eu não consigo nem chorar mais. Eu vou em um velório e eu não choro, para eu chorar, a última vez que eu chorei, foi um dia que acho que deu uma torção no meu pé há muito tempo, sabe aquela dor? Daí eu posso passar mal, posso ir parar na Santa Casa por dor, mas essa parte do choro que eu vejo na imagem, eu acho que ela ficou interna, então não é que eu estou no velório e não estou triste porque, por exemplo, meu tio faleceu. Eu fico ali no velório todo o tempo, mas falar assim “nossa, eu vi o Vermelho chorando”, faz anos, e eu sei porque eu não consigo ter essa emoção do choro, de se expressar por causa de toda essa trajetória de olhares que teve desde a escola, então não sei se é trauma, se não é um trauma, se foi internalizado isso daí, por exemplo, para eu chorar eu não preciso chorar só pelas lágrimas eu posso chorar por dentro e me despedir por dentro, então essa parte do choro parece que ela foi roubada, eu lacrimejo quando eu passo um creme que geralmente eu passo

e aí parece que é o único momento assim que sai alguma coisa. Então fica essas marcas na gente.

Verde: Colocando outra questão, eu acho que aqueles olhos que eles nos viam a gente também acaba fazendo o mesmo processo. Nessa de cobrar, acaba a gente cobrando também dos outros, passa a se vigiar, e aqui essa imagem ela coloca várias camadas, aqui não tem nada anunciado, o que seria a identidade dessa pessoa, mas eu acho que quanto maiores as camadas maiores são os olhares que tem sobre aquela pessoa, seja ela negra, indígena, seja uma mulher pensa assim, quando eu coloco várias camadas sociais em um único corpo, eu acho que os olhares de medida ficam maiores para desviar aquele corpo. Acho que nós professores acabamos fazendo muito isso, porque somos educados por isso, e é um sistema que vai cobrar por vigiar 30/40 aluno em uma sala de aula, por vez. Então, eu acho muito complicado, muito, muito mesmo, pesado.

Verde: É um olhar de negação. Estão negando que você possa existir. Um olhar de recriminação, desaprovação.

Vermelho: Eu e o Verde escutamos muito “aí vocês tem que ser igual ao Vermelho e o Verde, sabe?”, ou seja, quieto, não demonstrar carinho, na escola a gente conversa, mas conversa como em um ambiente de trabalho, conversa uma coisa de sala de aula.

Vermelho: Ai eles ficam “ah, tem que ser igual ao Vermelho e o Verde”, não precisa ser escandaloso, sabe? Daí usa essa parte de não fazer barulho, ser silencioso.

Verde: E eu acho que nessa questão a gente acaba criando várias identidades, a gente não fica em uma identidade apenas, acho que isso que acontece, para você estar em determinados lugares, para evitar o julgamento desses olhares, você faz uma mutação de uma identidade, o seu corpo até muda de comportamento para você não ser identificado naquele ambiente ou não ser discriminado naquele ambiente, acho que acontece muito, pelo menos comigo, isso de mudar de comportamento conforme o ambiente onde eu estou, então a minha identidade ela nunca é única ela está sempre se adaptando e escondendo alguma coisa em uma camada para poder permanecer em determinado lugar ou estar naquele lugar, eu não sei ouvir coisas que vão me machucar mais ainda.

Verde: Eu acho que uma coisa que deveria ser colocada em pauta, não sei, ou deveria ter uma investigação sobre isso é de quantos de nós, em algum momento da vida, pensou em desistir por causa de um olhar, por causa de uma fala, de um comportamento que julgava o seu corpo, a sua vida como algum erro para o sistema. Quantos de nós já não pensamos nisso?

Verde: E quantos de nós já não desistiram?

3.3 Amarelo

Amarelo é um homem cisgênero, branco, homossexual e professor de matemática, possui mestrado em Educação Matemática discutindo temáticas como: Ensino de matemática na Educação Básica, Educação Inclusiva, Trabalho Colaborativo e Formação de Professores, além disso ministra aulas em instituições públicas do estado do Rio de Janeiro. Dito isso, iniciamos a narrativa agradecendo a presença de Amarelo e comentando sobre a importância de seu relato para a pesquisa e para as questões relacionadas à gênero e sexualidade no geral.

Figura 19: Família



Fonte: PIXABAY

Então, essa primeira imagem que você escolheu, eu acho que ela me traz uma sensação muito próxima com a minha experiência, que é essa questão de que a imagem representa várias configurações de famílias, elas aparecem, mas em geral essas famílias estão associadas a casais héteros. A gente tem aí sempre um bonequinho e uma bonequinha, uma bonequinha, um bonequinho e um cachorrinho, um bonequinho e uma bonequinha com dois filhos. Então, isso são pontos marcantes em dois aspectos, primeiro porque a minha família, na qual eu cresci, ela é uma família a qual houve o divórcio dos meus pais, por isso ela já não era uma família tradicional desde que eu tinha três anos de idade, uma família com pai, mãe e filhinho feliz, isso é um ponto.

Daí a minha família na verdade, acabou sendo centralizada muito mais nas experiências com a minha mãe, que era com quem eu morava, com a minha avó e bisavó, então “família” pensando em ascendência, ela sempre vai ser referenciada nessas três mulheres, que não é representado em geral como uma configuração que aparece nos comerciais de margarina, que a gente fala, sendo essa família que vai tomar café da manhã junto. Até porque a gente dificilmente conseguia tomar um café da manhã juntos porque cada um tinha uma rotina diferente, a gente sempre precisava trabalhar e eu enquanto criança estudava então, isso foi um ponto.

Conforme eu fui crescendo, enquanto a gente morava em uma favela do Rio de Janeiro, eu sentia a necessidade de não morar mais com a minha mãe porque eu precisava de um pouco mais de liberdade, isso quando eu tinha de quinze para dezesseis anos pôde ser suprido quando eu fui morar com a minha tia em um outro bairro aqui do Rio de Janeiro, que não era uma favela, onde eu poderia estudar, trabalhar e chegar tarde em casa sem correr nenhum risco, porque esse era o principal problema de eu morar com a minha mãe, eu sempre tive uma vida muito regrada, mas não porque minha mãe me segurava muito, mas sim pela minha segurança mesmo. Eu tinha que ir de casa para escola e vice-versa, porque se eu tivesse qualquer oportunidade, digamos assim, de ser interpolado pela violência do Rio de Janeiro, poderia acontecer, então era sempre muito controlado, e isso quando a gente é adolescente, isso vai sendo problemático.

Então, quando comecei o Ensino Médio, eu iniciei ele estudando em uma escola perto da casa da minha tia, que era em outro bairro daqui do Rio de Janeiro. E aí quando eu fui morar lá com ela, eu comecei a trabalhar de carteira assinada também, eu trabalhei no cinema do shopping lá perto da casa dela, e aí meu mundo meio que se explodiu, porque não apenas era uma nova realidade de uma escola nova, e de um bairro novo, de pessoas novas, mas também de lidar com outras responsabilidades como a do trabalho, por exemplo. Então, a minha cabeça evolui muito a partir daí, e nesse momento com quinze ou dezesseis anos, com essa então “liberdade aparente”, porque nós nunca estamos livres de fato, eu começo a me identificar como uma pessoa LGBTQIA+, como um homem cis gay, porque eu nunca tinha tido a oportunidade de me interessar por outra pessoa. Por mais que eu sentisse atração por homens e tudo mais, isso nunca foi uma questão para mim porque, morando em uma casa com mulheres costureiras e tudo mais eu via viado com muita facilidade e isso nunca foi um tabu na minha família, embora eu fosse o primeiro filho, neto e tudo mais, para mim nunca foi um problema lidar com pessoas LGBTQIA+, nunca houve um preconceito, acho que também tem a ver um pouco com a família, por ela ter algumas origens espíritas, então isso também

ajuda bastante, porque no espiritismo, óbvio que em todos os lugares a gente vai ter preconceito, mas no espiritismo nós temos uma ideia de julgamento diferente do que uma fé cristã teria por exemplo, outras religiões, mas enfim, esse é um outro ponto.

Mas na minha família em si, nunca sofri preconceito e isso é um privilégio que tenho, eu entendo isso, mas enfim, daí quando fui morar com a minha tia, essa nova família trouxe um novo momento de liberdade e de aproximação sexual com pessoas do mesmo gênero e de gêneros diferentes também. Primeiro eu achava que sentia atração por caras e por meninas, e está tudo certo, como eu falei nunca foi um problema para mim, eu namorei uma menina nessa época do serviço no cinema inclusive, e aí fui transar com ela e foi péssimo! Daí eu percebi que não tenho tanta atração assim por meninas, e comecei a ficar com caras, em geral muito escondido, porque como falei eu já não estava mais morando com a minha mãe, então eu me retraí um pouco em relação a essa liberdade.

Enfim, com dezessete anos, eu namorei um homem escondido, ambos nessa situação, e foi isso. Por outro lado, avançando um pouco na história, até por conta do tempo, essa imagem que aparece para mim ela também é muito diferente da minha família atual, porque hoje eu entendo que, óbvio não apenas com relação à minha ancestralidade, mas ela é a família que eu construí. Então, eu moro com meu marido e com as minhas duas gatas muito, importante isso também, pois elas são minhas dependentes. Mas é outra coisa, essa primeira imagem, ela também não representa a minha família, porque ela não retrata uma configuração homoafetiva, não caracteriza uma família sem filhos, por exemplo, embora ela tenha ali uma retratação aparentemente sem pais, duas pessoas mais baixas, que eu imagino que na gravura ser os filhos, mas não representa a minha família.

Quando eu recebi essa imagem, eu dei uma olhadinha, e aí eu pensei que talvez apenas no início da minha vida ela representasse de alguma forma a minha família, e por mais que depois minha mãe tenha casado de novo, tenha o meu padrasto, que hoje eu trato como meu pai, isso aconteceu depois de eu já estar mais velho, no sentido de estar muito mais vivido a ponto de não precisar entender aquela relação da minha mãe com meu padrasto como sendo uma nova família, porque família na minha cabeça sempre vai ser minha mãe, minha avó e minha bisá, entendeu? Minha tia, óbvio, mas assim, a família principal eu sempre penso nisso. E aí nesse sentido essa imagem acaba não contemplando muito a minha história nem meu histórico.

Eu sempre fui uma pessoa muito reservada, eu não sei se isso se deu por eu me entender gay cedo, bissexual no caso cedo, na minha cabeça, mas nessa época as coisas ainda

eram no ritmo do GLS²³, então não tinha, bissexual, o B na sigla, então era por exclusão, do pior eu era gay, mesmo ficando com meninas.

E então pode ser que seja por isso que eu sempre fui uma pessoa muito reservada, e isso fez com que eu também nunca tivesse interesse em dividir minha vida pessoal com a minha família, mas também tinha o fato de eu achar no fundo que se eu dividisse, eu não seria aceito, porque a gente sempre acha que a gente não vai ser suficiente em algum aspecto, e como eu falei, por mais que com a minha mãe fosse uma situação, na casa da minha tia era muito diferente a minha tia e o meu tio, o marido dela, são pessoas ótimas, eram, meu tio faleceu e minha tia ainda está viva, mas são pessoas ótimas que me acolhem e que me recebem muito bem, mas meu tio e a família dele tem uma criação muito machista, com relação ao futebol, a música, a dança, e óbvio que nunca foi direcionado para mim, mas sempre foram assuntos que apareceram em casa, por exemplo:

“Ah, mas aquele cara ali é mó viadinho”. E essa expressão “Mó viadinho” ela tem um tom pejorativo, como se fosse para diminuir aquela pessoa porque ela tem algum tipo de trejeito, um indivíduo que eles não conhecem, e é óbvio que eu não queria que isso fosse direcionado a mim em algum aspecto, mesmo não tendo nenhum trejeito, embora hoje eu seja um pouco mais um mais dissimulado, digamos assim. Eu tenho uma passabilidade hétero muito grande, as pessoas elas olham e elas não pensam de cara “nossa mó viadinho” e eu acho que talvez seja por isso, mas eu não posso garantir, aí de novo terapia, vamos de terapia para tentar se entender ou para tentar se complicar um pouco mais.

²³ Gays, Lésbicas e Simpatizantes

Figura 20: Sala de Aula



Fonte: PIXABAY

Eu acho engraçado que quando você comentou sobre querer mudar as imagens se eu precisasse, eu achei que a da sala de aula fosse precisar mudar, porque enquanto professor tem uma certa inquietude na falta de ordem e tudo mais, de algum modo isso sempre aparece, mas enquanto professor de prática agora, eu acho que essa imagem faz muito sentido com toda minha experiência, tanto como aluno da Educação Básica e da faculdade quanto como professor hoje do Ensino Básico.

Eu adorei essa imagem porque ela mostra um conjunto de coisas acontecendo que, de fato, são a sala de aula real oficial, a gente vai ter vários alunos fazendo diversas coisas diferentes. Mas uma coisa que me chama muita atenção nessa imagem é ali o menininho vestido de fantasma triste no canto, que é muito uma representação, pelo menos na minha percepção, de como a gente trata o diferente como chacota. E isso foi muito presente na minha vida assim, como eu acabei de falar, na casa da minha tia isso era frequente assim, a gente identificar a diferença, eles identificarem a diferença, e a gente também porque eu entrava junto, com um tom jocoso, com um tom de inferioridade mesmo.

Isso toca mais em mim agora mais velho, inclusive por conta da pesquisa, mas também quando eu lembro da minha infância, porque acontece que quando eu morava com a minha mãe lá na favela, as salas de aulas tinham exatamente essa quantidade de gente, elas eram lotadas, e a gente não tinha na época um controle tão rigoroso, hoje também não tem, mas hoje a gente tem alguns reguladores nas leis municipais e estaduais que dizem que você não pode ter mais de trinta e cinco alunos em sala, eu acho.

E na minha sala sempre tiveram quarenta alunos, porque é óbvio que a gente tinha menos escolas do que a gente tem hoje e que os pais preferem que seus filhos estejam na escola do que na rua fazendo qualquer outra coisa. Então, a escola aparece como esse espaço de acolhimento mesmo que isso seja problemático com relação ao espaço físico. Hoje eu entendo isso com muito mais facilidade enquanto lido com os meus trinta e poucos alunos na minha sala também, não é o ideal, mas é melhor eles ali comigo do que eles fora. Só que o meu problema na escola, pensando especificamente no EF, é que eu sempre fui muito reservado e ser muito reservado era visto como ser o garoto nerd, o tímido ou o chato, e eu nunca gostei muito de esportes em geral, embora tenha praticado alguns por obrigação, então eu não estava no grupo dos meninos do futebol. Eu nunca fui muito de ir para casa de ninguém fazer trabalho, minha mãe não deixava, aquela história de ir direto para casa, de casa para escola e vice-versa.

Então eu não tinha grupinhos de amigos, tinha um ou outro amigo com o qual me relacionava, mais na escola mesmo para fazer trabalho junto, mas o que eu preferia fazer era ir para escola para ler, eu sempre li muito, tinha muitos livros, e aí quando eu não estava estudando na sala de aula eu estava lendo, e é engraçado porque a sala de aula que eu me lembro, ela não é uma sala de aula propriamente dita, ela é a sala da biblioteca da escola, se não me engano eu via apenas eu e mais uns dois ou três alunos na escola inteira entrando lá, porque ninguém queria estar naquele local e eu adorava ficar lá, ver os livros que estavam chegando, e tinha a bibliotecária que entregava os livros, e assim que chegavam livros “novos”, usados, mas de doação novos, para eu escolher qual eu ia levar naquela semana e eu ficava lá lendo no intervalo, sempre gostei muito de ler, perdi o hábito porque virou trabalho, mas sempre gostei muito porque me tirava dessa realidade.

Daí, de novo, na minha infância, embora, eu tivesse plena certeza de que eu achava meninos bonitos e meninas bonitas, e talvez os meninos com um pouco mais de intensidade do que as meninas, isso nunca foi uma questão para mim, eu não tive aquele interesse, foucaultiano sexual da infância sabe? Nunca tive isso, eu não me lembro pelo menos de ter esse desejo infantil de brincar com meninos ou brincar com meninas de forma que a gente

consideraria sexual. Já na adolescência isso explodiu com uma certa intensidade, diga-se de passagem, porque quando eu fui para o EM, e aí toda aquela realidade de conhecer pessoas, gente, querer me enturmar e trabalhar com dezesseis anos em um lugar onde a maioria das pessoas era maior de idade, também fez com que essa necessidade, daí virou uma necessidade, de me relacionar com alguém fosse mais presente. A sala de aula em particular me lembra bastante disso.

Gostei muito da imagem, porque ela reflete a minha experiência enquanto aluno e professor, mas ela não me engatilha digamos assim, não gosto de usar esse termo, mas assim ela não ativa nada com relação ao meu desenvolvimento quanto ao meu gênero ou a minha sexualidade. Vou recolocar, não é que ela não ative, mas isso não quer dizer que ela não se relacione com meu gênero e a minha sexualidade, porque pode ser que sim, pode ser que o motivo de eu ter sido tão retraído sexualmente tenha sido por conta de eu ser mais isolado socialmente.

Eu era bom em matemática e em Língua Portuguesa na escola, na Educação Básica, todas as outras ciências eu era péssimo, nunca reprovei, mas era bem ruim, no nível que precisava me esforçar muito, muito e muito para entender esses assuntos, mas nessas duas disciplinas não, sempre foi natural para mim, o que é péssimo para uma pessoa que sai do Ensino Básico e vai fazer superior em matemática, porque você chega lá e descobre que não é nada daquilo que você viu na escola. Daí você se torna um lixo, e passa pelo menos uns dois, três anos da sua graduação achando que você nunca teve talento, até descobrir que você tinha talento, mas seu talento não era para ser direcionado para aquelas coisas. Então eu sempre fui relativamente bom em matemática, eu tive uma professora, eu não esqueço dela nunca, que ela foi a minha professora do sétimo ano de matemática, e ela levava vários recursos matemáticos para a gente, ensinou a gente construir Tangram, eu construo Tangram em uma folha de papel do mesmo jeito que ela me ensinou até hoje, e é muito doido isso, porque me recordo dos passos que ela ensinou para construir ele usando uma folha de caderno.

Primeiro tenho que tirar os pedacinhos do miolo da folha, deixar ela bem retinha, daí você dobra ela no meio, e aí você faz a dobra dos triângulos, depois você desfaz a dobra e faz outra para separar os triângulos maiores da parte de baixo, e tudo isso vem na minha cabeça muito fresco porque é uma memória que, de fato, para mim é muito afetiva da escola, nesse ponto, e uma das últimas conversas que eu tive com essa professora foi dela falando assim, “tá, mas quando você terminar a oitava série...”, que seria o que a gente chama de nono ano hoje, “...faz uma escola técnica, não fica parado apenas com o Ensino Médio não, você

consegue, você vai conseguir sabe? Porque o que você faz aqui é fichinha perto de quem está se preparando anos para passar, você consegue vai lá e faz”.

Daí, eu acho que isso ‘engatilhou’, de novo usando essa palavra, mas assim, isso engatilhou em mim um desejo de crescer academicamente, porque daí eu comecei a fazer várias provas para escolas técnicas. Passei em uma e virei Técnico em Estruturas Navais depois que terminei o EM, porque o que aconteceu foi: eu tentei da oitava série para o EM e aí eu não passei de cara. Em uma das escolas técnicas aqui do Rio, que é a Faetec ela tem várias entradas, vários ingressos e fui chamado no quarto ingresso, e como eu tinha desistido no segundo, eu falei “não vou mais olhar e tal”, e na época era difícil de encontrar, não tinha site, você tinha que ver as chamadas no jornal. E sim, eu via no jornal e tudo mais, daí eu falei “ah, vou desistir, não vou ficar olhando isso o tempo inteiro”, e comecei a trabalhar e estudar no EM na casa da minha tia, contudo nunca desisti.

Quando terminei o EM, fiz uma prova para marinha que era para a Escola Técnica do Arsenal da Marinha e eu passei de cara, em décimo lugar de vinte e seis vagas, eu acho. Daí eu me demiti do emprego no cinema, “eu me demiti”, eu achei isso muito significativo para minha vida, eu me demitir do meu primeiro emprego, nunca fui demitido. Mentira, eu fui demitido de um emprego, mas aí é outra história, é porque a empresa estava falindo aí eu pedi para eles me demitirem antes que ela falisse de vez. Voltando, na escola técnica eu já era adulto, tinha completado dezoito anos quando eu entrei nela, como era Nacional da Marinha, a gente tinha muita essa questão da disciplina, sabe? Nós tínhamos as turmas separadas por nível, por exemplo tinha turma A e B, a qual a A era melhor que a B e ambas tinham que passar por aulas de Direito Cívico, enfim, além das aulas técnicas.

Isso meio que, para mim, funcionou porque eu sempre fui uma pessoa muito retraída, sempre fui uma pessoa muito na minha, então basicamente estar seguindo as regras de lá para mim funcionou, foi de boa. Daí nessa época, já nesse momento do técnico, eu já estava meio f***-se se as pessoas descobrirem se eu sou gay ou não, aí eu meio que parei de me esconder, eu ficava com as pessoas na rua, aqui no Rio de Janeiro, na zona norte, tem um bairro chamado Madureira e nesse bairro Madureira, que tem até uma música de Arlindo Cruz. Tem uma boate gay muito antiga que se chama Papa G, papa ‘g’ de gay obviamente, porque como eu falei na época a sigla só tinha três letras, e aí naquela rua onde ficava a Papa G ficavam as pessoas LGBTQIA+ em geral, e eu ia lá, eu combinava de sair com os caras, ia lá para ficar com eles naquela rua e tudo mais. Isso em paralelo enquanto eu fazia o técnico, então teve esse momento de ser gay enquanto estudante, mas eu nunca me relacionei com ninguém com quem eu estudei, não tive interesse, sempre fui uma pessoa muito focada, não me interessei

em ficar com ninguém, talvez por conta do foco ou por conta até da própria retração, mas também não foi uma questão para mim, sabe? Eu conseguia ficar com pessoas em outros lugares, não era um problema, mas aí eu já estava mais velho também e poderia ter aproveitado a adolescência melhor como qualquer adolescente hétero normal aproveita.

Depois que eu fui morar com a minha tia, eu morei com ela até eu ir morar com o Laranja²⁴, e isso foi no ano que o Bolsonaro ganhou a eleição, foi em 2017, então no final desse ano eu morava com a minha tia, porque em 2018 ele tomou posse. É isso, eu vim morar aqui no final de 2017, isso mesmo. Então de 2010 para cá a minha a minha sexualidade sempre foi muito escrachada e achei engraçado, não é tão engraçado mas eu acho graça hoje, é que quando meu tio ficou doente e veio a falecer, quando ele estava muito, eu tive um sonho, é muito doido isso, que eu sabia que ele ia morrer, odeio falar sobre sobre isso, mas eu tive um sonho que eu sabia que ele ia morrer, eu falei que ele não passaria dessa semana.

Nessa época eu já estava trabalhando e tudo mais, porque o que acontece é: a gente termina o curso técnico da Marinha e a gente pode trabalhar lá se a gente tiver boas notas e tudo mais, eu fiquei em segundo lugar da turma, então consegui trabalhar inclusive na área que eu queria, que era a área de projetos navais, porque como técnico você não precisa trabalhar apenas com projeto, você pode trabalhar na oficina e eu queria trabalhar com projetos desenhando navios, que foi a minha carreira até eu entrar na faculdade, o que não demorou muito, mas foi isso. Daí, quando meu tio estava doente no hospital e estava para falecer, eu sonhei que ele ia morrer, não lembro o sonho, mas foi uma sensação. Acordei com essa sensação. E aí minha mãe veio, porque como meu tio estava internado ela estava vindo para ficar com a minha tia para dar apoio emocional, suporte e tudo mais, porque ela estava passando muito tempo no hospital e minha tia tem um filho mais novo, na época ele era adolescente, então a minha mãe vinha para fazer esse cuidado.

Assim, nessa semana que a minha mãe estava lá, a gente se encontrou, porque a minha rotina e a dela nunca bateu muito, mas a gente se encontrou e eu falei: “Preciso falar duas coisas com você, a primeira é que meu tio vai morrer, e a segunda é que eu sou gay”. Daí ela falou assim: “Tá. Eu já sabia das duas coisas. Primeira coisa, está tudo bem com você?”, respondi: “Tá”, ela disse: “Então tá bom, não se preocupa com nada, eu sempre vou estar aqui por você, tá? Não se preocupa com isso, mas o fato do seu tio estar bem doente faz com que a gente fique mais preocupado com o futuro”. Ela falou isso, “mais preocupada com o futuro,

²⁴ Laranja foi o codinome dado para o companheiro de Amarelo.

da minha parte e da parte de todos nós você pode ficar muito tranquilo, porque para a gente nunca foi uma surpresa, a gente sempre soube”.

Eu achei isso muito engraçado, esse ‘a gente sempre soube’ naquela época, hoje eu acho menos, acredito que faz um pouco mais de sentido. “E para a gente não é um problema”, ela terminou com isso. E de fato nunca foi, porque naquela semana com dois dias depois que eu falei isso com a minha mãe, eu fui trabalhar, e no meio do serviço o meu telefone tocou e aí eu falei “meu tio morreu”, e quando eu atendi o telefone meu tio tinha falecido mesmo. Saí de lá e fui dar suporte para minha família, esse tipo de coisa, e aí o que aconteceu foi que nesse meio tempo do meu tio morrendo e tudo mais, minha tia também lidando com a viuvez, eu comecei a levar namorados para casa, porque natural de um homem de vinte anos poder se relacionar na sua casa, e minha tia foi super acolhedora nesse aspecto, sempre foi, nunca foi um problema, nunca foi uma questão, nunca foi um “ai vocês estão fazendo safadeza na minha casa”, sabe? Nunca foi, sempre foi “melhor você fazer aqui do que fazer na rua; melhor fazer com alguém que eu conheço do que fazer com desconhecido qualquer”. Mas acho que é isso com relação a essa imagem. Eu acho que já extraiu tudo que tinha visto aí.

Figura 21: Universidade

Fonte: PIXABAY

Vamos lá, o que aconteceu nesse tempo, entrei na escola técnica, me formei técnico, e aí veio aquela ideia de que o técnico, principalmente pensando na área que eu fiz que estava em uma constante expansão, porque navio, petróleo e tudo mais, estávamos na época do governo Lula, então a gente tinha uma previsão de que a área naval oceânica ia ter uma grande expansão, inclusive nessa época são criados alguns cursos de Engenharia Naval em outras universidades aqui do Rio de Janeiro que não a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que sempre teve, mas enfim, eu achava que eu não ia precisar de uma universidade.

Antes de continuar, fazendo um adendo sobre a Marinha, é péssimo isso, mas a gente vai dizer que ela, das Forças Armadas, é a mais viada possível, tem muito viado lá e isso é muito verdade. Tanto que a Marinha tem pessoas de encargo alto que são pessoas trans e travestis. Uma das amigas de uma outra amiga minha é sargenta lá. Aqui no Rio de Janeiro, falando da Marinha daqui, eu acho que são menos os casos de preconceito, óbvio que vai acontecer porque vão ter pessoas mais velhas, concursadas e pessoas que vão estar em

posição de poder e acham que a sua opinião é a única coisa que importa, mas na escola técnica em particular eu nunca tive.

O que aconteceu nessa época da escola técnica foi que eu comecei a sofrer preconceito na rua, não poder andar de mão dada com um cara na rua era um problema porque as pessoas passavam gritando viado, esse tipo de coisa. E assim, óbvio que se eu cresci temendo a minha liberdade o tempo inteiro por risco de violência, desde a favela, isso gerava uma sensação de ansiedade, então não posso fazer isso na rua. Traz sequelas, até hoje eu não me sinto confortável, por exemplo, de ficar andando muito tempo de mão dada com Laranja na rua, ele também não, então é meio que uma coisa recíproca, mas isso é uma coisa muito particular nossa assim. A gente não deixa de se beijar e demonstrar afeto, mas também não andamos tanto de mão dada assim na rua, que é uma coisa que na minha cabeça não faz o menor sentido não poder acontecer, sabe? Mas assim, na minha cabeça também as coisas não funcionam tão bem, então acho que é isso, na Marinha não teve muita esse problema, nem enquanto eu estudava nem enquanto eu trabalhei lá dentro, um ano e pouco antes de ir para uma empresa privada e continuar projetando navios, porque a Marinha pagava pouco, meu maior problema com ela era isso, e eu já tinha um pouco de noção de que o conhecimento que eu tinha adquirido era muito valioso para não ser bem remunerado.

E aí eu decidi virar professor e não adiantou nada todo conhecimento que eu construí, porque, uma coisa interessante, aquela professora que me incentivou antes foi a responsável pelo meu interesse em ser professor, isso é um ponto importante, porque eu acho que é sempre fundamental, eu nunca esqueço dela, pois ela me mostrou que dá para você ser um professor de matemática bom. Agora, voltando para a questão da universidade, eu falei cara, se eu tiver que fazer uma faculdade não vai ser em cima de engenharia nem nada do gênero, vou fazer um curso para ser docente, era isso que eu queria fazer, e aí óbvio, vou fazer uma licenciatura, pedagogia ou licenciatura em pedagogia. Mas assim, nada de Bacharel, eu queria ser licenciado, mas eu não sabia para qual disciplina que eu ia fazer, se eu ia prestar Licenciatura em Letras ou se eu ia prestar a Licenciatura em Matemática, porque as duas áreas sempre foram muito interessantes para mim, eu sempre gostei muito de literatura no geral e tinha aquele sonho na época, de que “há você tem que fazer um curso de inglês e tudo mais, então você pode fazer Letras em Inglês, e aí as coisas vão funcionar porque você vai sair da faculdade falando inglês e tendo uma profissão e tudo mais”.

Daí eu contei isso para minha mãe, lembro disso também até hoje, eu falei: “Mãe, vou fazer o vestibular”, eu já estava trabalhando e tinha terminado o técnico, estava com vinte anos, “eu vou fazer o vestibular”, porque na época foi o primeiro ano em que o ENEM

começou a servir como acesso às universidades. Porque antes não era, o Exame Nacional do Ensino Médio era de fato um exame, era uma prova que só dava nota do aluno com relação à expectativa do EM. Então ele não servia de acesso para as universidades, cada uma tinha seu vestibular específico, e aí você tinha que prestar vestibular para três, quatro universidades diferentes, e às vezes, às vezes não, todos eles com modelos bem diferentes.

Então era muito difícil entrar na universidade, já aconteceu de uma fase de determinado vestibular cair no mesmo dia de uma fase de outro e você tinha que escolher qual deles você iria fazer, porque não dava para fazer os dois ao mesmo tempo, daí eu me aproveitei desse advento de que “olha o ENEM vai agora funcionar como uma coisa chamada SISU²⁵ que é um Sistema de Seleção Unificada e algumas universidades vão aderir, na época quem tinha aderido era a UFRJ, com uma porcentagem de vagas, eu acho que era 40%, a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e o Instituto Federal (IFRJ). E aí eu passei em Licenciatura em Matemática e em Licenciatura em Letras, eu tinha nota de corte suficiente para entrar nas duas. Daí eu falei com a minha mãe, eu falei “mãe vou entrar na universidade, eu fiz vestibular, vou entrar para fazer licenciatura”, aí ela “ai, Licenciatura em Letras? Você sempre gostou tanto de ler”, daí eu falei “não, matemática”, e aí eu lembro da expressão dela mudando.

Acho que ser professor não era um problema, agora de matemática era, hoje ela é super orgulhosa, mas na época ficou meio assustada, eu acho. Daí eu escolhi fazer por conta de afinidade mesmo, acho que depois de ter ficado tanto tempo na área técnica, para mim fazia mais sentido estar em um curso supostamente de exatas do que em um supostamente social, de humanas. E aí, digo “supostamente” porque entrar, principalmente no Instituto Federal que foi a primeira vez que eu entrei em uma faculdade, foi meio que perceber que as coisas são bem diferentes do que a gente espera, um outro rumo.

A faculdade, o Instituto Federal, quando eu ingressei, no segundo semestre, na época eu não sei se hoje ainda é assim, mas na época você fazia uma seleção e você podia ser chamado para o primeiro semestre ou para o segundo semestre. Mas tinha um problema, o Instituto Federal era em outro município, ele era muito longe da minha casa e na época as políticas de permanência das universidades não eram tão fortes, então não tinha bolsa para quase ninguém. Por exemplo, ou você tinha uma bolsa de IC ou você não tinha nenhuma, era

²⁵ O Sistema de Seleção Unificada (Sisu) é um sistema eletrônico gerido pelo MEC para as vagas ofertadas por instituições públicas de ensino superior de todo o Brasil. O sistema executa a seleção dos estudantes com base na média da nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) até o limite da oferta das vagas, por curso e modalidade de concorrência, de acordo com as escolhas dos candidatos inscritos e perfil socioeconômico para Lei de Cotas.

meio que isso, você não tinha uma bolsa permanência, um auxílio moradia, enfim, então eu tinha que trabalhar porque eu precisava pagar minhas contas.

Continuando, era muito longe e isso para mim era um problema muito sério, porque eu chegava atrasado em todas as aulas, nunca chegava no primeiro tempo, então eu sempre tinha que puxar disciplinas, o primeiro período eu não puxei por que as disciplinas vêm prontas, mas no segundo período eu tive que escolher apenas disciplinas que eram a partir do segundo tempo correndo risco de chegar atrasado nelas também. E aí eu vi que eu não ia terminar essa faculdade, porque nenhuma disciplina começa a partir do segundo tempo, então nunca vou conseguir finalizar isso, foi me dando uma frustração muito grande, então o que eu fiz? Eu aproveitei a minha nota do ENEM e entrei no SISU de novo enquanto eu estava fazendo a matrícula nas disciplinas do primeiro período do outro ano, usei a minha nota do ENEM anterior, me inscrevi no SISU, passei de novo, mas dessa vez eu me inscrevi em Licenciatura em Matemática na Unirio que é a Federal do Estado e o câmpus era na zona sul do Rio de Janeiro, é até hoje, e essa região é muito perto do meu trabalho, eu pego uma avenida e chego lá em quinze minutos.

Então era perfeito. E aí, eu fiz o que qualquer pessoa normal faria, fui lá na secretaria do IFRJ e pedi o cancelamento da minha matrícula, porque como são duas instituições federais você não pode ter a matrícula nas duas. Eu não podia trancar uma e abrir a outra, eu tinha que cancelar a matrícula em uma, e foi o que eu fiz, esse meu primeiro período e o segundo foram meio que perdidos porque quando eu entrei no SISU na Unirio, eu também entrei no segundo semestre, então foi ele inteiro ainda e fiquei fazendo algumas disciplinas, mas tranquei, cancelei assim que eu vi que eu tinha passado na Unirio, não precisava mais, vou começar do zero lá. E aí eu entro no segundo semestre de 2011 na Unirio em um curso que era muito novo, isso é um ponto importante também, porque o curso de Licenciatura em Matemática da Unirio, ele é inaugurado oficialmente em 2010 e eu entro no ano seguinte.

Vários problemas com relação a isso, porque ele foi feito meio às pressas e era para ser um curso de Licenciatura em Ensino de Ciências antes de ser especificamente de matemática, e apenas vira um curso específico de matemática por que os concursos aprovaram professores majoritariamente dessa área para atuarem lá. Então teve uma transformação na ementa assim que eu entro, daí ela vira um pouco daquilo que a gente chama de três mais um na formação de professores, que é uma ementa que vai tratar três anos das disciplinas técnicas de matemática pura, geometrias, álgebras, cálculos e análises se assemelhando ao bacharelado e um ano de disciplinas pedagógicas, cujo a gente vai ter disciplinas de práticas de ensino também, hoje em dia não é mais assim, eu espero que não

seja, embora eu sei que alguns lugares ainda é, mas a ideia é que não seja, porque de acordo com as últimas resoluções a gente sabe que a prática de ensino tem que estar engendrado ao longo de toda a formação docente, não é apenas no último ano e não é apenas para disciplinas ditas de pedagogia, porque isso também não pode existir 100%, a Educação Matemática tem que estar dentro do currículo do que se entende como matemática, não apenas como se entende como Educação, e aí a universidade, voltando um pouco para questão de sexualidade, ela já estava ali naquele momento de que a minha vida é muito corrida.

Daí eu tinha que acordar muito cedo para trabalhar, pegar o ônibus 5:00 da manhã para chegar na Marinha às 7:00, e trabalhar das 7:00 às 16:30, para chegar na universidade às 17:00 para um curso que é noturno e sair às 22:00, e aí eu começo a ficar sem tempo de viver, porque não sobra, a universidade é meio que isso. E o meu curso nela por ser muito novo, tinha pouca gente, conseqüentemente tinha ainda menos viado, eu sou meio que a Roseta Stone dos viados da Unirio, porque não tinha nenhum no curso de Licenciatura em Matemática até eu entrar, e é muito estranho, porque lá foi o lugar que eu menos me senti confortável com a minha sexualidade, porque era um curso muito masculino mesmo, tinham poucas meninas.

A partir do meu segundo período entraram mais meninas, o que foi ótimo, mas sempre foi um curso muito masculino e os assuntos não geravam uma liberdade, sabe? Eram sempre uns assuntos meio aleatórios demais ou masculinos demais. Então, nunca tive muito conforto com a minha sexualidade na universidade, nem na matemática, nem em outros cursos, porque o que acontecia, a gente tinha poucos cursos noturnos na época, então tinha pouquíssimas pessoas circulando naquele ambiente na hora que eu podia estar na faculdade, então conhecer pessoas lá também era uma questão porque não tinha, não tinha, e diferente de hoje por exemplo, ela era muito fechada no aspecto de que a gente não conversava com outras instituições, então eu vivia na Unirio e apenas lá, e por mais que tenha quatro outras universidades no Rio de Janeiro, pensando apenas na zona metropolitana, eu não fazia ideia de como eram outras instituições, para mim universidade era Unirio, sempre foi e é aquele modelo ali. Então nos primeiros semestres da lá foi: “Estou indo para estudar, acabou e beleza”, e aí eu acabei arrumando um grupinho de amigos que entraram na turma junto comigo, que era do tipo “vamos nos apoiar”, porque como eu falei lá na parte da escola, é outra coisa, o que a gente aprende na universidade, o que dizem que a gente aprende, não tem nada a ver com aquilo que vimos na Educação Básica, e eu tinha ficado dois anos e um pouquinho fora da escola, porque eu fiz o técnico e ele não era com as disciplinas da escola, então assim, eu não estava acompanhando mesmo as disciplinas de matemática básica, me

sentia burro em vários aspectos, e aí isso foi me drenando um pouco, me senti incapaz em muito momentos, chorei na faculdade algumas vezes quando tirava notas baixas em matérias que eu supostamente estava entendendo, foi péssimo.

E com esse grupo de amigos, a gente se apoiava, tinha uma amiga que tinha um carro, então ela levava e trazia a gente até os pontos de ônibus, porque embora fosse perto do meu trabalho era muito longe da minha casa, a faculdade era na zona sul e eu morava na zona norte do outro lado da cidade do Rio de Janeiro, que não é grande mas tem acesso péssimo para todos os lugares, então eu demorava brincando duas horas para ir duas horas para voltar, se eu fosse de casa.

Com isso, em um desses passeios, depois do primeiro ano, a gente passou nas primeiras disciplinas, reprovou em algumas, normal, e depois que isso passou, eu lembro que no terceiro período, essa minha amiga, hoje “suposta” amiga de carro, me ofereceu uma carona para a gente ir para casa de uma outra colega, porque a gente ia fazer uma noite de distração, que era em um outro lugar do Rio de Janeiro e ela aí ela falou: “Aí, me encontra aqui em casa que eu saio de carro eu vou com você”, aí beleza, quando ela foi me levar ela veio me contar que estava gostando de mim e falou que não sabia se eu ia eu corresponder, então ela queria conversar comigo a sós e tudo mais. Daí eu falei: “Cara, eu não suprir suas expectativas porque eu sou viado, e eu não quero que você ache que é alguma coisa pessoal com a sua pessoa, mas é meio que aquele clichê de: não é você, sou eu”. E aí ela ficou em choque na hora e chorou dirigindo e tudo mais, eu fiquei mega desesperado, botei o cinto de segurança e ela me levou para casa dessa amiga.

Quando chegamos ela estava mais calma e subimos para o apartamento dessa minha outra colega e já tinham outras pessoas lá, nosso grupinho de cinco ou seis pessoas, bebemos e tudo mais, nos divertimos e nada aconteceu. Isso em uma sexta-feira, na segunda-feira quando eu cheguei para a aula eu estava subindo a rampa da universidade e aí uma dessas amigas que estava lá na festa estava descendo a rampa e ela me parou no meio para falar assim: “Olha, eu quero que você saiba...”, nossa eu nunca vou esquecer isso, “...eu quero que você saiba que de mim você não vai ter julgamento nenhum, tá? Eu confio muito em você e sei que você é uma pessoa ótima, apesar de tudo”. E aí eu no meio da rampa, parado, e as pessoas passando e eu “tá”, aí ela, “então, é porque a Fulana falou que se declarou para você e ela contou para a gente que você não quis nada com ela mentindo que você era gay, mas eu sei que não é mentira. E eu quero que você saiba que eu te apoio muito”, e isso me deu uma raiva tão grande, porque assim, não que fosse escondido, mas por ser uma coisa que não fui eu contei. Eu fiquei muito mal assim, porque eu de fato me senti traído ali naquele momento

de não ser eu que está contando aquilo para aquelas pessoas, e aí quando subi a rampa, pela primeira vez me senti sofrendo preconceito no ambiente acadêmico, porque eu vi as pessoas virarem e cochicharem quando eu passava e eu nunca tinha passado por isso, foi péssimo isso acontecer na universidade e com mais de vinte anos.

Foi péssimo porque nunca foi um problema na minha família, mas ali naquele ambiente que para mim já era opressor e sofrido demais, ainda ter que lidar com esse tipo de coisa, que honestamente somos todos adultos e não precisaríamos estar passando por isso. E aí, mesmo passando um ano e pouco eu ainda era o único aluno gay da Matemática, e eu era esse aluno agora, o gay da Matemática, e foi um divisor de águas, depois eu lembro que algumas pessoas vieram falar comigo: “Ai Amarelo é verdade que você deu um fora na Fulana e tudo mais?!”, eu respondia “não dei um fora, eu apenas disse que não ia ficar com ela porque eu não gosto de meninas”. O que aconteceu foi que depois de um tempo, no próximo período, entraram pessoas mais jovens e mais diversas, isso é uma coisa muito importante, porque entraram pessoas que já eram muito mais bem resolvidas com a sua sexualidade e que de fato não se importavam tanto, isso na universidade como um todo, foi um movimento que aconteceu, talvez em 2013/14, foi esse momento aí, esse bum de entrada, de pelo menos liberação dessas pessoas.

Após isso, fui me sentindo muito mais confortável, porque as pessoas que estavam lá eram muito mais legais, basicamente isso. Continuei não me envolvendo com ninguém da faculdade nessa época, porque de fato não tinha interesse em ninguém, eu abria os aplicativos de pegação na época, porque era o que tinha e nada era muito interessante na universidade, então nunca quis ficar com ninguém lá e também porque, de novo, eu sempre saí com pessoas de fora desses ambientes, não tinha esse interesse. Mas esse caso marcou muito, marcou a mim e as pessoas, porque os meus amigos que entraram na faculdade depois, souberam dessa história não por mim, mas eles sabem da grande história do menino que foi tirado do armário no curso de Matemática, e aí eles descobrem que sou eu depois de um tempo, porque teoricamente, eu estava dentro do armário, entendeu? E aí essa menina falou que eu estava mentindo para ela, que não tinha como eu ser gay e tudo mais e aí eu falei “cara, você só está negando a minha existência, então fica aí com você, eu não vou pegar ninguém aqui, dar um beijo na sua frente apenas para você se conformar, porque nem assim você vai se conformar”, Assim a gente rompeu laços completamente, foi péssimo, os professores da universidade perceberam isso, souberam disso, foi um assunto, um bafafá. E os docentes me acolheram muito bem nesse aspecto, uma particular que ela falou: “Ah, eu tenho uma filha adolescente, e eu sempre acho que não estou sendo acolhedora o suficiente com ela, então eu faço um

esforço muito grande para acolher todo mundo, inclusive ela”, ela falou isso para mim, “saiba que se você precisar de alguma coisa, qualquer coisa, independente fofoca que esteja acontecendo por aí você pode vir me procurar tá?”, e eu achei isso muito fofo da parte dela, mesmo que não tivesse acontecendo nada.

Passando para a pós-graduação, ela foi um problema, eu gosto de começar assim, porque ela de fato foi, eu saí da universidade completamente desacreditado com a matemática, mas conhecendo um professor. Ele é um docente de matemática, viado, muito viado da UFRJ e que coorientou uma amiga minha no TCC, daí eu vi ali uma oportunidade que eu nunca havia pensado que era, “o que eu vou fazer depois que acabar a faculdade? Porque, dar aulas vai ser o suficiente para mim? Como eu fiz IC na faculdade, então eu já estava ligado com pesquisa e eu quero muito continuar com isso”. E aí eu conversei com alguns professores e tudo mais, e aí eles falaram “olha tem uma pós-graduação no fundão na UFRJ, que é uma pós em Educação Matemática, que não é Matemática Pura, nem Aplicada, é Educação, e acho que vale para você”, porque como eu falei, eu tive muita dificuldade nas disciplinas específicas do curso, mas eu era muito bom nas de educação, eu fazia trabalho sozinho porque achava que as pessoas iam me atrapalhar, era meio doido isso.

Então, ser docente para mim era muito importante, e aí ser um professor pesquisador se colocou como uma questão quando eu conheci o professor que mencionei ali em cima, porque ele me mostrou que isso era importante para conectar a universidade com a escola, com um olhar para a formação do docente, e tudo isso sendo gay, porque ser viado para ele é uma coisa muito importante também. O que, posteriormente, para mim começou a ser também, porque não era, como eu falei, nunca foi uma questão, porque sempre foi natural, deixou de ser quando as pessoas pararam de olhar com naturalidade de fora, que foi quando eu estava na universidade. Então, quando eu conheci esse professor eu falei com ele sobre o que os professores tinham comentado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT), e aí ele falou “ah, faz a prova”, e eu falei “tá, mas eu não sei o que que é mestrado, sei que tem que escrever um trabalho”, aí ele falou: “Então já sabe mais que a maioria, faz a prova e depois você se preocupa com o resto”.

Tinha uma prova para a seleção do PEMAT e na época a gente fazia ela e depois apresentava um pré-projeto e um histórico, e aí eu fiz a prova, passei e fui fazer apresentação do histórico, mas na entrevista eu fui reprovado por dois professores e aprovado por um, esse que me aprovou foi o que eu estou falando, os outros dois são professores mais antigos do programa. E aí, enfim, eu falei “Cara, não vou fazer”. Não vou fazer pós, eu reprovei, não vou entrar nessa de novo igual foi no técnico que eu não passei no médio e esperei até acabar o

médio para fazer o técnico, sabe? Não vou, vou trabalhar. E aí eu comecei a trabalhar com formação de professores por conta de tudo isso desse professor e tudo mais.

Um amigo meu tinha o contato de uma mulher que trabalhava em uma editora em São Paulo e que estava colocando um projeto para funcionar aqui no Rio de Janeiro, então ela precisava de pessoas que trabalhassem aqui na cidade. E aí isso foi na época em que eu estava terminando a faculdade também, então como não entrei no PEMAT eu comecei a trabalhar com formação de professores nessa empresa, para qual presto serviço até hoje. Daí eu fiquei um ano trabalhando com isso, viajando o Rio de Janeiro inteiro conhecendo vários tipos de docentes, e isso foi amadurecendo ainda mais essa minha ideia da importância da ligação da universidade com a escola, principalmente do ponto de vista da formação do professor. E isso se desenvolveu da perspectiva da formação docente dos anos iniciais, porque essas formações que eu estava fazendo eram desses docentes, os quais eram pedagogos e que precisavam ensinar matemática em suas aulas sendo que eles tiveram uma formação péssima nessa área, porque é isso, os cursos de Licenciatura em Pedagogia têm ali uma carga horária de quarenta a sessenta horas de ensino de matemática apenas, é a única formação que eles têm para ensinar os sete anos de Educação Infantil e Ensino Fundamental. É muito pouco.

Então esse foi o primeiro ponto de atenção, e aí eu escrevi o novo projeto para tentar ingressar de novo no PEMAT, e ele previa o seguinte: “Olha, você sabe que isso aqui está acontecendo, beleza”. Ah esqueci de falar, quando eu reprovei no PEMAT aquele professor que me aprovou me chamou para fazer uma disciplina lá mesmo assim como aluno ouvinte, então eu fiz essa primeira disciplina, fui na primeira aula e justo nela começou a pandemia. Nisso, ficamos umas três semanas sem saber o que fazer e o professor resolveu dar a disciplina remota, uma disciplina de Álgebra Linear. Esse professor me chamou para fazer essa disciplina porque o meu TCC era em vetores, então meio que ele achou que fosse fazer sentido, ele inclusive assinou, pois na época ele era coordenador.

E aí eu fiz essa disciplina remota com um professor de lá do PEMAT, foi péssimo, porque foi a primeira disciplina remota da pandemia, então ninguém sabia direito o que estava acontecendo, estavam usando Moodle²⁶ da universidade e a gente que era aluno externo não conseguia ser cadastrado nele, então não conseguimos mandar as atividades de avaliação, os textos e os comentários que a gente fazia e tudo mais. Assim, tínhamos que mandar essas coisas por e-mail e o professor nem sempre recebia, enfim, uma zona. Acabou que no final do

²⁶ O Moodle dispõe de uma variedade de ferramentas que podem aumentar a eficácia de um curso online. É possível facilmente compartilhar materiais de estudo, montar listas de discussões, aplicar testes de avaliação e pesquisas de opinião, coletar e revisar tarefas, acessar e registrar notas, entre outras (Instituto Federal da Paraíba, s.d, p. 1).

ano eu peguei Covid-19, trabalhei na eleição a qual foi a única vez que eu saí de casa. Daí eu não consegui terminar a disciplina, porque eu estava muito mal de covid, na minha cabeça eu estava achando que ia morrer a todo momento, não tinha vacina. E eu não tenho essa disciplina no meu histórico, por exemplo, porque eu não entreguei o trabalho final, então é como se eu não tivesse feito.

Pelo menos serviu como uma ótima experiência de como não fazer uma aula remota, por exemplo, porque o que aconteceu foi que no ano seguinte eu não tentei o PEMAT de novo, do ano um para o ano dois da pandemia eu não tentei, daí comecei a trabalhar com formação de professores remoto, porque eles não estavam conseguindo dar aula no primeiro ano da pandemia. Se a universidade mal conseguia, os docentes da rede pública e privada conseguiam muito menos, e aí eu continuei com meu trabalho de formação remotamente, e aí nesse ponto, de fato, a disciplina serviu bastante para mostrar o que não fazer, por exemplo, nos processos de formação remota.

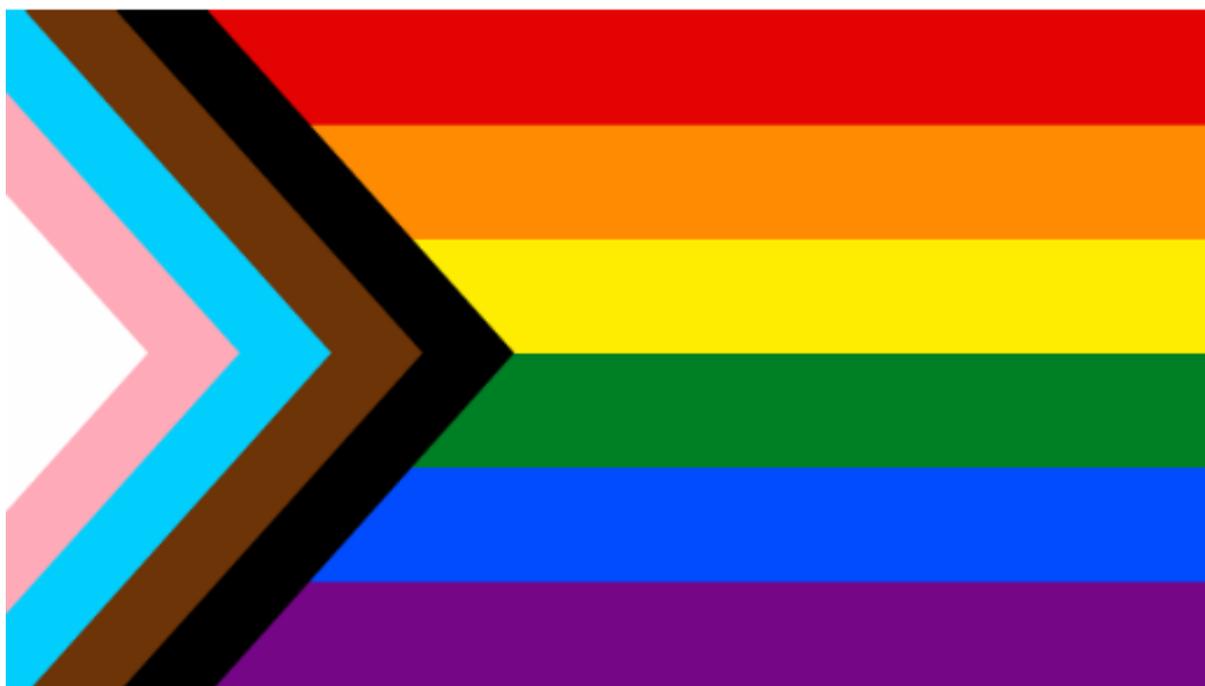
Daí, no final do segundo ano da pandemia, eu fiz a prova do PEMAT que ainda estava na pandemia, então ela foi remota, e a entrevista também, mas dessa vez a entrevista foi com o professor que eu fiz a disciplina, com meu orientador de estágio e com uma outra professora ótima, fofa demais que é uma senhorinha que é muito esperta, porque um dos professores perguntou sobre o meu histórico, o meu professor de estágio perguntou sobre o meu projeto e ela me perguntou como que eu faria para ensinar um aluno o que é mediana usando o computador nesses tempos remotos. Eu achei ótima a pergunta, porque sempre fiz isso na universidade, sempre gostei muito de Geometria, o meu projeto era sobre isso inicialmente, então, eu dei uma aula para ela ali, como é que eu faria, eu abri o Geogebra mostrei para ela ferramentas que eu poderia utilizar, fiz a demonstração da mediana e ela ficou encantada. E eu passei, dessa vez fui aprovado e foi ótimo, porque eu estava sentado aqui na sala quando chegou o e-mail e eu falei: “Ih, não passei”, porque já era para as pessoas terem sido chamadas. Achei que era um e-mail apenas para não desanimar os candidatos. Depois sentei no sofá do lado do Laranja e abri o e-mail, mas eu já tinha falado que eu não tinha passado para ele, então ele estava meio “relaxa, não se preocupa que ano que vem você pode tentar de novo e tudo mais, até para outra universidade, não precisa ser a UFRJ”. E aí quando eu abri o e-mail estava lá meu nome na lista, em sexto lugar de 10 vagas.

Quando eu entrei no PEMAT em 2022 foi justamente quando acabou a pandemia, então, a gente teve os primeiros encontros remotos, acho que as duas primeiras semanas, e aí voltamos para o presencial com máscara ainda, aquele modelo tudo mais. E foi ótimo porque por mais opressivo que seja o ambiente da UFRJ, o qual passamos por uma situação péssima,

logo na primeira semana com uma amiga nossa, onde ela sofre a transfobia da Xerox, na primeira vez que ela vai lá tirar uma cópia, eu encontrei naquele lugar pessoas que me respeitavam pelo que eu sou e não pelo que eu vou apenas produzir, sabe? Isso para mim foi muito forte. Eu não era apenas o resultado das provas, ou somente um cara gay, eu era uma pessoa legal, então foi ruim apenas porque eu demorei muito para entrar.

Recapitulando, porque no começo eu falei que foi um problema, foi porque eu demorei muito para entrar, eu terminei a minha faculdade em 2018 e eu entro em 2022 nesse processo todo, óbvio que teve uma pandemia no meio, mas mesmo assim, demorei muito para entrar. E quando entro eu vejo que é aquilo que eu sempre quis fazer, e é muito doido isso, porque, eu quero fazer pesquisa, me encontrei na pesquisa do jeito que na IC eu não tinha me encontrado, porque quero de fato mudar a Educação desse país, desejo que as pessoas sejam melhor formadas e que possam pensar nas pessoas que elas estão formando.

Isso tem sido uma máxima minha muito grande por conta do PEMAT e da minha orientadora, isso é um ponto muito importante, eu tenho a melhor orientadora do mundo, e eu adoro falar isso e causar inveja em todo mundo, ter a melhor orientadora, e é isso, ela é uma pessoa incrível e eu sou muito grato. Então a pós é isso, acabei o mestrado agora no dia 02 de Abril e espero que eu consiga entrar no doutorado ano que vem, que não demore mais quatro anos.

Figura 22: Bandeira Progressista

Fonte: PIXABAY

Eu acho essa bandeira bem interessante, porque não é totalmente inclusiva, estão faltando algumas coisas aí, mas é melhor do que muitas outras representações de orgulho que a gente tem por aí. Primeira coisa, quando eu penso na bandeira LGBTQIA+, do arco-íris lá atrás, eu sempre gostei, eu acho isso muito doido, sempre fui muito confortável com ela, mesmo antes de pensar nela como um símbolo de representatividade. Eu gosto do símbolo arco-íris, acho bonito, interessante.

Então eu sou muito fã dessa maneira, e a bandeira em particular, hoje ela de fato significa muito mais, ela representa o orgulho com os nossos enquanto uma comunidade, de nos vermos como grupo que não é igual, mas sim diferente em vários aspectos e que se apoia em cima de todas as dificuldades que temos. Podemos compartilhar essas dificuldades, mesmo sendo completamente diferentes, ou ainda ter outras demandas e ainda assim ser solidário com as nossas dores e necessidades. Eu acho que é bem isso que eu vejo na bandeira hoje, enxergar possibilidades. Além disso, eu vejo também a música da Beyoncé, porque não tem como não pensar na música *Cozy* dela que ela fala sobre todas as cores dessa bandeira em particular, é muito bom. No ato I do *Renascence* ela vai falar sobre cada uma dessas cores dessa bandeira aí, porque ela fala do Vermelho, Laranja, Amarelo, Verde, Azul, Roxo, Rosa, Marrom e do Preto, todas as cores, inclusive repetindo o azul duas vezes porque são dois azuis que tem, então é muito bom e é falado isso naturalmente na música tanto que as pessoas

de fato não percebem. Mas ela está falando das cores da bandeira na letra, e aí ela termina com: “**Black like that**”, porque, de fato ela é preta e a última cor é a preta, então é a última coisa que ela fala. É foda.

Cozy

[...]

Been down, been up, been broke, broke down, bounced back

Been off, been on, been back, what you know about that?

Been the light, been dark, been the truth, been that King Bey energy

I been thick, been fine, still a ten, still here, that's all me

Black like love too deep

Dance to the soles of my feet

Green eyes envy me

*Paint the world pussy **pink***

Blue like the soul I crowned

Purple drank and couture gowns

Gold fangs, a shade God made

Blue, black, white, and brown

*Paint the town **red** like cinnamon*

Yellow diamonds, limoncello glisterin'

Rainbow gelato in the streets

Renaissance, yachtin' in Capri

[...]

Beyoncé (2022)

Confortável

[...]

Tive baixos, tive altos, estive quebrada, desabei, dei a volta por cima

Estive sumida, apareci, voltei, o que você sabe sobre isso?

Fui a luz, fui a escuridão, fui a verdade, tive aquela vibe de Rei Bey

Já fui gostosa, já fui gata, ainda sou uma dez, ainda aqui, tudo isso sou eu

Preta como um amor profundo
Danço até a sola dos meus pés
Olhos verdes me invejam
Pinte o mundo de rosa da cor da vagina
Azul como a alma que eu coroei
Roxo como purple drank e vestidos feitos à mão
Caninos dourados é uma cor que Deus fez
Azul, preto, branco e marrom
Pinte a cidade de vermelho como canela
Diamantes amarelos, limoncello brilhante
Sorvete de arco-íris nas ruas
Renascimento, passeando de iate em Capri
 [...]

Beyoncé (2022). Tradução: Dimitria. Letras.mus.br

Figura 23: Olhares



Fonte: Arquivo pessoal

Essa daí é complicada, essa imagem é complicada porque embora o título da imagem seja olhares, eu acho que o foco dela é muito mais sobre como a gente quer ser visto do que como estão vendo a gente. Acho que essa expressão triste do personagem aí no meio é mais ou menos isso, por que eu estou sendo julgado? Por que estou sendo olhado? É meio que aquela sensação que eu tive lá na universidade mesmo. Não precisaria estar passando por isso, estar sendo indicado, indiciado por apenas ser quem eu sou. É essa sensação, eu acho que é também a questão de não estar muito confortável em andar de mão dada na rua por conta dos olhares, por querer evitar a violência ao máximo possível. Acho que é isso assim, é uma imagem que toca muito nesse aspecto.

3.4 Rosa

Rosa se descreve como Travesti, professora de matemática da Rede Pública e mestrado e doutorado (em andamento) em Educação de Matemática pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ. Com isso, iniciamos a narrativa cumprimentando-a e agradecendo sua participação nesta dissertação, expondo que ela é de suma importância para nós e assim Rosa inicia sua fala.

É um prazer participar, gosto de contribuir porque eu sei que por meio da sua pesquisa outras pessoas vão poder se visualizar em espaços que a gente antes não conseguia se colocar nesse lugar, nesse visualizar, então é sempre um prazer poder contribuir, sempre que possível.

Figura 24: Família



Fonte: PIXABAY

Eu achei muito interessante essa disposição das imagens, a abordagem das nossas reflexões a partir de imagens, nesse sentido, indo para essa primeira imagem, “família” eu Rosa enquanto travesti, professora de matemática, que tenho trinta e sete anos, não me enxerguei em nenhuma delas, e vou dizer o porquê. Porque, eu sou filha única de uma mãe que era mãe solo, infelizmente ela já faleceu há quatorze anos, e assim como eu não me enxerguei, porque na minha cabeça, eu fiz a leitura pensando em dispositivos que construíram o meu imaginário. A gente imagina que esse homem lido como pai, essa mulher lida como mãe, o filho e a filha lidos como menino e menina, constroem essas alternativas de se pensar em família.

Então, eu acredito que eu não me identifiquei por causa disso, dessa questão de pensar nesse imaginário que foi colocado na nossa cabeça historicamente. Porque para mim, a minha família, hoje, são os meus amigos e as pessoas com quem eu convivo, meu pai ainda é vivo, mas eu não tenho nenhum tipo de ligação com ele e tenho alguns irmãos por parte dele que também não têm nenhum tipo de contato comigo. Por isso eu não me reconheci em nenhum desses contextos, mas ao mesmo tempo me percebi por acreditar que posso reprogramar esse imaginário, então, para mim, essa última imagem, a quinta imagem de baixo, que no caso é a terceira de baixo, eu poderia acreditar que essa sou eu e alguns outros amigos ou então pensar também na segunda da primeira linha, que ela na minha perspectiva, pode ser representada por mim e um amigo. Então sempre vai ser assim, mesmo que eu não me identifiquei, de fato,

por entender que elas foram construídas em cima desse imaginário cisheteronormativo, eu tento redimensionar, daí eu me identifico dentro dessa perspectiva, a perspectiva de quem de fato não tem uma família, vamos dizer assim dentro desse contexto estrutural, mas que tem família dentro dessa criação de imaginário que eu fiz a partir das minhas vivências.

Eu acho que é isso, não me senti representada a priori por conta dessa estrutura que a gente recebe, mas depois eu redimensionei. Minha mãe foi maravilhosa assim, e para complementar, embora eu não tenha nesse momento uma estrutura familiar consanguínea, até onde eu tive, no caso até onde eu vivi com a minha mãe, foi algo muito positivo para mim, ela era demais, uma pessoa que estava ali mesmo, batia de frente com quem queria, de alguma forma, minimizar e/ou promover preconceito ou discursos de ódio. Até o momento que a gente viveu juntas, ela foi “A mãe”, de ir lá e defender com unhas e dentes a filha dela mesmo não tendo nenhuma leitura de mundo no sentido de instituição propriamente dita e por ter tido acesso mínimo à Educação, mas ela era muito perspicaz, então ela compreendia que embora não tivesse tido acesso, aquelas vivências, que para ela eram novas, como por exemplo ter uma filha travesti, ela tentava associar que para além de eu ser travesti eu era filha dela. Então, ela era muito esperta e super defensora, não apenas minha, mas também de todas as minhas amigas trans que ela tinha contato, então ela queria proteger todo mundo.

Figura 25: Sala de Aula

Fonte: PIXABAY

Quando eu vi essa imagem eu não tinha entendido direito, depois eu fui olhar os detalhes. Porque, ela pode ser bagunçada, ou uma estratégia, pode ser autonomia que foi criada para poder, de alguma forma, desenvolver os saberes e a aprendizagem naquele ambiente, então vai depender do ponto de vista que a gente está analisando. Eu particularmente posso achar que não está dentro do que entendo de organização, porque eu tenho uma visualização do que ela é, mas no interior de outras perspectivas educacionais pode ser algo que seja positivo, porque está todo mundo ali, cada um do seu jeito, seguindo uma orientação.

A gente sabe que o reflexo da sala de aula não é aquela que é homogênea, que vai estar todo mundo sentadinho, enfileirado, porque pelo menos para mim, não é essa sala de aula que eu quero, embora em alguns espaços não têm outra alternativa porque às vezes gostaria de uma sala de aula a qual pudéssemos sentar em grupos ou então em semicírculo, mas pela própria estrutura da sala de aula você não consegue fazer isso, a única disposição que você consegue colocar é em fileiras. Então vai depender muito do ambiente também, mas pelo que eu estou vendo, percebendo, está todo mundo dentro do contexto que está sendo

colocado, fazendo alguma atividade que foi orientada, tentando fazer alguma visualização, tirando alguma dúvida, por exemplo, na frente com um professor, na lousa entendendo alguma coisa que ele está explicando, aí em outros momentos alunas e alunos estão apontando para imagens que está na sala, os outros estão sentados copiando, ajudando, então eu acredito que eu queria essa sala de aula.

Para mim, eu acho que essa imagem fala de algo que está ali interagindo de várias formas para estimular aprendizagem, e a sala de aula que eu projeto é essa, um ambiente o qual possamos fazer essas interações. Também uma coisa que me chamou atenção foram as cores dispostas, muito embora seja um fundo todo preto para definir todo mundo, para pintar os corpos de todas as pessoas, as cores elas vão dando formato do que está sendo feito, então eu acho que pensando nessa perspectiva da diversidade na sala de aula é isso, são as cores e a diversidade que vão dar forma para a sala de aula e para aquilo que vai ser feito dentro da sala de aula.

Pensando nisso, a minha infância falando de Educação Básica até o 9º ano, foi bem tumultuada porque eu acho que pensando em pessoas trans e travestis é sempre bem cheia de conflito essa fase, pois nós estamos nos descobrindo, não tem entendimento do que de fato a gente vai vivenciar por conta dessa estrutura preconceituosa que é a sociedade. Daí naquela época, por exemplo, eu terminei o EF em 2001, nem se tinha essa dimensão sobre pessoas trans e travestis, se usava apenas “O travesti”, que era utilizado mais para poder estereotipar as meninas que de alguma forma estavam ligadas com a prostituição.

Então era algo que estava bem difícil, que foi bem difícil, por conta dessa falta de informação, porque o que a gente tinha naquela época era muita desinformação e situações vexatórias, principalmente se tratando de uma pessoa que estava decidindo seu gênero na Educação Básica, nos anos finais, lá pelos onze/doze anos que eu percebi que não estava me identificando com os signos ditos masculinos. Daí comecei a fazer um processo de afirmação de gênero pensando no entendimento enquanto feminino, embora fosse todo mundo colocado dentro de uma única caixa em que todo mundo era bicha, todo mundo era viado. E aí, me percebi enquanto essa pessoa que estava tentando construir uma identidade feminina ali pelo final do EF, que também teve muita violência, porque tudo era minimizado. Chamar de bicha, de viadinho, bater, aquela situação toda que antes nem era denominada como *bullying* acontecia e as pessoas tentavam minimizar sempre, não davam importância. Apenas apagavam o fogo e vida que seguia, não estavam querendo impactar de nenhuma forma para poder modificar aquele ambiente que era agressivo para a gente, para mim.

Já no EM, com entendimento do EF, eu comecei a pensar que eu tinha que estudar bastante para as pessoas não falarem de mim enquanto identidade, mas sim de uma pessoa que era muito estudiosa, que tirava notas boas, e isso foi uma espécie de de camada que criei para poder me defender. E aí eu estudava muito, tirava notas muito boas na época, e foi uma alternativa para tentar sobreviver a esses ataques que a gente sofre na Educação Básica. Daí, eu sempre me dava muito bem, porque eu estudava muito e esse destaque veio, por conta das questões de identidade e também porque a gente chama muita atenção, principalmente quem estava tentando, vamos dizer assim, apresentar uma identidade que não era aquela que estruturalmente foi colocada para mim enquanto pessoa, uma identidade feminina.

E aí, mesmo tendo essa possibilidade de se apresentar como uma pessoa muito estudiosa, ainda assim acontecia muita violência, mas minimizou bastante no EM, acho que é porque também a gente estava ali em outro ambiente, que por si só já vai estar com pessoas em desenvolvimento, na adolescência entre quatorze, quinze e/ou dezesseis anos que estão mais disponíveis a escutar e aprender. Então, nesse sentido, no ambiente do EM foi mais fácil. Porém, não tão fácil como a gente queria que fosse, porque o que nós queríamos realmente era que nosso nome fosse respeitado, e nessa época não tínhamos nem o nome social, não se falava nisso, a gente adotava o nome, e querendo ou não, ele só era respeitado entre os amigos e amigas, as demais pessoas não respeitavam.

Com essa possibilidade de entender que eu poderia criar um mecanismo de defesa por meio dessa aprendizagem, por meio dessas habilidades que eu tinha para conseguir me sair sempre bem nas avaliações, nos trabalhos, em tudo, eu fui e passei essa mesma ideia do EM para a graduação, e aí eu me lembro que eu estudei bastante no terceiro ano e eu queria trabalhar e estudar, e aí por querer isso eu criei algumas limitações dentro do que eu poderia fazer para poder performar a identidade de travesti, porque como é que você vai ser travesti e vai atrás de emprego em uma sociedade que é tão preconceituosa com travesti?! Então a gente tem que pensar, até nisso, a gente tem que refletir. Tenho que ir devagar, porque se eu for rápido demais eu não vou conseguir nem emprego quando eu terminar agora o terceiro ano.

E essa vontade de trabalhar não era genuína, ela era advinda da necessidade, porque minha mãe era costureira, vivíamos apenas nós duas, ela não tinha nenhuma renda fixa, então eu precisava trabalhar, tanto que no próprio EF eu já tinha esse entendimento de ajudar ela de alguma forma para poder retribuir aquilo que tudo que ela fazia enquanto mãe, e também porque eu precisava de dinheiro para poder tomar hormônio para poder começar a comprar roupas femininas, então era tanto pela necessidade de subsistência mesmo de ajudar a minha mãe, quanto também na necessidade para poder de alguma forma trazer e afirmar aquela

identidade que eu estava querendo me colocar, me apresentar. Então era uma necessidade em todos os sentidos, tanto de afirmação, quanto de existência mesmo.

E aí, lembro que nos últimos anos do EF, apenas para poder voltar um pouquinho, eu consegui um serviço, não era um emprego, mas eu era uma espécie de ajudante em uma creche. Certa vez eu acordei de manhã e aí fui nessa creche e disse que ia lá para poder ajudar as professoras, e a priori eu fui sem nenhuma intencionalidade de pagamento, eu queria mais por essa vontade de ser professora, que eu vou falar também mais na frente, ela veio desde sempre, e aí estar naqueles ambientes, na escola, para mim era algo importantíssimo, eu tinha que estar nesse lugar, e eu lembro que, aí denovo voltando um pouquinho, porque a gente vai lembrando...me recordo que naquela época não tinha escola de tempo integral, mas o meu sonho era passar o dia na escola. Assim, os melhores dias para mim eram os dias que eu tinha Educação Física porque eu ficava na escola de manhã e de tarde, de manhã eu estudava e de tarde era Educação Física. Me lembro que as professoras não deixavam a gente ficar na escola, a gente queria ficar na escola e as professoras não deixavam a gente ficar na escola, colocavam a gente para ir para casa que não podia ficar na escola, se não fosse o dia da Educação Física. E aí isso é muito impactante, porque hoje em dia a gente tenta colocar todo mundo na escola e a maioria não quer ficar e antigamente a gente queria ir e não podia, mas é outro contexto também.

Nessa perspectiva de tentar visualizar esse emprego e ao mesmo tempo tentar me apresentar dentro de uma identidade que era aquela que eu me identificava, eu fiquei muito presa, porque eu tinha que arrumar um emprego e como é que eu ia fazer isso se tivesse com cabelo grande, me vestindo com roupas femininas, naquele momento histórico de muito preconceito, que ainda é hoje em dia, mas naquela época não se tinha nenhum tipo de informação e o preconceito prevalecia sempre. Daí, foi quando eu comecei a usar calça feminina, uma blusa apertadinha, e o cabelo deixando crescer, isso já no terceiro ano do EM. Mas mesmo com todo aquele contexto de preconceito, eu sempre fui uma pessoa muito, vamos dizer assim, desenrolada, eu conseguia conversar com as pessoas e eu conseguia manter um diálogo.

E aí por eu estar ali naquele contexto de gostar muito de aprender, as pessoas acabavam não olhando tanto para identidade, pelo que elas iam visualmente, elas entendiam que eu era uma pessoa LGBTQIA+, mas não me julgavam a partir disso, e sim a partir da minha da minha capacidade. Diante disso, eu tentei o vestibular, primeiro para Engenharia de Alimentos, e aí naquela época foi o primeiro ENEM em 2006 se eu não estou enganada, daí na época já veio o Portal Único de Acesso ao Ensino Superior (Prouni), e aí eu lembro que

estudei muito para poder passar na federal do Ceará. Quando eu passei, eu não pude assumir a vaga porque era diurno e eu tinha que trabalhar, estava terminando o EM naquela fase de estágios, de menor aprendiz, você consegue algum dinheiro ali, mas a gente tinha que conseguir um emprego para poder seguir, ele tinha que vir.

Me lembro que nesse mesmo período eu consegui me inscrever para o Prouni e consegui ganhar uma bolsa de 100% para cursar Administração no período noturno, e fiquei lá, e na mesma época eu fiz um processo seletivo dentro de ambientes que eu já tinha acesso e eu consegui meu primeiro emprego que foi como Assistente Administrativa. E aí eu fiquei sendo Assistente Administrativa de um centro de convivência social e estudando. Porém, com aquela vontade da escola sempre ali, tanto que esse centro de convivência era para crianças que viviam em situação de vulnerabilidade, elas iam para lá no horário que elas não estavam na escola. Então, de toda forma se tornava esse ambiente educacional também.

Nisso, eu já me sentia à vontade por estar nesse lugar, mesmo que não na função que eu queria, mas pelo menos no ambiente. Quando eu terminei a Administração tentei entrar como graduada para Matemática e eu consegui, entrei e comecei o meu percurso enquanto professora de matemática, que desde o primeiro momento eu não tinha entendimento que eu queria ser professora dessa disciplina, eu tinha o entendimento que eu queria ser docente de Geografia, eu gostava muito dessa área, era muito boa nessa matéria, e aí eu queria ser professora dela, eu tentei dois vestibulares de Geografia e eu ficava sempre nos classificados.

Daí como eu concluí a graduação, o que foi que eu pensei, naquele tempo ali, conversando com as pessoas elas recomendaram para eu entrar como graduada, mas aí muitos podem pensar: “O que foi que aconteceu Rosa, como você foi parar na matemática?”, foi porque como era a Administração Financeira eu comecei a ver muita matemática, e aí eu já queria ser professora, daí o que foi que eu fiz? Professora de matemática! Porque eu comecei a ter muito contato com os números, gostei bastante e queria dar aula. Então, fui lá e fiz a ponte para poder começar a Licenciatura em Matemática, que é o que eu faço até hoje.

Mas assim, nesse percurso até chegar na profissão enquanto professora de matemática foi muito complicado, difícil e cheio de violências. Quando pensamos que estamos dentro de uma estrutura, porque eu já tinha uma graduação, já tinha sofrido alguns problemas da própria graduação, na sala de aula do Ensino Superior, lá teve um problema muito sério que eu fui proibida de usar o banheiro feminino porque algumas mulheres cis se sentiam incomodadas e aí a coordenadora pediu para que eu usasse o banheiro da coordenação, eu não concordei, mas à priori eu usei, porém depois eu não concordei, e aí eu lembro que ela me falou: “Você continua usando o banheiro feminino mesmo depois do que eu te disse?!”, na minha cabeça

eu usava o dos professores porque era menos difícil, e aí eu vou usar para poder não sofrer nenhum tipo de situação. Depois conversando com algumas pessoas na época falaram assim: “Não, você não pode fazer isso! Você está se segregando porque você é aluna, você não é professora”, daí eu voltei a usar o feminino das alunas e aí a coordenadora me chamou de novo e perguntou se eu estava usando ele ainda e eu falei: “Estou e vou continuar usando porque eu sou aluna”, ela respondeu “pois eu vou ter que conversar com o diretor do Centro Universitário”.

Na época, eu lembro que conversei com uma amiga minha assistente social, e ela pediu para eu dizer para coordenadora do curso para fazer o referendo com o intuito de saber qual era a opinião da faculdade, porque ela estava se baseando no entendimento de uma quantidade X de pessoas, não era de todo mundo da faculdade, assim, quando eu falei isso ela nunca mais me chamou para poder conversar sobre. Fiquei bem chateada com a faculdade na época, e aí pedi para fazer as disciplinas logo de manhã e à noite também, “Rosa, mas você não estava trabalhando nessa época?”, nessa época eu estava saindo do trabalho, daí eu tinha como fazer durante o dia também, passei dois anos e meio justamente no trabalho e foi no período de finalização do curso que eu consegui fazer as disciplinas e terminei ele bem mais rápido do que o usual.

Isso para ela foi um alívio, porque ela estava se livrando de um problema na cabeça delas, mas infelizmente é isso que acontece, a gente acha que agora que estão acontecendo coisas que deixam a gente boquiabertos sobre o não acesso, mas antes era bem pior porque não tinha discussão alguma. Então, eu estava sofrendo essa transfobia com relação ao banheiro e não tinha a quem recorrer.

Pior era na Educação Básica que eu não ia nem ao banheiro, não ia. Era desse jeito, infelizmente era assim, e isso se perpetua, olha aí quantos anos depois, vinte e quatro anos! E mesmo com todo esse desenvolvimento é algo que acontece de forma escancarada, mas assim, graças a muita persistência isso não fez com que eu desistisse. O que não é o caso de muitas outras pessoas, e nem eu quero que as pessoas sofram e tentem passar por situações que não merecem passar por uma suposta superação que a gente tem que ter na nossa vida enfrentando obstáculos. Ninguém tem que superar direito que é garantido, não temos que superar as violências para poder estar na sala de aula, esse ambiente é para todas as pessoas, não tem que estar superando as desigualdades, as diferenças, os preconceitos para poder estar na sala de aula não, a sala de aula é um direito nosso que deve ser exercido de forma plena. Todas as pessoas têm o direito de estar naquele espaço e não tem que sofrer para poder estar

ali não. Mas assim foi muita coisa que aconteceu, que forjou naquela época essa luta para poder continuar, se percebendo

Como mencionei antes, eu sempre tive essa vontade de estar na sala de aula, brincava de escolinha desde sempre, então assim, como eu estava falando, enquanto professora, do término dessa fase da graduação eu tive um hiato, um período que eu não dava aula por conta da própria transação em si, porque eu comecei a trabalhar muito cedo pensando nessa perspectiva de estágio e de trabalho informal, que ajudava na creche, e depois eu consegui um estágio pela prefeitura, aquele que é no contraturno, então comecei a trabalhar muito cedo.

Daí teve uma época, por conta da transição, que eu precisava me firmar e eu não tinha condições, eu tive que ir para lugares que as pessoas me aceitassem como eu era, porque no primeiro emprego, que foi aquilo que eu consegui passar no processo seletivo, eu estava ali indo dos dezessete para os dezoito anos, então eu estava na iminência da transexualidade, de pensar e de me entender enquanto uma pessoa trans. Mas, eu não tinha condição, e as pessoas estavam percebendo que mesmo dentro de um espaço que para mim era bem menos agressivo que outros, ainda assim essas pessoas não tinham entendimento e por muitas vezes gerava muita violência. Eu lembro que quando eu saí desse trabalho por conta de algumas situações no que diz respeito à relação pessoais, eu lembro que era muito por conta disso, de que as pessoas não respeitavam a minha identidade, eu não estou falando de todas, algumas não me respeitavam e era muito violento, e eu precisava me identificar, sobreviver e viver e não conseguia por conta que era sempre um sufoco, tinha sempre um porém.

Quando eu saio desse emprego, que eu vou para o seguro desemprego, eu percebo que preciso seguir e penso “como é que eu vou conseguir um outro emprego sendo travesti?”, porque quando eu entrei nesse primeiro emprego eu já me identificava enquanto pessoa trans, muito embora não utilizasse essa nomenclatura naquela época, mas eu estava dentro de um ambiente que era o centro de convivência da Secretaria de Assistência Social, então assim, querendo ou não era um lugar que deveria se pensar em como promover os direitos das pessoas, e ainda assim eu estava sofrendo algumas violências.

Daí como é que eu vou conseguir agora que eu deixei meu cabelo crescer, fiquei pensando. Também comecei a entender que eu não ia conseguir, comecei a tentar depois desse primeiro emprego a conseguir outros e eu não consegui. Foi quando eu não tive alternativa e acabei indo para prostituição, e fui realmente trabalhar enquanto profissional do sexo, passei um período não muito grande, em torno de três a quatro anos, e nesse meio tempo de que eu não estava trabalhando em um emprego formal e estava me apresentando e afirmando meu gênero, que foi quando eu comecei a perceber que a sociedade era aquilo, então eu tinha que

estar preparada. Foi naquela vivência de rua que eu comecei a compreender de forma bem mais efetiva o que era o preconceito, a falta de acesso a pessoas trans e travestis.

Porém, nesse meio tempo minha mãe faleceu. Até então eu estava morando em São Paulo nessa época do hiato que eu fui para prostituição, e quando isso aconteceu eu tive que voltar porque na nossa casa éramos apenas eu e ela, então eu tive que organizar tudo, inclusive o velório e as coisas dela que estavam lá no Ceará. Foi quando eu comecei a entender que eu precisava, já naquele período de afirmação de gênero, conseguir me colocar no lugar que me desse algumas garantias que a prostituição não estava me dando, que muito embora eu estivesse sido empurrada para lá por conta, não desse não acesso inicial ao trabalho, mas sim pelas circunstâncias do desenvolvimento da minha identidade. Porque o que me jogou a priori para a prostituição, não foi o não acesso, foram as circunstâncias dessa afirmação da identidade que eu sempre tive, tendo que criar uma proteção para as pessoas não me julgarem apenas como travesti que era educação, aprendizagem, as boas notas e toda essa questão. Mas que ao mesmo tempo que eu criei tudo isso, ainda por estar me identificando enquanto travesti, eu acabei sendo jogada.

Então, fui para lá naquele momento, minha mãe faleceu e eu tive que voltar para o Ceará, quando eu voltei eu entendi que eu precisava ficar porque a casa era nossa e eu não ia deixar ela sozinha, não ia vender. Daí foi quando eu pensei, comecei a entender que tinha que fazer aquilo que eu sempre quis fazer, que era estar na sala de aula, e aí eu entrei na graduação. Depois, enquanto professora, hoje depois de tanto tempo, por volta de quinze anos disso tudo, quando eu voltei de São Paulo eu comecei a pensar como é que eu faria na graduação, e aí nesse meio tempo de graduação, a segunda graduação, Licenciatura em Matemática, eu comecei a trabalhar em algumas escolas como monitora, porque como falei, muito embora eu tivesse sido empurrada para aquele lugar, eu tive durante todo meu percurso por estar naquela situação de uma pessoa que gostava muito de aprender, algumas ligações, amizades, algumas pessoas que ajudavam potencialmente.

Nesse sentido de organização, enquanto uma pessoa que estava dentro de um contexto político afirmativo, eu tinha muitas amizades, consegui um emprego para poder permanecer no Ceará, mesmo que aquele emprego inicial que você está sem carteira assinada, mas trabalhando e ganhando um dinheirinho para poder conseguir sobreviver. Foi quando eu comecei a perceber que eu tinha que construir minha carreira em sala de aula, e daí eu construí. Fui, terminei a graduação, a licenciatura, fiz várias seleções para sala de aula, muitas delas cheias de constrangimento porque eu não tinha feito a mudança do meu nome. Então era muito constrangedor porque quando eu ia para entrevista o nome que era chamado era o nome

de registro, quando era publicado o resultado era publicado com ele também. Eu consegui meu primeiro emprego enquanto sala de aula por conta dessas ligações e articulações políticas que eu tinha em duas escolas, em uma escola indígena e em uma escola municipal, e aí foi quando eu comecei a me desenvolver como essa profissional professora que eu sou.

Entretanto, a gente pensa que teve tudo isso na Educação Básica até hoje, mas quando chegar para ser professora vai parar, não pararam as violências, elas não param, elas não param. E aí eu fui descredibilizada várias vezes, porque as pessoas acreditam que a gente não tem capacidade para sala de aula. E eu passava em seleções porque as pessoas sabiam que eu tinha condição, mas em outros lugares que as pessoas não me conheciam elas não deixavam, elas não queriam, achavam que era um problema e não queriam aquele problema para elas. Foi aí que eu comecei a ter alguns contratos temporários enquanto professora substituta, mas a todo momento aquilo me incomodava muito porque eu estava sempre tendo que me colocar na situação de assistencialismo, de estar procurando políticos para poder dar uma ajuda de fazer com que a gente conseguisse um contrato, então aquilo me incomodava.

Daí foi quando eu comecei a dizer que “não, vou fazer concurso e eu quero ser professora e quero não depender mais de ninguém”. Fiz alguns concursos e tive êxito e foi nesse meio período de contratos e prestações de concursos que comecei a tentar de alguma forma fazer com que esse meu lado profissional fosse destacado, mas era sempre muito difícil, sempre muito difícil, porque as pessoas não credibilizam a gente. E isso acontecia comigo porque eu era travesti. As pessoas não acreditavam que eu conseguia dar aula, não era porque eu era uma má professora não, é por que eu era travesti, elas achavam que os alunos não iam me respeitar e isso não tinha nada haver. Eu nunca tive problema com aluno nenhum, mas com professores e professoras eu sempre tive, colegas de trabalho que sempre questionavam, sempre aquela especulação, que vai acontecer, vai ser assim e nunca era. Então, era aquela mesma estrutura montada para poder tentar não ser levada em consideração enquanto travesti, mas sim como uma boa aluna que eu criei na Educação Básica, eu tive que criar também na minha profissão. Mas na profissão era bem mais pesado, porque eu tinha que ser sempre uma excelente professora para as pessoas não me colocarem enquanto travesti e descredibilizar a minha identidade. E aí era muito, era não, É muito desconfortável isso sempre, porque você está a todo momento tendo que ser muito boa para as pessoas poderem não tornarem sua vida uma vida ainda pior, porque já é ruim por conta do preconceito, mas pode ser ainda pior por conta desse descrédito.

E eu falo isso sempre, às vezes eu me dou ao luxo de ser ruim, no sentido de não ser aquilo que as pessoas querem para poder dizer que eu também não sou 100%, que eu não

preciso ser 100%. Eu não necessito ser uma excelente profissional, porque vão ter dias que eu vou estar realmente ruim, doente, vão ter dias que eu vou precisar faltar ou que eu não vou estar com paciência para muitas coisas, vão ter dias que eu vou não vou precisar sorrir, mas ainda assim eu sorrio porque a minha personalidade é essa mesmo, então não coloco meus problemas dentro de nenhum outro espaço que não seja o espaço deles, não levo eles para ninguém, apenas para mim e para aquilo que eles precisam da minha vida.

Mas eu queria que as pessoas entendessem que a gente não precisa se colocar nesse lugar de separação constantemente, embora hoje eu tenha conseguido fazer um perfil profissional de excelência, não foi às custas de ser realmente uma profissional de excelência sempre porque aquilo era que eu queria, mas sim um perfil que eu tive que montar muitas vezes para poder não ser descredibilizada. E, por exemplo, para um homem CIS, ele pode fazer as coisas de forma mediana e as pessoas acreditarem que aquilo que ele está fazendo é porque ele é bom mesmo, enquanto eu não, eu tinha que fazer melhor do que ele para poder as pessoas me dizerem assim: “Não, não está fazendo certo, travesti não faz nada certo”, é assim que as pessoas falam: “Não, está vendo? Porque toda travesti é assim, não dá importância, não quer aprender, quer saber da rua, não quer saber da escola”. Tudo que foi colocado para as travestis historicamente foi colocado por sermos travestis, e quando a gente não faz o que a sociedade quer que a gente faça, as pessoas nos colocam de novo a culpa, como se ela fosse nossa, sendo que quem nos colocou naquele lugar foi a própria sociedade. Quem colocou a gente à margem foi ela, e aí quando a gente não atende as expectativas eles colocam a culpa em cima da identidade que eles mesmo segregaram historicamente.

Porém, no meu entendimento como eu já construí esse perfil, então para mim não algo que é doloroso fazer, se colocar na situação de sempre estar ali tentando fazer o melhor, eu até gostei que agora eu sempre realmente quero fazer o melhor, mas tem horas que eu coloco assim, “não vou fazer”, mas eu não faço nem porque eu quero ser a melhor não, é somente porque eu não quero fazer mesmo e quem quiser falar que eu não quero fazer está tudo bem, pronto, não tenho que provar mais nada a ninguém. Eu já sofri demais na minha vida, vivenciei muita coisa ruim, tive muitas situações e até hoje tem situações de preconceito e transfobia que eu sofro, mas eu não internalizo, ainda bem, mas nem todo mundo é igual a mim, nem todos pensam assim, as pessoas internalizam e ficam doentes por conta dessa violência toda, mas o que eu tento levar para minha sala de aula, enquanto travesti que passou por tudo isso e passa, é que outras pessoas não sofram e outras pessoas não passem.

É tornar minha sala de aula a mais harmoniosa possível dentro do entendimento que eu tenho de justiça social, de equidade, diversidade, é sempre ressaltar que pessoas trans e

travestis têm que estar naqueles espaços que são delas também, que é um direito delas estarem naquele lugar, e que ninguém pode dizer o contrário. Tornar minha sala realmente em uma sala acolhedora, que acolha realmente todas as diferenças, não tão somente as de gênero e sexualidade, mas todas as presentes dentro da sala de aula. Porque foi isso que me forjou e hoje eu sou um movimento social, então eu não acredito em nada que não seja para todas as pessoas, se não for para todos não é para ninguém, e isso a cada dia, com as novas experiências, me fogem enquanto a professora de matemática que está tentando modificar esse lugar.

Porque para mim com os professores de matemática foi muito difícil. É assim porque as pessoas dizem que a gente não pode, mulheres já não podem ser professoras de matemática, mulheres pretas não podem ainda mais, trans e travestis o que elas estão fazendo na matemática? Elas não são nem para estar em sala de aula, quem dirá na sala de aula dessa disciplina. Esses enfrentamentos acontecem com a demarcação de território, foi quando eu fui professora formadora de professores de matemática e Ciência, quando eu assumi a direção de uma escola, ou quando fui coordenadora da política pública de educação de um município, então nessa demarcação que a gente vai desconstruindo, mas sempre com muita violência, com muito desdém, muita falta de empatia, sempre entendendo que aquele não é o nosso lugar e que as pessoas querem que a gente entenda que aquele não é o nosso lugar, então isso tudo vai cansando a gente em determinados pontos e a gente às vezes para e pensa: “Será que eu preciso continuar fazendo isso para poder me manter nesse lugar?”.

Nesse sentido, uma coisa que me deixou muito confortável foram os concursos que eu passei, porque hoje as pessoas não me dizem mais o que eu preciso fazer, e sobretudo aquilo que eu não quero fazer e que vai ser ruim para a escola no geral. Eu sempre questiono e faço tudo aquilo que é para fazer. Não estou falando que por ser travesti eu vou muitas vezes discordar de tudo e de todos, não é assim. Estou exercendo o meu papel enquanto professora, questionando sempre quando for para questionar e contribuindo sempre de todas as formas na hora de contribuir sem faltar enquanto profissional. Eu tenho uma coisa que eu aprendi nesse tempo todo foi que a minha a minha trajetória foi cheia de barreiras, mas eu não admito que as pessoas me descredibilizem enquanto professora. Não admito. Embora não tenha que provar mais nada para ninguém muitas vezes, eu não admito que alguém diga que eu sou menos daquilo que eu sou, que conquistei, os espaços que eu estive durante esse tempo todo e que eu ainda estou construindo muitos desses espaços. E eu não construo somente para mim, eu não consigo me enxergar enquanto a pessoa que vai estar sozinha nesse espaço.

Por muito tempo eu falei que eu era a única em algumas coisas, e falar isso hoje me incomoda muito, tanto que eu evito porque não quero ser a única, eu quero ser uma das muitas. E essa representatividade vai acontecer quando a gente chegar de fato a esses espaços, mesmo com tudo isso eu consegui, mas eu quero que as meninas que estão vindo depois de mim não passem por tudo isso, que elas consigam realmente chegar porque é o direito delas chegarem. É isso que me motiva quando por acaso acontece alguma situação em que eu sinto vontade de não revidar as provocações, aos preconceitos, quando lembro que outras pessoas podem vir a sofrer o que eu sofri daí eu continuo sempre lutando e também me mantendo nessa estrutura, porque por exemplo, na pós-graduação, enquanto doutoranda eu já tive muitas situações que me desmotivaram potencialmente, e quando você está desmotivada dentro de um lugar que você precisa produzir é a pior coisa porque você não consegue fazer, porque você está em um lugar que te desmotiva. A gente precisa produzir e aí eu disse assim: “Meu Deus, eu não precisava estar passando por isso”, daí eu lembro que eu preciso continuar para que outras não passem por isso, ou então para que eu Rosa me torne a pessoa que vai fazer com que a vida das pessoas que são como eu não seja dessa forma, e se eu não ficar elas não vão conseguir, não vão, e aí eu, muito embora não precise passar por muita dessas coisas acabo passando para que outras como eu não passem.

Então eu me coloco nesse lugar ainda de empatia para que outras possam continuar. Muito embora não precisasse eu continuo sofrendo algumas coisas que não era para sofrer, até pela própria narrativa que eu trago de que ninguém precisa sofrer, mas eu me proponho sofrer alguns momentos para que outras não sofram, mas é muito triste você ter uma narrativa dessas e ainda assim se colocar no lugar de dificuldades, mas claro com essa explicação que é para que outras possam seguir também, mas hoje eu Rosa, professora de matemática, eu me sinto realizada por ter conseguido chegar onde eu já cheguei, de visualizar o que eu visualizei e ter ido atrás, muito embora se eu estivesse em uma sociedade que não fosse preconceituosa eu teria chegado do mesmo jeito, de outras formas, mas sem sofrimento.

Também acredito que dominar, no sentido de se empoderar e ocupar esse lugar, dominar a nossa área, estar dentro dela em diversos aspectos enquanto pessoas trans, é garantir que outras pessoas trans também estejam nela, é um pouco complicado, mas a gente vai se mantendo firme para poder outras verem também. E assim, eu sou muito feliz enquanto professora de matemática, tenho muito prazer em trabalhar, dar aula é uma coisa que eu não me canso de fazer, faço porque eu realmente gosto, sempre gostei e vou gostar até quando a saúde permitir, porque tem uma hora que a saúde não permite mais e a gente precisa entender.

Figura 26: Universidade

Fonte: PIXABAY

Estar nesse lugar era algo que eu tinha certeza que queria estar, muito embora minha mãe não tivesse tido acesso à universidade, a educação como um todo, e também antes dela falecer ela estava frequentando muito a Educação de Jovens e Adultos (EJA) e ela gostava, adorava ir para escola. Ela sempre me colocou nesse lugar de que eu tinha que estar lá, então eu fui criando esse hábito realmente de gostar muito de ir à escola e de todos esses espaços em que a educação fosse desenvolvida.

E aí eu sempre tive certeza de que eu ia ter uma faculdade, que iria me informar em alguma coisa, que seria professora, mas assim, eu tenho muita vontade de estar na universidade em lugares que eu possa dar oportunidade para quem é como eu quando está chegando lá, muito embora essa mesma universidade seja, em muitos dos momentos, totalmente tóxica. E isso me distancia desse lugar enquanto professora, por exemplo, “Rosa você quer dar aula em universidade?”, depende, depende porque eu não quero estar em um lugar que eu precise de alguma forma cercear falas ou demonstrar que eu estou ali enquanto

dominação de poder, pois se for para eu estar nesse espaço enquanto professora para representar isso eu não vou estar, eu prefiro estar na Educação Básica.

Tanto que eu tenho muita vontade de estar na Educação Superior, mas ao mesmo tempo eu penso muito que quero estar dentro de um contexto que consiga articular as duas coisas, porque eu gosto muito da Educação Básica sobretudo os anos finais. Então eu penso muito de ser professora do IF, se eu fosse mudar de carreira hoje só mudaria se fosse para ser professora de lá porque aí eu ia me identificar, poderia estar na Educação Básica e também no Ensino Superior, pois pensar somente na universidade, e assim eu falo já complementando o que eu trouxe de universidade na outra na outra imagem, que eu já falei muito dessa minha trajetória lá. Se o contexto não fosse um de opressão como a grande maioria das vezes é, principalmente na nossa área, principalmente pensar em uma universidade que a gente vai estar em um ambiente que é extremamente tóxico e insalubre para identidades que são dissidentes, que não são aquelas que historicamente estavam nesse lugar, como é o caso dos homens cis heteros brancos, diferentes de pessoas negras ou de travestis, pessoas trans no geral.

Mas mesmo não estando nele enquanto professora eu quero sempre estar passeando para poder também demarcar o nosso lugar nesse espaço, porque se a gente não estiver nele, ele não vai ser nosso. E que venham outras que queiram estar lá também de forma prioritária, que venham outras trans, pessoas trans e travestis que possam estar nesses lugares. Eu particularmente gosto bastante de estar, mas não sei se queria dar aula na universidade de fato. Não sei, tenho minhas dúvidas, mas quero sempre estar, não sei se como professora, mas participando de todos esses momentos. Até por conta da minha da minha trajetória toda de gostar muito de espaços educacionais no geral, mas a representação que eu tenho da universidade foi muito violenta, e é muito violenta muitas vezes ainda, mesmo estando no lugar que não deveria ser, que a gente pensa assim: “Não, você está ali em uma zona de conforto dentro de um programa que estuda gênero e sexualidade, mas ainda sim a gente tem muita violência porque muitas vezes as pessoas falam o que elas não fazem, elas falam para encher linguiça e não cumprem com aquilo que elas se propõem a fazer”. Muitas vezes é somente para cumprir realmente o *script*, mas de fato, não acontece a inclusão que deveria acontecer.

Vão ter outras travestis que também vão querer estar nesse ambiente do Ensino Superior, aí elas ficam porque eu vou fazer quarenta anos daqui a um tempo e eu quero estar no lugar que me dê saúde mental e não que eu tenha que estar armada. Eu já lutei muito, e não me cansei não, continuo lutando, mas para estar nesse lugar eu acho que pode ser quem

realmente deseja e esteja trabalhando desde sempre para estar lá, entendeu? Como pode ser o seu caso visualizando isso desde um tempo e quer estar lá realmente e estou aqui para poder dizer que fique mesmo!

Eu acho que é um caminho que pode ser colocado como alternativa e deve sim ser demarcado e ocupado.

Figura 27: Bandeira Progressista



Fonte: PIXABAY

Essa bandeira traz todas as nossas outras bandeiras, e para mim, eu posso destacar pensando nessa imagem a questão da representatividade dentro dos espaços, porque tenho algumas observações sobre “comunidade”. Até o Agnaldo quando eu cheguei no *Matematiqueer* que falava “não gosto de falar comunidade”, porque parece que está todo mundo vivendo junto e não é, a gente tem um monte de LGBTQIA+ que não está junto com a gente e que está pensando diferente, muito embora não devesse pensar, mas está pensando diferente, e se aliando com quem não deveria se aliar. Então a gente não é uma comunidade, muito embora dentro do contexto da Biologia a definição de comunidade sobrepõe a de população, pois comunidade é um conjunto de populações. Mas eu gosto de falar “população”, assim como ele, para poder dizer que a gente não está agregado, e a gente não é uma comunidade de fato, muito embora a gente devesse ser.

Daí eu penso nessa bandeira enquanto essa comunidade que deveria ser, mas que não é, mais em um contexto de população que a gente precisa se organizar para colocar essa

representatividade de lutas enquanto prioridade para que a gente possa estar no meio de todos os espaços. É pensar nessa luta de pessoas trans enquanto coletividade, pensar na luta dos LGBTQIA+ no geral enquanto coletividade. Se a gente não pensar que essa representatividade e essa união vão fazer com que a gente consiga adentrar vários espaços, nós vamos estar perpetuando o que eles realmente querem que aconteça, que é a dissolução das nossas identidades, das nossas orientações sexuais em prol de um contexto que não deve existir, que ela é uma sociedade dentro dos padrões que eles querem nos impor. Eles que eu falo são as pessoas que estão aí de alguma forma contribuindo para o discurso preconceituoso, o discurso LGBTQIA+fóbico, então eu penso que nós precisamos internalizar o mais rápido possível esse contexto de apropriação da luta e da representatividade para que a gente não sofra uma escassez de narrativas, e de sobretudo, a ocupação de espaços, por conta do que vem acontecendo politicamente no nosso país.

Um dia desses eu estava conversando com uma amiga que a gente está em um momento histórico, e se a gente não tiver cuidado nós vamos ser impedidas de frequentar alguns lugares, “não, mas não é possível”, é possível sim, existem países africanos os quais ser LGBTQIA+ é crime, alguns desses com pena de morte. Existem países árabes que ser LGBTQIA+ é crime, com pena de morte também, existe a Rússia que é a escrotidão enquanto país que criminaliza o movimento LGBTQIA+ e coloca ele enquanto movimento radical que deve ser vigiado e judicializado enquanto algo que não promove o bem social.

Então a gente tem que ter cuidado, porque no Brasil tem setenta e sete leis antitrans que garantem a nossa exclusão dos espaços, então a gente tem que ter cuidado, “ai, mas com o passar dos anos a gente está conseguindo espaços”, eu falei, e eles estão tirando essas nossas conquistas, eles estão querendo deixar de fazer com que casamentos homoafetivos sejam uma garantia legal, então a gente está retrocedendo, estamos caminhando dois passos para frente e cinco para trás, sempre assim. Então isso para mim é ter cuidado, porque daqui a pouco a gente não vai evolução das nossas narrativas e da, vamos dizer assim, evolução enquanto pessoas LGBTQIA+ dentro de um contexto de garantia de direitos, porque o que eu estou vendo é que a gente está perdendo muitos deles, então quando eu vejo essa bandeira e consigo pensar apenas nessa perda de garantias de direitos, e aí a gente tem que se organizar enquanto coletividade para que isso não aconteça e não faça com que a gente entre ainda mais do que nos últimos seis anos²⁷. Porque, o que a gente sofreu de retrocesso nesses últimos seis anos

²⁷ Período de 2018 a 2022 cuja política brasileira era administrada por um governo de extrema direita com Jair Messias Bolsonaro à frente da presidência do país com seus ideais religiosos, preconceituosos, tradicionais e conservadores. Foram quatro anos de discursos de ódio contra negros, mulheres e pessoas dissidentes.

equivalem muito mais ao que a gente passou de vinte de conquistas, eles superam muito mais do que a gente passou de vinte anos de conquista, vinte e dois anos de conquista no governo progressistas que foi o governo entre Lula e Dilma.

A gente tem que ter cuidado.

Figura 28: Olhares



Fonte: Arquivo Pessoal

Eu acho que essa é uma imagem que me representa, porque a todo momento, a todo momento mesmo, quando eu saio de casa, na porta eu sou olhada, e aí às vezes esses olhares ficam ali dentro de um campo do desejo e do nojo como uma autora, cuja tese de doutorado dela foi, não lembro direito o título, mas é alguma coisa que vai trazer a questão da cisheteronorma e dos corpos trans como ela fala também entre o desejo e o nojo. Ela é uma autora trans aqui do Rio de Janeiro. E aí ela traz esse título na tese dela e é o que a gente enquanto pessoas trans, pelo menos eu me identifico muito, porque a gente sai na rua e eu até falo isso no documentário, e toda a vida que eu saio na rua é como se fosse a primeira vez, as pessoas continuam olhando, umas com olhar de carinho, outras de desprezo, outras de nojo, e eu acho que vivenciar a identidade dissidente é estar na mira desses olhares cotidianamente, então quando eu vi essa imagem eu lembrei logo disso de que infelizmente para pessoas trans e travestis estar na rua assumindo a sua identidade, apresentando sua identidade, é estar nessa zona bombardeio de olhares.

E aí eu também, lógico, pensando na população LGBTQIA+ como um todo e pelas diversas identidades e orientações sexuais que muitas dessas pessoas que não estão dentro dessa norma também estão nessa zona de bombardeio de olhares, infelizmente. E muito ultimamente, sobretudo de olhares de nojo e de ódio, de preconceito e de estigma, infelizmente a gente está dentro de um contexto político, sobretudo aqui no Rio de Janeiro, de muita inconsistência, muita vulnerabilidade, de situações que são assim infelizmente muito dolorosas, por exemplo, esse final de semana tiveram dois casos aqui no Rio de Janeiro, um foi da Ariela assessora parlamentar que foi espancada porque estava se beijando com o namorado dela. Enquanto eles saíam do restaurante eles foram surpreendidos por homens e foram espancados, ela foi espancada, e o ódio que eles foram para cima dela, não é o mesmo ódio que foram para cima dele. Daí você vê o quanto, muito embora esteja esses olhares estejam bombardeando os corpos LGBTQIA+ no geral, quando se fala em pessoas trans e travestis isso potencializa a violência, e esses olhares são o início desse processo de violência que vai culminar na violência física.

Tudo começa por esse olhar de nojo, por esse olhar de ódio, e eu me senti super representada quando eu vi essa essa imagem, e aí levando esse contexto dessa imagem para a sala de aula, e para a escola, é do mesmo jeito, mas com uma diferença de que quando as pessoas pensam que isso vai ser diferente para os nossos alunos e alunas, isso não acontece, ocorre apenas os olhares de julgamento e segregação, eles vêm dos nossos pares, de professores e professoras que ficam questionando coisas, especulando antes dessas situações acontecerem ou que nunca vão acontecer, mas que eles ficam colocando que vai, que vai, que vai...e não acontece. Então, esses olhares representam essa ideia de segregação para mim, de opressão, de materialização inicial dessa violência, sobretudo pelo corpo de pessoas trans e travestis. É basicamente isso.

A gente demorou tanto a chegar na academia que quando a gente chega as pessoas ficam descredibilizando os nossos pensamentos e as nossas epistemologias, as nossas formas de pensar o que é ser travesti, o que é a sociedade para além do corpo trans, e ela descredibiliza isso quando colocam o nosso pensamento e a nossa reflexão no lugar de que deve ser rebatido, e não é rebater a partir de reflexões que vão somar com aquilo que a gente quer, é o rebate de descrédito de que aquilo não deveria ser feito daquele jeito, e a gente nunca fez isso, a gente sempre contribuiu com as pesquisas e a gente nunca, por muitas vezes, nem sabia o produto final daquela pesquisa que a gente estava contribuindo.

Então, eu contribuo para pesquisas assim com prazer, sobretudo porque eu sei que vai ser uma produção que vai gerar um impacto para outras pessoas que forem ler, ver o título

dessa dissertação e forem olhar o corpo desse texto. Então a gente contribuiu com muita coisa durante todo esse percurso de vinte anos de lutas trans de fato assim, quando a gente incorporou lá em 2004 essa vontade de defender nossas existências, e contribuímos bastante durante esse tempo todo, aí a gente chega na academia produzindo também e a gente quer que as pessoas respeitem o que a gente está produzindo.

Assim, quando eu sou convidada para alguma coisa que vai verbalizar, que vai trazer o que eu estou fazendo, o que eu fiz de contribuição para estar onde eu estou, eu faço questão de contribuir, porque eu sei que vai ajudar outras pessoas trans, mas o que está acontecendo ultimamente é que as pessoas estão querendo descredibilizar até o nosso pensamento dentro desse espaço. Menosprezar a nossa inteligência como se a gente estivesse refletindo sobre coisas que não são como eles querem que seja, lógico a gente não quer que seja como as pessoas sempre pensaram não, a gente quer que seja realmente uma outra perspectiva, outro entendimento que traga desconforto, porque é um pensamento de um corpo que historicamente não foi colocado para pensar então é para pensarmos a partir da nossa ideia. Se você não é uma pessoa trans, você não vai saber como é pensar aquilo, então você não pode dizer que não concorda, você não é uma pessoa trans. Se você fosse uma pessoa trans estudiosa, por exemplo, de alguma coisa que eu estivesse estudando, você poderia contribuir e trazer reflexões para somar, mas não dizer que você não concorda com aquilo que a gente está fazendo, você nunca vai concordar porque você não é a pessoa trans, você não sabe o que a gente está passando, o que a gente passou, você pode contribuir com reflexões para melhorar, mas você não pode dizer que não concorda. “Aí eu não concordo”, não, você não tem reflexões que vão contribuir com esse pensamento, você não pode dizer que não concorda porque você não é uma pessoa trans. A gente está falando a partir da nossa visualização daquele contexto.

Aí cria-se conceitos e esses conceitos vêm a partir de uma pessoa que não é trans, e quando a pessoa trans cria algo que é para externalizar e colocar as nossas ideias enquanto organização de um outro conceito, as pessoas “ai, não acho dessa forma, tenho muitas dúvidas”, tem que ter dúvidas mesmo, você não é uma pessoa trans, você não tem que entender, você tem apenas que refletir, tem que refletir. Então faço questão de promover essa visibilidade e promover mais discursos que potencializam as nossas vivências.

Falei isso por conta da questão que estavam rebatendo o conceito de cisgeneridade, quem criou esse conceito foram pessoas trans para falar de outras pessoas que não são trans, não é para ninguém concordar, as pessoas têm que refletir sobre o que a gente está falando. Assim como quem criou transexualidade, os criadores foram pessoas cis, não foram pessoas

trans, e tudo isso atrelado à patologização, e a gente está desconstruindo isso. Então, porque as pessoas cis criam e a gente questiona, não tanto quanto deveria questionar, e estamos falando de uma perspectiva de afirmação da identidade, cujas pessoas estão querendo questionar se é errado ou certo, é dizendo nossa perspectiva. E as pessoas acham que não, “o que é ser uma pessoa cisgênero?”, é uma pessoa que não é transgênero, se você não é trans então você é cis. Agora tem outras vertentes, ideias e reflexões sobre o que é ser cis, e a ideia que a gente traz é justamente essa de ver a ótica por um outro olhar de quem não é cis.

3.5 Roxo

Roxo é uma mulher cisgênero, negra, assexual, professora de matemática e mestrandanda em Educação de Matemática que discute a temática de gênero a partir de uma categoria histórica. Após, iniciamos a narrativa cumprimentando Roxo e agradecendo sua participação nesta produção.

Figura 29: Família



Fonte: PIXABAY

Olhar essa primeira imagem em específico me remete a heteronormatividade, famílias compostas por um casal heterossexual com filhos, mas ela não me toca tanto, eu acho que constituir uma família nunca esteve exatamente em meus planos. Então, não me toca nesse sentido, o que me vem mesmo nela é essa coisa da heteronormatividade que daria para

problematizamos, mas eu em específico não me sinto ligada a isso, contudo a gente pode até pensar sobre o fato de eu não ter ligações com e não refletir tanto sobre, mas é mais nesse sentido de algo que nunca estive nos meus planos e também não me ver em algum momento no futuro mudando ao ponto de ter uma família constituída ou algo do tipo, mesmo que não seja nesse padrão.

Agora em relação à minha sexualidade, hoje quando paro para pensar eu vejo que minha mãe sempre achou que eu fosse lésbica, em algum momento quando eu olho para trás ela estava ali tentando fazer com que eu virasse e dissesse “sou lésbica”. Por exemplo, estava passando um filme ou uma série na televisão e ela falava: “Olha lá aquele cara, você não acha bonito?” ou alguém andando na rua, sabe? Ela falava a mesma coisa. E quando eram mulheres também, ela perguntava e ficava olhando porque eu nunca fui muito ligada à questão estética, até a da sexualidade que fui olhar mais a fundo depois, e eu também tenho um problema com estética em si. Não consigo olhar para alguém e dizer facilmente se essa pessoa é bonita ou feia, para mim são apenas pessoas, e hoje em dia eu faço esse trabalho, às vezes, de olhar para alguém, mas ainda demoro muito tempo para ver essa questão, não tenho tanto isso, então para a minha família, quando eu estava me descobrindo, eu tinha muito disso. Minha mãe, até recentemente, ainda tinha um pouco disso, mesmo depois de muitos anos falando, isso inclusive me deixou um pouco irritada, porque um dia eu estava sentada e ela virou para mim e falou algo do gênero: “Ah, formar família, conhecer alguém e tudo mais...” dai eu falei “mãe, eu já te disse que sou assexual” e ela olhou para mim e falou “eu sei, você é igual aquele rapazinho da novela”.

Então, ela tentava entender da forma dela, é claro, mas o ponto que trouxe para ela visualmente, de compreender mais, foi o personagem de uma novela. De certa forma ajudou, mas eu também nunca exatamente liguei, eu sempre fui muito “é minha vida e eu vou viver do jeito que quero e não vou mudar, de forma alguma, para satisfazer os padrões de alguém, seja meu pai, minha mãe ou quem for”. Por isso, eu nunca dei tanta importância para essas opiniões, sei que é um pouco estranho essa parte de eu não estar nem aí, mas eu não estava mesmo, essas conversas que falei da minha mãe vendo se eu era lésbica ou não, perguntando sobre minha sexualidade ou se eu ia sair com alguém ou algo assim, não era por um ligar da forma como ela via era mais porque eu já estava de saco cheio de responder todas aquelas perguntas, a mesma coisa todas as vezes, explicar todas as vezes que não sinto isso.

Foi mais nesse sentido mesmo, mas nunca foi algo que me atrapalhou exatamente nas relações familiares, não é uma questão, meus pais sabem e como eu disse, já falei com eles há muito tempo. Mas dos outros familiares em geral, não é algo que eu fale em uma roda de

conversa, até porque nunca teve uma que fosse necessário falar algo assim, mas se chegasse a esse assunto eu não ligaria para a opinião. Isso não é nem uma coisa de “ai, eu não quero sair comentando para que outras pessoas não saibam” é mais como “não te conheço, não tenho intimidade com você, eu não converso com você direito, então por que eu vou falar alguma coisa da minha vida para você, sabe? Não preciso dar satisfação de nada”, é mais nessa vibe.

Figura 30: Sala de Aula



Fonte: PIXABAY

Essa eu acho que essa imagem remete mais a quando eu estava me descobrindo, porque isso veio antes mesmo do Ensino Médio no oitavo/nono ano quando as meninas começavam a ter interesse em meninos, algumas mais tarde outras mais cedo, e eu sempre fiquei me perguntando “gente o que eu estou fazendo aqui no meio dessa roda de conversa?”, porque eu nunca tive interesse nenhum, tanto que houve uma época em que me questionei se eu era lésbica. Então eu parei para refletir sobre e concluí que não sou, eu só não tinha/tenho interesse, daí eu cheguei naquela fase de que talvez esse amadurecimento viria para mim depois, e no EM, eu tenho essa memória muito vívida para mim, foi no final do primeiro ano, lembro que eu estava na quadra com umas amigas e tinham alguns meninos jogando futebol, e eu nunca gostei de esporte nem nada, costumava ficar sentada ali no murinho. E as meninas

estavam falando de meninos e tudo mais e eu estava no canto, lembro de estar meio que assistindo de fora tudo aquilo e pensei comigo mesma “isso não é para mim”, e foi super ok isso, eu não gosto, não tenho interesse, e se algum dia ter, tudo bem. Porque como comentei anteriormente, não apenas da atração física que vem com todas essas questões sexuais mas também como a parte estética de olhar para alguém e achar bonito independente do gênero, ou também qualquer outra coisa que envolva pessoas e rostos, por exemplo, quando tem uma criança e um pai e perguntam: “Nossa, você não acha meu filho muito parecido comigo?” algo assim, e eu respondo que sim, mas sinceramente eu não vejo isso.

Então foi no momento da escola, na sala de aula, que eu me descobri dessa forma e lembro que levei isso super bem e não passei muito tempo pensando sobre, eu estava em uma fase de literatura gótica, lembro que depois desse momento reflexivo da minha vida pouco tempo depois eu já estava com um livro aberto do meu lado e não liguei tanto. Porém, olhando para trás, hoje eu vejo que isso de certa forma me isolou muito, eu já tinha um certo isolamento por não conseguir falar sobre essas coisas, porque na adolescência, querendo ou não muitas das nossas relações sociais giram em torno disso, e eu não conseguia ter essas conversas de modo geral. Não era só algo que eu não conseguia ter porque não sentia, mas era porque tinha zero interesse, e ele era tão pequeno que eu não queria nem tentar entender os sentimentos das outras pessoas, como elas se sentiam para ter esse tipo de diálogo, tanto que olho para trás vejo que eu era muito chata porque eu também não facilitava, não queria e não olhava também para o outro.

Daí, mesmo que você não se interesse por esse tema em uma roda de conversa, se já está dentro dela, você meio que finge um interesse só para continuar ali ou mesmo apenas escuta a outra pessoa, às vezes ela está com um problema ou seja o que for você, mas você está lá para ouvir, e o meu interesse era tão mínimo que eu também não tentava entender as outras elas nesse sentido, não apenas nessa transição do Ensino Fundamental para o Ensino Médio, mas também durante ele. Eu lembro que, principalmente nos últimos anos desse período, enquanto algumas pessoas iam seguir para faculdade, outras já tinham um relacionamento que eu soube depois que se casaram. Então já estava muito envolvido nisso tudo em todas essas vertentes da sexualidade, coisa que eu não tinha o mínimo interesse e não tentava entender isso no outro, se você chegasse para mim e fosse me falar alguma coisa sobre seu relacionamento ou seja o que for, eu estaria em todo o meu ser que estou te ouvindo só porque você não para de falar na minha frente, não quero conversar sobre, não quero falar disso, e querendo ou não isso também trouxe um certo isolamento não apenas pela sexualidade em si, mas também pela minha dificuldade em manter interações sociais.

Depois, muito recentemente na verdade, menos de dois meses atrás, eu descobri também que não é somente sobre minha sexualidade, eu fui diagnosticada com Autismo e todas essas dificuldades tem relação também com a questão da sexualidade, mas também estão ligadas ao Autismo e ele meio que intensificou essas partes de “sem interesse” minha que dificultaram muito mais todas essas interações sociais. Tanto que foi na universidade que eu parei mesmo para pensar que eu tenho que mudar isso e tentar desenvolver pelo menos um pouco, porque assim não dá, não é socialmente aceito, mas não foi exatamente uma mudança que no início eu fiz porque queria fazer, foi mais uma necessidade social, porque querendo ou não quando você é mais jovem as pessoas meio que relevam esses déficits sociais, mas conforme você cresce as interações precisam de mais e isso era algo que eu já não estava dando conta, eu precisava de mais, mas hoje eu paro para olhar e entendo totalmente as outras pessoas nessa questão de eu não conseguir falar com elas e vice versa, porque não era algo que dava para as duas partes. Mas esse isolamento que estou sempre pontuando não era algo que eu sentia ser negativo quando estava no EM e no EF, era algo que sempre preferi, como eu disse eu estava muito ligada à literatura nesse momento e mesmo quando as pessoas queriam vir conversar comigo, seja sobre esse ou outro assunto, eu acabava dando um jeito de me esquivar e sair porque não queria conversar, queria pegar meu livro e ler em qualquer hora que eu tinha tempo fora da aula . Então, não foi exatamente um isolamento social feito apenas por outras pessoas, também foi feito por mim mesma, e não foi exatamente negativo, mas olhando para trás eu entendo que veio desses dois pontos, tanto da sexualidade quanto do Autismo que até então eu não sabia que eu tinha.

Algumas vezes alguém dessa época aparece para saber como anda a minha vida mas como eu nunca tinha conseguido desenvolver alguma coisa com aquelas pessoas acaba que não consigo progredir um diálogo ou algo do tipo, porque não sei o que falar normalmente, não consigo falar com alguém que não tenho nada em comum ou que não tenho certa proximidade no dia a dia, então é muito estranho e desconfortável e assim acaba não rendendo. No meu tempo assim de EM, EF e até mesmo na graduação eu não tive contato com ninguém. Com isso, como sempre fui muito na minha nunca me violentaram dessa forma entre o EF e EM, no máximo na faculdade quando eu cheguei ao ponto de nomear, porque até então não tinha um nome para dar para esse sentimento que eu tinha em relação à sexualidade, fui dar o nome na universidade que descobri o termo assexual, mas o máximo que eu tive foi lá quando eu disse para alguém que era e ela não sabia o que significava, e o exemplo que chegamos em uma tentativa de desenvolver isso foi: “Ah você é como uma flor”. Hoje eu entendo que alguns assexuais acham isso extremamente ofensivo, essa

comparação com formas de vida assexuadas, mas eu nunca senti isso, era somente um exemplo para ilustrar tudo, nunca me gerou qualquer tipo de violência na escola ou na universidade. Eu não tinha tanto contato assim com as pessoas, não era tão próxima delas, mas ainda havia algum diálogo e quando tinha não era desconfortável, na maior parte do tempo quando não entrava a sexualidade no meio e eu não sabia como desenvolver a coisa.

Figura 31: Universidade



Fonte: PIXABAY

Como eu falei, foi na universidade que eu descobri o termo assexual, até então não tinha, foi no meu primeiro ano na graduação que acabei olhando mais para isso, porque já estava em um ponto que para mim já estava tudo ok não ter interesse e não gostar, mas ao mesmo tempo eu comecei a desenvolver curiosidade sobre como as outras pessoas se sentiam, até hoje eu não sei, é muito abstrato para mim, eu entendo na teoria, mas pensar na aplicação do sexual, da atração na prática não faz tanto sentido para mim, então começou com a curiosidade do que era atração. Será que as pessoas sentiam algo diferente que eu não sentia ou elas fingiam que sentiam? Ou eu sentia aquilo e não sabia que era atração? Daí eu fiz um

pequeno experimento social nessa época de ficar com alguém e foi o suficiente para eu saber que não mesmo, de jeito nenhum, foi muito estranho e desconfortável, era alguém próximo para mim na época. Também outra questão de ser assexual é que eu nunca penso sobre isso, quando estou falando com alguém nunca vou pensar que talvez essa pessoa que está na minha frente pode ter um sentimento nesse sentido em relação a mim, nunca. Porque eu não tenho interesse, é algo que não passa na minha cabeça, se você fizer alguma piada com duplo sentido, hoje eu estou um pouco melhor para pegar, mas até então eu nunca pegaria.

Enfim, essa pessoa era muito próxima de mim, nós dois éramos muito amigos, a gente gostava de animes, séries, livros, filmes, sempre estávamos conversando e nunca tinha passado isso na minha cabeça. Então quando ele veio para mim, deixei bem claro que eu não tinha interesse, e foi mesmo como um experimento social porque eu sabia que depois disso, já no momento que ele veio, não teria mais diálogo depois, seria muito estranho, e não teve mesmo, mas eu embarquei pelo experimento e como eu disse, foi o suficiente para mim, aquilo lá era não mesmo, não sinto isso que as outras pessoas sentem, bati o martelo e tive certeza que não era apenas eu não conseguir reconhecer esse sentimento, ou eu não sei denominá-lo. Depois eu descobri que as outras pessoas em volta, todo mundo sabia, porque aparentemente estava muito óbvio, eu Roxo não conseguia entender isso porque eu não tinha interesse, logo não via, então comecei a me policiar nesse sentido, também nessa época, para tentar também ver o que as outras pessoas estavam, não só demonstrando sem palavras, mas também falando de forma não explícita, porque até então eu não tinha interesse, não só não tinha mas isso acabava meio que me vendando para todo o resto, porque eu não via mesmo.

Então foi nessa época que essa preocupação social surgiu e também foi quando descobri o termo assexual, que até então eu não conhecia, porque depois dessa experiência eu acabei pesquisando mais sobre, o câmpus que eu estudava era minúsculo, ele tinha três cursos na época, hoje em dia tem quatro, mas não tinha um grupo de discussão sobre esse assunto como eu vejo que tem em grande parte das universidades. Então essa descoberta foi mais com pesquisas minhas, lembro que no segundo ano da graduação eu já me identificava como assexual, eu falei que eu cheguei a falar com meus pais, mas foi mais uma conversa do tipo: “Você conheceu alguém, ou algo do tipo?” Eu falei “não mãe, eu não tenho interesse, sou assexual”, porque até então ela sabia, porque eu já tinha pontuado muitas vezes, que eu não tinha interesse e ainda estava batendo naquela tecla de eu ser lésbica, mas sem falar ou denominar, esperando que eu chegasse à algum ponto e falasse para ela uma grande revelação, então dar um nome ajudou nesse sentido, não que eu sentisse tanta necessidade era mais porque muitas vezes as pessoas precisam que tenha um nome.

Eu tinha falado que eu nunca senti nenhum tipo de violência, mas houve sim estranhamentos porque as pessoas, de forma geral, estão tão ligadas à sexualidade que elas não conseguem imaginar como é não estar ligada a isso e não pensar sobre. Vi isso na graduação e principalmente agora na pós-graduação de outras pessoas que são LGBTQIA+ mas não conseguem entender na prática o que é ser assexual, não todas, mas há sim uma dificuldade de entender, porque tudo na nossa vida está tão ligado a sexualidade que a gente acaba não percebendo, desde relações pessoais à interpessoais do tipo: se você é uma mulher e ter um amigo homem, alguém vai virar para você perguntar se vocês são muito “próximos”. Outro exemplo é: se você estiver assistindo televisão e ver uma propaganda, seja do que for, provavelmente vai ter um casal lá. Em todos os lugares vai ter alguma coisa relacionada à sexualidade, é muito difícil você não encontrar ou achar totalmente separado, tanto que é algo que ainda estou refletindo sobre, eu não consigo definir exatamente se há um nível de separação ou não, mas para mim parece que está sim em todos os lugares, e você dizer para alguém que não sente isso é muito estranho para elas entenderem, porque tudo bem se você sair da heteronormatividade e ainda meio que estar nela ao mesmo tempo, é difícil de explicar isso com palavras, mas se você é um casal há um elemento dentro disso que é a atração, o elemento sexual, e isso parece que está tão enraizado em todas essas relações que as pessoas até tentam imaginar, mesmo que algumas imbuídas de preconceito, como você pode sair dessa relação binária de homem e mulher para mulher e mulher ou homem e homem, mas não imaginar que você pode sair tanto disso que não tem interesse, e não só “Ah, eu não tenho interesse” é um não sentir isso de nenhuma forma.

Isso traz um estranhamento, talvez não no sentido de um preconceito muito forte, mesmo que eu tenha sofrido um episódio na pós-graduação de preconceito nesse sentido, mas no sentido de eu não entendo. Como é isso? Ao ponto de virar para você e perguntar, como funciona? Como você sente? E eu não sei a resposta, essa é a resposta que sempre dou. A última vez que me perguntaram eu falei que foi do mesmo jeito que você escolheu ter atração por uma mulher ou por um homem, você não escolhe isso, mas é algo complicado a se pensar até mesmo para mim, que me vejo assim fora disso, mas principalmente para outras pessoas que estão dentro dessa sexualidade e nunca param para pensar como é não estar ali. E há poucas pesquisas falando sobre isso, tanto que se você jogar na BDTD, na última vez que eu olhei tinha apenas 12 pesquisas falando sobre pessoas assexuais, que é um número muito pequeno, então também sinto uma certa invisibilidade nesse sentido, no âmbito acadêmico da pesquisa em si, de conversas sobre como estamos o tempo todo, de algum modo, não só dentro de conceitos heteronormativos, mas também presos à sexualidade em si.

Hoje pesquiso mais sobre, mas lembro que na época de quando estava me descobrindo tinha apenas um site que falava a respeito, não era nem um site era como se fosse um blog sobre assexuais que trazia até um mapa deles no Brasil, e lembro de ver nesse fórum que tinham relatos de pessoas de diversas idades, me lembro que tinha de jovens assim como eu que estavam no oitavo/nono ano se descobrindo, conversando sobre aquilo e outras pessoas mais velhas respondendo falando sobre, e muitos falavam. Eu lembro muito claramente do relato de um homem, se eu não me engano ele tinha uns 47 anos e falava que nunca havia sentido também, mas que no fim se casou e teve filhos. Não era como se ele não gostasse da esposa dele ou algo assim, foi mais uma pressão social que ele sentia para formar uma família e fazer tudo isso, e que no fim acabou cedendo, mas que depois, naquela época que li eu deveria ter uns 17/18 anos, ele estava se vendo assexual, porque até então ele não conhecia, não sabia sobre, ele pensava só que tinha algo de errado com ele, então essa invisibilização dos assexuais que acontece. Principalmente para as pessoas que não estão tão familiarizadas a parar e refletir sobre tudo isso, que não tem tanto acesso a esse tipo de informação acabam não conhecendo, e no fim se deixam levar por convenções sociais, mesmo não sentindo aquilo, porque é algo que a sociedade impõe, se você sair daquilo você é muito estranho e/ou esquisito, então para ter uma vida mais “fácil” entre aspas porque no fim você vai ter que acabar vivendo seguindo aquilo, mesmo que você não sinta, elas acabam indo para esse caminho. É triste e complicado, mas é a vida, não é fácil.

Porém, eu também não acho que isso seja um negar a sexualidade, acredito que aqui é algo em que os assexuais divergem um pouco das outras sexualidades como gays ou lésbicas, porque quando se é homossexual você tem a atração e sabe o que está sentindo, tanto que nesse mesmo fórum que mencionei existem muitos vídeos no YouTube sobre isso, não tantos ainda, mas alguns que é possível ver os comentários das pessoas assexuais e elas não sabem o que estão sentindo, não reconhecem. Agora, quando se é gay ou lésbica, você sabe que sente atração pelo mesmo gênero que você, e reconhecer essa atração meio que legitima sua sexualidade, mas quando você não sente nada, não é uma questão de negar a sua sexualidade é mais se conhecer e saber que eu não sei o que eu sinto e não entendo isso, chegando aquele ponto que eu falei de quando eu estava no primeiro ano da universidade e tive curiosidade, porque eu estava em um ponto em que não sabia se não sentia atração ou se isso era algo que eu não sabia denominar como atração.

Até mesmo o termo assexual eu fui conhecer somente nesse ponto que eu comecei a pesquisar mais a fundo, conheci esse blog onde vi comentários de muitas pessoas, me lembro do comentário de uma mulher que também me marcou muito o qual ela estava respondendo

uma garota de 14 anos, eu nunca esqueci, a menina estava falando que ela também não reconhecia esse sentimento nela, não entendia, e essa mulher respondeu falando que estava tudo bem porque ela também quase nunca tinha sentido, ela sentiu uma vez na vida dela quando ela tinha por volta dos 33 anos, e essa foi a primeira vez que ela tinha sentido porque até então ela não sabia se sentia diferente de outras pessoas ou se não conseguia denominar também. E ela sentiu isso apenas uma vez por aquela pessoa específica, até porque o espectro assexual é amplo e algumas pessoas acabam não sentindo, outros sentem por pessoas específicas ou com um grande laço afetivo após ele ser formado, mas esse conhecer o que está sendo sentido é algo complexo de entender porque você não está sentindo, porque eu acho que, não que seja fácil é claro, mas talvez seja mais simples por exemplo você identificar quando você é lésbica, ok, daí você sabe que está sentindo aquilo efetivamente por outra pessoa que tem o mesmo gênero que você, então, nesse caso, você ir um relacionamento heterossexual é você se negar a reconhecer esse sentimento homo, mas quando você não sente isso não é nem se negar a esse sentimento é mais um não conhecer, não sei. Essa invisibilidade que temos ao redor do termo acaba dificultando o reconhecimento nas pessoas, porque elas acabam não identificando isso em si e caindo naquilo de que talvez o que eu estou sentindo aqui é o que todo mundo está sentindo também.

Depois de ter passado por esse período, eu acho que isso é uma questão a ser levada em consideração principalmente para as pessoas se reconhecerem assexuais, porque muitas acabam não se reconhecendo, porque não sabem sobre, não conhecem o termo, tanto que eu tenho 23 anos agora e nunca conheci uma pessoa assexual, por exemplo. Me lembro em um evento que participei recentemente, ainda em 2024, sobre gênero e sexualidade o qual teve um levantamento da sexualidade e do gênero com os inscritos, como eles se identificavam, e eu lembro de olhar no gráfico e ter duas pessoas assexuais, uma que no caso era eu e outra pessoa de muitos inscritos.

Figura 32: Gráfico de dados sobre as pessoas autoras do E²GESEM



Fonte: https://www.instagram.com/p/C7EgqBKsrne/?img_index=2&igsh=ZnRwbm04eWUyenpv

Eu lembro que eu fiquei empolgada pensando que talvez eu fique na sala dessa pessoa e na hora dela se apresentar ela se identifique como assexual para que eu veja rosto de outra pessoa assexual, porque eu nunca tive contato com ninguém. Os depoimentos de outras pessoas que eu tenho são apenas isso, depoimentos, relatos que vi nesse blog ou comentários em vídeos do YouTube ou páginas do Instagram, porque de resto eu nunca tive contato pessoalmente, online ou até mesmo no âmbito da pesquisa há um silenciamento aí nesse ponto.

Durante meu EF e EM eu morava na fazenda e sempre estudei em escolas urbanas junto com alunos da cidade, somente quando eu era muito nova que eu estudei em uma escola

rural, e fui mudar para a cidade durante a graduação, até então era dessa forma, eu tinha uma família bem estruturada nunca tive condições de reclamar sobre, um pai e uma mãe super presentes, um irmão mais novo com quem tenho um relacionamento complexo, mas ele está ali. Outros familiares também sempre estiveram presentes da forma deles, mas eu tinha, sempre tive isso, essa estrutura, esse apoio, teve apenas uma época que, no sentido religioso, que eu sei que para algumas pessoas, não querendo generalizar, mas a questão da religiosidade desempenha um papel muito grande em relação à sexualidade e/ou ao gênero ao qual a pessoa se identifica, se vê, e eu fui religiosa por um período quando era muito jovem, mas era mais para me enturmar mesmo, porque como falei eu era da fazenda, e nesses momentos de ir para igreja eu ia com a minha tia pois minha mãe e meu pai não eram dessa religião, esses eram os momentos que eu tinha ali uma roda de amigos e era mais nesse sentido. Hoje eu me identifico como agnóstica, isso começou também muito nova em mim, foi no oitavo ano que eu tive várias conversas sobre a existência ou não de Deus que resultaram em grandes brigas às vezes, porque as pessoas não gostam de conversar sobre isso. A Roxo mais nova não sabia disso, e não foi algo que desempenhou um papel muito importante porque antes mesmo de eu parar e me entender como assexual eu já tinha batido o martelo sobre ser agnóstica, tanto que acho que um pouco do “tudo bem” para os meus pais em relação a minha sexualidade foi que não tinha como eu dar uma notícia pior do que essa de ser agnóstica, porque eu cheguei a falar para minha mãe, acho que foi bem nessa época mesmo do oitavo ano, e eu acho que de todas as coisas que você poderia dizer para alguém, dizer que você talvez não acredite em Deus porque você não tem certeza da sua existência, é uma das piores, minha mãe não é tão ligada a nenhuma religião específica, mas ela é religiosa, tem a fé dela e acredita em um ser superior, e você falar isso para alguém tem um impacto muito grande, tanto que me lembro que teve uma grande discussão sobre, recordo que na hora que eu disse isso ela chegou a chorar e tudo mais. E eu acho que depois disso, tudo que eu falasse ficaria ok, tanto que eu ser agnóstica é o que até hoje nos causa desentendimentos, afeta muito ela nas nossas conversas e tudo mais porque eu costumo relevar, cheguei a um ponto, que na verdade foi muito recentemente, de eu falar “bença” e ela responder “Deus te abençoe”, e eu tenho que falar Deus te abençoe também. Eu tinha parado de fazer isso no final da faculdade porque eu não acreditava, então porque eu estava falando? Porém muito recentemente eu cheguei a um ponto que não significa nada, se vai fazer ela uma feliz eu posso falar e não vai me machucar eu falar de volta, mas ao mesmo tempo deixei bem ciente que estava falando aquilo não porque eu acreditava, mas porque ela queria que fosse

falado, é aquele tópico que eu falei novamente de viver minha vida não para agradar alguém, não tentar me enquadrar em padrões para outras pessoas, sempre tive isso muito forte.

Então, talvez para algumas pessoas só falar seria tudo bem, mas eu tive que deixar claro ali que estava falando porque ela queria que eu falasse e não porque eu acreditava necessariamente, mas acho que isso meio que aplacou toda notícia de que a Roxo não vai querer se relacionar com outra pessoa, porque foi uma coisa tão forte para ela que qualquer coisa depois estaria super ok, não poderia dar nada mais forte do que isso. Tanto que isso é a única coisa que eu sei que não posso comentar na frente de outra pessoa da família, isso que eu faço com ela de falar “Deus te abençoe” de volta, eu tenho que fazer com outras pessoas também e se elas tocarem no assunto Deus, eu não posso problematizar, iniciar uma discussão histórico-social sobre o porquê a existência da própria bíblia em si é muito complicada e controversa. É a única coisa vetada, se eu quisesse eu poderia subir em cima de uma mesa em uma festa de família e gritar minha sexualidade ou seja o que for para todo mundo que ela não falaria nada, mas isso da religião não. Então isso impactou muito, eu acho que foi uma coisa que ajudou na questão da minha sexualidade.

Seguindo, temos a pós que foi um desafio até para entrar em si, sempre quis fazer, mas na graduação por conta da pandemia e tudo mais eu queria ter iniciado uma IC mas acabou não indo para frente por conta de tudo isso, também era um campo pequeno então o incentivo era menor. Fiz a graduação na UFMS do câmpus de Paranaíba que na época tinha apenas três cursos: Matemática Licenciatura, Psicologia e Administração, hoje em dia tem quatro porque colocaram Medicina Veterinária se eu não me engano, mas ainda sim continua sendo minúsculo. Então não havia tanto incentivo para a pós-graduação, pelo menos eu nunca senti na minha experiência, daí quando eu vim para Campo Grande eu até brinco, às vezes, de dizer que eu caí de paraquedas aqui porque decidi muito em cima da hora e eu não tinha nenhuma esperança de entrar, queria apenas para ver como ia ser o processo seletivo para tentar mesmo no outro ano, escrevi meu projeto de pesquisa sozinha e ele estava terrível, nunca vou mostrar aquilo para ninguém, mas eu tenho ele ainda guardado. Fiz as provas e consegui entrar, o que foi uma grande surpresa. Então aqui estou eu Roxa começando a pesquisa, até então como não tinha feito nenhuma IC eu não tinha tanto contato e meio que não sabia quantas vertentes tinham, o quanto a gente podia abrir para a Educação Matemática, que podíamos discutir questões de sexualidade, de gênero que sempre foram coisas que me chamaram muito, a própria História que foi onde eu acabei fazendo minha pesquisa, porque eu sempre fui apaixonada por História tanto que era minha primeira opção, Matemática era a segunda, mas eu não consegui fazer porque na minha cidade não tinha esse curso e eu não tinha condições

de sair de lá naquele momento para fazer uma graduação. E assim abriram muitas portas, não somente no sentido literal de você fazer um ensino superior, mas oportunidades de iniciar sua carreira no sentido de conhecimento mesmo. Daí, na pós foi a primeira vez que eu senti, e vivenciei, violência pela minha sexualidade, senti preconceito também em relação ao meu projeto, porque eu falo sobre gênero, especificamente estudo sobre o ensino de matemática para mulheres em uma perspectiva histórica, e senti isso em relação ao tema do meu projeto, porque uma pessoa disse que não pensava que esse tema teria alguma coisa a ver com a matemática, que aquele não era espaço para esse diálogo. Porém, um outro trabalho que falava sobre gênero e sexualidade foi mais atacado e essa pessoa chegou a um ponto que a se professora não tivesse dado um jeito de intervir pacificamente nesse ataque, eu teria dado um jeito mais violento basicamente, porque a gente abriu um diálogo para falar sobre nossa sexualidade e eu falei sobre a minha, as outras pessoas comentaram também, acharam interessante porque muitas delas ali não conheciam até então a assexualidade e essa pessoa em questão tratou tudo como se fosse uma invenção do tipo: “Você está apenas querendo chamar atenção”, tanto que ela atacou a sigla LGBTQIAPN+ por estar sempre se expandido e colocando mais letras, então esse foi o primeiro ataque, que foi mais generalizado, mas depois disso teve outro episódio. Era uma reunião fora da universidade a qual todo mundo da nossa turma estava e uma outra pessoa me perguntou como era a assexualidade, foi uma pergunta super tranquila querendo mesmo entender, porque como já comentei é difícil as pessoas imaginarem fora desse grande espectro sexual, e eu acho que eu devo ter falado uma hora a respeito disso e todo mundo estava conversando sobre, daí essa pessoa que me atacou antes entrou no meio, mas no sentido de ataque, e isso foi desconfortável, eu nunca tinha sentido dessa forma, não apenas de maneira direcionada, porque foi sim desse modo não tem como dizer que não era porque eu estava falando sobre minha vivência e minha sexualidade, então não tinha como não ser um ataque direto. E não vou mentir, não vou com a cara dele até hoje, ele vem conversar comigo às vezes como se estivesse tudo bem, mas não, uma coisa que tenho que contar sobre mim é que eu sou extremamente rancorosa, eu não esqueço. Esse foi o primeiro ataque que sofri, e o único até hoje, e me trouxe reflexões a respeito, porque até então eu nunca tinha sofrido algo assim, então eu sabia que algumas pessoas poderiam ter ressalvas com isso, talvez não ao nível de um ataque de homofobia que as pessoas gays e/ou lésbicas sofrem. Deixa eu tentar formular esse pensamento que eu tenho, para mim muitos desses ataques são baseados em preceitos religiosos, inclusive o dele, mas mesmo assim eu acho que, não estou tentando amenizar de forma alguma, mas sinto que não é tão forte, tão homofóbico quanto o ataque que uma pessoa lésbica, gay ou trans vai sofrer. Acho que é

menos pior. É como se para ele fosse mais aceitável uma pessoa ser assexual do que homossexual ou trans, porque eu apenas não gosto de nada, para ele sou apenas estranha, estou fora de tudo mas tudo bem, “pelo menos” eu não estou com outra pessoa do mesmo gênero, eu vejo dessa forma. Até então eu nunca tinha parado para pensar a respeito disso, comecei a pensar depois porque muitas pessoas que eu tinha conhecido até então não tinham feito nenhuma fala sobre, seja na escola ou na graduação, e nunca vi questão em responder, se alguém perguntasse eu sempre respondia com naturalidade que não gosto, não tenho interesse nisso, até ter o nome e começar a responder com esse termo. Talvez muitas dessas pessoas nunca tenham atacado porque elas estavam com essa mentalidade ou viam como algo que é inofensivo, o “nada” é mais inofensivo do que o “alguma coisa”, então vamos ficar com esse nada. Acredito que ser mais nesse sentido e foi a primeira vez que eu parei para pensar sobre, foi estranho refletir que de alguma forma existam níveis de aceitabilidade, tal qual a assexualidade muitas vezes é colocada ali como inocente, talvez as pessoas nem reflitam sobre, elas somente aceitam isso como algo estranho, inofensivo e que outra sexualidade sairia disso porque já começaria, de alguma forma, atacar a dita religião delas, os ditos preceitos dela, a norma.

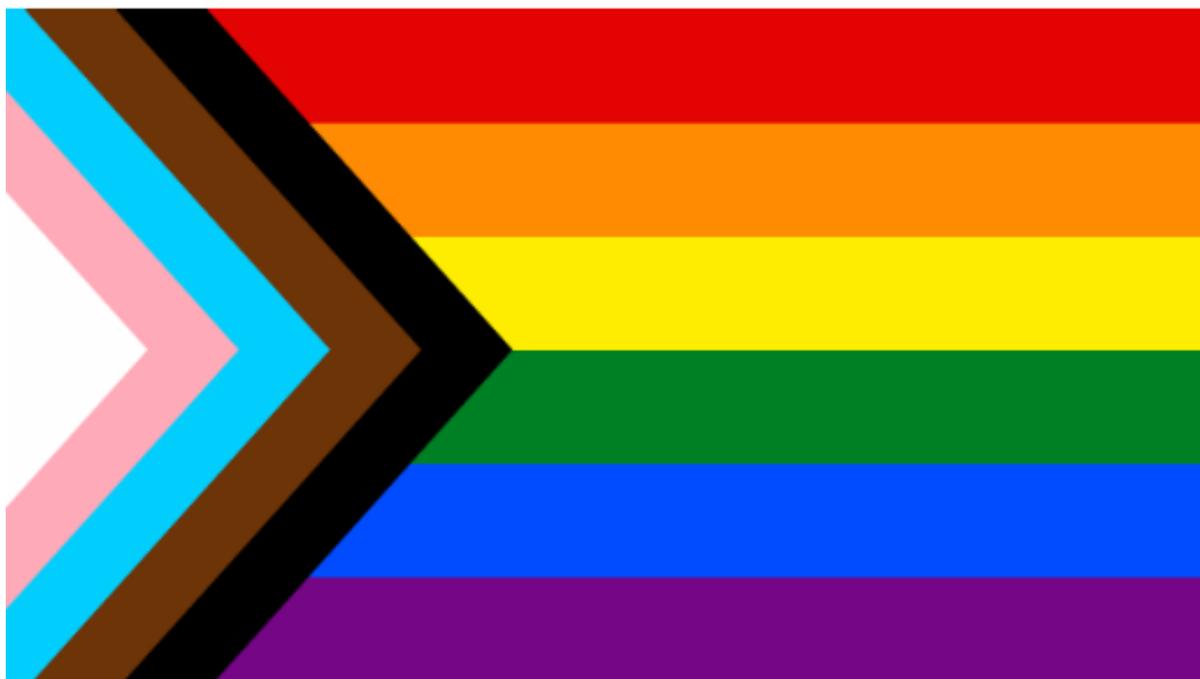
Outra coisa também a se pontuar aqui na pós-graduação, e é algo que eu ainda não parei para refletir tão profundamente sobre, e que na verdade estou evitando porque sei que quando começar eu vou desenvolver um hiperfoco e no momento não tenho tempo para novos hiperfocos. Porém, como comentei anteriormente, fui diagnosticada como autista até pouco tempo, e uma das primeiras coisas que eu conversei com meu psiquiatra após o diagnóstico, e me arrependo tanto de não ter parado para perguntar para ele “por que você sabe disso? É tão comum assim a esse ponto?” mas minha cabeça estava com muitas coisas ao mesmo tempo e eu não perguntei, e agora também acho que não vou perguntar. Mas é que uma das coisas que ele me falou foi sobre a assexualidade ser muito comum em autistas, muitos deles se identificam como assexuais, e isso me trouxe a questão de “a que ponto essas duas coisas caminham juntas?” Eu pesquisei um pouco sobre, não fui a fundo, mas as pesquisas são inconclusivas, o que se sabe é que a questão do Autismo com a assexualidade há uma interligação, principalmente quando se leva em consideração as mulheres, porque é difícil dizer que você não sente atração sexual ou que não reconhece esse sentimento, e isso me levou muito de volta ao meu primeiro ano de graduação quando não sabia se o que eu estava sentindo era atração, se não era, o que era aquele sentimento. Me trouxe muito de volta para pensar sobre tudo isso, mas eu acabei não entrando tão fundo porque eu acho que é muito difícil ter uma resposta de “até que ponto eu não sinto atração” e “até que ponto é o Autismo”

e eu estou sentindo, mas não reconheço esse sentimento? Porque uma das características que mais se acentuam no meu Autismo é a dificuldade de reconhecer os sentimentos em outras pessoas, tanto que também me traz de volta as minhas dificuldades em interações sociais lá no EM quando as pessoas estavam falando sobre e eu não conseguia desenrolar aquilo. Então, tenho dificuldade de reconhecer em outras pessoas e reconhecer em mim mesma, porque às vezes eu não sei o que eu estou sentindo. Dito isso, será que alguma vez eu já cheguei a sentir isso? Porque o espectro é amplo, algumas pessoas nunca sentem, mas algumas sentem em períodos específicos da vida, outras sentem por pessoas específicas, pode ter uma ligação afetiva e/ou nem precisam de ligações afetivas apenas acontece. Então, será que eu já senti e não sei? Mas como eu falei eu não entrei tão fundo assim nas pesquisas que são inconclusivas e não são tão amplas quanto se espera, uma mais recente, se não me engano de 2023, fala sobre isso de você não conseguir reconhecer e também pontua, principalmente, mulheres. Só que eu não sei sabe? E é o que eu ando repetindo agora, como eu disse faz menos de dois meses que eu tive o diagnóstico, e ele foi super bem recebido por mim, era uma coisa que no momento em que médico falou eu pensei: “Nossa, isso faz tanto sentido, como eu nunca tinha pensado nisso na minha vida?!” Foi como se ele tivesse dito que meu cabelo era preto e eu nunca tivesse olhado no espelho e visto meu cabelo preto, então nesse sentido foi super ok, mas a relação do Autismo com a assexualidade especificamente me pegou muito, porque como eu falei isso foi uma das primeiras coisas que ele comentou, perguntou sobre meus relacionamentos e eu falei que era assexual. E assim que tive o diagnóstico a primeira coisa que ele falou foi sobre isso e a pergunta que eu não fiz e deveria ter feito era “é tão recorrente que autistas se identifiquem como assexuais?” Porque ele tinha aquela informação, os números na ponta da língua.

Também, pela leitura que eu fiz até agora a respeito, os autistas, de forma geral a grande maioria sai da heteronorma, não é que seja mais fácil no quesito de você é autista, então você vai ser trans ou gay ou lésbica e tudo mais, mas é mais fácil no sentido de se ver nisso e dizer que está tudo bem, eu me identifico. Porque a gente já está saindo de uma norma e fora isso tem o desenvolvimento social que, se eu não me engano, uma das primeiras características que você tem que se enquadrar no formulário de diagnóstico é o desenvolvimento social, e o atraso dele poderia estar ligado à assexualidade porque talvez traria isso junto. Então são coisas que estou pensando agora, ainda não muito a fundo e eu preciso fazer mais leitura sobre, mas me trouxe questões, aquelas que eu tinha no meu primeiro ano de graduação de “eu não estou sentindo? Eu ainda vou sentir? Eu já senti?”, não que isso agora seja um problema ou que eu deseje isso, mas são coisas que vieram e que

querendo ou não fazem você pensar a respeito, porque era algo que parecia tão estabelecido para mim, que estava super posto até pouco tempo atrás, e não está mais porque outro elemento, um que até então não existia, que pelo menos eu pensei que não existia, mas que agora parando um pouco e, só de olhar para poucos meses atrás, sempre esteve ali esse elemento. Isso traz toda uma nova gama de informações a serem pensadas, relações para serem revistas, e nossa! Era aquilo, só ter parado e olhado um pouquinho para o espelho que eu tinha descoberto, assim agora tem outras coisas para refletir sobre a minha sexualidade em si.

Pensando nisso, uma possibilidade seria “se com tratamento do Autismo eu posso migrar, por assim dizer, para outro espectro”, eu acho que de toda forma continua sendo a assexualidade, talvez outro lugar dela, quem sabe um dia, mas isso eu já não sei porque o espectro é longo, como eu disse outras pessoas chegam a ter relacionamentos afetivos muito mais velhas, não com tanta conexão física quanto as pessoas costumam colocar em seus relacionamentos mas chegam, até então eu nunca me imaginaria com isso, porém talvez quem sabe. Eu estou super bem assim, tanto que estou meio que de certa forma duvidando do que estou falando aqui, porque eu não me vejo dessa forma, por conta da assexualidade e agora eu também sei que por conta do Autismo, às vezes eu me canso das pessoas e descobri que é por conta disso, mas às vezes eu preciso ficar alguns dias sem conversar porque estou exausta, eu chego a um ponto de exaustão que às vezes preciso sentir um isolamento, principalmente se estou convivendo com pessoas o tempo todo, a semana toda, então imaginar um cenário de relacionamento onde precisa de um contato constante é muito inviável.

Figura 33: Bandeira Progressista

Fonte: PIXABAY

A bandeira eu acho que me remete mesmo a esse cenário da universidade que eu falei de quando conheci o termo assexual que foi quando acabei pesquisando mais sobre todas grupos de pessoas de diferentes gêneros, sexualidades e padrões que existiam além da heteronorma, que até então eu não conhecia e eram muitos. O que me leva novamente aquilo dos assexuais não se reconhecerem como tal por não não saberem que o termo existe ou que existem outras pessoas assim, e que não é apenas você que é estranho, ou que gosta menos do que outra pessoa goste, mas só que você não conhece, sabe que há um grupo ali que se sente dessa forma, e não é um grupo pequeno.

Eu acho que nunca me senti exatamente sendo representada, sinto que às vezes há uma invisibilidade dos assexuais, acredito que a gente pode trazer aquele mesmo exemplo que eu tinha falado para argumentar sobre a religião e preconceito e como isso era escalonado, e acho que a gente pode trazer aqui no movimento em si porque querendo ou não o movimento vai dar mais visibilidade ao que é visto como o pior. Então, eu vejo isso como uma pirâmide e lá em cima estariam as pessoas trans, em seguida os homens gays, porque sinto que há muito mais visibilidade aos gays do que as lésbicas, tanto em relação a pesquisa quanto a mídia, podemos ver isso até em filmes e/ou séries, há sim mais visibilidade, e se fôssemos escalar depois viriam as mulheres lésbicas, os não-binários e os assexuais muito abaixo, porque

querendo ou não é aquilo que, do pior a gente está em uma categoria de inacessibilidade, se formos alocar no quesito de preconceitos sofridos, porque eu já tinha levantado essa questão, a gente tinha usado o exemplo da religião, mas se a gente colocar assim vamos estar tão no nada que na balança do preconceito estaremos em uma categoria de não visibilidade que não vai subverter tanto as regras heteronormativas, mas tenho isso para mim que tudo tem um contexto político religioso envolvido e acho que grande parte da homofobia sentida tem uma raiz sim no religioso, tanto que já peguei alguém uma vez homofóbico para debater sobre, fui até o limite de gritar na minha cara a respeito e no final chegou “porque Deus quis assim”, e não conseguia depois desenvolver o porquê de Deus quis assim, Deus escreveu assim ou Deus falou assim. Então você ser trans, gay ou lésbica sai disso, você está ali fornecendo uma ameaça a essas normas, esses preceitos que Deus disse e a assexualidade é inofensiva, acho que a gente pode se colocar assim para muitas dessas pessoas olharem, porque a gente não está transgredindo a palavra de Deus, não estamos fazendo nada. Então, o movimento em si, eu vejo que é para dar visibilidade a essas pessoas, para subverter esses preconceitos, logo, obviamente, você vai dar isso aqueles que sofrem mais violência, haverá mais visibilidade sobre. Como os assexuais estão nessa questão do inofensivo vai sim haver uma invisibilidade, e não que eu acho ruim visibilizar gays, lésbicas e trans, sinto também a necessidade de haver mais vozes a respeito porque muitas dessas pessoas sofrem muito mais preconceito, tanto que como falei, sofri diretamente uma vez na minha vida apenas, a outra vez eu senti mas não foi assim direcional, foi mais no sentido geral. Então, eu reconheço que há necessidade, mas essa invisibilidade também é um ponto que me toca, principalmente dentro da própria comunidade, porque a grande maioria da que eu tive contato não tem ideia do que é o assexual, porque ele pode sair da heteronorma, mas ao mesmo tempo que sai dela, você ainda está ali dentro daquela norma sexual que parece que todo o resto vive, a não ser que você saia disso ou que você estude a respeito dela, você nunca vai ficar ciente que está ali dentro. E eu sinto isso.

Agora, sobre a necessidade de ser representada eu acho que sim há necessidade tanto para as pessoas talvez reconhecerem que elas estão dentro de uma norma sexual, mas não apenas reconhecerem que estão dentro dela e sim dar a possibilidade de que elas reconheçam que estão ali e que há pessoas que saem dela, porque é aquilo de quando falei dos dois depoimentos do fórum de assexuais sobre pessoas que viveram quase 50 anos da vida delas sobre esses preceitos, não porque elas estavam tentando negar que eram diferentes, mas porque elas não sabiam que estavam seguindo essa norma, que existiam pessoas que saiam, um grupo de pessoas que se viam fora dela, e é muito triste, porque as pessoas falam que tem que pensar sobre tudo e se parar para refletir um pouquinho vai entender, não, se você nunca

ouviu sobre aquilo e não teve acesso a esse tipo de conhecimento você pode parar quanto tempo que for para refletir consigo que não você não vai se ver fora disso. Pode achar estranho, vai haver um estranhamento consigo que podem causar outros problemas psicológicos, tanto que recentemente eu estava pesquisando sobre a assexualidade e o Autismo e encontrei uma psiquiatra no YouTube que fez um vídeo muito interessante o qual ela desenvolve sobre, e um dos depoimentos era sobre isso, a grande maioria era sobre isso, esse era o tema. Algumas pessoas assexuais estavam lá encontrando traços de Autismo, tanto que foi outra coisa que me chocou porque parece que há muitos autistas que se identificam com isso e outras pessoas que têm relacionamento, casaram, tiveram filhos e nunca sentiram tanto isso. Elas estavam chocadas porque com o vídeo elas se reconheceram como assexuais e até então só se achavam estranhas, porque elas não conheciam a respeito, não sabiam que estavam ali dentro desta norma sexual.

Então, eu acho que essa visibilidade é sim necessária, acredito que a gente tem muito a melhorar em relação a isso porque a tendência de dar visibilidade àqueles que mais precisam, não que seja necessariamente ruim, na verdade é bom, mas essa invisibilidade dos outros grupos não só dos assexuais, como tem em outros que são invisibilizados, tanto na bandeira ou também na sigla, porque a grande maioria das pessoas preferem se referir cortando ela ao meio para que fique mais fácil de dizer ou para se encaixar em um contexto específico, mas se há uma letra ali é porque estão tentando dar visibilidade aquele grupo. Portanto, eu acho que são coisas que devem ser sim levadas em consideração quando a gente está falando sobre esses movimentos específicos, quando estamos organizando eles, e é isso.

Figura 34: Olhares

Fonte: Arquivo Pessoal

Acho que eu já comentei muito a respeito indiretamente dessa, ela me remete à minha primeira experiência com uma situação de violência na pós-graduação, mas agora de forma geral eu já falei a respeito. Nunca me importei com que as outras pessoas falariam ou pensariam ou olhariam para mim, sempre tive isso muito comigo de “não vou viver a minha vida para satisfazer os padrões de outras pessoas, sejam quem forem”, a Roxo de 12/13 ou mais nova ainda sabia que seria um grande momento da sua vida, mas falou para a mãe dela que ela era agnóstica e depois logo me vi assim “eu não tenho interesse nisso”, então nunca foi algo que me preocupou tanto, mais em relação a situações sociais de conversar com outras pessoas mas nunca no sentido de “o que estão pensando de mim ou o que estão falando de mim?”, mais no de eu tenho que tentar desenvolver aqui com essa pessoa, mas não foi algo que me afetou tanto, apenas nessa situação que eu já relatei de preconceito que foi a primeira vez que eu me vi em uma situação assim e foi desconfortável, como pontuei, e eu com essa pessoa não quero nem manter diálogo. Porém eu não acho que trouxe tanto impacto assim na minha vida de eu falar “nossa, isso mudou minha vida nesse sentido” ou que eu fiquei marcada de alguma forma por conta dessa situação, não, ela me trouxe sim reflexões sobre mas não é algo que eu deixaria alguém fazer assim comigo, eu tenho para mim que eu em primeiro lugar e se outra pessoa está pensando algo isso é problema dela.

4. UMA NARRATIVA POSSÍVEL: INTERSEÇÕES DE EXPERIÊNCIAS DISSIDENTES

Realizar uma análise das narrativas de Azul, Vermelho, Verde, Amarelo, Rosa e Roxo foi uma proposta que me instigou muito. Neste capítulo vamos discutir temáticas que eles trouxeram à tona, juntamente com a narrativa (auto)biográfica do autor, em uma narrativa possível, trazendo intersecções entre as vivências contadas. Além disso, em alguns casos, traremos trechos marcantes das narrativas, pois há experiências cuja intensidade e autenticidade poderiam ser comprometidas em uma paráfrase, correndo o risco de amenizar ou descaracterizar os fatos vividos.

Diante disso, resolvemos buscar aproximações, afastamentos e intersecções entre os relatos dessas pessoas com a minha própria experiência em uma tentativa de mostrar a partir de nossas vivências como cada tema deste documento afetou, afeta e afetará a vida de pessoas que são tidas como dissidentes em uma sociedade que dificulta sua existência e facilita seu extermínio. Assim, esta seção pode ser entendida como uma narrativa do autor buscando discutir temas recorrentes nas narrativas dos convidados como: família, cisheteronorma, religião, pré-conceito, matemática, gênero e sexualidade fazendo uma (relação) sobre as experiências compartilhadas.

Para tanto, além de trazer as intersecções entre as minhas experiências com as das pessoas que realizaram as narrativas como uma forma de mostrar os impactos causados por pré-conceitos, estigmas e *bullying* ao decorrer de nossas vidas acadêmicas, também traremos autores que explicam conceitos e situações que possam aparecer durante este trecho da dissertação. Assim, estes não trarão um valor de validar as experiências aqui descritas, mas sim auxiliar na construção do conceito e reforçar que tais problemáticas são discutidas há tempos.

Desse modo, vou transitar entre pessoas e tempos verbais, utilizando tanto a primeira quanto a terceira pessoa do singular e/ou do plural em uma tentativa de dialogar com o leitor, enquanto conto as minhas experiências ao recontar as narrativas. Assim, vão ter momentos em que eu escrevo “eu” para dizer uma experiência pessoal minha, “nós” como uma escrita de orientando e orientadora e/ou “nós” para me incluir como um indivíduo dissidente ou LGBTQIA+.

4.1 Família

Iniciarei a análise pela temática Família, pois acredito que em nossa formação pessoal e social exista um fator muito importante para o desenvolvimento do indivíduo, o sentimento de pertencimento (Butler, 2018). Se entender como uma pessoa LGBTQIA+ é uma experiência que é paradoxal, porque, ao mesmo tempo em que buscamos reconhecer nossas identidades, seja ela de gênero e/ou sexualidade, pertencemos a um grupo de pessoas dissidentes que, por vezes, abdicam do pertencer social ao qual estávamos acostumados na família e/ou na escola, por exemplo. Os ciclos que conhecíamos podem ser completamente alterados e os laços feitos, sanguíneos e/ou afetivos, facilmente desfeitos transformando tudo e todos à nossa volta.

Assim, se “autoidentificar” com um determinado gênero e/ou uma sexualidade acaba sendo um tiro no escuro que vai definir o rumo de nossas vidas na sociedade, perpassando por problemas criados especificamente para nós, pessoas LGBTQIA+, sendo que essas questões podem ser vivenciadas em um dos principais núcleos de nossas vidas, a **família** (Silva, 2005). Esta desempenha um papel fundamental na criação e no desenvolvimento pessoal de cada um de nós e, em casos como o de **Verde**, a sexualidade foi um problema que fez com que seus pais ficassem quatro meses sem contato com ele. Após este período, o diálogo entre eles foi restabelecido, mas **Verde** não se sente à vontade ou tem liberdade para abordar sobre seus relacionamentos com sua família.

Tal situação também ocorreu de forma parecida comigo e esse tratamento de silêncio que minha **família** me deu foi interpretado por mim como uma maneira deles entenderem aquela nova realidade, talvez não tenha sido a melhor forma, mas foi como eles lidaram e, assim como **Verde**, eu também não tenho liberdade e/ou vontade de comentar sobre minha vida privada com eles. Para mim é como se existissem duas pessoas para nossas **famílias**, um antes de se declarar, e que prevalece para elas, e um depois, que é aceito, mas não pode, não deve e talvez nem queira comentar sobre seus relacionamentos. Assim, aquele sentimento de pertencimento, que mencionei acima, vai se esvaindo aos poucos e esse núcleo vai cada vez mais perdendo a força de influência e importância em nossas vidas, dando espaço para que busquemos pertencer a lugares outros.

No contexto de **Azul**, que assim como **Verde**, vêm de uma família do interior, do campo, também ocorreram dificuldades de entender e conversar sobre sua sexualidade, tanto que se “autodeclarar” foi uma decisão que veio após 40 anos acompanhada da pandemia de Covid-19. Ele comenta que este foi um período muito difícil de sua vida e penso que dado o

contexto de pandemia isso foi potencializado ao máximo, porém aos poucos sua família foi entendendo e aceitando **Azul** como ele era, tanto que hoje em dia ele comenta sobre nascer na família certa.

Contudo, tais questões não são exclusivas do contexto rural, essas violências ocorrem tanto no campo quanto na cidade. Este primeiro cenário é composto por grupos de pessoas mais homogêneas que seguem normas tradicionais de gênero e sexualidade repassadas por gerações. Contrastando com isso, as zonas urbanas possuem uma população mais heterogênea em relação à cultura, que possibilita maior liberdade e autonomia às pessoas dissidentes da norma que buscam mais informações e/ou redes de apoio nesse ambiente. Desse modo, as cidades tornam-se o “[...] refúgio dos homossexuais” (Eribon, 2008, p. 19, tradução nossa)²⁸, pois são diversas e proporcionam métodos para experienciar gêneros e/ou sexualidades outras, o que no contexto rural é mais complicado.

Nesse sentido, o silenciamento das sexualidades de **Verde**, **Vermelho**, **Azul** e **Roxo** relaciona-se com a forte influência que a cisheteronorma possui nas tradições repassadas entre essas famílias que vivem em zonas rurais do Brasil. Ainda, os quatro são da região centro-oeste do Brasil, que possui uma forte influência da cultura do agro e auxilia na disseminação de padrões binários de gênero e sexualidade que nos colocam à margem como pessoas dissidentes.

Enquanto isso, apesar de também terem passado por situações de pré-conceito e *bullying* em ambientes exteriores à família, **Rosa** e **Amarelo** tiveram mais liberdade e possibilidades de explorar seus gêneros e/ou sexualidades nesse núcleo, haja vista que as representações dessas categorias estavam presentes nas cidades de diversas formas, como: na televisão, no jornal, cinema e/ou em movimentos de rua em prol da diversidade. Vale ressaltar que **Rosa** e **Amarelo** vivem, no momento desta escrita, na região sudeste do país onde ocorrem os eventos mais famosos relacionados às pessoas LGBTQIA+ como a Parada LGBTQIAPN+ do Rio de Janeiro, por exemplo.

Se autodeclarar é uma pequena parte de nossas vidas que pode moldar muito dos nossos futuros, muitos LGBTQIA+ sofrem com essa questão, pois têm medo das consequências que podem vir acompanhadas. Algumas **famílias** se calam frente a esta nova realidade, deixando toda a carga emocional e as lutas sociais como uma responsabilidade individual, enquanto outras nos acolhem e respeitam, auxiliando nestas situações e fazendo

²⁸ “[...] refuge of gay people.” (Eribon, 2008, p. 19).

com que a parte mais difícil de sair do armário seja apenas um pequeno obstáculo a ser superado.

Vermelho viveu, e arrisco dizer que ainda vive, uma grande sequela desse movimento de se declarar, o que no caso se potencializa pelo fato de que terceiros fizeram isso por ele. Isso auxiliou em preocupações de sua mãe com o como a sociedade iria ver essa questão, e por isso recomendou que ele saísse com os meninos às escondidas. Viver às escondidas é uma das marcas que pessoas dissidentes levam consigo em uma tentativa de se proteger, assim como a mãe de **Vermelho** previu, demonstrar afeto em público é um ato de coragem que pode resultar em violência explícita e, em casos mais extremos (nem tão extremos assim), morte.

Ainda, acredito que esta questão do “esconder” se faz tão presente na vida de **Vermelho** que é refletida em seu atual relacionamento, pois muitas pessoas não sabem que **Verde** e ele estão em um e isso acaba cutucando algumas feridas do passado que ativam gatilhos em ambos.

Esconder-se é algo que nós, pessoas LGBTQIA+, aprendemos desde sempre, afinal vivemos em uma sociedade que privilegia corpos que seguem padrões estipulados pela história e religião como o homem branco, cisgênero e hétero. Assim, pessoas que desviam de algum modo desse padrão são tidas como um destaque negativo desmerecedor de direitos básicos como o da vida e do respeito. Ainda, nascer não branco e não hétero faz com que um alvo seja colocado em você, tal qual só é retirado quando o objetivo dessa sociedade cisheteronormativa é atingido, o extermínio da diversidade.

Assim como **Vermelho**, **Verde** também teve que viver sua sexualidade às escondidas, pois sua família não queria aceitar o fato dele ser gay, já para **Roxo** tal questão não afetou sua composição familiar em nenhum aspecto, talvez pelo fato dela ser assexual e o pensamento de que “o ‘nada’ é mais inofensivo do que o ‘alguma coisa’” (**Roxo**), sendo esse “nada” o não gostar de ninguém e o “alguma coisa” de alguém do mesmo sexo como mencionado anteriormente. Em contrapartida, **Amarelo** vivia plenamente sua sexualidade da forma como queria, pois isso não era um problema para sua família, e ainda, **Rosa** também teve uma liberdade ao realizar sua transição sem precisar se esconder e/ou se renunciar perante sua família (Foucault, 2020).

Em resposta a isso, há tempos vem sendo levantados movimentos que objetivam lutar pela causa de pessoas que não se enquadram na cisheteronorma (Simakwa, 2019), daí podemos citar os movimentos feministas, o movimento negro, o LGBTQIA+ e outros que reivindicam direitos e lutam por sua sobrevivência. E muitos desses objetivos foram

atingidos, contudo a violência ainda não cessou e crimes de ódio contra essas pessoas ainda são diariamente cometidos sem que os responsáveis por eles sejam punidos.

Muitas **famílias** tentam fundamentar suas atitudes preconceituosas e violentas em uma tese paradoxal que justifica essa violência dentro deste ambiente para que, na sociedade, eles não sofram com preconceitos relacionados a gênero e/ou sexualidade. Isso pode ser observado no silenciamento vivenciado por **Verde**, nas dificuldades de **Azul** e na marca do esconder que **Vermelho** carrega, sendo estas cicatrizes que também me afetam, e que são compartilhadas, infelizmente, por muitos que são tidos como dissidentes.

Isso me faz refletir o quanto nos é colocado a ideia de que, de algum modo, estamos vivendo de uma forma errada, o que é um pouco inconcebível para mim, pois considero cada vivência única, formada por uma rede complexa de fatores que fogem ao nosso controle (Passeggi, 2011). Contudo, isso faz com que uma parcela da sociedade possa utilizar de princípios políticos e religiosos como uma força de exercer poder, influenciando em outras configurações de vida.

No entanto, não são todas as narrativas que trazem questões problemáticas ao relatar sobre suas **famílias**. **Amarelo**, por exemplo, comenta sobre como se entender como um homem gay não foi um grande problema nesse contexto, pois além do suporte de sua família, muitas outras questões também aconteciam em sua vida naquela época.

Adicionalmente, **Roxo** narra que seu período de reconhecimento como uma pessoa assexual não foi tão turbulento, pois embora seu núcleo **familiar** tivesse dificuldade em compreender sobre sua falta de interesse em relacionamentos afetivos, sendo várias vezes questionada se era lésbica, ela foi até certo ponto respeitada, sendo uma questão que foi considerada menos importante que seu posicionamento religioso: *“se eu quisesse eu poderia subir em cima de uma mesa em uma festa de família e gritar minha sexualidade ou seja o que for para todo mundo que ela [mãe de **Roxo**] não falaria nada, mas isso da religião não”* (**Roxo**).

O poder exercido pela religião na família de **Roxo** é tão potente que sua sexualidade fica em segundo plano quando comparadas ambas categorias. O Cristianismo é um dogma manipulado por alguns para demonizar e violentar pessoas dissidentes dos padrões de gênero e sexualidade postos por uma suposta entidade maior. Ainda, é uma das principais justificativas utilizadas para fundamentar crimes contra pessoas LGBTQIA+ além de ser um dos pilares do exercício do poder na sociedade.

Em contrapartida, **Amarelo** vive um cenário completamente diferente nesse contexto religioso, talvez pelo fato da religião seguida por sua família ser diferente do cristianismo em

alguns aspectos “[...] porque no espiritismo, óbvio que em todos os lugares a gente vai ter preconceito, mas no espiritismo nós temos uma ideia de julgamento diferente do que uma fé cristã teria por exemplo, outras religiões [...]” (**Amarelo**). Diante disso, podemos observar o quanto a religião pode ter influência sobre as atitudes das pessoas, moldando como elas vão viver e influenciando suas perspectivas sobre como outras existências vão se comportar.

Nesse sentido, a instituição religiosa tem o poder de exercer controle sobre as subjetividades das pessoas fazendo com que elas sigam a risca seus dogmas, de modo que, aqueles que desviem disso são pecadores, e portanto, merecedores de atitudes extremas que conservem os valores e costumes da instituição família que se encontram acima de tudo e de todos, tudo isso em nome de Deus (Foucault, 2020).

Além do mais, apesar do Brasil ser tido como um país laico, a predominância dos dogmas cristãos nele é tão grande que existe uma bancada evangélica no meio político para tomada de decisões legislativas que levam em consideração costumes e valores dessa religião em assuntos como o aborto, direitos de pessoas LGBTQIA+ e/ou a introdução de uma Educação Sexual preventiva nas escolas. Assim, essas pautas são abandonadas e/ou revogadas por ideologias que privilegiam o Cristianismo e prejudicam aqueles que são postos à margem da sociedade.

Ademais, **Rosa** fala com muito amor em sua voz sobre como sua mãe foi acolhedora e companheira durante todo o processo de transição, auxiliando não apenas ela, mas algumas amigas que também estavam passando por situações parecidas. Contudo, **Rosa** também considera os laços de amizade como uma segunda **família**, pois estas pessoas desempenharam papéis muito importantes em sua formação e desenvolvimento.

Além do mais, um tema recorrente em todas as narrativas foi a questão da **cisheteronorma** e como ela teve influência na estrutura e, conseqüentemente, no pensamento das famílias dos narradores. Assim, foram problematizados alguns pontos como qual a composição mais disseminada e aceita de família, quais configurações são tidas como normais e como esse pensamento influenciou na vida dessas pessoas.

Desse modo, podemos iniciar este debate dando um contexto dessas famílias. A de **Azul**, **Verde** e **Roxo** são famílias de diferentes cidades do interior rural da região Centro-Oeste do Brasil, rodeadas de costumes religiosos e pré-conceitos que foram compartilhados ao longo das gerações. Nesse sentido, sua composição é quase sempre a mesma, mãe, pai e filhos com papéis sociais bem estipulados como a mãe do lar e o pai trabalhador, esta configuração é conhecida como a família nuclear (Bento, 2012).

Além disso, **Vermelho** fala apenas sobre sua mãe, não sendo possível deduzir se ele também vivia na configuração mencionada anteriormente. No entanto, **Amarelo**, **Rosa** e eu vivemos composições outras que, apesar de desviarem do padrão cisheteronormativo, vem crescendo como nos mostra os dados de Brasil (2021) apresentando que no período de 1995 à 2015 houve uma diminuição de casais heterossexuais com filhos de 57,7% para 42,3% e um aumento de mães solteiras para 16%. Sendo estes os dados mais recentes, haja vista que o censo é realizado quadrienalmente.

Logo, família era um termo excludente e monopolizado por uma sociedade cisheteronormativa em uma busca por controle econômico e populacional, pois o padrão era posto e quem não o seguia era marginalizado (Bento, 2012). Contudo, esse termo passou (e passa) por algumas reformulações em uma tentativa de se desvincular do Estado para incluir composições outras de famílias que fujam dos padrões estabelecidos pelo capitalismo e consequentemente pela norma.

Ainda, **Amarelo** passou por um processo de transição familiar, o qual seu primeiro núcleo era composto apenas por mulheres, com sua mãe, avó e bisavó dividindo as despesas de casa, sendo elas as as “chefes de família”. **Rosa** também foi criada por sua mãe, mas neste caso eram apenas as duas, com ambas tendo que trabalhar para garantir o sustento da casa. É nesse contexto em que nossas histórias se entrelaçam, eu também fui criado por minha mãe, mas diferentemente de **Amarelo** e **Rosa**, eu tinha auxílio da minha família paterna até certo ponto. Aos meus 16 anos de idade, com a “descoberta” da minha sexualidade por parte do meu pai, essa “ajuda” que ele dava para minha criação cessou por um tempo e eu tive que buscar formas de auxiliar dentro de casa. Posteriormente, essas questões foram “resolvidas” e hoje costumo dizer para as pessoas que tenho duas famílias, a da minha mãe e a do meu pai.

Pode não parecer, mas as questões de gênero e sexualidade afetam também as oportunidades profissionais de pessoas dissidentes. Enquanto alguns buscam sair de casa o mais rápido possível para retirar-se dessas vivências violentas utilizando o trabalho formal como um meio para chegar a tal objetivo, outros não possuem esta opção e acabam tendo que se submeter a serviços informais e/ou se invalidar para poder sobreviver abaixo de um teto.

Nesse contexto, apesar da Declaração Universal dos Direitos Humanos - DUDH (1948, s.n), em seu 23º Artigo postular, que: “Todo ser humano tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego.” isso não ocorre plenamente em nossa sociedade. Diferenças de gênero e sexualidade são postas como impedimentos para que nós, pessoas LGBTQIA+, possamos exercer nosso direito ao trabalho, sendo tidos como menos capazes e mais descartáveis para

cargos importantes como a docência. Isso sem mencionar as interseções de classe e raça que também são marcadores utilizados para estigmatização.

Ademais, essas situações possuem múltiplas camadas que, ao serem descascadas, revelam discriminações ainda mais profundas. No caso, essas violências levam em consideração o **gênero**: as mulheres são mais prejudicadas que os homens, mais violentadas em aspectos de violência sexual e menos aceitas por representar mais gastos às empresas (Organização Internacional do Trabalho, 2024). Depois, a segunda camada é a **sexualidade**, sendo esta um mecanismo utilizado para desestimular na contratação de pessoas LGBTQIA+ desvalorizando as capacidades físicas e/ou mentais dessas pessoas apenas pelo desvio da sexualidade. Por último, relacionado ao gênero também, temos a questão relacionada à **cisgeneridade**, sobre isso acredito que apenas um trecho da narrativa de **Rosa** expressa o quão violenta é essa situação: “[...] eu passava em seleções porque as pessoas sabiam que eu tinha condição, mas em outros lugares que as pessoas não me conheciam elas não deixavam, elas não queriam, achavam que era um problema e não queriam aquele problema para elas.” (**Rosa**).

A situação acima é exclusiva de Rosa, portanto podemos concluir aqui que dentro da opressão ainda existe um sub escala de opressão que leva em consideração os aspectos supracitados. Assim na cisheteronorma, **Verde**, **Vermelho**, **Azul**, **Amarelo** e **Roxo** estão quase como fadados à precisar enfrentar preconceitos para conseguirem usufruir da garantia do Artigo 23 da DUDH. O que nos permite o questionamento: será que Todos têm realmente os **mesmos** direitos?!

Além do mais, diante desses cenários de família discutidos, questionamos a estrutura posta na primeira imagem do roteiro mostrando as mais diversas configurações existentes nesse âmbito, pois foi possível identificar pelo menos cinco formas outras de se constituir uma família nas narrativas, sendo elas compostas por casais homoafetivos, amigos próximos, mães solteiras, parentes consanguíneos entre outros que variam de acordo com os entendimentos dos narradores sobre este termo.

Assim, a cisheteronormatividade constitui um modelo único de família a ser disseminado na sociedade, o que, por muito tempo, fez com que pessoas LGBTQIA+ pudessem se perceber excluídas e marginalizadas por não se adequarem a este padrão posto. Com isso, a norma privilegia casais heterossexuais com direitos que deveriam ser estipulados para todos, dificultando com que outras configurações possam exercê-los a fim de manter a supremacia da cisheteronorma. Esse padrão é tão posto que infecta até mesmo as formas de

vivência de pessoas LGBTQIA+ que buscam dentro de seus relacionamentos se aproximar da norma, discriminando e marginalizando as pessoas que se desviam dela.

Acredito que uma das formas de se enxergar dentro desse sistema para poder lutar contra ele é perpassar por experiências distintas de configurações familiares, pois assim é possível identificar a organização dessa estrutura para que sejam pensadas possíveis soluções para seus problemas. **Amarelo** é um exemplo disso, pois após viver um período com sua mãe, ele passa a morar com sua tia e tio fora da favela, experienciando uma outra configuração de família apresentada no relatório técnico Arranjos Familiares no Brasil (Brasil, 2021) por “casais com filhos”. Nesse novo contexto, **Amarelo** entra no mercado de trabalho e, posteriormente, na universidade.

Minha pretensão ao relatar toda essa movimentação na vida de **Amarelo** é destacar a importância, na minha opinião, de se vivenciar diversos contextos familiares que proporcionam experiências e moldam comportamentos na criação de nossa própria composição familiar. Com as narrativas, é possível observar como essas estruturas tiveram influência na forma cujo cada um dos colaboradores se constituem, sendo possível identificar várias formas de se viver, por exemplo, unipessoal masculino/feminino e casais sem filhos (Brasil, 2021).

Os estereótipos de gênero e sexualidade impregnados na cisheteronorma tentam impor papéis sociais a estas pessoas em busca de definir como elas vão agir e existir nesse mundo. Assim, nessa estrutura estigmatizada, **Rosa** e **Roxo** deveriam ser donas de casa, mães e submissas a um suposto marido, enquanto **Azul**, **Verde**, **Vermelho** e **Amarelo** seriam criados para ser os homens da casa, trabalhadores e rígidos, provedores do lar e fiéis protetores da família (Weeks 2018).

No entanto, somos pessoas dissidentes da norma, e portanto, desses padrões que são esperados pela sociedade, e conseqüentemente (re)produzidos por nossas famílias. Mas, isso não significa que toda pessoa LGBTQIA+ vai desviar desses estereótipos, ao contrário, quer dizer que existem possibilidades outras de compor uma estrutura familiar sem precisar impor um modelo universal exclusivo ou impositivo de papéis rígidos e fixos que nunca poderão ser alterados. É um ato de subversão para inclusão de vivências consideradas dissidentes na sociedade que quebra expectativas e amplia os espectros do que se entende por família.

Dado esse contexto, **Amarelo** inicia um namoro e vai morar junto com seu companheiro (**Laranja**) mudando para uma outra estrutura familiar que desvia da cisheteronorma, construindo seus próprios princípios e valores, podendo esta ser vista como uma configuração um pouco diferente das duas outras que ele já vivenciou, tendo em vista

que agora sua realidade familiar é composta por seu companheiro e ele. **Verde** e **Vermelho** também possuem um relacionamento e moram juntos como um casal, diferente de **Azul**, **Roxo** e **Rosa**, que no período de escrita desta dissertação, optam por viverem sozinhos.

Diante disso, observamos que múltiplos agenciamentos que nos colocam com o outro a partilhar economia, desejo e afetos desempenham um papel importante na formação da pessoa, sendo alguns dos pilares para a construção de aspectos individuais e sociais, pois a partir deles é possível observar exemplos a serem seguidos e perspectivas outras que auxiliam na composição do pensamento crítico. Então, perpassar composições diversas proporciona experiências que ajudam a pessoa a se identificar na norma, possibilitando assim sua subversão.

Também é importante ressaltar a unanimidade de críticas voltadas à composição familiar posta pela cisheteronorma nas falas dessas pessoas e como elas estão lidando com isso, a fim de desestigmatizar modos outros de construir e vivenciar a sociedade. Ainda, percebemos que os narradores tentam reforçar a importância deste debate para a Educação Matemática fazendo com que este tema seja discutido, explícita ou implicitamente, em suas práticas.

Isso nos mostra que há uma valorização única do raciocínio matemático puro, sem contextualização e/ou aplicação direta na forma como os discentes vão se compreender, posicionar e/ou viver em um mundo diverso em culturas, contextos e etc, o que vai de encontro com o objetivo 6 descrito pela Base Nacional Comum Curricular “[...] fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade” (p. 09). Desse modo, o ensino e a aprendizagem da matemática precisam também considerar a possibilidade de trabalhar com pautas sociais a fim de contribuir na formação cidadãos que consigam refletir sobre problemas e soluções interseccionais entre a matemática e a sociedade.

4.2 Estigma, Pré-conceito e *Bullying*

A vida de pessoas LGBTQIA+ é rodeada por pré-conceitos, estigma e *bullying* que vão desde a infância até a velhice (Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2024), esses tipos de violência eram aceitos e tidos como normais até pouco tempo, podendo ser observados nas narrativas e também em experiências pessoais vivenciadas por mim antes, durante, e arrisco dizer, depois da produção desta dissertação. Assim, inicio aqui uma grande

retrospectiva dessas atitudes preconceituosas que foram narradas e vivenciadas até o presente momento de escrita deste texto.

Iniciarei pela escola que é um dos ambientes o qual muitos tipos de violência são naturalizados e disseminados contra grupos que são tidos como minoritários (Rosa; Santos; Hillebrand; Gomes, 2024), como por exemplo: mulheres, negros e as pessoas LGBTQIA+. Nesse sentido, essas pessoas são perseguidas, ameaçadas e violentadas, transformando a escola em um local perigoso e dificultando o processo de ensino e aprendizagem dessas pessoas, prejudicando-as e as colocando em situações de vulnerabilidade que geram traumas.

Entendo que *bullying* é o nome dado para tais situações e que a escola já vem tomando medidas para sua diminuição, porém no período descrito pelos narradores esse conceito ainda estava tomando forma e por isso muitas violências passavam “despercebidas”, ao ponto de haver uma inversão de papéis o qual a vítima era tida como a culpada.

Podemos perceber isso nas narrativas de **Azul**, **Verde** e **Rosa**, quando falam que “*Chamar de bicha, de viadinho, bater, aquela situação toda que antes nem era denominada como bullying acontecia e as pessoas tentavam minimizar sempre, não davam importância*” (**Rosa**) de tal modo que essas ações vão evoluindo para abusos físicos: “[...] *eu sofri assédio, seja na fila, seja no banheiro, na sala de aula, tudo acontecia e eu não entendia o porquê, pois eu estava com oito anos de idade*” (**Verde**) até poderem ser compreendidas como violências que devem ser criminalizadas e repreendidas “[...] *no EM eu sofria homofobia de frente por parte de colegas, isso é fato [...]*” (**Azul**).

Como já mencionado, a cisheteronorma é um grande fator que reverbera nos modos de se viver de nossa sociedade, com isso em mente não é difícil que pensamentos misóginos, preconceituosos e violentos impactam no comportamento de crianças e jovens em desenvolvimento (Simakawa, 2015). Tais atitudes são uma reprodução de comportamentos advindos da família e/ou de influências externas aos quais a pessoa seja exposta, como a região a qual esta vive, amigos e/ou a internet.

Essas violências são de diversas naturezas, podendo ser escalonadas e motivadas por princípios que não respeitam as diferenças estigmatizando existências: “*eu já era chamado de bicha e viado desde pequeno sem nem saber o que isso era. Daí eu tive que me ver com aquilo, porque não podia chegar em casa e contar que eu tinha sido chamado daquilo, senão eu apanhava ainda*” (**Azul**).

Assim, ensina-se aos agressores que qualquer pessoa que fuja do padrão estabelecido em suas mentes deve ser vista como alguém que precisa ser ajustado, realocado ou modificado para se conformar às normas estabelecidas, e que, por isso, possuem direitos aos

nossos corpos “Então, eu passei toda essa fase de ser criança sofrendo assédio na escola, às vezes eu apanhava também, batiam em mim, sem entender por que me batiam, tinham chacotas, piadas e as violências verbais” (Verde).

Em ambos os casos, Azul e Verde eram muito jovens e ainda não se reconheciam como gays, embora seus agressores conseguissem identificar trejeitos considerados femininos que justificassem tais agressões em uma tentativa de jogá-los à força dentro do modelo de masculinidade impregnado na sociedade e cultuado por muitos. Ainda, compreendo minimamente desse sentimento pois durante toda a minha infância também fui considerado como uma criança afeminada, e essas questões me causavam problemas parecidos com os mencionados por eles, eu também era a chacota, também era a bichinha e também me mantinha calado porque tentar argumentar podia escalar ainda mais a violência.

Diante disso, o que restava para essas crianças, me incluindo nelas, era uma busca por uma válvula de escape que nas três situações supracitadas foi mergulhar nos estudos e se isolar para não correr riscos a nossa integridade física e/ou intelectual. Assim, as pessoas começam a te enxergar com um certo interesse no que você pode proporcionar para elas, então sua inteligência passa a ser uma forma de evitar com que violências físicas e verbais aconteçam. Mais ainda quando suas habilidades são no espectro da matemática (Guse; Esquincalha, 2022).

Dados os fatos supracitados, Rosa e Azul que sofreram com essas violências na escola perceberam que poderiam utilizar sua inteligência ao seu favor “[...] eu estudava muito, tirava notas muito boas na época, e foi uma alternativa para tentar sobreviver a esses ataques que a gente sofre na Educação Básica” (Rosa). “Mas eu tinha uma arma, um trunfo que era a matemática” (Azul). Assim, a matemática era mais que somente uma disciplina, ela era uma forma de tirar o foco da identidade daquela pessoa pondo um certo interesse no que ela poderia proporcionar nesta disciplina, servindo como um acordo que, momentaneamente, trocava informação por “proteção” cessando, em parte, as violências (Guse; Esquincalha, 2022).

Ainda sobre isso, Rosa também comenta sobre como seu processo de aprendizagem durante o final do Ensino Fundamental e todo o médio foi complexo em relação à sua afirmação de gênero, haja vista que ela vivenciou isso em uma época em que quase não havia discussões a respeito de pessoas trans sem que houvesse uma estigmatização destas, sendo diversas vezes invalidada, “se usava apenas “O travesti”, que era utilizado mais para poder estereotipar as meninas que de alguma forma estavam ligadas com a prostituição” (Rosa).

Desse modo, apenas no dia 28 de Abril de 2016 pessoas trans e/ou travestis tiveram o direito ao “Uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional” (Brasil, 2016, p. 1), que contribuiu para a desestigmatização dessas pessoas. E assim como **Verde**, **Azul** e eu, **Rosa** também utilizou sua inteligência a seu favor como um método de sobreviver às violências durante seu período escolar, que foram diminuindo, mas não cessaram, no Ensino Médio.

Até mesmo depois desse período essas violências prevalecem, pois os padrões de corpos que são criticados na escola tem sua origem na sociedade que é a estrutura maior nesse sistema de opressão. Desse modo, essas pessoas carregam marcas permanentes do desvio desse padrão ao ponto que “Travestis e transexuais [...] não encontram oportunidades de emprego no mercado formal” (Bento, 2017, p. 293) e quando conseguem são vetadas caso não se adequem ao modelo cisheteronormativo, dificultando que um corpo trans, por exemplo, consiga ao mesmo tempo afirmar sua identidade e garantir seu sustento em uma busca por melhorar a qualidade de vida, assim como **Rosa** fez.

Nesse sentido, pode ser observado que a norma tenta moldar não apenas os corpos dessas pessoas, mas também onde elas vão pertencer, tentando colocá-las em situações de vulnerabilidade, extinguindo as possibilidades de ascensão pessoal e/ou profissional delas (Guse, 2022). Assim, as pessoas que seguem a cisheteronorma, mesmo que implicitamente, utilizam o preconceito e o *bullying* como ferramentas para desencadear consequências mais extremas como a erradicação de pessoas LGBTQIA+ e a perpetuação da violência em prol da norma, se expandindo para vários outros conjuntos de pessoas como: mulheres, indígenas, negros, deficientes, etc.

Apesar disso, nem todas as narrativas trouxeram violências durante esse período escolar, **Vermelho**, **Amarelo** e **Roxo** retornam à essa época e comentam sobre como eram suas vidas como pessoas consideradas dissidentes, vale ressaltar que são três contextos completamente diferentes que possuem algumas interseções como: são todos professores de matemática e **Vermelho** e **Amarelo** são homens cis brancos; e/ou afastamentos como a região a qual eles narram suas experiências, sendo o primeiro do Mato Grosso do Sul, assim como **Roxo**, e o segundo do Rio de Janeiro, bem como o fato de **Roxo** ser uma mulher cis negra.

Apesar disso, existem outros pontos em suas falas que devem ser comentados aqui como a observação realizada por **Vermelho** em relação a como era o contexto escolar quando ele era aluno e agora enquanto ele é professor, havia muito a questão da disciplina associada

ao medo com a prática da palmatória que ele justifica ser um dos fatores que auxiliavam no bom comportamento dos discentes.

Nesse contexto é interessante observar a diferença entre como as gerações lidavam com o ensino e a aprendizagem nas escolas, eu por exemplo, vivenciei um contexto completamente diferente em que os alunos, comigo incluso, se impunham mais e conseqüentemente não ficavam em completo silêncio como **Vermelho** menciona. No entanto, as violências estavam presentes, mas acredito que oprimir o discente para que ele não se manifeste em sala de aula não é a melhor abordagem para lidar com o preconceito e o *bullying*, ao contrário, mostrar ao aluno a voz que ele tem permite com que este possa criar uma autonomia para se defender, buscando as formas de justiça disponíveis neste ambiente contra o agressor. Nesse sentido, penso que o estigma da sociedade moldou o pensamento de **Vermelho** colocando-o em uma gaiola que ditava e limitava o que ele poderia ou não fazer, tanto como aluno quanto como professor (D'Ambrosio, 2016).

A narrativa de **Amarelo** mostra muito disso, pois ele considerava a escola como um espaço de acolhimento haja vista a violência, e aqui estamos falando de uma violência urbana vivenciada nas favelas do Rio de Janeiro que é perpetuada até o período de escrita desta dissertação (ISP, 2025), que colocava a vida de **Amarelo** em risco fazendo com que apenas uma ida à escola se tornasse uma atividade de risco.

Talvez seja por isso que em seu relato, ele comenta que sua sala de aula era **super lotada** e que conseqüentemente isso reflete em sua prática como docente *“Hoje eu entendo isso com muito mais facilidade enquanto lido com os meus trinta e poucos alunos na minha sala também, não é o ideal, mas é melhor eles ali comigo do que eles fora”* (**Amarelo**) tentando entender o contexto de vida desses alunos. Diferentemente de **Azul** que comenta sobre a **falta de alunos** em suas salas de aula e de **Verde**, **Vermelho** e **Rosa** que não frizam nada sobre nenhum dos casos mencionados.

Porém, para mim é perceptível o peso da fala de **Amarelo**, pois vimos que neste contexto a escola serviu, e serve, não apenas ao propósito de ensino e aprendizagem, mas também como um local cujo os alunos devem (ou deveriam) estar protegidos das violências exteriores da cidade. Por isso, ressalto a importância da luta contra processos de violência também na escola em uma tentativa de auxiliar na formação de pessoas que consigam identificar, lutar e erradicar discriminações de qualquer natureza dentro e fora deste ambiente.

Vale ressaltar que, **Azul**, **Verde**, **Vermelho**, **Roxo** e **Rosa** não comentam sobre essa violência urbana explicitada por **Amarelo**, o que nos permite inferir uma crítica ao Rio de Janeiro que falha ao proteger seus cidadãos dessas violências, tornando suas vidas muito mais

frágeis e colocando-as em constante perigo. Assim, além da marca de sexualidade, **Amarelo** ainda precisa criar mecanismos para lidar com conflitos entre policiais e facções, o que não acontece apenas nesta cidade, mas que é uma das experiências com a qual estamos lidando neste texto.

Apesar disso, os dados sobre as violências relacionadas ao gênero e/ou sexualidade na Região Centro-oeste, onde **Azul**, **Verde**, **Vermelho** e **Roxo** vivem, são maiores do que no Sudeste (0,93) e também da média nacional (1,30) chegando a “[...] 1,60 mortes a cada milhão de habitantes”, enquanto o Nordeste fica com (1,45), Norte com (1,21) e Sul com (0,84) (Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2024, p. 52). Isso explicita alguns dos problemas sociais com que cada região precisa lidar, pois enquanto o Rio de Janeiro, enquanto cidade e estado, trava uma batalha com a criminalização exposta por **Amarelo**, Mato Grosso do Sul e Goiás lutam contra pessoas LGBTQIA+, marginalizando e exterminando essas pessoas em prol do conservadorismo e do agronegócio.

Além disso, como um reflexo da sociedade, a escola também tem seus problemas ao lidar com questões de diversidade, tanto que **Verde**, **Azul**, **Rosa** e eu sentimos que diversas barreiras foram criadas por desviarmos da cisheteronorma no período escolar, mesmo sendo pessoas em contextos e com características diversas. Então, pode-se dizer que o ensino para um aluno que é branco, cis e/ou hetero é diferente de um aluno que é não branco, ou não cis e/ou não hetero, pois enquanto o primeiro tem o privilégio de estar na norma, para estes últimos são colocadas barreiras de cor, gênero e/ou sexualidade que dificultarão sua jornada de ensino e aprendizagem.

Enfim, é possível concluir que tanto a instituição escola quanto os membros que a compõem tiveram diversas funções já mencionadas na formação pessoal e acadêmica dos narradores que participaram esta pesquisa, influenciando diretamente em como o afirmar de suas identidades, sejam de gênero e/ou sexualidade, refletiu nas pessoas que eles se tornaram em sua vida adulta, extrapolando o pessoal e indo para o profissional com a inclusão de práticas que valorizam a diversidade e buscam e equidade por parte deles.

Agora, indo mais adiante e passando para o contexto da universidade, em todas as narrativas apareceram situações relacionadas a estigma, preconceito e *bullying*, sejam estas situações vivenciadas por essas pessoas ou observadas por elas dentro da instituição. Dado o exposto, isso reforça a argumentação acima sobre tais violências estarem impregnadas na sociedade e permanecerem após o período escolar.

Nesse sentido, na experiência de **Azul** ele pôde vivenciar contextos regionais distintos ao decorrer de sua graduação e pós, sendo seu doutorado realizado em um estado diferente ao

qual ele morava. Por exemplo, as pesquisas realizadas nesse programa possuem temas variados como raça e gênero (Oliveira, 2024), gênero e sexualidade (Silva, 2020), além das disciplinas que são diversas em quantidade e conteúdo e também as atividades desenvolvidas no programa sendo bastante amplas. Além de **Azul**, **Vermelho** também demonstra em sua fala o quão importante foi seu mestrado junto ao PPGEducMat apontando melhorias em suas práticas como docente e até mesmo na sua vida pessoal.

Em suas narrativas é possível perceber que eles falam sobre a diversidade de corpos que estão presentes na UFMS, apontando isso como uma característica positiva e que possa contribuir para as lutas sociais que estão sendo pautadas. Ambos comentam aspectos positivos sobre este período, apontando alguns problemas estruturais em relação à inclusão no geral da instituição, não citando situações de preconceito ou *bullying* vivenciadas nesse meio tempo.

E de fato, a ocupação de corpos diversos em ambientes como a universidade é de suma importância para mostrar que existimos e (re)invidicamos também nossos espaços na sociedade, lutando e exigindo a implementação dos direitos humanos e suas vertentes em busca de “[...] identificar os espaços errôneos, as falhas da estrutura do texto [...]” (Preciado, 2004, p. 26), e não apenas dele, mas também da norma reforçando “[...] o poder dos desvios e derivações com relação ao sistema heterocêntrico” (Ibidem).

Em contrapartida, **Verde** e eu temos outra perspectiva haja vista que ambos sofremos com situações de discriminação e homofobia na graduação e/ou na pós. Quero fazer um adendo que não é o programa ou a universidade em si que reproduziram essas violências, mas sim algumas pessoas que fazem parte de sua estrutura, o que não a isenta de culpa, pois em muitas situações os agressores saem impunes para (re)produzir tais violências.

Sendo assim, um dos casos de preconceito que sofri foi no último semestre da graduação com uma colega de turma invisibilizando quaisquer gêneros e/ou sexualidades que desviavam do padrão estipulado, e seguido à risca por ela, a cisheteronorma. Posteriormente, outra situação ocorre no ano de 2023, já no mestrado, com uma discussão parecida que tentava desvalorizar meu tema de pesquisa, minha sexualidade e os direitos e lutas LGBTQIA+. Nesse mesmo sentido, acontece uma situação parecida com **Verde**, que é jogado para dentro de uma discussão preconceituosa em vários sentidos, e não possui defesa alguma em relação a isso.

Lembrando que ambas as situações ocorreram no espaço universitário, que se apresenta como diverso e acolhedor, sendo que apenas na primeira situação mencionada uma professora interveio e se posicionou contra esses ataques de ódio. Nos outros dois casos, os docentes se mantiveram neutros e os agressores não foram impunes em nenhuma instância, o

que ao meu ver é incoerente pois esta é uma discussão que extrapola o ensino e aprendizagem e passa a ser uma questão de violência que não deveria passar despercebida em um local que são discutidas questões de diversidade, equidade e inclusão.

A partir das narrativas, podemos observar que essas violências foram naturalizadas em ambientes como a escola, a família e a universidade, pois vimos nesses relatos que praticamente todas as pessoas dissidentes passaram por alguma situação que invalidava seu gênero e/ou sua sexualidade. Verde e eu com a homofobia, Rosa com a transfobia, Amarelo feito de chacota e Roxo invalidada, sendo que, infelizmente, o elo que nos liga em tais situações é o desvio da cisheteronorma posta em nossa sociedade. Por isso, reforço a importância de se posicionar contra essas atitudes para lutar contra esses processos de violência como pré-conceitos e o *bullying* em todas as suas formas e graus (Souza, 2022; Freitas; Rosa, 2021).

Além disso, vimos na narrativa de Amarelo que situações preconceituosas em relação à sua sexualidade foram ocorrer apenas no ambiente acadêmico, causando constrangimento e pondo diversos estigmas sobre sua pessoa. Uma das justificativas que ele cita sobre essa questão é que o curso de Matemática Licenciatura na Unirio era muito novo e “[...] mesmo passando um ano e pouco eu ainda era o único aluno gay da Matemática, e eu era esse aluno agora, o gay da Matemática” (Amarelo), então não tinha uma diversidade de pessoas, era um ambiente muito masculino que não era confortável para pessoas que eram marcadas como dissidentes da norma.

Amarelo acrescenta que os ambientes onde a matemática e a Educação Matemática são produzidos ainda são muito masculinos, mas “O ambiente é masculino porque somos poucas, ou somos poucas porque o ambiente é masculino?” (Brech, 2018, p. 5-6), pois nos últimos anos tem havido uma crescente na diversidade de pessoas e estudos que são realizados nessa área, em uma tentativa de desnaturalizar essa perspectiva de uma matemática masculina que lida apenas com situações fixas, exatas e concretas.

Assim, é possível ver outros corpos ocupando este espaço, bem como livros, teses e dissertações que estão sendo produzidas levando em consideração a discussão de temas que podem percorrer a matemática escolar até pautas sociais como questões raciais, de gênero, sexualidade e/ou classe social como as pesquisas de Guse (2022), Waise (2021) e Barros (2021) por exemplo, ou as questões de Interseccionalidade discutidas por Collins (2021) ou Akotirene (2019).

Nesse contexto, temos a narrativa de Rosa que lutou, e ainda luta, por respeito no ambiente acadêmico, pois desde sua entrada na universidade ela se via reivindicando direitos

básicos que qualquer indivíduo trans ou travesti deveria ter, como poder utilizar o banheiro por exemplo. Porém, a própria coordenação de sua faculdade dificultou isso para **Rosa**, causando uma situação desconfortável e desrespeitosa para ela “[...] eu estava sofrendo essa transfobia com relação ao banheiro e não tinha a quem recorrer.” (**Rosa**). Então, nesse caso, culpabilizo a instituição pois na tentativa de resolver este problema ela privilegiou o desejo de pessoas outras que seguem a cisheteronorma em detrimento da vontade de **Rosa**, que desvia dela.

Mesmo com sua ascensão nas carreiras profissional e acadêmica, **Rosa** ainda sofre com situações vexatórias no ambiente da universidade, o que nos mostra que mesmo sendo uma professora concursada, com mestrado e realizando o doutorado ela não escapa da marca de ser um indivíduo dissidente da norma, o que, nesta sociedade, a deslegitima e a coloca em situações desmotivadoras para continuar sua jornada “[...] na pós-graduação, enquanto doutoranda eu já tive muitas situações que me desmotivaram potencialmente [...]” (**Rosa**).

Por último, mas não menos importante, a narrativa de **Roxo** mostra que foi na universidade onde ocorreu sua primeira situação de preconceito e *bullying* relacionados a sua sexualidade. Assim como no meu caso e no de **Verde**, ela também não teve total apoio da docente em sala, tendo que defender sua temática de pesquisa e também sua sexualidade para um indivíduo que constantemente a atacava. A situação foi tão agravante que a discussão foi para o ambiente exterior à sala de aula do mestrado, sendo a sexualidade de **Roxo** invisibilizada juntamente ao seu gênero.

Em acréscimo, gostaria de expor que assim como eu, o tema de pesquisa de **Roxo** também possui um caráter íntimo o qual ataques a eles nos afetam diretamente, por isso eu e ela nos sentimos tão incomodados com essas situações que iam contra não somente nosso gênero e/ou sexualidade mas também nossa temática de pesquisa. Ainda, essa é uma pauta que nos afeta pois é uma forma de violência que é disseminada no meio acadêmico com um viés de opinião que é aceito por muitos, mas não por nós, de modo que lutaremos contra essas demonstrações de pré-conceito exigindo respeito e rebatendo tais atitudes.

Dado o exposto, podemos traçar alguns pontos em comum sobre esses relatos de violência vivenciado pelos narradores da pesquisa, o primeiro que se destaca é como as pessoas utilizam a cisheteronorma como uma lei que regula tudo e todos, sem levar em consideração outras culturas e/ou crenças que possam coexistir em uma mesma sociedade. Desse modo, a imposição desta norma torna as pessoas violentas e acaba por produzir e reproduzir ações de preconceito e *bullying* em todas as fases da vida, pois como vimos, essas

atitudes estão presentes na família, escola, no mercado de trabalho e na universidade, colocando essas pessoas à margem da sociedade como minorias que devem ser exterminadas.

Assim, é importante dizer que mesmo que as experiências dessas pessoas sejam individuais por seus diversos contextos de vida, elas possuem uma interseção em comum, todas passaram e passam, e arrisco dizer que passarão, por questões de preconceito e *bullying* em suas vivências. A marca do desvio da cisheteronorma é uma cicatriz que pessoas LGBTQIA+ vão carregar consigo até o último dia de suas vidas. Apesar disso ser uma consequência não tão positiva, ela também serve como uma forma de mostrar que existimos e resistimos a essa norma em uma busca por políticas que extingam preconceitos, estigmas e *bullying*.

Diante de todo o exposto, uma temática que aparece fortemente em todas as narrativas transitando entre os mais diversos temas é a questão da **representatividade**, este é um ponto que vem implícita ou explicitamente nas falas dos narradores que reinvidicam e/ou apontam os problemas relacionados à ela. Desse modo, essas pessoas falam o quão importante são as lutas relacionadas à ela e o quanto pessoas que são tidas como minorias usufruem de suas ideias, criando movimentos, comunidade e lutas a fim de garanti-lá (Barros, 2023).

Nesse sentido, **Azul** traz pelo menos um ponto a respeito de representatividade para cada imagem que auxiliou na produção da narrativa, na primeira por exemplo, ele discute os aspectos de como as representações dela podem influenciar na criação de um modelo ideal de família que influencia o pensamento de muitas pessoas ao ponto que esta representação é a mais aceitável dentro de uma sociedade cisheteronormativa.

Inclusive, a representação de família da imagem foi grande questão entre todas as narrativas, nenhum dos narradores se identificaram com ela sendo, em alguns casos, até ofensiva. As composições atuais às quais **Azul**, **Verde**, **Vermelho**, **Amarelo**, **Rosa** e **Roxo** vivem se diferem completamente da representação da imagem do roteiro, podendo engatilhar e remeter à eles uma amarra que incessantemente tentam colocar em nossas vidas. Pensando em tais problematizações, escolhemos imagens que iam contra ou à favor de questões relacionadas à representatividade para analisar quais discussões poderiam surgir a partir dessas provocações.

Diante disso, penso que a **invisibilização** é o maior contraposto da representatividade, haja vista que ela é uma forma inteligente disseminada na sociedade para combater pessoas que desviam da norma vigente. Assim, esta estratégia é utilizada para que cada vez mais essas pessoas sejam invisibilizadas com o intuito de deslegitimar seu estilo de vida para que ele não possa servir como um modelo representativo para outros. Digo que ela é inteligente, pois

acredito que a ignorância estagna e acomoda o indivíduo que não identifica e/ou não busca aquilo que não conhece, então “*enquanto você está dentro do armário está ok, mas quando você começa a aparecer, a ser visível, daí vira um problema*” (Azul), pois ao se mostrar você pode se tornar um exemplo, uma representação, e as pessoas que usufruem da cisheteronorma não querem que isso ocorra para que elas não percam o controle que têm. Sendo assim, “[...] quando “o outro”, “o estranho”, “o abjeto” aparece no discurso, é para ser eliminado. É um processo de dar vida, através do discurso, para imediatamente matá-lo” (Bento, 2017, p. 22) sendo isso a invisibilidade.

É importante que nos reconheçamos nos lugares para saber que também pertencemos a eles, pois por muito tempo as pessoas que estão na norma nos colocaram à margem da sociedade, quase que presos como formas de vida que estavam erradas e deveriam ser erradicadas. Assim, a representação de situações e/ou pessoas que dissidem da norma são de muita importância para que possamos entender que também somos parte deste mundo, além de buscar não reproduzir pensamentos e/ou atitudes misóginas e preconceituosas.

Pensando nisso, Verde e Vermelho trazem à tona pontos importantes sobre a questão da representatividade, como, por exemplo, o **silenciamento**, que pode ser uma consequência direta dela. Isso porque, se um conteúdo/assunto não é passado adiante, sejam por meios orais e/ou físicos, ele vai caindo no esquecimento até o momento em que não vão ter mais pessoas que saibam de sua existência, nem mesmo registros que possam contar suas histórias, causando assim um apagamento de lutas que foram fundamentais para garantia dos direitos que temos.

Ambos trazem também questões relacionadas à feminilidade e masculinidade narrando sobre como a cisheteronorma tenta formatar nossos **corpos** em uma busca por padronizar e discriminar pessoas LGBTQIA+, colocando estereótipos que limitam a **performatividade** de sexo e gênero beneficiando a masculinidade tóxica e exaurindo as diversas possibilidades de se experienciar enquanto indivíduo (Butler, 2018). Por isso, movimentos como a participação de Vermelho no trote da escola, por exemplo, são importantes para que haja uma quebra desses estereótipos visto que é uma instituição do interior do Mato Grosso do Sul com todas as suas problemáticas em relação as pessoasdissidentes.

Além do mais, Verde e Vermelho não escondem sua sexualidade e seu relacionamento da comunidade escolar no geral, enquanto o primeiro insere pautas relacionadas às pessoas LGBTQIA+ ao conteúdo de matemática em sua prática o segundo participa de ações da escola que envolvem os alunos e que acabam, conseqüentemente, combatendo estereótipos que são criados em torno de assuntos como identidade, gênero, sexo e sexualidade. Amarelo

também não oculta sua sexualidade no ambiente escolar/acadêmico, bem como tenta integrar pautas sociais à matemática. Todos eles, em suas práticas, atuam implícita ou explicitamente com a representatividade “*Eu já sou a inclusão dessa diversidade na sala de aula, já sou a própria bandeira dando aula lá na frente*” (Azul), então além dessas inclusões, nossos corpos, considerados dissidentes, também atuam como agentes representativos dentro da sala de aula.

Isso porque, agora me incluindo, Verde, Azul e eu temos traços, que são considerados femininos, e que são facilmente identificados por outras pessoas que também subentendem que somos gays, daí o peso que um corpo que desvia dos padrões da norma possui dentro de uma sala de aula. Além disso, Rosa e Roxo também estão incluídas nessa questão, a primeira por ser um corpo trans e a segunda por ser negra, com ambas sendo mulheres, o que já é outro marcador que pode ser representativo.

Nesse contexto, Rosa também fala um pouco sobre como o estigma colocado sobre ela afetou em sua prática de sala de aula; docentes, coordenadores e diretores a questionavam sobre como os alunos poderiam reagir por ela ser uma professora trans, insinuando que os discentes teriam reações preconceituosas, “*Eu nunca tive problema com aluno nenhum, mas com professores e professoras eu sempre tive*” (Rosa). Então, quando está ministrando sua aula, Rosa representa muito mais que uma professora, pois naquele ambiente ela está como um corpo dissidente que pode compartilhar conhecimento, experiências e vivências além de que “Professores e professoras – como qualquer outro grupo social – foram e são objeto de representações” (Louro, 1997, p. 99).

Ainda, Amarelo não fala muito sobre a influência dessa temática em sua prática docente, lembrando apenas de um professor que ele teve na pós-graduação, autodeclarado gay, deixando explícito como este fato era importante em sua vivência pessoal e profissional “[...] *ser viado para ele é uma coisa muito importante também. O que, posteriormente, para mim começou a ser também*” [...] (Amarelo). Isso, associado com o trabalho de formação de professores realizado por Amarelo, fez com que ele entendesse melhor as aproximações entre a universidade e a escola, além de observar como a representatividade nesses ambientes é potencializada, sejam por pessoas presentes em ambas as instituições e/ou ações movidas por elas.

Assim, “Essas representações não são, contudo, meras descrições que “refletem” as práticas desses sujeitos; elas são, de fato, descrições que os “constituem”, que os “produzem” (Louro, 1997, p. 99). Além do mais, por trabalhar com uma perspectiva da **Educação Inclusiva**, ele reflete sobre as questões de inclusão de pessoas LGBTQIA+ apontando que

mesmo com todo o acolhimento ainda existem pessoas que estão à deriva, suscetíveis ao preconceito.

Em contrapartida, **Roxo** não faz comentários sobre como a questão da representatividade influencia em sua prática docente, talvez por que ela ainda não leciona, mas reconhece o quão importante é este assunto pois sente que a Assexualidade é uma das sexualidades mais invisibilizadas dentro dos movimentos e lutas LGBTQIA+, tanto na disseminação de informações sobre o entendimento dela quanto em seu próprio reconhecimento. E ela completa dizendo: “[...] vejo isso como uma pirâmide e lá em cima estariam as pessoas trans, em seguida os homens gays, [...] depois viriam as mulheres lésbicas, os não-binários e os assexuais muito abaixo, porque querendo ou não é aquilo que, do pior a gente está em uma categoria de inacessibilidade, se formos alocar no quesito de preconceitos sofridos” (**Roxo**).

Assim, o reconhecimento dessas pessoas é um passo importante na luta contra violências de gênero e sexualidade, pois com ele é possível exigir direitos e suas implementações em prol do bem estar dessas pessoas. Desse modo, [...] nós já avançamos um pouco enquanto G, L e agora chegou a vez do T, de brigarmos mais por essa categoria da nossa sigla, pois ela é uma das que mais sofrem preconceito [...] (**Azul**), e com esses avanços e conquistas buscamos atingir a maior parte das pessoas que desviam da cisheteronorma até o ponto de conseguir que Todos sejam reconhecidos e respeitados, sem que haja uma escala de prioridade.

Outro aspecto relevante, que surge como um contraponto à representatividade, é o **conservadorismo**. Ele reforça os comportamentos ditados pela cisheteronorma e impõe a estagnação social, negando elementos como “[...] a razão, a democracia, a liberdade com igualdade, a indústria, a tecnologia, o divórcio, a emancipação da mulher [...] (Barroco, 2008, p. 172). Nesse contexto, a representatividade é vista como uma ameaça a essa filosofia, pois desafia as estruturas sociais estabelecidas. Por isso, busca-se contê-la em todas as instâncias, impedindo que os sujeitos encontrem referências com as quais possam se identificar e, assim, reivindicar mudanças.

A representatividade desempenha um papel ambivalente nas questões de identificação de pessoas LGBTQIA+. Por um lado, ela promove o reconhecimento mútuo, favorecendo a criação de laços, o compartilhamento de experiências e o fortalecimento de amizades. Por outro, pode ser utilizada como um instrumento para reforçar preconceitos, validando a discriminação e a violência ao rotular essas pessoas como dissidentes.

Assim, as pessoas LGBTQIA+ são facilmente reconhecidas por estarem em notícias que mostram dados de suas mortes violentas, tanto que são produzidos anualmente dossiês para evidenciar os números de crimes de ódio que acontecem no Brasil levando em consideração o gênero e/ou sexualidade (Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA; ABGLT, 2024). Portanto, se faz necessário que também existam outros tipos de representação para que possamos nos perceber como sujeitos desta sociedade que juntos podem sim realizar mudanças em busca de uma vida que respeite e valorize a diversidade e as diferenças.

Dado o exposto, nas narrativas é perceptível o quanto a evolução da sigla esteve diretamente ligada às questões de representatividade das pessoas dissidentes “[...] *eu fazia parte dessa representatividade, ela representava a gente.*” (Verde), indo desde GLS até LGBTQIAPN+ sempre se reformulando de acordo com o contexto e a visibilidade que se desejava representar. Assim como o que Azul mencionou anteriormente quando referiu-se que os avanços direcionados as pessoas que se identificam como gays ou lésbicas precisam, agora, estar voltados também às pessoas trans e travestis. Desse modo, Azul, Verde, Vermelho, Amarelo, Rosa e Roxo se identificam nessa sigla LGBTQIAPN+ falando sobre o quão importante são os movimentos ao redor dela em busca de visibilidade e garantias que ela pode proporcionar.

Em acréscimo, temos a bandeira do arco-íris²⁹ que é uma das formas de reconhecer os movimentos LGBTQIAPN+, com ela também tendo passado por diversas reformulações para abarcar as lutas por direitos que essas pessoas reivindicaram ao longo da história (Instituto Pólis, 2024). “Então, o movimento em si, eu vejo que é para dar visibilidade a essas pessoas, para subverter esses preconceitos” (Roxo), sendo que, sua importância é tão grande que apenas o símbolo do arco-íris passou a ser como um sinônimo de pautas sobre diversidade “[...] *ela representa o orgulho com os nossos enquanto uma comunidade, de nos vermos como grupo que não é igual, mas sim diferente em vários aspectos e que se apoia em cima de todas as dificuldades que temos.*” (Amarelo).

Ainda que tenhamos perspectivas diferentes em relação a utilização do termo “comunidade LGBTQIAPN+” para nos referirmos às pessoas dissidentes, nós entendemos que devemos nos movimentar como um grupo dissidente da cisheteronorma a fim de conquistar direitos e exigir sua aplicação plena na sociedade para que nossas vidas não sejam mais ameaçadas e exterminadas “*Se a gente não pensar que essa representatividade e essa*

²⁹ A bandeira que contém o arco-íris juntamente com as cores do movimento trans, negro e intersexo é tida como Bandeira Progressista e é utilizada como um símbolo de mobilização da diversidade que englobam pessoas historicamente marginalizadas (Instituto Pólis, 2024).

união vão fazer com que a gente consiga adentrar vários espaços, nós vamos estar perpetuando o que eles realmente querem que aconteça, que é a dissolução das nossas identidades, das nossas orientações sexuais em prol de um contexto que não deve existir, que ela é uma sociedade dentro dos padrões que eles querem nos impor.” (Rosa).

Portanto, a representação é uma questão importante dentro de contextos que envolvam diversidade, diferença e interseccionalidade haja vista que todas as narrativas mostram, por suas perspectivas, como esta temática teve influência nos modos como essas pessoas construíram e vivem suas vidas até o presente momento. Agora, são elas que servem de inspiração para outras pessoas, mostrando que pessoas LGBTQIA+ podem sim vencer os obstáculos da norma ser exemplos representativos para uma nova sociedade que coloca a cisheteronorma como dissidente.

Indo para um outro tópico, mais um ponto a ser destacado nas narrativas é a questão de classe social que apareceu e teve impactos variados nas vidas dos narradores. Desse modo, **Azul**, **Verde**, **Vermelho** e **Roxo** não se aprofundam nessa temática, apresentando apenas um breve contexto sobre suas condições financeiras durante suas vidas morando com seus pais, e posteriormente sozinhos e/ou com seus companheiros. Durante a escrita deste texto, **Azul** é professor de um Instituto Federal e mora sozinho, enquanto isso, **Verde** e **Vermelho** também são professores, mas ambos são da rede pública estadual de ensino da cidade que moram, juntos como um casal. Por último, **Roxo** mora sozinha e não atua como professora ainda, mas está no processo de tornar-se mestra para poder iniciar-se à docência. **Roxo** saiu de casa cedo indo morar na cidade e conquistou sua independência financeira por meio de trabalhos formais ao longo de sua graduação sem enfrentar muitos obstáculos de gênero e/ou sexualidade nesse contexto.

Em contrapartida, **Amarelo** e **Rosa** narram sobre como as questões econômicas afetaram suas vivências em alguns aspectos. **Amarelo** conta como a experiência de ter um primeiro emprego influenciou em seu entendimento sobre sua sexualidade, pois havia uma rotatividade grande de pessoas nesse ambiente, o que auxiliou ele a ser menos retraído em relacionamentos amorosos mesmo durante seu serviço na marinha.

Ainda nesse sentido, **Rosa** conta alguns detalhes de como as questões relacionadas à classe social foram de grande impacto não apenas em seu processo de afirmação de identidade, mas também para sua sobrevivência como travesti, “[...] eu criei algumas limitações dentro do que eu poderia fazer para poder performar a identidade de travesti, porque como é que você vai ser travesti e vai atrás de emprego em uma sociedade que é tão preconceituosa sendo travesti?!” (**Rosa**). Nesse contexto, trabalhar era uma necessidade tanto

para ajudar nas contas de casa quanto para poder realizar seu processo de afirmação de identidade com alguns signos ditos femininos.

Rosa também sempre mostrou um grande interesse em estar presente em contextos que envolvam a Educação, trabalhando voluntariamente, por um período, em uma creche ao final do Ensino Fundamental, sendo tão importante para ela pois, isso “[...] lhe confere potencialidades formadoras significativas: revela antes de tudo as próprias tensões do trabalho, do poder e da autonomia docente” que auxiliaram em sua atuação como professora e supririam seu desejo de atuar nessa área (Arroyo, 2014, p. 166).

Depois, encontrar outro emprego se tornou um grande desafio “[...] *como é que eu ia fazer isso se tivesse com cabelo grande, me vestindo com roupas femininas, naquele momento histórico de muito preconceito, que ainda é hoje em dia, mas naquela época não se tinha nenhum tipo de informação e o preconceito prevalecia sempre.*” (**Rosa**). Seu medo não era infundado, ela reconhecia e sofria com as imposições que a cisheteronorma colocava sobre seu corpo, tirando oportunidades em uma tentativa de vulnerabilizar e marginalizar as possibilidades de existência de pessoas como **Rosa**.

Nos relatos é possível ver que este mecanismo realizado pela cisheteronorma de vulnerabilizar para depois marginalizar pessoas vem sendo praticado há mais de 20 anos, levando em consideração apenas as narrativas deste documento, o que expõe e denuncia tal prática que nos levam a percorrer caminhos tortuosos em busca de ascensão financeira e/ou profissional “*eu não tive alternativa e acabei indo para prostituição*” (**Rosa**). Desse modo, soluções passageiras passam a ser permanentes, não por conforto ou realização, mas sim por exaustão daqueles que estão sempre sendo postos em situações de vulnerabilidade.

Diante do exposto, mesmo que não tenham aparecido questões explícitas relacionadas à classe social nos relatos de **Verde**, **Vermelho**, **Azul** e **Roxo**, podemos fazer uma interseção deles com o que **Rosa** narrou, pois essas situações estão sujeitas a acontecer com pessoas que desviam da cisheteronorma. Outro ponto é como essas pessoas estão sempre inseguras em seus empregos por conta de seu gênero e/ou sexualidade, sendo os concursos públicos uma das únicas garantias que reservam uma boa condição de vida futura para nós, professores de matemática dissidentes.

Enfim, neste capítulo tentei realizar uma grande interseção das aproximações e afastamentos que ocorreram nos relatos de **Azul**, **Verde**, **Vermelho**, **Amarelo**, **Rosa** e **Roxo** trazendo alguns trechos que considere marcantes em suas falas para melhor contextualização, fazendo uma pequena interseção com as minhas próprias experiências e mostrando que algumas delas são compartilhadas e eram/são/serão discutidas por pesquisas acadêmicas,

livros e notícias que denunciem formas de discriminação e lutem pelo fim da violência contra pessoas LGBTQIA+.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após toda a discussão realizada, neste capítulo vamos discorrer sobre as (in)conclusões que pudemos traçar ao longo de toda essa experiência. Para isso, faz-se necessário voltar ao objetivo geral desta pesquisa, que buscou entender como pré-conceitos, estigma e *bullying* afetaram/afetam corpos de pós-graduandos e/ou egressos em Educação Matemática que se declaram LGBTQIA+ em sua trajetória acadêmica.

Além disso, também intentamos, como objetivos específicos, identificar discursos e situações da vida escolar e acadêmica dessas pessoas que são discriminados (ou não) por conta de seu gênero ou sexualidade; problematizar situações de pré-conceito, estigma e *bullying* contra pessoas LGBTQIA+ nos programas de pós-graduação em Educação Matemática; e por último, refletir sobre a representatividade dentro da Educação Matemática, bem como o uso do conhecimento matemático como uma defesa contra possíveis violências.

Assim, observamos que ações de pré-conceito e *bullying* estão presentes em todas as fases de vida de pessoas consideradas dissidentes, apresentando-se no meio **familiar, escolar, profissional e acadêmico**, assumindo diversas formas e se adaptando com o passar do tempo para (re)produzir violências alimentadas por estigmas perpetuados na sociedade por meio de discursos de ódio que matam pessoas.

Nas narrativas, esses quatro ambientes aparecem como pontos centrais das violências que essas pessoas sofreram/sofrem, eles também são lugares que carregam uma carga emotiva muito grande para os narradores, haja vista que eles sofreram com violências físicas e/ou verbais que ficaram marcadas em suas memórias, auxiliando na formação de seus valores e em como essas pessoas iriam se colocar na sociedade.

Vimos também que os pré-conceitos e *bullying* não partem diretamente de discentes, mas sim de colegas docentes e outras pessoas que regem as escolas e/ou universidades, começando desde a (im)possibilidade de realizar e/ou assumir um concurso público para lecionar até o ponto da criação de barreiras específicas arquitetadas para barrar pessoas como nós de áreas como a Educação. São postas tentativas de invisibilizar nossas existências com o intuito de negar nossas vidas e perpetuar o binarismo de gênero e a exclusividade da heterossexualidade em uma luta pela reivindicação de espaços dentro da sociedade.

Pessoas LGBTQIA+ encontram dificuldades no acesso ao trabalho, enfrentando discriminação. O ambiente da Educação Matemática ainda é predominantemente masculino e cisheteronormativo, o que cria barreiras para pessoas dissidentes. No entanto, há uma crescente inserção de pautas sociais no ensino da matemática, promovendo reflexão crítica. A

presença de professores LGBTQIA+ na Educação Matemática é um ato de resistência e representação. Muitos entrevistados destacam a importância de ocupar esses espaços e discutir gênero e sexualidade em suas práticas docentes para combater estereótipos e promover um ambiente mais inclusivo.

Dado esse panorama geral, entendemos que pré-conceitos, estigma e *bullying* são formas de poder disseminadas por pessoas cis, heteros e brancas que se beneficiam da cisheteronorma objetivando perpetuar costumes tradicionais em detrimento da diversidade, no sentido mais amplo da palavra. Assim, estes três mecanismos são utilizados para colocar pessoas LGBTQIA+ à margem da sociedade a partir da violência sem que haja possibilidade de movimentar-se contra essa demonstração de poder.

Nesse sentido, entendemos que a cisheteronorma estrutura a sociedade, fazendo com que essas violências sejam disseminadas desde cedo em nossas famílias, recaindo também sobre as escolas e universidades e, posteriormente, aos empregos que pessoas LGBTQIA+ vão se estabelecer. Essa norma é articulada de forma simples e objetiva, se equipando com discursos, representações e dogmas que influenciam grande parte da sociedade em normatizar corpos que desviem dos padrões homem/mulher cisgênero heterossexual. Porém, isso se estende não apenas para gênero e sexualidade, mas também à raça e classe social que operam juntos as categorias anteriores, realizando uma interseção que não pode ser desvinculada.

Com isso, enquanto houver a predominância de normas que privilegiam alguns em detrimento de outros, como a cisheteronorma, pessoas LGBTQIA+ estão fadadas a conviverem diariamente com situações de pré-conceitos e *bullying* em seu cotidiano, tendo que lutar dia após dia por sua (sobre)vivência em uma sociedade que garante e defende direitos contra pessoas como nós. Então, concluímos, a partir das narrativas, que processos de pré-conceitos, estigma e *bullying* se fazem presentes ao decorrer de toda a vida de pessoas dissidentes, se adaptando conforme a situação e escalonando conforme o tipo de desvio da norma.

Consequentemente, na construção desta pesquisa pudemos observar como a falta de dados sobre pessoas LGBTQIA+ tem influência na elaboração de políticas públicas específicas a essas pessoas. No âmbito nacional não existe uma lei própria que criminalize a homofobia ou transfobia, sendo isso equiparado na lei criminal do racismo; ainda, nesses últimos 25 anos houveram avanços na elaboração de decretos e resoluções que consideravam o bem estar de pessoas dissidentes, porém, identificamos que o silenciamento dessas pautas no âmbito político faz com que nossos direitos sejam instáveis a todo momento.

Um dos poucos documentos aos quais respaldam as discussões de inclusão e a diversidade é o parecer CNE/CP n. 4/2024, a Base Nacional Comum para a Formação Inicial

e Continuada de Professores da Educação Básica, que busca formar professores capazes de lidar com contextos interdisciplinares envolvendo as pautas étnico-raciais, de gênero e/ou sexualidade que estão presentes nos ambientes de ensino e aprendizagem.

Além deste, o Anexo 01 - Referencial Pedagógico, parte integrante do Edital de Convocação nº 02/2024 - CGPLI, referente ao Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Ensino Médio 2026–2029 dispõe que os livros didáticos devem abordar as temáticas de gênero e sexualidade em prol do combate à homofobia e transfobia nos ambientes de ensino e aprendizagem.

A inclusão das temáticas de gênero e sexualidade na formação de professores e nos materiais didáticos é importante para a construção de um ambiente educacional mais justo e acolhedor. Ambos os documentos supracitados reforçam a importância de preparar docentes para lidar com a diversidade, promovendo a equidade e o respeito dentro das escolas. Ao garantir que essas pautas sejam abordadas de maneira interdisciplinar, combate-se a homofobia e a transfobia, criando espaços de aprendizagem mais seguros para todos. Além disso, tais diretrizes contribuem para a formação de cidadãos críticos e conscientes das desigualdades sociais. Dessa forma, a educação assume um papel transformador na promoção dos direitos humanos e da inclusão.

Desse modo, o objetivo não é apenas ser reconhecidos na sociedade, mas também possuir direitos sólidos que possam nos proteger e garantir que nossas vivências não sejam constantemente ameaçadas. Assim, reforçamos a importância de movimentos sociais de união da diversidade na reivindicação desses direitos, desestabilizando a cisheteronorma e proporcionando possibilidades equitativas que considerem pessoas na maneira como a sociedade irá se organizar.

Ademais, sabemos que existem políticas municipais e/ou estaduais que versam sobre a temática da diversidade sexual e de gênero, mas entendemos que são necessárias medidas nacionais que garantam direitos a todas as pessoas. A criação de legislações específicas válidas em todo o território brasileiro reforça a importância das vidas dessas pessoas e pode auxiliar na diminuição de crimes relacionados ao gênero e/ou sexualidade. Este estudo reforça a importância de combater preconceitos e promover políticas de inclusão na educação e no mercado de trabalho. A Educação Matemática pode e deve ser um espaço para discussões sobre diversidade e equidade, visando formar cidadãos críticos e conscientes.

Para tanto, é necessário que haja um letramento sobre tais pautas no âmbito da Educação, pois o conhecimento sobre a diversidade de gênero e sexualidade pode contribuir para compreensão dessas pessoas na sociedade, tendo uma visão mais crítica sobre os modos

como a sociedade é construída, seus privilégios e o seu lugar nessa estrutura. Além disso, auxilia no (auto)conhecimento e possibilita que crimes relacionados a esses temas possam ser devidamente reconhecidos e denunciados.

Também foi possível explicitar que o Todos referidos na DUDH não atinge todas as pessoas de fato. Apesar de ser um documento com objetivos nobres, ele é datado e elaborado por homens brancos que levaram em consideração a realidade da época para deliberar sobre direitos essenciais do ser humano. Diante disso, faz-se necessária uma revisão para atualizar os direitos dispostos nele com o intuito de englobar, de fato, Todas as pessoas, servindo como um modelo inicial para a criação e implementação de legislações internacionais que protejam pessoas LGBTQIA+ .

No que segue, ao decorrer desta produção surgiram os seguintes questionamentos: A escolarização é apolítica? Existe uma exclusão de pessoas LGBTQIA+ nesses ambientes educacionais? Há contribuições para situações discriminatórias contra essas pessoas? Assim, nos próximos tópicos, vamos discutir um pouco sobre elas, respondendo a partir das experiências dos narradores e dos autores da pesquisa.

Respondendo o **primeiro questionamento**: Apesar de a escolarização se vender como apolítica, identificamos nas narrativas que isso não é verdade. A política, nesse sentido, vai muito mais além de discussões que versam apenas sobre direitos e deveres, pautas como a diversidade e diferença são utilizadas como meios de inclusão dessa temática no ambiente escolar de forma natural para que os alunos possam pensar criticamente. Além disso, assuntos desse escopo não possuem, ou não deveriam possuir, uma disciplina específica para discussão de política, sendo, neste caso, discutidas também na matemática e na Educação Matemática.

Essa extensão da política vai além da elaboração de materiais para o ensino e a aprendizagem dos discentes utilizando dados estatísticos para trabalhar com pautas sociais e sua integração na matemática. Os corpos de docentes e outros colaboradores dissidentes presentes na escola contribuem para a representação e implementação política nesse ambiente, criticando sistemas, reivindicando direitos e mostrando posicionamentos sobre essa pauta em sala de aula, com o objetivo de auxiliar na formação do pensamento crítico do aluno para que este entenda seus direitos e deveres, se posicionando em uma sociedade cisheteronormativa.

Porém, e agora respondendo ao **segundo questionamento**, a presença de pessoas LGBTQIA+ nesses espaços não as isenta de sofrer com pré-conceitos e *bullying*. Nesse sentido, discentes e docentes não apenas podem, como são, excluídos neste ambiente. Assim, a partir da análise das narrativas foi possível identificar relatos que mostram a exclusão dessas

peessoas no ambiente escolar, tanto como alunos quanto como professores, compartilhando experiências vivenciadas apenas por aqueles que desviam da cisheteronorma.

Além do mais, a resistência da introdução da temática de gênero e sexualidade nas escolas corroboram com a exclusão dessas pessoas nesses ambientes. De um lado professores são vetados a trabalhar com pautas sociais explícitas, e do outro, alunos demonstram interesse nelas e querem conversar sobre em sala de aula. Essa é uma das ambiguidades vivenciadas no ambiente escolar e acadêmico, e cabe aos docentes integrarem pautas de gênero e sexualidade em suas práticas para atender às demandas específicas das disciplinas, bem como as sociais que perpassam a sala de aula e as pessoas que nela estão.

Dado o exposto, isso nos leva a resposta da **terceira questão** posta, confirmando que há contribuições para situações discriminatórias contra esses indivíduo. Práticas, discursos, políticas e até mesmo a omissão de atitudes configuram fatores que contribuem para o reforço de discriminações no ambiente escolar e acadêmico. Nesse sentido, a cisheteronorma é utilizada na (re)produção dessas situações e contribui para disseminação dessas violências, aparecendo em todos os relatos desta dissertação.

Também foram identificados discursos que operam contra pessoas LGBTQIA+ em contextos como: a família, escola, graduação, pós-graduação e atuação profissional. Todos esses ambientes mostraram-se hostis para as pessoas dissidentes da cisheteronorma, e mais, esses discursos são utilizados como uma demonstração de poder que podem ditar como essas pessoas vão entrar, permanecer e sair desses lugares.

O discurso, nesses contextos, é utilizado de diferentes formas para violentar pessoas LGBTQIA+. Na família a proposta discursiva é voltada à normalização do indivíduo para os modelos (im)postos pela cisheteronormatividade, negando e negligenciando existências dissidentes. Na escola, essa prática é utilizada como forma de praticar *bullying* a fim de menosprezar e excluir pessoas dissidentes, são reproduções de ações e/ou atitudes advindas das vivências dos estudantes que também objetivam normalizar pessoas.

Na universidade, o discurso toma proporções maiores pois este ambiente é mais bem definido politicamente, assim os discentes começam a elaborar seus posicionamentos levando em consideração os contextos sociais mais diversificados como política, religião e cultura além das experiências já vivenciadas. Consequentemente, discursos de pré-conceitos são mais incisivos e agressivos, literalmente, causando violências verbais e físicas que podem ser motivadas por ideologias distintas e pensamentos conservadores que intentam impor sua forma de se impor na sociedade como a única correta. Nesse sentido, não apenas discentes, mas também docentes realizam essa prática, utilizando de sua posição institucional como uma

forma de demonstração de poder sobre os alunos na realização de discriminações de raça, classe, gênero e/ou sexualidade.

No entanto, é na universidade que movimentos estudantis tomam força na reivindicação de direitos que valorizam a diversidade em lutas contra a disseminação de pré-conceitos, estigmas e *bullying*. Também há nesse ambiente produções acadêmicas com, e sobre, pessoas LGBTQIA+ que estudam a pluralidade desta temática com o objetivo de contribuir para lutas sociais que as envolvem rompendo com o monopólio da cisheteronorma.

Já na atuação profissional de pessoas LGBTQIA+ o discurso também é utilizado como uma forma de inferiorizar essas pessoas, desmerecendo seus talentos, pondo estigmas e impedindo que elas possam prosperar dentro deste ambiente. Ainda, estas pessoas são colocados em caixinhas que definem onde e como vão trabalhar, reforçando estereótipos de gênero e sexualidade e aumentando as desigualdades.

Dado o exposto, as situações de pré-conceito e *bullying* vivenciadas por essas pessoas ao decorrer de suas vidas nos mostra o quão necessárias são as pautas de gênero e sexualidade, principalmente no âmbito da Educação. Um ensino que englobe essa temática é importante no (auto)reconhecimento de identidades dissidentes, na luta contra processos de violência sexual dentro e fora do ambiente escolar, *bullying* e outras violências.

Além disso, os tópicos de gênero e sexualidade precisam ser desestigmatizados na sociedade para que possamos formar pessoas que entendam seus corpos, bem como o lugar ao qual eles querem pertencer em busca de seus direitos. Outrossim, essa inserção auxilia também na elaboração de políticas públicas voltadas às pessoas LGBTQIA+ na sociedade, promovendo assuntos como diversidade, prevenção, respeito e lutas sociais que impactam diretamente na vida de pessoas que dissidem da cisheteronorma.

Portanto, é necessário uma colaboração entre família, escola e sociedade no auxílio da formação de pessoas que valorizem as diferenças, que compreendam que a pluralidade de gênero, sexo, sexualidade, cor, classe, cultural existe e deve ser respeitada. Assim, é possível realizar movimentos que busquem desnormalizar a cisheteronorma objetivando segurança, respeito e oportunidades equitativas em um mundo não binário³⁰ entre aqueles que seguem a norma (normais) e aqueles que desviam dela (dissidentes).

Acreditamos que também é necessária a elaboração de políticas públicas específicas que criminalizem práticas como preconceito e *bullying* na sociedade como um todo, mas especificamente em ambientes escolares e acadêmicos. Tais ações desrespeitam pessoas

³⁰ Neste contexto, a palavra “não binário” está sendo utilizada para expressar não binarismos no sentido geral e não a pessoas não-binárias.

dissidentes, ameaçam suas vidas e os colocam em posição de subalternidade perante à sociedade. Todos temos o direito de ir e vir, então exigimos o pleno exercício deste para que, de fato, seja garantido a Todos, e em todos os ambientes, a fim de proporcionar melhores condições para vivências consideradas dissidentes.

Somado a isso, concluímos também que a matemática é utilizada como uma estratégia para evitar violências, quase como uma armadura que serve de proteção contra essas agressões. Nesse sentido, habilidades matemáticas tiram o foco da identidade do indivíduo dissidente, que agora passa a ser uma prestador de serviços, e em troca de não sofrer com pré-conceitos e *bullying* este deve auxiliar seus colegas na resolução de tarefas, provas e trabalhos que envolvam a matemática.

Assim, pessoas LGBTQIA+ são postas em um lugar de servidão a estas pessoas, que se aproveitam de privilégios sociais (im)postos para realizar tal prática, desumanizando e pondo valores em vidas que fogem dos padrões cisheteronormativos, contribuindo para a alimentação de estigmas que marginalizam essas pessoas. Isso nos mostra o poder que a matemática pode ter nas estruturas da sociedade, de modo que sua utilização pode (re)estruturar identidades a fim de evitar e/ou produzir violências na normatização de pessoas.

Portanto, pré-conceitos, estigma e *bullying* se fazem presentes durante toda a vida de pessoas que são tidas como dissidentes, objetivando que estas pessoas sejam normalizados para predominância da cisheteronorma e outras configurações de opressão. Assim, é possível observar as formas como essa normalização ocorre nos ambientes supracitados. Na família essas violências são utilizadas como forma de negar os desvios de gênero e sexualidade dessas pessoas com o intuito de manter as normas tradicionais conservadoras repassadas por gerações.

Ainda, na escola, pode ser utilizada como meio para inferiorizar e excluir essas pessoas, sendo atitudes (re)produzidas por influência do contexto familiar e/ou social. Ainda neste ambiente, pré-conceitos e *bullying* são utilizados como uma demonstração de poder sobre pessoas LGBTQIA+ na obtenção de serviços escolares em troca da invisibilização de gêneros e/ou sexualidades dessas pessoas.

Além disso, na universidade o cenário é parecido, mas essas violências são mais utilizadas como forma de excluir e invalidar pessoas LGBTQIA+; aqui pautas como a diversidade são interpretadas de formas diferentes, perspectivas diversas são trazidas à tona e os pré-conceitos e *bullying* são mais sorrateiros quando praticados, tentando justificar-se como opiniões e/ou costumes anteriormente experienciados. Tal situação acontece na

graduação e também na pós-graduação advinda de colegas de turma e/ou professores, se estendendo até mesmo para a atuação profissional de pessoas dissidentes.

Ademais, é necessário que haja mais **políticas públicas específicas** para o combate de crimes de gênero e sexualidade, bem como a fiscalização do cumprimento delas para que tais tipos de violência possam deixar de ser comuns. Medidas como esta podem fortalecer lutas realizadas por pessoas LGBTQIA+ na reivindicação de respeito, igualdade e direitos na sociedade em busca de uma vida que não seja marcada por pré-conceitos, estigmas e *bullying*.

Outro tópico que pudemos observar nessas conclusões foi a potencialidade da produção de narrativas (auto)biográficas em duplas. Sua realização dessa maneira contribuiu no processo de modo que os convidados se sentiram mais confortáveis para relatar suas vivências, auxiliando na rememoração de fatos compartilhados e também de situações individuais que essas pessoas vivenciaram. Isso foi relatado na narrativa de Verde e Vermelho por ambos após sua produção e observado por nós quando eles se auxiliavam para contar uma história e/ou apresentar outra perspectiva do mesmo assunto.

Dados o exposto, vimos que os objetivos desta produção foram contemplados, e não apenas isso, mas também exploramos as potencialidades das narrativas (auto)biográficas para realização da pesquisa relacionando-as com a temática de gênero e sexualidade para contribuir com a luta por visibilidade de pessoas LGBTQIA+ dentro de ambientes os quais a matemática é produzida. Ainda, esta dissertação busca contribuir com a produção de histórias de pessoas que lutaram contra essas violências e conseguiram (sobre)viver às imposições da cisheteronorma na sociedade, sendo um meio para que estas narrativas possam ser expostas a fim de reivindicar direitos e mudanças em prol dessas pessoas.

Retomando o título da dissertação, nossos participantes trazem o amor como um ato político, de pertencimento e de valorização da diversidade. O amor-próprio e aceitação com reflexões sobre sua identidade e como se posicionam no mundo, demonstrando a importância de se aceitar e lutar pelo direito de existir plenamente. Ainda, o amor como luta e resistência em como a sociedade impõe um modelo de amor e família, e sua militância busca validar todas as formas de amar e se relacionar. Por fim, todos demonstram o envolvimento com a educação e a luta por inclusão refletem um amor pelo coletivo e pela construção de um mundo mais justo.

Assim, prezamos por uma Educação e por uma sociedade mais inclusiva a qual pessoas dissidentes, como nós, possam viver plenamente com suas diferenças. O que de início pode parecer utópico como todas as reivindicações anteriores pareciam, mas que, no

(re)contar dessas histórias mostraram que tudo que nos é garantido hoje um dia pareceu distante. Então, basta que continuemos nossa luta em prol da equidade, do respeito e, principalmente, da vida. A pesquisa destaca que, apesar das dificuldades, os participantes resistem, reivindicam seus espaços e atuam como agentes de mudança na Educação Matemática e na sociedade.

Dessa forma, prezamos por uma Educação e uma sociedade mais inclusivas, onde pessoas dissidentes, como nós, possam viver plenamente com suas diferenças. O que inicialmente pode parecer utópico, assim como todas as reivindicações anteriores pareciam, mas que, ao serem recontadas, mostram que tudo o que hoje nos é garantido um dia pareceu inalcançável. Portanto, basta que sigamos firmes em nossa luta por equidade, respeito e, acima de tudo, pela vida de pessoas LGBTQIA+.

Por fim, futuras pesquisas poderão ampliar os estudos sobre gênero e sexualidade a partir de Foucault, explorando relações de poder e biopolítica na Educação Matemática. Além disso, aprofundar a Interseccionalidade, considerando marcadores como raça e classe, permitirá uma análise mais ampla das experiências acadêmicas. Também se faz necessário investigar o quanto a pós-graduação é um local de (re)produção de violências, analisando seus impactos e possíveis mecanismos de resistência. Estudos entre contextos educacionais e metodologias narrativas interseccionais são caminhos promissores.

REFERÊNCIAS

ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). **Mapa da Cidadania**. abgl., 2025. Disponível em: <<https://www.abgl.org/mapa-da-cidadania>>. Acesso em: 16 fev. 2025.

ABRAI – Associação Brasileira de Referências Acadêmicas e Institucionais. **Definição de intersexo**. 2025. Disponível em: <<https://abrai.org.br/informacoes-e-recursos/definicao-de-intersexo/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Acontece Arte e Política LGBTI+; ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais); ABGLT (Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos). **Mortes e violência contra LGBTI+ no Brasil: Dossiê 2023**. Florianópolis: Acontece, ANTRA, ABGLT, 2024.

Akotirene, Carla. **Interseccionalidade: abordagens e aplicações**. São Paulo: Editora Xamã, 2020.

ALIANÇA LGBTI. **Aliança LGBTI**. Disponível em: <<https://aliancagbti.org.br>>. Acesso em: 22 mar. 2025.

Altmann, Helena. **Educação física escolar: relações de gênero em jogo**. Cortez Editora, 2015.

Alves, Claudio de Oliveira. **Comunidades virtuais e físicas: pontes e portas**. Mestrado em Estudos de Cultura Contemporânea - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2010.

Alves, Thalissa Tamires Batista. “**Assédio moral com as docentes: as interfaces do assédio organizacional e sexista nas relações de trabalho das professoras da FANAT/UERN**”.

Mestrado em Serviço Social - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Mossoró, 2021. Disponível em:

<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11483071>. Acesso em 22 ago 2024.

Arroyo, Miguel. **Imagens Quebradas: Trajetórias e Tempos de Professores**. 6ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

Arroyo, Miguel Gonzales. **Vidas Ameaçadas: Exigências-respostas éticas da educação e da docência**. Edição Digital. Petrópolis: Vozes, 2019.

Barroco, Maria Lúcia Silva. **Ética: fundamentos sócio-históricos**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

Barros, Denner Dias. A representatividade da comunidade LGBTQIA+ na política brasileira: reflexões para uma leitura e escrita de mundo com matemática. **Revista de Pesquisa em Educação Matemática**, v. 25, n. 2, p. 121-136, 2023. Disponível em:

<https://periodicos.unespar.edu.br/rpem/article/view/7143/5604>. Acesso em: 7 fev. 2025.

Barros, Denner Dias. **Leitura e escrita de mundo com a Matemática e a comunidade LGBT+**: As lutas e a representatividade de um movimento social. Doutorado em Educação Matemática - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2021.

Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f3bb1e4e-d0da-4699-9bfa-12cdee0ddb8/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Beauvoir, Simone de, **O segundo sexo**. Tradução de Ruy Pereira de Figueiredo Lima. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

Benevides, Bruna. **Dossiê: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2023**. ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais). Brasília: Distrito Drag; ANTRA, 2024.

Bento, Berenice. **O que é transexualidade**. 1ª ed Ebook. São Paulo: Brasiliense, 2017.

Bento, Berenice. As família que habitam “a família”. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 275-283, jul./dez. 2012.

Beyoncé. **Cozy. Renaissance**. [S.l.]: Parkwood Entertainment, 2022. Disponível em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=81j9gt1rXuk>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

Bié, Estanislau Ferreira; Silva, Maria Saraiva; Cunha Júnior, Henrique; (Orgs.). **Fazer educativo, volume 8: Educação infantil: dimensões do fazer educativo com participação da família no processo de socialização e aprendizagem das crianças**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018. 377 p.

Blakemore, Erin. **Revolta de Stonewall deu origem ao movimento atual pelos direitos LGBTQ+**. National Geographic, 2021. Disponível em: <<https://www.nationalgeographicbrasil.com/cultura/2021/06/gay-lgbt-revolta-de-stonewall-movimento-atual-pelos-direitos-lgbtqia>>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Brasil. **Arranjos Familiares no Brasil**. Brasília: Ministério dos Direitos Humanos, Observatório Nacional da Família, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/navegue-por-temas/observatorio-nacional-da-familia/fatos-e-numeros/ArranjosFamiliares.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2024.

Brasil. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: Ministério da Educação, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Brasil. Decreto nº 7.037, de 04 de junho de 2010. Dispõe sobre a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. **Diário Oficial da União**, Brasília, 7 jun. 2010. Seção 1. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d7037.htm>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Brasil. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 29 abr. 2016. Seção 1. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Brasil. Decreto nº 11.471, de 9 de março de 2023. Institui a Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da População LGBTQIA+. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 mar. 2023. Seção 1, p. 12. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11471.htm>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Brasil. **Guia de orientação das Nações Unidas no Brasil para denúncias de discriminação étnico-racial**. Brasília: Nações Unidas, 2022. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/3721/file/Guia_de_orientacao_das_Nacoes_Unidas_no_Brasil_para_denuncias_de_discriminacao_etnico-racial.pdf>. Acesso em: 24 ago. 2024.

Brasil. Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989. Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, e acrescenta parágrafo ao art. 140 do Decreto-lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940. **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 jan. 1989. Seção 1.

Brasil. Ministério da Educação. **Plano Nacional do Livro Didático (PNLD) 2024**. Brasília: MEC, 2023. Disponível em: <https://pnld.nees.ufal.br/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas/componente-curricular/pnld_2024_objeto1_obras_didaticas_matematica>. Acesso em 22 ago. 2024.

Brasil. **Ministério da Educação. Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação**. Anexo 01 – Referencial Pedagógico. 2ª retificação, 11 set. 2024. *In*: Edital de Convocação nº 02/2024 – CGPLI. Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) Ensino Médio 2026–2029. Brasília, DF: FNDE, 2024. Disponível em: <<https://www.gov.br/fnde/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/programas/programa>>

[s-do-livro/consultas-editais/editais/pnld-2024-acessibilidade/Anexo01ReferencialPedaggico2retificao11092024.pdf](#)>. Acesso em: 23 mar. 2025.

Brasil. **Parecer CNE/CP nº 4, de 12 de março de 2024**. Estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação Inicial em Nível Superior de Profissionais do Magistério da Educação Básica. Brasília, DF: Conselho Nacional de Educação, 2024. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/marco-2024/256291-pcp004-24/file>>. Acesso em: 23 fev. 2025.

Brasil. Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. **Programa nacional de Direitos Humanos (PndH-3)** / Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República. Brasília: SEDH/PR, 2009. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/17716.htm>. Acesso em: 22 ago. 2024.

Brech, Christina. O dilema Tostines' das mulheres na matemática. **Revista Matemática Universitária**, v. 54, p. 1-5, 2018.

Butler, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Márcia Lúcia de Souza Almeida. 10ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

Carrilho, Maria de Fátima Pinheiro. **Tornar-se professor formador pela experiência formadora: vivências e escrita de si**. 2007. 280 f. Tese (Doutorado em educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.

Cardoso, Helma Melo. **“O que é normal pra mim pode não ser normal pro outro”**: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju. 2016. 143 f. Dissertação. - Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4772/1/HELMA_MELO_CARDOSO.pdf>. Acesso em: 22 set. 23.

Castro, Ana Paula Pereira de. **Relações de Gênero na Educação Infantil: uma Análise a Partir da Atividade Lúdica**. Magister Scientiae - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006. Disponível em: <<https://locus.ufv.br/server/api/core/bitstreams/5659ad85-6c9e-4678-8007-02604fc872e9/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Cavalcanti, José Paulo. **Todos, Todas, Todes**. Academia Brasileira de Letras, 2023. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/artigos/todos-todas-todes>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

Collins, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Editora Civilização Brasileira, 2020.

Conrado, Andréia Lunkens. **Diversidade, diferença e currículo de Matemática: Relações entre macropolíticas e o tempo dos atores na escola**. Doutorado em Educação - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-19112019-155241/publico/ANDREIA_LUNKES_CONRADO_rev.pdf>. Acesso em 22 ago 2024.

Conselho Federal de Medicina. Resolução CFM nº 2.294, de 27 de maio de 2021. Dispõe sobre cuidados específicos à saúde de pessoas transexuais e travestis. **Diário Oficial da União: Seção 1**, Brasília, n. 102, p. 60, 02 jun. 2021. Disponível

em:<https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2021/2294_2021.pdf>. Acesso em 26 jan. 2025.

Conselho Federal de Psicologia. Resolução CFP nº 8, de 17 de maio de 2022. Estabelece normas de atuação para profissionais da psicologia em relação às bissexualidades e demais orientações não monossexuais. **Diário Oficial da União**, Brasília, n. 93, 18 maio 2022. Disponível

em:<<https://abmes.org.br/arquivos/legislacoes/Resolucao-CFP-008-2022-05-17.pdf>>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Conselho Nacional de Combate à Discriminação e Promoção dos Direitos de LGBT. Resolução nº 13, de 6 de março de 2015. Dispõe sobre o tratamento de pessoas travestis e transexuais privadas de liberdade no Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, 10 mar. 2015.

Conselho Nacional de Justiça. Resolução nº 175, de 14 de maio de 2013. Dispõe sobre a habilitação, celebração de casamento civil, ou de conversão de união estável em casamento, entre pessoas de mesmo sexo. **Diário da Justiça**, Brasília, 14 maio 2013. Disponível em:<<https://atos.cnj.jus.br/atos/detalhar/1754>>. Acesso em: 26 jan. 2025.

Costa, Lucas José da Silva. **Educação sexual no ambiente escolar**. Mestrado em Ensino de Biologia - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021. Disponível em:<<https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/52150/4/TCM%20-%20Lucas%20%28vers%C3%A3o%20final%29%20LJSC%2012-08.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Costa, Márcia Sardinha da. **Gênero e identidade(s) na contemporaneidade: os desafios do não binário**. 2020. Mestrado em Sociologia – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020. Disponível em:<<https://repositorio.bc.ufg.br/teserver/api/core/bitstreams/4dd6be2b-d95a-490a-a485-c6ea5108ae29/content>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

D'ambrosio, Ubiratan. A metáfora das gaiolas epistemológicas e uma proposta educacional. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 9, n. 19, p. 547-558, 2016. Disponível em:<<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/2872>>. Acesso em: 31 jan. 2025.

D'ambrosio, Ubiratan. **Educação matemática: da teoria à prática**. 10º ed. Campinas: Papyrus Editora, 2022.

Dicionário online de língua portuguesa. **Porto: 7Graus**, 2024. Disponível em:<<https://www.dicio.com.br/interludio/>>. Acesso em: 22 ago 2024.

Eribon, Didier. **Insult and the making of the gay self**. Translated: Michael Lucey. Digital Edition. Durham: Duke University Press, 2004.

Evaristo, Conceição. **Olhos d'água**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016. p. 11-13.

Eysenck, Michael W. **Manual de psicologia cognitiva**. Tradução: Luís Fernando Marques Dorvillé; Sandra Maria Mallmann da Rosa. 7ª. ed. Porto Alegre: Artmed, 2017.

Ferreira, Leandro Borges. **Relações de gênero e sexualidade em livros didáticos dos anos finais do Ensino Fundamental: Um estudo de caso em uma escola de Ilcinéia-MG**. Mestrado em Educação - Universidade Federal de Alfenas, Alfenas, 2019. Disponível em:

<<https://bdtd.unifal-mg.edu.br:8443/bitstream/tede/1448/5/Disserta%20a7%20a3o%20%20de%20Leandro%20Borges%20Ferreira.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Foucault, Michel. **A história da sexualidade - volume 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; José Augusto Guilhon Albuquerque. 24ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

Freitas, João Gabriel Souza; Rosa, Fernanda Malinosky Coelho da. Compreensões acerca dos processos de Inclusão/Exclusão Relacionadas à gênero e sexualidade: uma análise de pesquisas. **Diversidade e Práticas Inovadoras**, Iguatu, 1ª ed. p. 100-111, 2021.

Freitas, João Gabriel Souza. **Preto, pobre, gay e professor de Matemática um ecoar de uma voz, um corpo e uma Matemática in/exclusiva**. Graduação em Matemática Licenciatura - Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022. Disponível em:

<<https://repositorio.ufms.br/bitstream/123456789/5621/1/Monografia%20-%20Jo%20a3o%20Gabriel%20Souza%20Freitas.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Gomes, Jamile Mylena de Freitas. A divisão do trabalho e a dimensão generificada do campo científico: Um recorte da universidade federal de Viçosa. **Magister Scientiae** - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2020. Disponível em:

<<https://locus.ufv.br/server/api/core/bitstreams/634dd593-6d21-4e1f-a0eb-412952de749e/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Guse, Hygor Batista. **Pesquisas com pessoas LGBTI+ no campo da Educação**

Matemática: Indagando processos de (Cis-hetero)normatização da área. Dissertação de Mestrado em Ensino de Matemática - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em:

<https://pemat.im.ufrj.br/images/Documentos/Dissertações/2022/MSc_118_Hygor_Batista_Guse.pdf>. Acesso em 22 ago 2024.

Guse, Hygor Batista; Esquinca, Agnaldo da Conceição. Poder e Proteção nas Memórias Escolares de Professoras e Professores LGBTI+ de Matemática. **Perspectivas da Educação Matemática**, v. 15, n. 38, p. 1-25, 2022. Disponível em:

<<https://periodicos.ufms.br/index.php/pedmat/article/view/15245>>. Acesso em: 8 jan 2025. Instituto Federal da Paraíba (IFPB). **Tema 3: ferramenta e funcionalidades no Moodle**. Disponível em:

<https://www.ifpb.edu.br/ead/paginas-moodle/pasta-tutoriais/tema_3-ferramenta_e_funcionalidades_no_moodle.pdf>. Acesso em: 23 fev. 2025.

Instituto Pólis. **Objetos**. São Paulo: Instituto Pólis, 2024. Disponível em:

<<https://polis.org.br/wp-content/uploads/2024/06/OBJETOS.pdf>>. Acesso em: 7 jan 2025.

Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro (ISP). **Série histórica**. Disponível em:

<https://ispconecta.rj.gov.br/serie_historica>. Acesso em: 7 jan 2025.

João 3:16. Bíblia on: bíblia sagrada online. 2025. Disponível em:

<https://www.bibliaon.com/versiculo/joao_3_16/>. Acesso em: 12 fev 2025.

Junior, Alexandre Jenevain. **As concepções do professor de Matemática na sala de aula: como lidar com a diversidade dentro do espaço escolar?**. Mestrado em Educação Matemática - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/13080/1/alexandrejenevainjunior.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Lima, Yasmin Cartaxo. **Esboço de uma teoria de capital de sexualidade no campo educacional brasileiro**. Mestrado em Educação - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020. Disponível em:

<<https://acervodigital.ufpr.br/xmlui/bitstream/handle/1884/71451/R%20-%20D%20-%20YASMIN%20CARTAXO%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 22 ago 2024.

Louro, Guacira Lopes. **Corpo, gênero e sexualidade: o corpo como lugar de produção da diferença**. 9. ed. Petrópolis: Vozes 2013.

Louro, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. Petrópolis, RJ. Uma perspectiva pós-estruturalista: Vozes, 1997.

Louro, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. E-book. Disponível em: <<https://plataforma.bvirtual.com.br>>. Acesso em: 28 jan 2025.

Marguês, Paula Andreatti. **Tolerância: fundamentos, visão internacional e impactos na educação**. 2016. 108 f. Universidade Metodista de São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://tede.metodista.br/jspui/bitstream/tede/1630/2/Paula%20Margues.pdf>>. Acesso em: 22 set 23.

Maistro, Virgínia Iara de Andrade. **Projetos de orientação sexual na escola: seus limites e suas possibilidades**. 2006. 243 f. Universidade Estadual de Londrina, 2006. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000115892>>. Acesso em: 22 out 23.

Martins, Claudete. **“O que é normal pra mim pode não ser normal pro outro”**: a abordagem de corpo, gênero e sexualidades nas licenciaturas do Instituto Federal de Sergipe, Campus Aracaju. 2016. 143 f. Universidade Federal de Sergipe, 2016. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/4772/1/HELMA_MELO_CARDOSO.pdf>. Acesso em: 22 set 23.

Martins, Igor Micheleto. **Gênero e sexualidade na formação de professores: uma análise currículo do curso de licenciatura em Matemática da Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP)**. Dissertação de Mestrado em Ensino e Processos Formativos - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em:

<<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/9ea89608-adeb-4d56-8e0e-2aeb0239d014/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Martins, Raimundo; Tourinho, Irene; Souza, Elizeu Clementino de (org.). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2017. E-book.

Mendes, Luísa Cardoso. **A pesquisa em Educação Matemática alinhada com a justiça social: aproximações com a Educação em Direitos Humanos**. Mestrado em Ensino de Matemática - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022. Disponível em: <https://pemat.im.ufrj.br/images/Documentos/Disserta%C3%A7%C3%B5es/2022/MSc_117_Lu%C3%ADsa_Cardoso_Mendes.pdf>. Acesso em 22 ago 2024.

Oliveira, Thays Alves de. **Trançando Narrativas de Professoras Negras de Matemática sob uma Cosmopercepção da Análise Crítica Interseccional do Discurso**. 2024. Mestrado em Educação Matemática – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2024. Disponível em: <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/12962>>. Acesso em: 7 jan 2025.

Organização das Nações Unidas. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1. ed. Paris: ONU, 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>>. Acesso em: 22 ago 2024.

Organização Internacional do Trabalho. **World Employment and Social Outlook: May 2024 Update**. Genebra: Organização Internacional do Trabalho, 2024.

Orrú, Sílvia Ester. **O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender**. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

Passeggi, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: _____; Silva, Vivian Batista da (Orgs). **Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 103-130, p. 116.

Passeggi, Maria da Conceição. **Narrativas autobiográficas: solidariedade e ética em educação**. [S. l.], 2011. Disponível em: <<https://www.rizoma-freireano.org/articles-1111/narrativas-autobiograficas-solidariedade-e-etica-em-educacao-maria-da-conceicao-passeggi>>. Acesso em: 29 jan 2025.

Preciado, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. 1ª ed. São Paulo: n-1 edições, 2004.

Prestes, Érika Aparecida; Vianna, Túlio. **História da criminalização da homossexualidade no Brasil: da sodomia ao homossexualismo**. In: Lobato, Wolney; Sabino, Cláudia de Vilhena Schayer; Abreu, João Francisco de. **Iniciação Científica: Destaques 2007**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, v. 1, p. 313-392, 2008.

Ríos, Marcela Lagarde de Los. **Los cautiveros de las mujeres: madrepostas, monjas, putas, presas y locas**. 2. ed. México D.F.: Siglo XXI Editores, 2015. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=seqkDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=Marcela+Lagarde&ots=9ApA80LM-i&sig=3Wh5h0RTwTDVhT3GI2KsiPpRkNo#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 22 ago 2024.

Rios, Pedro Paulo Souza. **O estranho que habita em mim: narrativas de vida e formação de professores gays no seminário baiano**. Doutorado em Educação - Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2019. Disponível em: <https://ri.ufs.br/bitstream/riufs/11842/2/PEDRO_PAULO_SOUZA_RIOS.pdf>. Acesso em 22 ago 2024.

Rodrigues, Suellen Silva. **Concepções de profissionais da educação e saúde em sexualidade: proposta interventiva e assessoramento para projetos de educação sexual em Abaetetuba-PA**. 2017. 194 f. (Educação Sexual). Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Campus de Araraquara, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/151756/rodrigues_ss_me_arafcl.pdf?sequence=3&isAllowed=y>. Acesso em: 23 out 23.

Rosa, Fernanda Malinosky Coelho da. **Professores de Matemática e a Educação Inclusiva: análises de memoriais de formação.** 2013. Mestrado em Educação Matemática - Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/entities/publication/5654a95c-5c9a-4920-8c98-326e7fb1db67>>. Acesso em: 23 out 23.

Rosa, Flávia Sutelo da; Santos, Luiza Weber dos; Hillebrand, Mateus Henrique; Gomes, Nathália Pedrozo. Minorias e grupos vulneráveis: reflexão acerca de territórios e corpos invisibilizados a partir de um exercício no Centro Histórico de Porto Alegre/RS. Píxo - **Revista de Arquitetura, Cidade e Contemporaneidade**, v. 8, n. 28, p. 182-199, 15 mar. 2024.

Scott, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez 1990.

Silva, Ana Paula Leandro da. **A escola e o currículo na roda do samba de coco de arcoverde.** Mestrado em Educação, Culturas e Identidades - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <<http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/9007/2/Ana%20Paula%20Leandro%20Oda%20Silva.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Silva, Eduardo Mariano da. **Para uma epistemologia outra na educação matemática: entre sussurros e navalhas na carne, a porta do armário se abriu...** . Dissertação de Mestrado em Educação Matemática - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020. Disponível em: <<https://posgraduacao.ufms.br/portal/trabalho-arquivos/download/7493>>. Acesso em 22 ago 2024.

Silva, Luciana Aparecida. **Intersexualidade e corpos intersexo em livros didáticos de Biologia.** Doutorado em Educação - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/36270/1/IntersexualidadeeCorposIntersexo.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Silva, Marcia Daiane da. **Educação, sexualidade e divulgação científica: estado da arte das publicações da área 46 da CAPES.** 2012. 142 f. (Educação para a Ciência e a Matemática) Universidade Estadual de Maringá, 2012. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4445/1/000199865.pdf>>. Acesso em: 30 set 23.

Silva, Raimundo José Pereira. **Discursos sobre gênero e sexualidade em livros didáticos da Educação Infantil de Caxias-MA.** Mestrado em Educação - Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.uema.br/jspui/handle/123456789/1366>>. Acesso em 22 ago 2024.

Silva, Ricardo Desidério da. **Educação em Ciência e Sexualidade: o professor como mediador das atitudes e crenças sobre sexualidade no aluno.** Mestrado - Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Exatas, Maringá, 2009. Disponível em <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/bitstream/1/4444/1/000171338.pdf>>. Acesso em: 22 set 2023.

Silva, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

Simakawa, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. Mestrado - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/19685>>. Acesso em 22 ago 2024.

Souza, Eliseu Clementino de; Passeggi, Maria da Conceição. **Dossiê (Auto)Biografia e Educação**: pesquisa e práticas de formação. Apresentação. Educação em Revista, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 327-332, abr. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982011000100014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 jan 2025.

Souza, Erikah Pinto. **“Quando a gente consegue aquilo que colocamos como objetivo, acabamos revolucionando”**: Trajetórias de êxito escolar de professoras trans e travestis em Fortaleza-CE. Mestrado em Ensino – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Mossoró, 2022. Disponível em: <<https://repositorio.ufersa.edu.br/server/api/core/bitstreams/a89545a4-478f-4b8b-8c9f-169442ca44b2/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Supremo Tribunal Federal. Ação Direta de Omissão (ADO) 26. Relatório de Ministro Ricardo Lewandowski. **Supremo Tribunal Federal**, Brasília, DF, 2011. Disponível em: <www.stf.jus.br>. Acesso em: 23 jan 2025.

Taveira, Flavio Augusto Leite. **Reconhecimento e Redistribuição**: um estudo (comparativo) das Injustiças Curriculares relacionadas ao provimento de questões de Gênero e Sexualidade na Formação Inicial de Professoras/es de Matemática. Mestrado em Educação para a Ciência - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2023. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/a8f5db84-6232-43c8-b049-0ccbbe5108ec/content>>. Acesso em 22 ago 2024.

Vale, Kaio Trindade Mineiro. **Por uma Educação Matemática que Liberta**: Gênero e Sexualidade na formação de professoras e professores. Dissertação de Mestrado em Educação - Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2021. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/Dissertacao%20-%20Kaio%20Trindade%20Mineiro%20Vale%20-%20PPEDU.pdf>>. Acesso em 22 ago 2024.

Vieira, Cristina Pereira; Costa, Paulo Manoel. **Norma Social**. In: Maia, R. L. et al. (2016), Dicionário - Crime, Justiça e Sociedade Lisboa: Edições Sílabo, p. 339-341. Disponível em: <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/5592/1/Entrada%20Dicion%3%A1rio%20-%20norma%20social_2016.pdf>. Acesso em: 22 ago 2024.

Waise, Tadeu Silveira. **Cenários de reconhecimento em contextos de minorias sexuais e de identidades de gênero na aula e na formação inicial de docentes de Matemática**. Mestrado em Ensino de Matemática - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <https://pemat.im.ufrj.br/images/Documentos/Disserta%3%A7%C3%B5es/2021/MSc_113_Tadeu_Silveira_Waise.pdf>. Acesso em 22 ago 2024.

Weeks, Jeffrey. **O corpo e a sexualidade**. In: Louro, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 1. ed. São Paulo: Autêntica, 2018. E-book.